

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

FRAGMENTOS DO COTIDIANO DA CIDADE DO NATAL



edufrn

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

FRAGMENTOS DO COTIDIANO DA CIDADE DO NATAL

Carlos e Fred Sizenando Rossiter Pinheiro

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

FRAGMENTOS DO COTIDIANO DA CIDADE DO NATAL





Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitor

José Daniel Diniz Melo

Conselho Editorial

Editora Universitária

Luis Álvaro Sgadari Passegi

Wilson Fernandes de Araújo Filho

Francisco Wildson Confessor

Kamyla Alvares Pinto

Pró-Reitoria de Extensão

Cândida de Souza

Magnólia Fernandes Florêncio

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Arrailton Araujo de Souza

Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra

Pró-Reitoria de Pesquisa

Jorge Tarcísio da Rocha Falcão

Sibele Berenice Castella Pergher

Instituto Ágora

Samuel Anderson de Oliveira Lima

Katia Ailly Franco de Camargo

Instituto de Química

Luciene da Silva Santos

Amanda Duarte Gondim

Instituto do Cérebro

Richardson Naves Leão

Tarciso André Ferreira Velho

Instituto de Medicina Tropical

Glória Regina de Góis Monteiro

Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento

Centro de Biociências

Márcio Zikan Cardoso

Gilberto Corso

Centro de Ciências da Saúde

Mauricio Roberto Campelo de Macedo

Maria de Jesus Gonçalves

Centro de Ciências Exatas e da Terra

Paulo Roberto Medeiros de Azevedo

Márcia Maria de Cruz Castro

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Anna Emanuella Nelson dos Santos Cavalcanti da Rocha

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Sebastião Faustino Pereira Filho

Izabel Augusta Hazin Pires

Centro de Educação

Marta Maria de Araújo

Marcos Aurélio Felipe

Centro de Ensino Superior do Seridó

Christianne Medeiros Cavalcante

Carolina Todesco

Escola de Ciências e Tecnologia

Eduardo Jose Sande e Oliveira dos Santos Souza

Daniel Nelson Maciel

Escola de Saúde da UFRN

Maria Jalila Vieira de Figueiredo Leite

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Escola Agrícola de Jundiaí

Francisco Dutra de Macedo Filho

Francisco Welson Lima da Silva

Escola de Música

Heather Dea Jennings

Alexandre Reche e Silva

Escola Multicampi de Ciências Médicas do RN

Sérgio Ricardo Fernandes de Araújo

Tiago Rocha Pinto

Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi

Anna Cecília Queiroz de Medeiros

Julliane Tamara Araújo de Melo

Biblioteca Central Zila Mamede

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Euzébia Maria de Pontes Targino Muniz



Direção

*Luis Álvaro Sgadari Passeggi (diretor)
Wilson Fernandes de Araújo Filho (diretor adjunto)*

Secretaria do Conselho Editorial

Judithe Albuquerque

Coordenadoria de Editoração

Kamyla Alvares

Setor de Revisão

Wildson Confessor

Setor de Design Editorial

Rafael Augusto Sordi Campos

Projeto gráfico, diagramação e capa

Diorama Design

Ilustrações da capa e miolo

Carolina Costa

Revisão

José Avelino

José Eduardo Moura

Marcos Medeiros

*Contato com os autores
carlosrossiter@uol.com.br / fredrossiter@uol.com.br*

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN/ Biblioteca Central Zila Mamede

Pinheiro, Carlos Sizenando Rossiter.

Dos bondes ao *Hippie Drive-In* [recurso eletrônico]: fragmentos do cotidiano da cidade do Natal / Carlos e Fred Sizenando Rossiter Pinheiro. – Natal, RN: EDUFRN, 2017.

535 p. : PDF; 6,47 Mb.

Modo de acesso: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui>>

ISBN 978-85-425-0696-9

Inclui bibliografia.

1. Memória autobiográfica. 2. Natal (RN) – História. 3. Natal (RN) – Usos e costumes. I. Pinheiro, Fred Sizenando Rossiter. II. Título.

RN/UF/BCZM

2017/13

CDD 8869.8
CDU 821.134.3(81)-94

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da UFRN - EDUFRN
www.editora.ufrn.br | contato@editora.ufrn.br | +55 84 3342 2221
Av. Senador Salgado Filho, 3000. Campus Universitário, Lagoa Nova.
Natal/RN, Brasil | CEP 59.078-970

Sumário

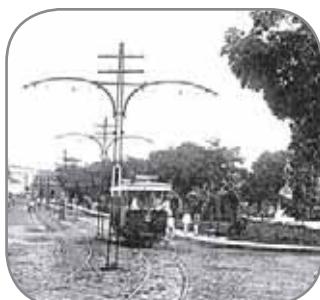
Prefácio

IX

Introdução e agradecimentos

xi

1 Natal dos bondes



A cidade no início do século XX	3
Xarias e Canguleiros	13
O Parafuso	15
Voto feminino	27
Figuras populares de Natal nos anos 1920 e 1930	29
Paulo Lira (1903-1979), o pianista de Natal	31
O Natal Club	35
Inauguração do Estádio Juvenal Lamartine	37
Memória fotográfica do início do século XX	39

2 Natal dos voos transatlânticos e dos primeiros cinemas



Cinema em Natal: primeiras exibições	51
Filme Pornô nos anos 1950 em Natal	63
Natal e os pioneiros de voos transatlânticos	65
Remo: atração esportiva em Natal das décadas de 1920 a 1930	75
Raid Natal-Rio de Janeiro	81
Surgimento e evolução da telefonia em Natal	85
Carnaval antigo e "Sopas"	89
Saneamento na cidade do Natal	95



3 Natal dos **comunistas e dos americanos**

Natal comunista antes de Cuba	103
A vida em Natal durante a II Guerra Mundial	119
Os arquivos secretos da Base Aérea de Natal durante a II Guerra	135
Natal pós-guerra	139
Coisas do final dos anos 1950	143
Djalma Maranhão e o Golpe de 1964	151



4 Natal dos **nossos pais**

Origens da família Sizenando Pinheiro	165
A mudança para Natal	171
A família Rossiter	177
Relembrações de Passo de Camaragibe	191
Namoro e casamento	197
Geisel e João: reencontro e diálogo 44 anos depois	203
Fragments da convivência com meu pai	207



5 Natal da **nossa infância**

Jardim de Infância Modelo	215
Infância na Cidade Alta	221
Lembranças da Rua Felipe Camarão	231
A Escolinha de Dona Janoca, os foguetes e Cambraia	237
E o mundo não se acabou...	241
O Educandário Natal	243
E quanto é que custa esse mais gordinho?	247
Jerônimo, o Herói do Sertão	251
Rua Princesa Isabel, a casa dos nossos avós, anos 1960	257
“Edifício Balança, mas não Cai” nas ondas do Rádio	261
Meu primeiro jogo no Juvenal Lamartine	265
Escola Dominical	271
A Igreja, o carnaval e o pelotão de fuzilamento	273
Um passo de cada vez	277



6 Natal do Cinema Rex, dos gibis e das peladas de rua

Gibis, o Sebo de Cazuza e a Agência Pernambucana	283
Nos tempos do Cinema Rex	289
Avenida Afonso Pena, 403, um mundo novo em Petrópolis	307
O incrível Bangu de Petrópolis	325
O rebelde sem causa	333
O Cruzeiro da Rua Açu	337
O Colégio 7 de Setembro	339
Inspirados na onda do lê lê lê	345
Férias em Recife	349
A Fazenda Palmeirinha	355



7 Natal Pop

O primeiro biquíni e as origens do surf nas praias de Natal	363
A cultura pop dos anos 1960/1970	371
Os bons tempos da SCBEU	385
Anos 1960, Natal, Beatles e Rádio Poti	401
Origens do Rock em Natal	407
Bandas de Rock que marcaram os anos 1960 e 1970	425
Reinaldo Azevedo, Banda Anos 1960 e Os Grogs	439
O Colégio Marista e a transição para receber as meninas	445
Amigos	451
O crime prescrito	459
Os embalos no ABC	465
Lugares e pessoas que marcaram os anos 1960 e 1970 em Natal	475
Causos familiares e outras situações dos anos 1960 a 1970	483
Memória fotográfica dos anos 1960/1970	499
Mar doce mar	503

Referências

Depoimentos e entrevistas aos autores

Prefácio

Notas dez, mil, milhão para este livro de histórias ambientadas na cidade do Natal, entre as décadas de 1920 e 1970, cujo protagonista é o pai dos autores, os quais terminam sendo narradores e personagens de si mesmos. Uma pesquisa de peso, desenvolvida ao longo de nove anos, revelada através de uma série de crônicas, fartamente documentada por uma grande quantidade de fotografias, descrevendo hábitos, costumes, vivências e histórias dos habitantes, com depoimentos de muitos deles, sobre a cidade que crescia lenta e placidamente. Para os leitores que viveram àquela época, proporcionará um verdadeiro retorno ao passado, enquanto para os mais jovens, uma excelente oportunidade para comparar com o *modus vivendis* atual, a fim de repensar gestos, atitudes e compromissos com a nossa linda cidade.

A narrativa apresentada envolve fatos marcantes, mostrando situações conflitantes como os acontecimentos da Intentona Comunista, a II Guerra Mundial e a vida pacata marcada pelo rumorejar das ondas do mar beijando a face direita, enquanto o Rio Potengi acariciava a face esquerda, da cidade. Nela, pode-se também acompanhar o surgimento do *Rock and roll*, as novas concepções de vida, as calças jeans e os cabelos longos dos rapazes, as minissaia das moças, o cinema

como formador de opinião, a educação “libertadora”, as tertúlias e tantas outras peripécias da infância e da adolescência.

O Sr. João Sizenando Pinheiro Filho – o pai dos autores – a partir da década de 1960, identificada como “a década dos anos dourados”, morando em frente à sede social do ABC Futebol Clube, a algumas centenas de metros da sede social do arquirrival América, e quase equidistante em relação aos cinemas, praias, emissoras de rádio e ao comércio local, esteve no cerne das mudanças sociopolíticas, econômicas e culturais que teimavam em se estabelecer. Devidamente assessorado pela esposa, D. Déa, acompanhava o crescimento dos filhos Carlos, Fred e Newton ao mesmo tempo que aprendia e desenvolvia as relações de cumplicidade no lugar e nas situações. Por isso, quando Carlos e Fred escreveram este livro para homenagear o pai, estiveram também homenageando os logradouros e as mais diversas histórias e personagens da cidade do Natal, que povoaram suas mentes, desde a mais tenra idade.

Aqui se vê revelado o caráter do povo natalense e das pessoas que, vindas de outras regiões, terminam incorporando seu jeito e sua cultura. Uma excelente oportunidade para se achar citado ou, no mínimo, se identificar com muitas situações, locais e personalidades envolvidas. Este é um livro com sabor de frutas agrestes, cheiro de Mata Atlântica, recheado de peixes, camarões e lagostas, com pitadas de sal das águas cálidas de Ponta Negra, a testemunhar cenas da vida que transcorrem calmamente na cidade do Natal.

Marcos Medeiros

Natal, agosto de 2009

X

Dos Bondes ao *Hippie Drive-in*

Introdução e agradecimentos

A ideia inicial, que conduziu à concepção deste livro, surgiu do nosso desejo de registrar e compartilhar, com amigos e parentes, as histórias e fatos pitorescos envolvendo o cotidiano de pessoas da cidade do Natal, narradas por alguém que viveu quase um século na capital do Rio Grande do Norte.

João Sizenando Pinheiro Filho nasceu em Açu no ano de 1900, passou a infância em Macau (RN) e viveu mais de 80 anos em Natal, onde acompanhou a evolução e acontecimentos da cidade. Durante quase um século, conviveu com figuras humanas que caracterizaram a alma da nossa província.

Sizenando, nosso pai, adorava circular e conversar com amigos na Ribeira e no Grande Ponto, além de nos mostrar fotografias antigas da cidade e recortes de jornais. Era crítico feroz da negligência dos órgãos públicos em relação à conservação de prédios antigos e documentos oficiais, gostava de guardar e colecionar tudo que julgava importante ou do seu interesse pessoal.

No tempo em que a televisão não atrapalhava tanto e a iluminação pública em Natal não escondia o céu estrelado, nós tínhamos longas conversas com vizinhos à noite sentados em cadeiras espalhadas pela nossa calçada na Avenida Afonso Pena, em frente à antiga sede social do ABC. Nós, meninos, falávamos pouco, escutávamos muito as conversas dos adultos, em especial, quando eram relatados fatos e causos ocorridos na primeira metade do século passado, que aguçavam nossa curiosidade.

Após o falecimento de “Dico”, como carinhosamente o chamávamos, ocorrido em 1998, passamos a relembrar esses momentos e

começamos a rabiscar alguns tópicos curiosos sobre o cotidiano da Natal antiga e os acontecimentos marcantes na cidade.

Naturalmente, evoluímos e passamos a enveredar também pelos períodos em que nós mesmos vivenciamos ou participamos da história. O cotidiano da cidade na nossa infância e adolescência nos anos 1960 e 1970 em Natal, o dia a dia com a família, os vizinhos, o ambiente estudantil, as peladas de rua, a turma da praia, as matinês do ABC, o *Hippie Drive-in*, a SCBEU, as paqueras.

Tudo isso, espontaneamente, fez surgir a ideia de juntar o material já existente, organizar e transformar em um livro.

Em vez de seguir um roteiro sisudo e tradicional, a nossa intenção é de passear gostosamente por épocas distintas da cidade do Natal. Nesse passeio, a história será abordada sem profundidade, porém, com farta ilustração fotográfica. Tomaremos como ponto de partida, o início do século XX, que corresponde ao período da chegada do nosso pai, ainda garoto e, logo depois, dos nossos avós paternos a Natal. Acontecimentos marcantes serão abordados, como a chegada dos primeiros voos aéreos intercontinentais, o Levante Comunista de 1935 e a participação da cidade na II Guerra Mundial.

Visando conferir detalhes e melhor fundamentar o cenário cotidiano da nossa cidade, aproveitamos momentos de folga, ao longo de nove anos, para vasculhar livros e edições antigas de jornais e revistas. Entrevistamos diversas pessoas que vivenciam, em épocas diferentes, os acontecimentos aqui relatados. A destacar também a colaboração do fotógrafo Jaeci Galvão que gentilmente nos autorizou a utilizar algumas de suas fotos antigas da cidade do Natal entre os anos 1950 e 1970.

Numa outra vertente, também abordamos de uma maneira sintética as origens da família materna Rossiter, sua chegada ao Brasil e, posteriormente, a Natal em pleno período da II Guerra.

O que se segue é, portanto, um relato despretensioso do mundo ouvido e vivido por dois meninos, que viraram jovens em plena geração “paz e amor”, a partir da circunvizinhança das duas casas em que residimos: na Rua Felipe Camarão 604, Cidade Alta, até o ano de 1961, e, na Afonso Pena, 403, Petrópolis, de outubro de 1961 até meados dos anos 1970.

Mais do que a obrigação do registro para que nossos filhos e netos passem a seus sucessores, temos o prazer da recordação. Este livro tem muito de curtição pessoal, sem nenhuma pretensão literária. Trata-se de uma coletânea de textos leves que procuram descrever fatos, episódios que ficaram gravados em nossas memórias e de outras pessoas que conviveram no mesmo cenário.

É importante destacar também o incentivo e a colaboração que tivemos do nosso irmão caçula Newton Sizenando e de amigos e parentes como Gutembergue Soares, Luiz Gonzaga Cortez, Aníbal Barbalho, José Estácio de Aquino Filho, César Farias, Juarez Chagas, Walter, Joserita e Léa Rossiter. Outra pessoa importante nesse contexto é o Sr. Luis G. M. Bezerra, ex-diretor da TELERN, escritor e desportista muito querido na cidade, que insistentemente nos lembrava a importância de registrar os relatos de papai, pois ele era o último remanescente de uma geração e que fatos do cotidiano da cidade precisavam ser preservados. Outro agradecimento especial ao grande amigo Nésio Moreira Barros que escreveu as orelhas do livro.

Anotações e gravações de áudio que fizemos com papai em vida foram a base inicial para elaboração desse texto.

Dentre tantas fotografias interessantes, tivemos o delicioso trabalho de selecionar as imagens mais representativas, que contribuissem para transformar a leitura num agradável mergulho no túnel do tempo, que nos transporta de forma lúdica a uma Natal que evolui entre 26 mil e 300 mil habitantes, que dava seus primeiros passos para a modernidade. Voltamos também aos anos 1960, tempo das tanajuras

espetadas pelo rabo, dos “lacerdinhos” nos pés de ficus que nos atazanavam os olhos, das séries do Cinema Rex, de Elvis Presley no Rio Grande. Tempo dos “aluizistas”, dos “dinartistas”, do Programa “De pé no chão também se aprende a ler” e dos nossos maiores temores infantis: a viúva Machado e Maria “Mulamanca”.

Em relação aos inesquecíveis anos 1960 e 1970, destaque especial foi dado ao surgimento e evolução do *Rock* em Natal, com detalhamento das primeiras Bandas surgidas sob inspiração da Beatlemania e da Jovem-Guarda, dos Festivais Musicais do Palácio dos Esportes, da contra-cultura, dos Poemas-processos. Nessa temática tivemos a ajuda valiosa e o incentivo dos nossos amigos Reinaldo Azevedo, Eustáchio Lima Filho, Etelvino Caldas, Prêntice Bulhões, Gileno Azevedo, Luís Lopes Varela Neto e Marcos Farias, que forneceram informações e fotografias essenciais.

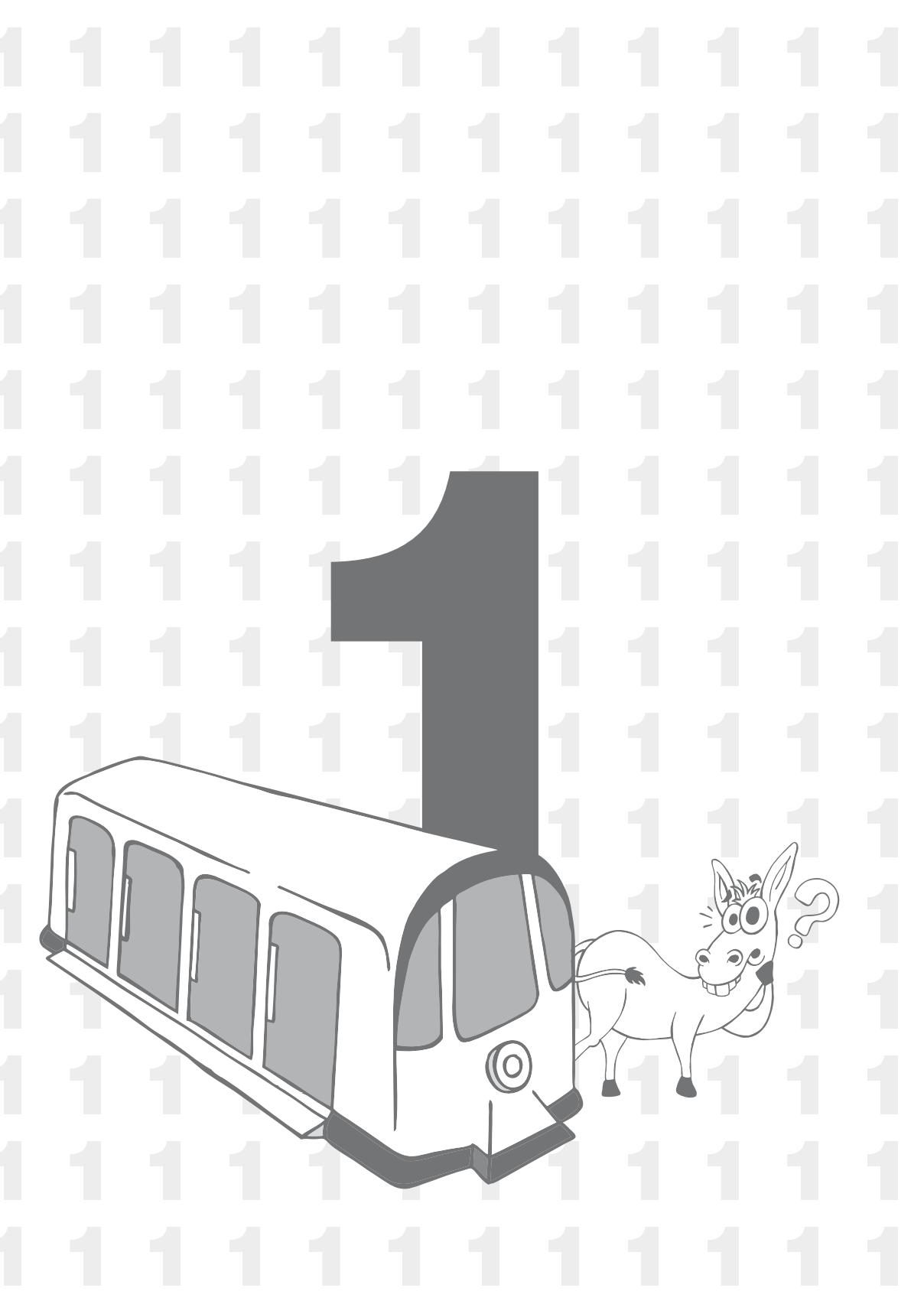
Um agradecimento especial a José Eduardo de Almeida Moura e Marcos Antônio de Andrade Medeiros que tiveram toda paciência do mundo para revisar o presente texto escrito por dois calouros. E ainda deram valiosas orientações finais. Por fim, nossa gratidão às nossas esposas Luciana e Fátima pelo estímulo e infinita paciência.

Aqueles nossos amigos e amigas que conheceram Jerônimo o Herói do Sertão, o Cinema Poti, as tartarugas da Praça Pedro Velho, o Sebo de Cazuza, os bailes no ABC, as “Anastomoses” no América, o “Seu Talão Vale Um Milhão”, a loja de discos de Helisom, o Juvenal Lamartine, a Rita Loura, o *Hippie Drive-in*, certamente não deixarão de se emocionar. E irão relembrar não apenas os fatos aqui narrados, como também inúmeros outros momentos que de tão significantes em suas vidas, facilmente se acenderão em suas mentes como um simples duplo clique para acessar algum arquivo de computador.

Carlos e Fred Sizenando

Natal dos **bondes**

» A cidade no início do século XX	3
» Xarias e Canguleiros	13
» O Parafuso	15
» Voto feminino	27
» Figuras populares de Natal nos anos 1920 e 1930	29
» Paulo Lira (1903-1979), o pianista de Natal	31
» O Natal Club	35
» Inauguração do Estádio Juvenal Lamartine	37
» Memória fotográfica do início do século XX	39



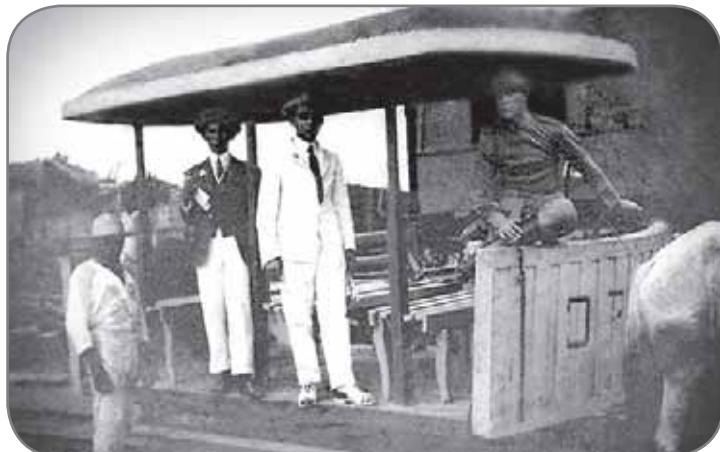
A cidade no início do século XX

AI Guerra Mundial estava acabando, os Bolcheviques liderados por Lenin e Trostky haviam tomado o poder na Rússia. No Brasil, Hermes da Fonseca era o Presidente da República. O marechal era considerado um presidente azarento, o povo o chamava de “Dudu de Urucubaca”. Mas ele tinha a sorte de ter como esposa a bela dama liberal, educada na França, Nair de Tefé, 22 anos mais nova e que chocava os mais conservadores por atitudes como introduzir, no ambiente do Palácio do Catete, modinhas populares com raízes nos cânticos dos escravos negros com uso do violão. Ela foi a grande incentivadora da cantora Chiquinha Gonzaga.

Em 1916 Natal tinha 26. 000 habitantes, os bondes puxados por burros ainda estavam sendo utilizados e integravam os Bairros da Ribeira e Cidade Alta, se estendendo até as imediações do atual Aero Clube e depois ao “Monte” de Petrópolis. O Jornal “A República”, em diversas ocasiões, criticava o sofrimento dos animais (mesmo sendo de raça e fortes) que eram submetidos a esforços excessivos com o bonde lotado subindo ladeiras. Mas o governador Alberto Maranhão acabara de implantar a energia elétrica na cidade e o bonde elétrico surgia como grande novidade que já alcançava o novo Bairro de Petrópolis. O bonde elétrico embora tenha sido grande novidade, ainda era muito lento. Quando o chapéu de um passageiro caía fora, dava tempo do mesmo descer, apanhá-lo e correndo ainda pegar de volta o bonde.

01

Manoel ("Nezinho")
Borges (paletó escuro)
no bonde puxado por
burros. Natal 1918



As denominações das principais ruas de Natal eram diferentes: das Virgens (na Ribeira que recentemente voltou a ter esse nome), do Fogo, dos Tocos, Rua Grande, Praça da Alegria, Rua Nova, Rua da Palha, Beco Novo, Rua Uruguaiana e Rua Tatujubeira. As embarcações ancoravam no Cais do Passo da Pátria. No Baldo, a grande “piscina pública” já não era tão limpa como no século XIX e as lavadeiras, cada vez mais, ocupavam o lugar dos banhistas. Mas ainda ocorriam encontros e serenatas ao luar. Os “cantões” eram reuniões de pessoas amigas nas calçadas de certas residências para bater papo e falar da vida alheia. As festinhas familiares eram denominadas “tertúlias”. Outra novidade na cidade era a primeira ponte rodoviária sobre o Rio Potengi, inaugurada no dia 20 de abril de 1916. Ela era metálica com 550 metros de extensão e levou mais de dois anos para ser construída por uma empresa inglesa. A limitação da Ponte de Igapó era que só tinha uma via, o que dificultava o tráfego de veículos e a prioridade era para o trem. O controle do trânsito era feito por um homem-sinalheiro em cada extremidade.



02

Ambulantes e populares no Bairro da Ribeira, ao fundo: Estação Ferroviária e a Vila que seria o futuro Colégio Salesiano, 1915



03

Lavadeiras no canal do Baldo, 1916

04

Descida do Bonde na
Avenida Junqueira Aires,
ao fundo a Capitania
e o Rio Potengi



05

Rua Mossoró em 1916



06

Área onde posteriormente foi construída a Praça
Pedro Velho, 1907. Acervo de José Estácio de
Aquino Filho



6

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Por volta de 1918 já existia o movimento de arrecadação de fundos visando a construção da nova Catedral na Cidade Alta. Desde esse tempo que os natalenses já desconfiavam da viabilidade da construção e conclusão da mesma. É daí que surgiu o tradicional comentário “Fulano só vai casar quando a Catedral for concluída”. Ainda em 1918, o jovem Luís da Câmara Cascudo escreveu seu primeiro artigo no jornal “A Imprensa” com o título “Bric-à-Brac”.

Havia um interesse muito grande pela poesia em Natal. Quem tentava e não sabia fazer versos, pedia a um poeta amigo, de tal forma que o seu nome fosse registrado na galeria dos intelectuais da cidade. Surgiu daí a inspiração para os versos de autor desconhecido: “RN capital Natal / Em cada esquina um poeta / Em cada rua um jornal”. Otoniel Menezes era um dos poetas mais elogiados na cidade, ele foi o autor da modinha “Para Viver de Amor” que fez a cabeça dos jovens no início do século XX.



07

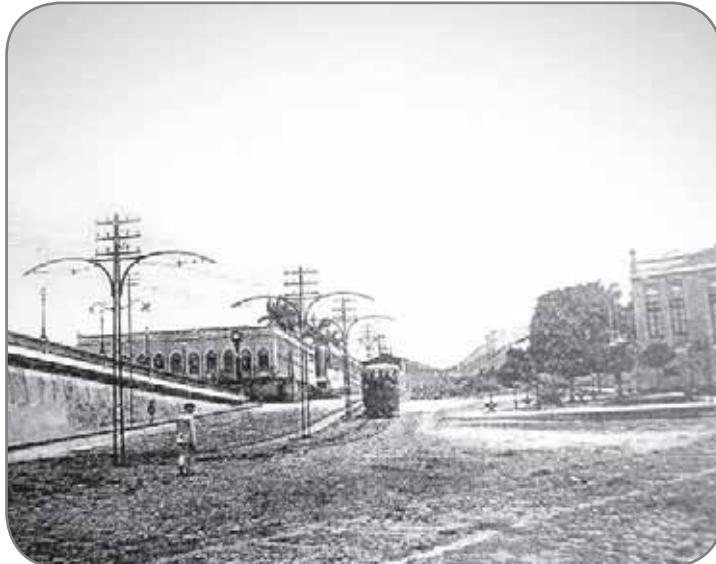
Bonde passando
em frente ao coreto
da Praça André de
Albuquerque, 1918

Características da cidade

O centro comercial da cidade era na Ribeira, a Avenida Rio Branco era chamada Rua Nova, a Cidade Alta – Bairro onde foi criada a cidade – dava os primeiros passos de crescimento na direção do Alecrim. A Avenida Deodoro era uma área de onde os sítios começavam a ser transformados em residências. O delegado de polícia era o rigoroso Joca do Pará (Capitão João Fernandes de Almeida). Só existiam dois ladrões na cidade: Pedro Gato e Negro Melado. Pedro Gato era um mulato feio e forte que além de furtar as residências, gostava de “visitar” o quarto das empregadas. Negro Melado não era preto, ele lambuzava o rosto com óleo como disfarce.

Uma das diversões da época para os rapazes era o jogo de bilhar na Rua 13 de Maio (atual Princesa Isabel), mas tinha o limite determinado pelos pais: apenas até a hora em que o acendedor de lampeões de rua viesse queimar o pavio dos candeeiros a querosene. O Bairro do Tirol era chamado de “Solidão”. Intendência Municipal é como se chamava a prefeitura. Boa parte da população já estava dormindo às 20 horas.

O decreto estadual nº 156 de 18 de novembro de 1921 do governador Antônio J. de Mello e Souza restabeleceu o serviço “Télegrafo Óptico” operado pelos escoteiros do Alecrim. Tratava-se de um sistema de sinalização com bandeiras efetuado a partir da torre da igreja Catedral (ponto mais alto da cidade) onde eram indicadas informações como: saída e entrada de navios, se eram de guerra ou de transporte, nacionalidade, se havia enfermo a bordo, se pediam o prático, nome da embarcação e até se o navio batera na “baixinha”, a pedra famosa onde encalharam várias embarcações.



08

Bonde elétrico
passando pela
Avenida Junqueira Aires,
Natal 1920

Segundo Jaime Wanderley em seu livro “É tempo de Recordar”, o abastecimento de água na cidade era precário e a população mais pobre tinha de comprar água aos “canequeiros”, que eram homens que traziam a água em latas (chamadas de canecos) com cerca de 20 litros. A fonte localizava-se no “pé de morro da Solidão”, provavelmente onde atualmente é o Parque das Dunas (Bosque dos Namorados).

Era hábito em Natal as famílias realizarem piqueniques aos domin-gos. Além de pontos na margem oposta do Rio Potengi, um outro local de atração era o “Monte”, onde atualmente funciona o Hospital Onofre Lopes. Para chegar ao topo do “Monte” as pessoas iam a pé através de uma estrada estreita e arenosa, mas a partir de 1916, esse local passou a ser o ponto terminal da linha de bondes.

09

Monte Petrópolis,
parada final do bonde
elétrico, 1919. Atual
Hospital Onofre Lopes
(Foto do acervo de José
Estácio de Aquino Filho)



Outra opção de lazer era o circo de Manoel Stringhini armado na Praça do Rosário, na Cidade Alta. Segundo o escritor Octávio Pinto, quem não quisesse ir para as arquibacandas, que o povo chamava de “galinheiro”, tinha que levar suas próprias cadeiras cedo para um melhor posicionamento.

O filho do Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca – Capitão Leônidas Hermes da Fonseca – perdeu a eleição para Governador do RN para o Senador Joaquim Ferreira Chaves. A candidatura de Leônidas foi contestada inclusive pelo pai.

10

População se
deslocando após assistir
a evento público na
Cidade Alta, 1921



10

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Os primeiros campos de peladas na cidade eram: na Praça André de Albuquerque e a “Campina” na Praça Pedro Velho cortado por diversos caminhos de pedestres. Posteriormente, surgiu de forma mais organizada o primeiro campo com arquibancadas na Rua Potengi, localizado onde hoje funciona a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, ao lado do Atheneu.

Os poucos moradores da Rua Mossoró ainda eram provocados pelo antigo nome do logradouro “a Rua do Vai Quem Quer”, dos tempos em que predominava a prostituição nesse trecho. A Rua João Pessoa era chamada por muitos de “Rua dos Tocos”. A razão dessa denominação é que, em 1845, o presidente da Província Casimiro Sarmento determinou a derrubada da mata existente para abertura da rua e restaram muitos tocos no trecho.

O último bonde elétrico circulou em Natal no dia 14 de março de 1956.

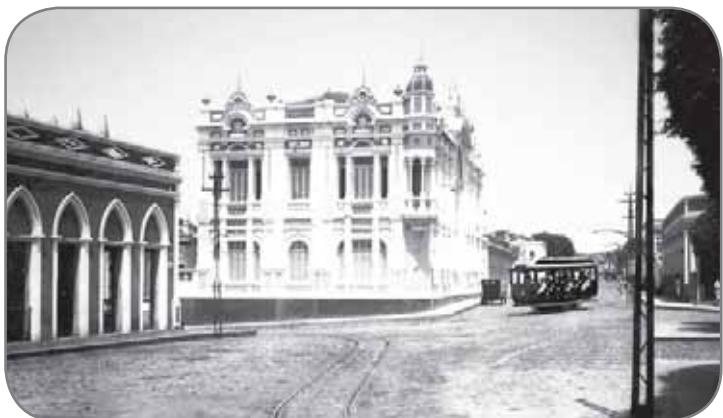


11

Cavalaria perfilada
na Parada de
7 de Setembro
na Ribeira, 1917

12

Bonde passando em
frente à Prefeitura, 1919
(Foto do acervo de José
Estácio de Aquino Filho)



13

Praça Augusto Severo,
Natal/RN



14

Panorama da Bahia e
Norte da Cidade Natal



12

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Xarias e Canguleiros

“Xaria não desce, canguleiro não sobe!”

Xarias e Canguleiros eram as denominações das “facções rivais” dos moradores da Ribeira (Canguleiros) e da Cidade Alta (Xarias) até o final do século XIX. A Cidade Alta era o bairro novo, uma área urbana restrita e bem separada da Ribeira. Os moradores dos dois bairros viviam em disputa pela primazia de bairro “mais chique, mais adiantado”.

A alimentação da Natal da época se caracterizava pela abundância do pescado e os dois peixes que, pela maior quantidade, distinguiam-se nessas pescarias eram o xaréu e o cangulo. Os habitantes da Ribeira davam sempre preferência ao primeiro e, talvez mesmo por um acinte, os da Cidade Alta faziam questão fechada pelo cangulo. Daí os apelidos respectivos: Xarias (comedores de xaréu) e Canguleiros (comedores de cangulo).

Essa rixa viria a tomar vulto no seio da classe mais humilde e evoluir para um ódio ferrenho entre os dois bairros. Abrigados à sombra das noites, os canguleiros instalavam uma espécie de quartel general de suas tropas em frente à Estação Central do RN (Estação Ferroviária da Ribeira, hoje); lá espalhavam guardas avançados até o cruzamento da

Rua Juvino Barreto com a Avenida Junqueira Aires (Luís da Câmara Cascudo, atualmente). Os Xarias instalavam-se nos “Barreiros”, área onde hoje localiza-se a Praça Pedro Velho.

A partir das 18 horas ninguém poderia mais se locomover de um para outro bairro, a não ser que fosse autoridade ou figura de destaque social.

Nos “postos de comando” as tropas insultavam-se reciprocamente, com desafóros pesados. Quem passasse por ali ouviria os gritos constantes cortando as noites escuras ou enluaradas:

– Xaria frouxo, se for homem desça[...]

– Canguleiro covarde, se quiser apanhar, suba[...]

Muitas vezes ocorriam encontros com brigas na base de cacetadas, murros, com “valentes” se destacando nos dois lados em cada embate. Na época poucos andavam armados.

Conta-se que num sobrado limítrofe entre os dois bairros, um Canguleiro atirou sobre um grupo de seresteiros que cantava “parabéns para você” embaixo de sua janela, imaginando que fossem Xarias. Diante do delegado, explicou a razão do seu gesto: “não era dia do meu aniversário”.

A polícia precisou intervir com mais firmeza no conflito e a proximidade entre os bairros gerada pelos bondes, facilitou a integração.

Passado mais de um século, ainda hoje as denominações “Xarias” e “Canguleiros” são utilizadas para, por algumas pessoas, classificar os moradores da Ribeira e da Cidade Alta.

**ANNO I RIO GRANDE DO NORTE - NATAL -
DOMINGO, 16 de janeiro de 1916, nº 1**

**CRÍTICO, FOGOSO, HUMORÍSTICO
E NOTICIOSO * DIRECTOR: UM RAPAZ**

DIZEM[...]

- * Que vai progredindo o namoro seboso de uma senhora casada.
- * Que ninguém sabe com quem Ephitácio vai casar, se com a avó da mãe, se com a mãe da filha ou com a filha da mãe.
- * Que um cidadão casado deu agora para errar a sua casa.
- * Que o Cabo João é o maior corneteiro da Cidade Alta, porque é dos que empresta a corneta para se tocar nela.
- * Que a Força e Luz fez um contracto com a lua, para esta clarear a Rua Dr. Barata[...]
- * Que os gatunos estão mandando a polícia àquela coisa; que daqui a pouco, eles é quem estão prendendo os soldados.
- * Que o alfaiate footbolleiro continua a namorar com a noiva de seu amigo.
- * Que é preciso uma séria providência por parte da polícia, no sentido de evitar escândalo maior de umas mulheres estabelecidas na Rua do Commércio, de frente a Standart Oil & Company.
- * Que no mercado da Ribeira tem um fuxico danado demais, de uma morena gorda com um marchante.
- * Que Luiz Alexandre ainda não entregou o troco dos dez mil réis de Joel de Brito.
- * Que na Rua Salgadeira tem uma preta que está botando catimbó em Terto.
- * Que Boya aquetou-se com uma pequena infecção[...]
- * Que coisa boa é a gente andar direito, mesmo que o caminho seja torto.

DANO-ME / SCISMEI

- » Com a caninga de um menino que quer jogar no bicho fiado com Laurentino do Café Alecrim.
- » Com a calça encarnada de J. Augusto.
- » Com quem anda convidando os sócios do ABC para entarem no Potyguar.
- » Com um indivíduo que não tem no bolso o que um periquito janta e anda se metendo com uma senhorita do Alecrim que tem dinheiro.
- » Com uma moça da Rua Amaro Barreto que está pedindo de trinta por um rapaz.
- » Com a pôpa que deu Luiz Laranjeira por ter saído neste jornal.
- » Com um certo rapaz que abraçou a sua namorada às 22 horas na Rua Santo Antônio.
- » Com Nezinho por querer ser poeta. Vai estudar jumento.
- » Com uma casa de fobó do Alto da Bandeira denominada “Castello de Recursos”.
- » Com as namoradas cabulosas do Zé Grande.

DE “PARAFUSO” EM PUNHO

Contra a rifa da Rua 21 de Março que até hoje se espera o resultado.

Contra o fiscal dos bondes para não botar o imundo e criminoso Rapa-côco na linha do Alecrim, uma vez que é a linha de mais movimento que a empresa tem.

Contra o marceneiro Chade para pagar os 5 mil réis do concris que tomou emprestado e vendeu.

Contra um certo bloco sem critério, que domingo apareceu no campo para hostilizar os jogadores do ABC.

Contra Ângelo Pessoa, empregado da pharmácia, para deixar aquele namoro na Rua do Commércio:

Pelas três Ângelo é amado
Tanto amor assim enfada
Toma cuidado na vida
Senão tu és despachado.

TELEGRAMAS

- » Das Roccas – Menino brincando esconde-esconde, estrepose prego, mãe chorava dizendo filho estrepado morria.
- » De Macahyba – Povo assombrou-se canoas Sport, pensando ser dois grandes jacarés.
- » De Macahyba – Velha encherida namora soldado polícia, danam-se ciúme duas moças.
- » Da Rua Mossoró – Nazinha, ex-mulher Guilhermino foi pedida casamento photographo J. Alves. Marido indignado tenta morrer afogado.

QUAL O POETA MAIS APRECIADO DE NATAL?

Sendo esta terra onde talvez mais poetas existam, O PARAFUSO deseja apresentar aos seus inúmeros leitores e amigos, o nome do poeta mais querido e mais apreciado de Natal. Para este fim, desde já abre o presente concurso... que será encerrado, definitivamente, no primeiro domingo do mês de abril e no último será publicada a apuração, uma produção e também o retrato do vitorioso. Corte o presente *coupon*, escreva nelle o nome do poeta, date e assigne, e envie à redacção do PARAFUSO – Rua Dr. Barata, 27. Ao Concurso! (Tempos depois sai o resultado final)

Apuração Geral: Dr. Sebastião Fernandes 162; Francisco Palma 148; Antônio Glycério 124.

Também foram votados: Othoniel Menezes, Abner de Brito e Ponciano Barbosa.

A República de 27 de março de 1916, em um castiço suelto, diz claramente que, quem tiver fome e sede de justiça dirija-se ao Governo do Estado [...] Não vá elle arrepender-se de semelhante arrojo!

AOS PODERES DO ESTADO

Já não há o que comer
Nos mercados da cidade
O povo está a morrer
Na maior mendicidade

Era bom que a Prefeitura
Para esse povo salvar
Se metesse na aventura
De gêneros também comprar

Por um preço sem igual
Está a farinha e o feijão
Pra se comprar em Natal
Já precisa proteção

E aqui abrisse casa
De negócio pra vender
Pra matar quem nos arraza
Ganhando se deixa ver

Bacalhau, carne cinzenta
Arroz, açúcar e café
Todo dia o preço aumenta
Não se sabe porque é

Da forma que a coisa vai
De preço subindo tudo
De fome esse povo cai
Afina como canudo

O Governo do Estado
Ou mesmo nossa Intendência
Devem no caso provado
Dar alguma providência

E seu Coronel Galvão
Teria do povo ajuda
Não morreria mais não
Seria um Deus nos acuda

Pois que esses vendedores
Fazem preços à vontade
Do comércio são senhores
Na Ribeira e na Cidade

Faça isso, Coronel
É um feito liberal
Retire a taça de fel
Salve o povo de Natal.

JÁ É TEMPO: VENHA RUY BARBOSA PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Não é possível que desta vez o Águia de Haia não seja apresentado para Presidente da República. Aí está a Argentina com elle no seio, a ninar e a beijar como um grande mimo precioso. Aí vem a França a convidá-lo para fazer parte da sua civilização. Aí estão todos, pelo Prata afora, a fallar e a dizer as coisas mais bonitas do maior vulto do continente americano. Quem, pois, já foi como Ruy Barbosa guindado ao sétimo céu com maiores ovações? Quem como Ruy Barbosa já subiu no conceito das nações? Por tudo isso, O PARAFUSO, que vive despeiado, sem cabresto nem freio, livre de canga e corda, apresenta o maior dos brasileiros para ser o substituto do actual presidente, sr. Wenceslau Braz. Que venha o Águia de Haia para a governação do Paiz. É o homem do Brazil. É a maior capacidade nacional. É o bicho da velha Santa Cruz.

Viva Ruy Barbosa! Viva a Nação brasileira! E viva a terra dos gerimuns, que pela bocca consagrada dO PARAFUSO levanta bem alto o nome do extraordinário bahiano.

EM GUARDA! FORA O SR. RODRIGUES ALVES!

Os rio-grandenses do norte, ou por outra, todos esses povos do nordeste brasileiro, não devem concorrer, por sua honra, para que o sr. Rodrigues Alves seja eleito Presidente da República. Precisamos ter sobretudo sentimento de vergonha. O sr. Rodrigues Alves, que como Presidente da República cuspiu na face do povo do norte, dizendo que este já devia estar com o estômago acostumado com a fome, negando o socorro a que nos dá direito a Constituição da República, não pode merecer o nosso voto!

Basta que elle seja eleito pelo voto do sr. Serzedello e que os outros que jogam por tabella. Nós, do nordeste é que devemos estar em

guarda para votarmos em outro qualquer para o cargo em questão, menos neste brasileiro que só nos pôde socorrer expatriando os nossos irmãos para o matadouro do Acre! Fora o deshumano paulista!

CONTRA O ANALPHABETISMO

Uma commissão da florescente Agremiação Litterária Ferreira Itajubá, composta dos distintos moços Lauro Botelho e Pedro Lopes Júnior, teve a gentileza de nos comunicar, que desde terça-feira, acham-se abertas as matrículas, no edifício do Atheneu Norte Riograndense, das 10 e meia em diante.

É para todo mundo – moços, velhos, pretos, brancos, limpos,sujos, mestiços, caboclos, todo mundo enfim. O melhor de tudo é que os ensinantes dão tudo quanto o alumno precisar para aquelle serviço.

Aplaudimos a ideia da distincta Agremiação, mesmo porque é de esperar que o PARAFUSO também ganhe na tal campanha, porque todo mundo sabendo ler, é bem provável que tenha mais vendagem o nosso jornal. Terminando a nossa notícia, agradecemos a gentiliza da commissão e levamo-lhes os nossos parabéns por ser esta referida sociedade a primeira que realizou um pedaço do sonho dourado do nosso eminentíssimo patrício, Dr. José Augusto, pelo qual se bateu tão denodadamente na Câmara dos Deputados.

PELAS ESCOLAS

Quando fallamos num caso sério, dispensamos a crítica, o humorismo, a brincadeira e tudo enfim. Ora, como todos nós sabemos, no ensino moderno não admittimos castigos corporais de espécie alguma, e como é que na escola nocturna do Collégio Santo Antônio, usa-se o méthodo já prohibido? Algumas vezes tivemos occasião de

ver meninos de castigo – em pé com os braços abertos. Pedimos providências ao sr. Director do Collégio, no sentido de fazer cessar este abuso por parte dos srs. Professores. Já que não tem quem fale em favor daquellas crianças pobres, nós fallamos.

Em outras edições, vem novos pedidos:

As pessoas que quizerem nos auxiliar na grande festa em que este noticioso completa um anno de uma vida toda moral, podem mandar deixar na Rua Ferreira Chaves, vis-a-vis com o mercado, a que tem placa com o nome da Rua, o peru, pato, capão, gallinha, guiné, o diabo enfim.

Aproxima-se a data em que o nosso órgão pretende “colher a primeira flor no jardim de sua preciosa existência”, como se diz nas felicitações intragáveis dos diários da terra. Este facto é motivo de grande contentamento. Natal inteira já sabe que nesse dia O PARAFUSO deseja aparecer do tamanho de um homem, alegre e espirituoso para os que nelle labutam. E os seus amigos de todos os tempos irão espalhar os pés num pic-nic de arromba.

Até hontem, para este fim, tínhamos recebido mais os seguintes presentes: do tenente Deolindo Lima, um quinto de vinho; do poeta Josué Silva, duas gallinhas vivas e do professor Gabriel Gomes uma garrafa de conhaque e um poema símbólico. O sr. Pacífico Bezerra teve a honra de oferecer-nos um pão do tamanho que a redacção marcar, e pede que na véspera do pic-nic mande duas carroças busca-lo. O nosso amigo J. Marinho mandou a promettida gallinha e João Cruz, o peru e o capão! Avante! Esperamos que outros tomem estes exemplos.

Natal, domingo, 17 de dezembro de 1916.

Polytheama e Royal Cinema

HOJE 13! HOJE 13!

Glorioso Espectáculo, no palco, o célebre
Imitador do Bello Sexo

NILO DURVAL

Irresistível vocação cômica
Na tela serão passadas as seguintes fitas:
Transportes de Madeira
E

A VOLTA DO PIRATA

Grande peça dramática de arranjo todo
Especial: 4 partes e 1500 metros de fita!

A ELEGÂNCIA

Está positivamente provado pelos elegantes João Vieira e João Baptista, que o rapaz da moda fuma somente os cigarros marca “Veadó”, especialmente o “Rachel” e o “Majestic”. Os babaquaras que usam outras marcas, nivelam-se a quem bebe cerveja sem ser Antarctica.

QUERIA VER

- » A inauguração da ponte do rio Potengy.
- » Os bondes velhos da empresa andarem a nove pontos.
- » A conclusão da igreja nova e da capella do Alecrim.
- » A Rua 13 de maio calçada. (NR: Rua Princesa Isabel, hoje)
- » O buraco da Rua Boa Vista entupido.
- » Um certo bodegueiro da Rua Amaro Barreto deixar de vender querosene com água.

DIVERSAS

- » Rogamos ao sr. José d'Araújo Filho a fineza de vir pagar a sua assinatura.
- » Hoje, às 4 horas da tarde, no Alecrim haverá um divertido “pau de sebo”.
- » Com destino ao Rio de Janeiro embarcou há dias no paquete Maranhão, o jovem
- » A.Rodolfo Maranhão afim de aguardar alí a chegada do vapor Acre, no qual pretende embarcar como 2º radiographista, para tal fim propositalmente chamado. Ao corajoso viajante desejamo-lhe bons ventos pela popa.
- » Augusto Servita, desejando retirar-se desta capital, vende por preços módicos a sua Pharmácia, à Rua do Morcego, e os seguintes productos chímicos, como sejam marcella, cariman, vinagre, galão de azeite doce desoccupado, depósitos de bolachas e querosene, um meio de solla, dois barris, uma balança, um garrafão, agulhas, dedais, um alcoviteiro encandecente. Também contas a receber. Pede aos distintos clientes para liquidarem suas continhos. Aproveitem!

FOOT-BALL

A imprensa, no intuito de auxiliar o progresso sportivo de nossa terra, como até aqui se tem mostrado tomando grande interesse na propaganda desta causa, vai offerecer dois prêmios, que serão disputados entre os clubs de foot-ball daqui, com um encontro official que será denominado Campeonato de 1916. O primeiro prêmio, segundo nos informaram, é uma estatueta e o segundo, um cartão de prata. Se inscreveram no referido campeonato os seguintes clubs: A.B.C. Foot-ball Club, o América e o Potyguar. Como todos nós sabemos o campeão pode-se dizer é o A.B.C., pois tem mostrado o seu valor e a sua força. Os outros estão com suas forças equiparadas, havendo dúvida qual será o vencedor do segundo lugar.

No dia 6 de janeiro, bater-se-ão, o Potyguar com o América, o vitorioso bater-se-á no dia 14 com o A.B.C. O América começa a sentir os efeitos da sua vontade de ferro de vencer o valente ABC, ou por outra, ganhar o primeiro prêmio. Os sócios trabalham para arranjar elementos fortes. Há dias um dos jogadores do América chamou o nosso amigo Amaro de Souza Mello (Amaro de Noca) para jogar neste encontro, garantindo lhe dar schoteira e tudo.

O PARAFUSO deseja que os seus amáveis leitores e distintas leitoras passem Boas Festas e tenham boas entradas no anno de 1917.

Voto feminino

Os jornais “A República” e o “Diário de Natal” deram grande destaque à conquista do direito ao voto feminino no final dos anos 1920, graças à luta da norte-rio-grandense Nísia Floresta, tendo grande repercussão no país. Não satisfeitas apenas em poder votar, as mulheres brigaram também pelo direito de serem votadas. E mais uma vez o RN foi pioneiro no Brasil com a eleição da prefeita de Lajes, Júlia Soriano, conhecida em todo país. Sobre esse tema, a revista Cigarra publicou os versos matutos sob a assinatura de Z. Ballos (pseudônimo de Virgílio Trindade). Tais versos espelham as duas correntes em luta, os revolucionários e os preconceituosos:

Há uma nova no mundo
Cumpade, eu vou te contá
As leis agora permite
Que as muiéres vão votá
E eu inté vou prá cidade
Para a minha se alistá.
Cumpade, ocê tá doido?
Isso é besteira do cão
Apois nunca ninguém viu
Muié ir prás eleição
Isso inté tá desconforme
Cum as obra da criação



15
Nísia Floresta

Dionísia Gonçalves Pinto era escritora, estreou como articulista em 1831; abolicionista, republicana, feminista e poeta, viveu quase 3 décadas na Europa, comunicando-se de perto com os intelectuais da época; educadora, fundou os colégios “Brasil” e “Augusta”, no Rio de Janeiro; tida como a mais notável mulher da história do RN, sob o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Figuras populares de Natal nos anos 1920 e 1930

Para entender mais o cotidiano da Natal provinciana no “tempo do ronca”, nada melhor do que descrever as figuras populares que caracterizavam o dia a dia nas ruas, cafés, praças e bares da Ribeira e Cidade Alta. As pessoas e situações mencionadas a seguir foram descritas a partir do depoimento pessoal de João Sizenando Pinheiro Filho (1900-1998) e do livro “Natal do Meu tempo” de João de Amorim Guimarães, 1952.

Sinfronio Barreto: depois do Padre João Maria era a figura mais popular e querida da cidade. Foi alferes na guerra do Paraguai, extremamente caridoso, distribuía esmolas até o último centavo que lhe restasse no bolso, estava sempre cercado de pobres. Um dia “seu” Sinfronio depois de almoçar com o sobrinho, Jorge Barreto, industrial proprietário da única fábrica de tecidos da cidade, continuou sentado. O sobrinho achando estranho o tio, que normalmente era inquieto, ficar ali estático, observou que os sapatos dele estavam em petição de miséria e que era isto que o fazia procurar escondê-los embaixo da mesa. Apanhado em flagrante, foi repreendido cortesmente por Jorge, Sinfronio teve que aceitar uma ordem para uma sapataria fornecer-lhe um novo par de botinas. Mas, poucos dias depois, Jorge veio a descobrir que o tio vendera as botinas novas para dar dinheiro de esmolas e... continuava com as velhas.

Miquelina dos Bodes: mulher espirituosa que armada de um cipó, para tanger a chiqueirada, andava sempre vendendo bodes, dizendo laos e respondendo, com repentes maravilhosos, todas as provocações da meninada.

Paulininho Doido: era daqueles doidos que ninguém podia aperrear, pois se tornava muito perigoso, capaz até de matar um. Se a “lua” aper-tava, andava correndo, fingindo-se de trem, apitando. Trazia sempre os bolsos cheios de pedras escolhidas na praia e quando era apupado, jogava-as com violência na direção do provocador. Chegou a lascar a cabeça de alguns desafetos na base da pedrada.

Simôa Canhanhaê: mulher desbocada e pornográfica, que era alvo preferido da meninada; era conhecida por distribuir palavrões quando a turma de garotos se agrupava e saía atrás dela chamando-a pelo apelido. A resposta era imediata; “É a mãe, seu filho da P...!!” e daí por diante... A princípio Simôa ia sempre presa, mas depois a polícia desistiu da ideia, porque quando a prendiam ficava insuportável. Ela ia pelas ruas, acompanhada dos guardas, dizendo uma quantidade bem maior de palavrões até chegar à prisão.

Gonçalo Pé de Pato: mulato, feio, sujo e cambado, tinha este apelido porque às vezes nem conseguia pisar direito por causa dos “bichos de pé”. Era metido a bonito e achava que podia namorar moças ricas. Ficava numa esquina parado como se estivesse trocando olhares com alguma pretendente. E se alguém perguntava: – Gonçalo, o que estás fazendo aí? A resposta era completa: – Ora, não está vendo? Estou namorando aquela moça. Ela está mesmo apaixonada por mim. E ao ser perguntado se já havia conversado com ela, aí a lorota era mais forte: – Ora... é só o pai dela sair de casa eu encosto todos os dias. Ela é louca por mim, quer que eu “roube ela”. E já combinei mesmo roubá-la no fim do mês. Essa sua mania rendeu-lhe centenas de surras boas, bofetões e pancadas, mas Gonçalo não se corrigia, apanhava numa esquina e ia pra outra “namorar” de novo... e de novo apanhar.

Paulo Lira (1903-1979), o pianista de Natal

Filho de Joca Lira, famoso alfaiate de Natal no início do século XX, estudou música desde garoto, se especializando no violino e no piano. Aprimorou-se ainda mais tecnicamente quando estudou música na França.

Ainda menino começou a tocar piano no cinema Polytheama, às vezes adormecia no piano. Posteriormente também foi atração no Royal Cinema, isso tudo entre os anos de 1917 e 1935, auge do cinema mudo.

Paulo Lira tocou no Grande Hotel já nos anos 1940, época da criação da REN (Rádio Educadora de Natal) que foi concebida para divulgar a linha antinazista em tempos de Guerra. A REN se transformou posteriormente na Rádio Poti.

Boêmio, curtidor da noite, e também funcionário dos Correios e Telégrafos em Natal, Lira vivia em atrito com o sisudo, então diretor da ECT, José Anselmo.

Paulo Lira foi pianista dos Cabarés de Maria Boa e Alaíde.

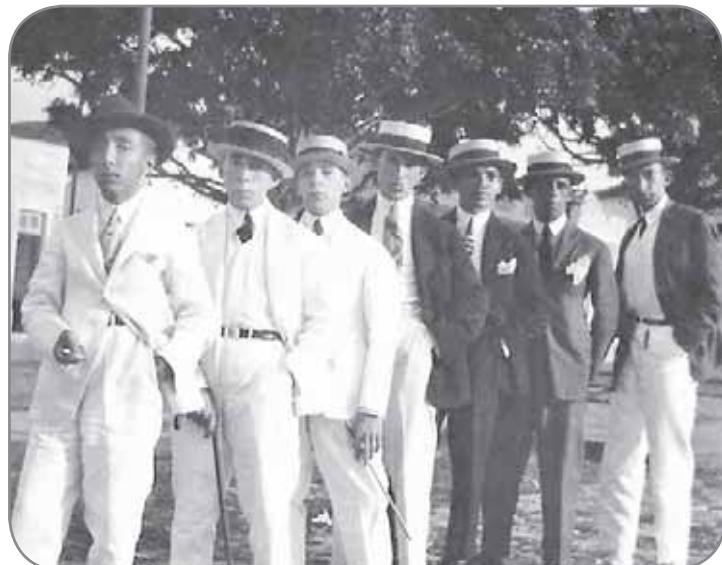
Certa vez Lira foi acompanhar José Anselmo até o aeroporto Augusto Severo para receber um cidadão francês que chegara a Natal

para uma visita ao Correio. Lira falava muito bem francês e Anselmo conhecedor do sentimento poético dos franceses, pediu ao mesmo que levasse o francês para ver o crepúsculo no Passo da Pátria nas margens do Rio Potengi. Lira, em vez de falar de crepúsculo e Passo da pátria, falou em francês convidando o visitante para conhecer as delícias do Cabaré de Maria Boa recentemente inaugurado. O francês se esbaldou a noite toda, bebeu, cantou músicas de Edith Piaf e namorou à vontade com as meninas.

No dia seguinte, José Anselmo perguntou “Como é Lira, o francês gostou do crepúsculo?” e Lira respondeu “Ele adorou, olhe como ele está com o semblante alegre”.

No dia em que Paulo Lira morreu, o ex-deputado Theodorico Bezerra gestor do Grande Hotel lacrou o piano que ele tocava.

Em 1974, Paulo Lira, na época residindo no Rio de Janeiro, escreveu para o jornal “A República” o texto que transcrevemos a seguir:



16

Paulo Lira (2º), Ângelo
Pessoa (5º), João
Sizenando (6º) e
outros na Praça 7 de
Setembro, 1926

Recordando a minha vida de rapaz (Paulo Lira)

Numa noite de insônia e cansaço (não cansaço por trabalho, porque esse negócio é relativamente pequeno para mim aqui no Rio [...]) eu passei a rememorar dias da minha juventude de rapaz em Natal. Recordei amigos ótimos, namoros, passeios e farras inúmeras. Que noites maravilhosas.

Companheiros de brincadeiras no centro Náutico Potengi, de passeios extravagantes de bicicletas, do circo de “seu” Stringhini, onde Noel Miranda fez um discurso oferecendo um ramalhete de rosas de mungubeiras, tinhorões e outras flores “raras” ao dono do circo e cujo discurso tinha por tema principal recitar um soneto que começava assim: “Sei que sou um sapo, sinto que crio rabo [...]” e “seu” Stringhini protestava “não apoiado!”.

Noutro circo que fomos na Rua do Cajueiro, entramos também no Picadeiro para desafiar o palhaço e criticar os acrobatas. O final foi meio ruim: fomos cercados pelos artistas armados de pau e ia se dando uma confusão danada [...] felizmente saímos sãos e salvos.

Sobre passeio na Rua Tamarineira onde João Sizenando encontrou uma senhora debaixo da pitombeira e assombrou-se pensando que era uma alma [...]

De outra feita, saímos a bater nas portas alheias. Um sujeito na Rua da Conceição saiu de revólver em punho para amedrontar a turma. Corremos em louca disparada. Numa construção na mesma rua, Alberto Nesi ficou com o paletó encalhado nos andaimes e gritou “me solta! não fui eu!”.

Daquele grupo fazia parte (denuncio agora): João Sizenando Filho, Ângelo Pessoa, Alberto Nesi, Olavo Gluck, Eider Gomes Ribeiro, Carlos Bahia, João Bahia, Arthur Veiga, Luiz Lira, Arnaldo Lira e eu. Talvez uns dois mais cujos nomes não recordo. Essa era a turma que todas as noites tinha um

extravagante programa de canalhismo a realizar. Hoje seria a juventude transviada [...]

Todos nós trajávamos impecavelmente calça de flanela bege ou branca, paletó de casimira azul, camisa de palha seda, sapato branco ou de duas cores, muitas vezes encomendado sob medida no Recife. O João Sizenando Filho caprichava nesse particular. Éramos os amigos mais unidos de todos os tempos.

Ah! Os bailes e festas na casa de Jerônimo Moura! Os bailes de seu Ananias, onde ele obrigava as suas filhas a dançar com a gente. Os furtos de cordões da bandeira da Maçonaria “21 de Março”, para nas noites de escuro (sempre faltava luz em Natal), amarrarmos na altura de uns 30 centímetros ligando um muro à parede da venda de Zé da Luz, a fim de que o vendedor de coalhada tropeçasse ao passar com o tabuleiro cheio de copos.

E os jogos de futebol às 4 horas da manhã pelas ruas de Natal, a caminho do Centro Náutico, todos nós em disparada louca atrás da bola [...]

As missas aos domingos na igreja do Bom Jesus com legião de namoradas acompanhando de longe as meninas da Escola Doméstica. O cinema de seu Leal (Royal) com as cadeiras mais duras do mundo onde eu era pianista. Ali o canalhismo era o maior do mundo, sendo comandado por Zé Herônio, jogando bombas “tranavalianas” na tela!

Assim foi a minha vida de rapaz, tocando piano e me divertindo em inocentes farras!

Mas, tudo passou, hoje todos estão casados, com filhos e netos (eu só tenho nove até aqui) o resto anda por aí ainda vivo, relembrando como eu, nas noites de insônia e as delícias da nossa vida maravilhosa de rapaz.

Transcrito do jornal “A República”,
edição de 17 de setembro de 1974.

O Natal Club



17

Natal Club, esquina da Avenida Rio Branco com Ulisses Caldas, em frente à atual Praça Kennedy, ponto de encontro da elite natalense, nos anos 1920 a 1940. A bandeira hasteada indicava o baile comemorativo ao aniversário do Centro Náutico Potengi

Os bailes do Natal Club correspondiam ao ápice da elegância, bom humor e originalidade da elite natalense dos anos 1920 até 1940. Anualmente era organizado o Natal dos filhos sócios e uma grande árvore natalina era colocada no meio do vasto salão. A distribuição de brinquedos era generosa. Também eram organizados piqueniques com sócios e filhos, em um deles todos foram de trem até o Engenho Cajupiranga, um sucesso.

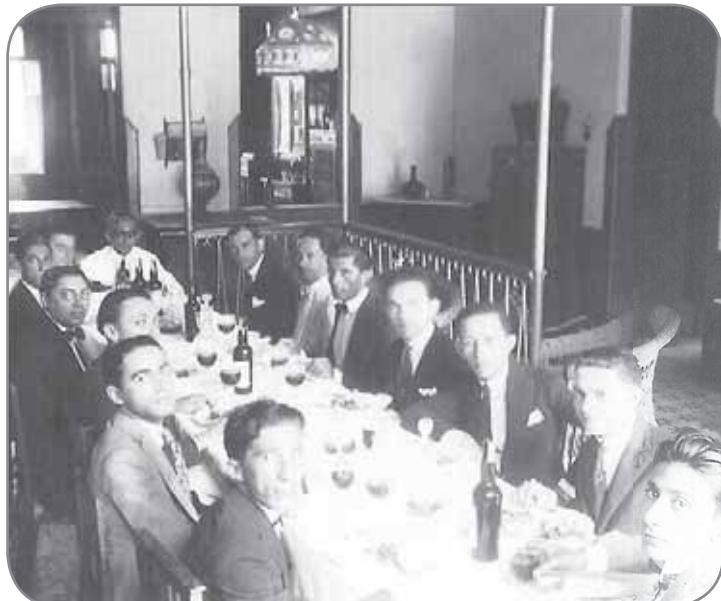
O mais animado mesmo no Natal Club eram os bailes e as programações carnavalescas, todos os sócios fantasiados saíam em um bonde enfeitado e com a melhor orquestra do estado. Durante os “assaltos” (paradas estratégicas para invadir as casas dos amigos) eram oferecidos verdadeiros banquetes.

Pedro Bilro, destacado boêmio da cidade, era presença garantida em todas as festas. Meu avô João Sizenando Pinheiro também era

sócio e assíduo frequentador, outros nomes atuantes na agremiação eram: José Mariano Pinto (presidente do clube vários anos) Alexandre Reis, Mário Lira, Núnzio Gianatazio, Antônio Nesi e Miguel Barra.

Em função da grande atração dos eventos e da sua localização no coração da cidade, o clube era alvo preferido de “penetras” que tentavam a todo custo participar das festas, mesmo não sendo sócios. Nesse aspecto o então diretor social Júlio de Melo Resende era extremamente rigoroso e inflexível, chegando a barrar o então de Capitão dos Portos fardado e família porque o mesmo esquecera de levar a carteira de sócio.

Da esquina do Natal Club, partiram, em 14 de janeiro de 1923, em *raid* pedestre para o Rio de Janeiro e São Paulo, os escoteiros José Pessoa, Humberto Lustosa Câmara, Henrique Borges, Aguinaldo Vasconcelos e Antônio da Silva. Eles chegaram no Rio de Janeiro em 2 de agosto de 1923 e em São Paulo em 2 de setembro de 1923.



18

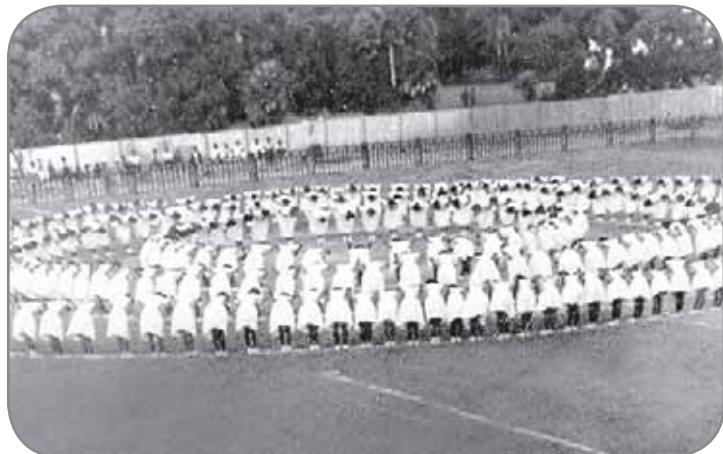
Manoel Borges, João Sizenando Filho e Ângelo Pessoa
almoçando com amigos
no Natal Club, 1923

Inauguração do Estádio Juvenal Lamartine

A prática, com alguma organização, do futebol em Natal começou em 1910. Os campos eram chamados *grounds* e se localizavam nas principais praças da cidade: André de Albuquerque, Pio X e Pedro Velho. Os campos não eram gramados contínuos, a denominação “futebol de poeira” caracterizava bem as condições da prática desse esporte na época. Em 1910 foram fundados os primeiros times: Natal Football, Potiguar Football e Atheneu Football Club. Todos eram times de elite. Só em 1915 seriam fundados o ABC e América. Segundo o jornalista Everaldo Lopes, o governador Juvenal Lamartine foi convidado em fevereiro de 1928 para dar o “pontapé inicial” de uma partida na Praça Pedro Velho e ficou penalizado com a pobreza das instalações do campo. Daí surgiu a decisão de construir um estádio. A área que viria se transformar no estádio Juvenal Lamartine pertencia a Romualdo Galvão e foi descoberta como adequada para prática do futebol através de informações de “pegadores de passarinhos”. A posterior persistência do desportista Vicente Farache junto a Galvão possibilitou que o ABC assumisse o campo e daí foi feita a entrega do mesmo à Liga Norte-rio-grandense de Desportos para que “grandes encontros pebolísticos” pudessem acontecer. O Estádio Juvenal Lamartine foi inaugurado em setembro de 1928. Na solenidade de inauguração a elite natalense compareceu em peso. Os homens com chapéus de palhinha e as mulheres com vestidos longos e chapéus com grandes abas.

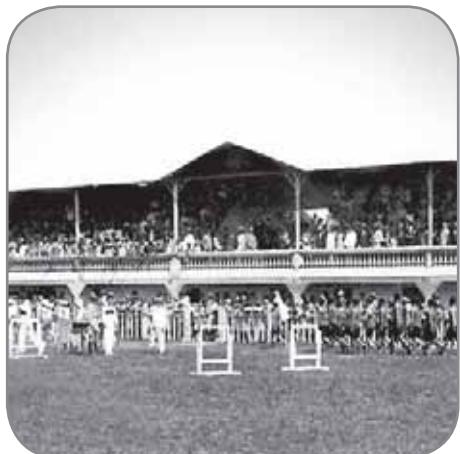
Ocorreu uma coreografia feita por estudantes e depois o jogo de futebol entre ABC x Cabo Branco (time de João Pessoa). O ABC ganhou 5x2 e Deão atacante do alvinegro fez o primeiro gol no J. L.

19 (a)



19 (b)

Estudantes desfilam na
inauguração do Estádio
Juvenal Lamartine



Memória fotográfica do início do século XX



20

Avenida Deodoro
da Fonseca, 1917



21

Bairro de Santos Reis,
1918 (Acervo de José
Estácio de Aquino Filho)

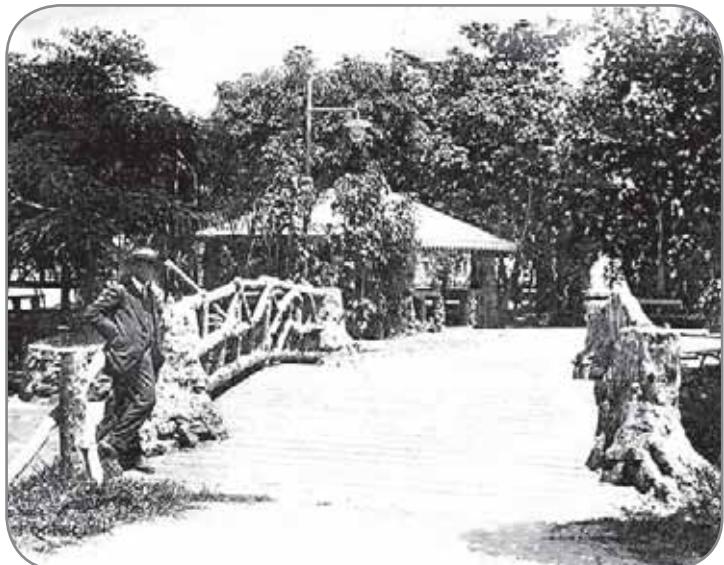
22

Jardim público na Praça

Augusto Severo, 1919

(Acervo de José Estácio

de Aquino Filho)



23

Inauguração do 1º

sinal na Cidade Alta e

início das atividades do

Batalhão de Trânsito

(Ano não confirmado)



40

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



24

Vista aérea de parte da cidade em 1939



25

Automóveis em frente à igreja matriz, 1939



26

Banhistas no Rio Potengi, 1924

27

João Sizenando Filho
(sentado no centro),
João Alves de Melo
(primeiro em pé à
esquerda) e colegas do
Centro Náutico na Ponte
de Igapó, Natal 1922



28

Homem conversa com
motorista de carro
parado no cruzamento
da Avenida Rio Branco
com a João Pessoa.
Natal 1943



42

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



29

População se deslocando após
evento no Cais da Praticagem



30

Meninas na Praia de Areia Preta, 1929



31 (a)



31 (b)

Local da Praça Padre
João Maria em 1916 e
em 1935. Diferença na
arborização. (Segunda
foto do acervo de Maria
do Carmo Moura Sidrim)

32

Avenida Rio Branco
em 1928



33

Jovens natalenses
aguardando o
início da Procissão,
Cidade Alta, 1923



44

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



34

Praia de
Areia Preta em 1930



35

Carros estacionados na
Avenida Tavares de Lira,
Ribeira, 1939

36

Plateia assistindo evento
no Teatro Carlos Gomes,
atual Teatro Alberto
Maranhão, 1927,
foto do acervo da
família Pinheiro



Inauguração do Cais do Porto de Natal em 1934

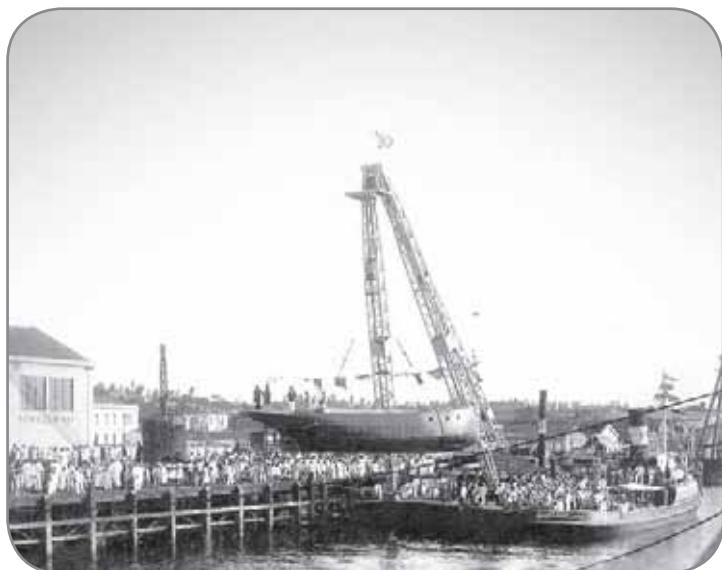
O projeto do Cais do Porto de Natal foi aprovado em 14/12/1922, mas só dez anos depois foi autorizado o início da obra pelo governo Getúlio Vargas. A obra foi coordenada pelo engenheiro Hildebrando de Góis.

37 (a)

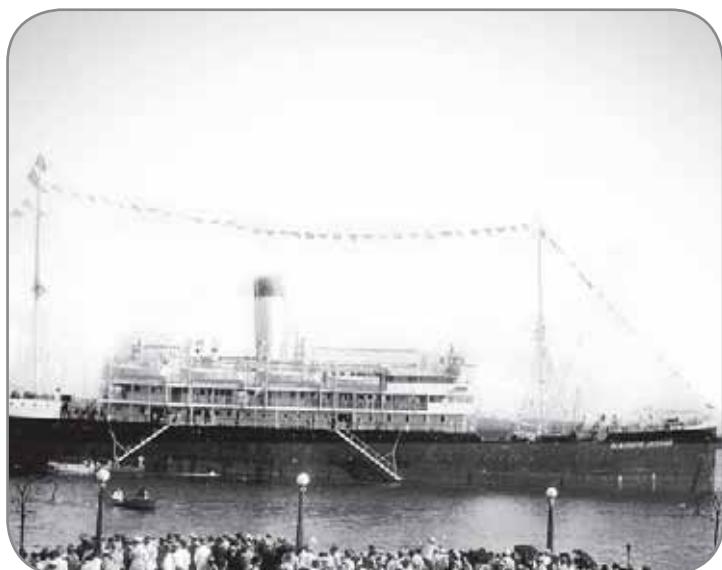


46

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



37 (b)

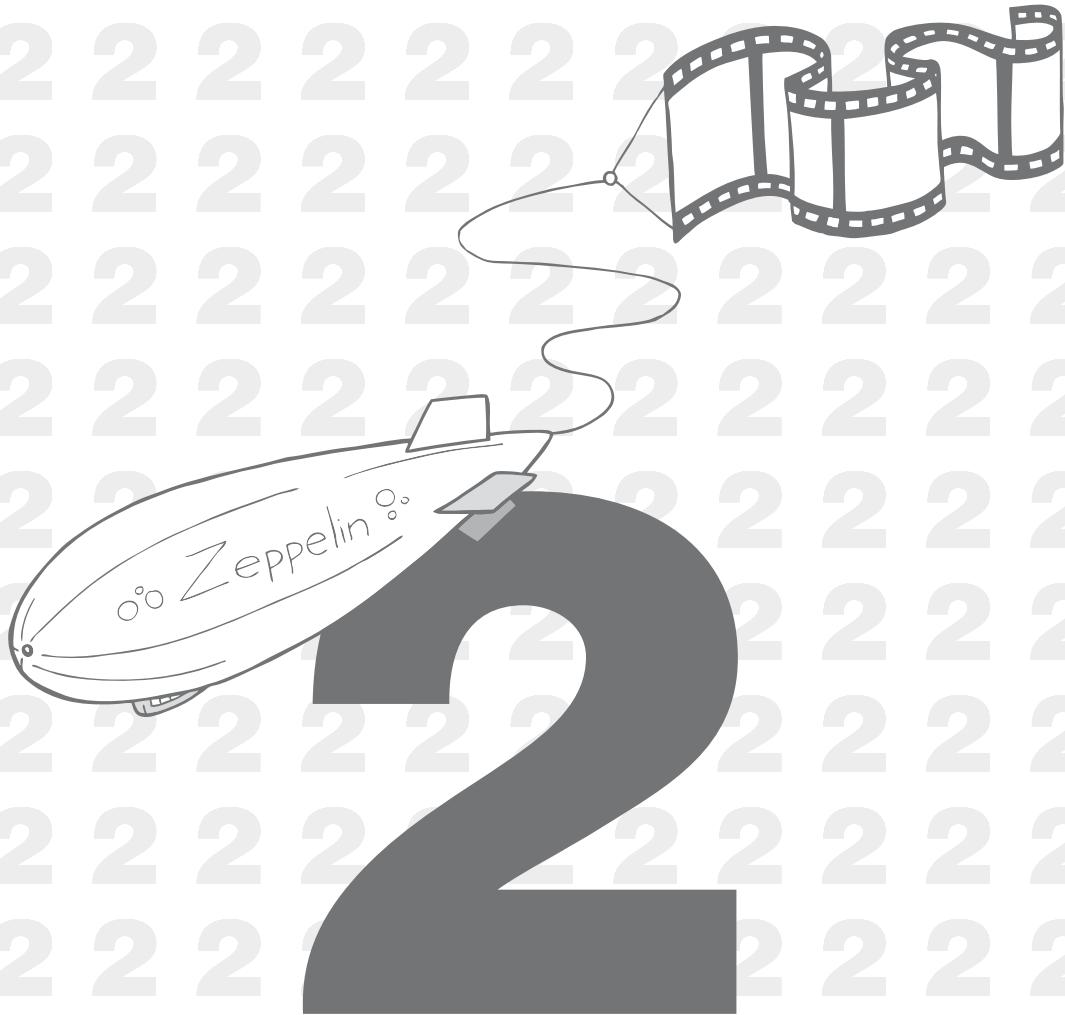


37 (c)

Navio Almirante
Jacevaux na solenidade
de inauguração do Cais

Natal dos **voos transatlânticos** **e dos primeiros** **cinemas**

» Cinema em Natal: primeiras exibições	51
» Filme Pornô nos anos 1950 em Natal	63
» Natal e os pioneiros de voos transatlânticos	65
» Remo: atração esportiva em natal dos anos 1920 a 1930	75
» <i>Raid</i> Natal-Rio de Janeiro	81
» Surgimento e evolução da telefonia em Natal	85
» Carnaval antigo e “Sopas”	89
» Saneamento na cidade do Natal	95



Cinema em Natal

Primeiras exibições

Ocina deu seus primeiros passos na França quando – em 1895 – os irmãos Lumière patentearam um dispositivo chamado cinematógrafo (pequena evolução do cinetoscópio de Thomas Edson) que exibia imagens em movimento.

De acordo com o pesquisador e escritor Anchieta Fernandes, na noite do sábado, 16 de abril de 1898, Nicolau Maria Parente exibiu, pela primeira vez em Natal, filmes através de um cinematógrafo lumiériano trazido de Fortaleza. O local da exibição foi a Rua Chile, na Ribeira (então chamada Rua do Comércio), com as cenas projetadas numa parede interna de um depósito de açúcar.

Comenta-se que as primeiras 20 pessoas que chegaram para conhecer a novidade, colocaram as cadeiras de frente para o cinematógrafo e de costas para a parede branca onde iria ser feita a projeção e lá ficaram estáticas e silenciosas esperando o começo do espetáculo. Nicolau Parente teve dificuldades iniciais para convencê-los a inverter o posicionamento. Mas o impacto maior ocorreu com o surgimento das imagens em movimento: na exibição da fita “Chegada de um Trem na Estação” (*L'Arrivée d'un train em gare de la Ciotat*), algumas pessoas se levantaram e fugiram com medo de serem esmagadas pela locomotiva que chegava.

O cinematógrafo embora com acionamento ainda à manivela, já era uma evolução dos primeiros inventos de aplicação da eletricidade feitos por Thomas Edson: um aparelho híbrido, associando as funções de máquina de filmar, de revelação de película e de projeção.



38 Cinematógrafo-Lumière (1895)



39 Filme "A Chegada de um Trem na Estação"

Apesar do sucesso inicial impactante, os primeiros filmes eram extremamente simples: dançarinas, animais amestrados, homens trabalhando. Aos poucos as produções foram ganhando uma forma mais bem elaborada.

"A República" de 19 de abril de 1898 dava destaque ao evento e registrava "a grande aplicação da eletricidade devida ao gênio Thomas Edson", e detalhava as cenas exibidas nos filmes: "Banhos da Alvorada", "O Panorama de Veneza", "O Casamento do Príncipe de Nápoles", "A Comida aos Pombos" e "A Chegada do Trem".

Entre 1900 e 1909 as exibições de filmes em Natal eram raras e em locais improvisados. A partir de 1909, entretanto, o Teatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão) passou a ter sessões com alguma

regularidade. Este era também chamado de “Cinema Natal” e se caracterizou por exibir também *films* em sessões infantis. A máquina de projeção (cinematógrafo) chegou a Natal – vinda do Rio de Janeiro – em um dos navios do Loyd Brasileiro.

No dia 13 de outubro de 1928, ocorreu substituição do “cinematógrafo falante” por equipamento projetor mais moderno e o local passou a ser chamado Cine-Theatro Carlos Gomes. A inauguração do empreendimento, segundo anúncio do jornal, ocorreu às 7h30 em ponto, com exibição do filme, “O Homem de Aço”. Os ingressos custavam: poltrona 2\$000 (dois mil réis), galeria 1\$500 (hum mil e quinhentos réis) e geral 1\$000 (hum mil réis). Havia dias de sessão grátis. Como era de praxe nos cinemas de então, a sessão iniciava com o som de gongos. Enquanto a cortina lentamente se abria, ouvia-se pelos auto-falantes a abertura da ópera “O Guarani”. Então, começava a projeção.

Os ingressos eram considerados muito caros por parte da população, dessa forma os frequentadores eram tipicamente da elite da cidade. Os frequentadores do Cinema Natal e depois do Polytheama se vestiam muito bem para assistir filmes. Nos anos 1920, os rapazes iam de jaquetão, as moças usavam vestidos claros, indo até um pouco abaixo dos joelhos e sapatos com salto alto, além de se apresentar com os cabelos cortados à moda da atriz Luigi Rognoni.

Polytheama e Royal Cinema

O Polytheama foi o primeiro cinema de fato da cidade, inaugurado em 1911. Ficava na Praça Augusto Severo, Ribeira, além da exibição de filmes, tinha um palco para as pequenas troupes, mágicas, palestras, shows de variedades, etc. Ao lado da plateia ficava um bar/lanchonete com mesinhas num terraço ao ar livre, onde meu pai e os amigos se deliciavam com os sorvetes de cajá, mangaba e graviola. Aliás, deve-se registrar que a primeira geladeira industrial da cidade foi a do Polytheama. Foi lá que se produziram os primeiros “polis”, ou seja, o

verdadeiro precursor do “picolé”. Durante muitos anos os natalenses usavam a denominação “poli” em vez de “picolé”. Convém destacar que a Escola Doméstica de Natal funcionava próxima ao Polytheama, o que facilitava a presença feminina nas exibições.



40

Cinema Polytheama
(lado direito da
foto) na Ribeira,
próximo à Estação
Ferroviária, 1924

A definição do nome do primeiro cinema de Natal foi feita a partir de um concurso onde a população concorria a prêmios, mandando suas sugestões em recortes do jornal “A República”. Vários nomes curiosos surgiram como: “Canteiro de Risos”, “Cine Democrata”, “Casa Elétrica”, “Palácio dos Prazeres”, “O Papa-Gerimum” e “Cinema Chaleira”. O ganhador do concurso teve direito a assistir gratuitamente as sessões do Polytheama durante um mês. Como a época era do cinema mudo, as exibições eram acompanhadas por músicas executadas ao piano.

Maurílio Lira foi o primeiro pianista do cinema mudo em Natal, sendo depois substituído pelo irmão Paulo Lira.

Outro cinema que surgiu pouco tempo depois foi o Royal Cinema, o qual foi inaugurado no dia 13 de outubro de 1913, na Rua Ulisses Caldas esquina com a Vigário Bartolomeu, próximo à prefeitura (onde funciona hoje a Procuradoria do município).

O Royal deu nome à célebre valsa do musicista e maestro potiguar Tonheca Dantas, passando a ser o preferido da sociedade, pois tinha um bom e amplo salão de projeção, com poltronas relativamente confortáveis para o padrão da época, havia uma fila de camarotes ao alto, junto ao palco o clássico piano e a sala de espera com cadeiras e espelho. Segundo papai, os filmes eram variados, mas destacava alguns dos anos 1930 e 1940 que foram inesquecíveis para a população: as comédias com os irmãos Max; Harold Loid; os *westerns* com Tom Mix, especialmente “O Grande Roubo do Trem”; “O Cavalo de Ferro” (*Iron Horse*), de John Ford; as aventuras com Edie Pólo; os policiais como “Os Mistérios de Paris”, “Luva Vermelha”, “Nas Garras do Leão”, “A Sedução do Circo” e “A Mulher Enigma”, com a atriz brasileira Lia Torá. Havia ainda os dramas como “Beijos que se Vendem”, com a polonesa Pola Negri, “Sangue e Areia”, com Rodolfo Valentino (o *latin lover* preferido das natalenses) e “Poliana” com Mary Pickford. Tudo isso sem falar na aclamada atriz italiana Francesca Bertini.

A belíssima atriz americana Louise Brooks (Lou Lou) com espírito independente e corte de cabelo diferente, causou grande impacto e influência também no público feminino, especialmente no filme alemão “A Caixa de Pandora” (*Pandora's Box*) com primeiras cenas inspirando o lesbianismo.

A atriz com nome original Theodosia Goodman foi divulgada artisticamente como Theda Bara (anagrama de “morte árabe”) e estourou como primeira “mulher vamp” ou primeira “femme fatale” do cinema, o sucesso também chegou aos cinemas de Natal nos filmes “Cleópatra”, “A Filha do Diabo” (*The devil's daughter*) e “Eu era uma Tola” (*A fool there was*). Ela foi responsável pelo sucesso mundial da Fox anos 1930.



41

Theda Bara, primeira “femme fatale” do cinema



42

Theda Bara, como Cleópatra

Havia uma particularidade muito curiosa no Royal Cinema, a sessão única às 19 horas só era iniciada quando Dona Ana Maria (Donana), esposa do coronel Francisco Cascudo (pai de Cascudinho) chegava toda perfumada, no seu carro preto marca Page guiado por motorista, rodeada de almofadas e amparada por damas de companhia. Quando dona Ana demorava um pouco, o Senhor Leal, arrendatário do cinema, ficava nervoso indo e vindo da calçada à sala de espera, alisando os fartos bigodes. Assim que o automóvel estacionava, o funcionário Jorge Ribeiro Dantas “Palito” saía da portaria para abrir a porta do carro e Otávio Pinto se apressava para pedir a bênção à madrinha. O público não reclamava pela demora, dona Ana era simpática e generosa e o coronel Francisco Cascudo era o homem mais rico de Natal. Explicado.

Jorge Palito era muito popular entre os frequentadores, além de porteiro, ele era o cartazista (encarregado de pintar os cartazes) e escreveu as memórias do cinema no livro “O Royal e sua História” que tem previsão de relançamento pela editora Sebo Vermelho. Outro porteiro do cinema Royal foi Chiquinho.

Com o cinema mudo, a trilha sonora no Royal era conduzida por um pequeno grupo musical com base principal no piano. O cinema falado só chegou a Natal depois de 1930.

Quando começava a sessão, Dona Generosa Pinheiro ia tocando o piano para acompanhar toda a duração do filme. Ela tinha que escolher as músicas adequadas ao ritmo da película. Certa noite Dona Generosa sentiu-se mal na hora do início do filme e o Sr. Leal teve que forçar um funcionário para “quebrar o galho” no piano. O referido estava iniciando na prática musical e o repertório dele era muito restrito. O filme era o drama choroso “Paixão de Cristo” e o desatento insistia em tocar a única música que sabia: “corta jaca” um maxixe alegre composto por Chiquinha Gonzaga. Terminada a sessão recebeu severa repreensão do cônego Estevão Dantas que lá estava presente.

O Royal pertencia à firma Paiva & Irmão e era administrado por Petronilo de Paiva. Já havia naquela época a proibição de fumar com avisos nas paredes, mas os fumantes não respeitavam as determinações.

No auge do Royal, o cinema chegou a contar com uma orquestra de bom nível: ao piano o maestro Paulo Lira (filho do alfaiate Joca Lira), Augusto Coelho (violino), João Moraes (clarinete), Manoel Petit (flauta) e Calazans Carneiro (contrabaixo). Meu pai dizia que só a música já pagava o ingresso.

As sessões vespertinas do domingo eram sempre cheias e os filmes raramente eram reprisados. Nessas sessões a algazarra era enorme comandada por José Herônio, Jessé Café e Otávio Pinto.

Em 1918 eram muito poucos os automóveis na cidade e todos sabiam quais eram: dos médicos Januário Cicco, Varela Santiago e mais: Aureliano Medeiros, Farache e Toselli além do próprio Cascudo pai.

O Cinema Polytheama apresentava inicialmente três sessões diárias 18h30, 19h30 e 20h30. A duração de cada filme era menos de uma hora. O cinema tinha uma boa estrutura: um imenso salão de bilhar, grande sala de espera pintada a óleo. Havia uma área livre no seu interior, que muito arejava a sala de projeção.

As melhores alfaiatarias estavam próximas ao Polytheama: a de Joca Lira, de Pelino Matos e de Chico Noronha.

Em determinada época houve uma divergência entre os dois sócios e Alberto Leal separou-se de Américo Gentile, construindo o Cinema Rio Branco na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Auta de Souza n. 461, que teve duração curta, pois os antigos sócios fizeram as pazes.

Outros filmes que fizeram grande sucesso e provocaram filas intermináveis no Polytheama e no Royal: “Escravos de Volga” (Maria Maris), “O Calouro” (Harold Lloyd), “Os Miseráveis” (em capítulos, projetados ao longo da semana), “Os Três Mosqueteiros”, “Tarzan, o Poderoso” (Com Frank Merrill), “Rose Marie”, “O Pirata do Rio Hudson”, “O Ladrão de Bagdá” e “O Combate” com o cowboy Tom Mix.

Os primeiros filmes com som tinham apenas uma trilha musical. Os atores e atrizes ainda não falavam, como, por exemplo, em “Don Juan” produzido em 1926.

Com o surgimento do cinema falado, alguns atores de sucesso no cinema mudo não se adaptaram em função de terem vozes estridentes, foi o caso de Frank Merrill – o Tarzan – que foi substituído por Buster Crabbe (que também fazia o papel de Flash Gordon).

No dia 8 de maio de 1930, “A República” noticiava o sucesso em “soirée elegante”: “Projetou-se o filme ‘Volga, Volga’, (em 14 atos) a maior superprodução que já veio ao Brasil”. Drama passado na Rússia no período revolucionário. Este filme é cantado, musicado, dançado

e sincronizado com a mais seleta coleção de músicas europeias, por uma Electrola Victor, a mais reputada do mercado. O aparelho sonoro veio do Recife, especialmente para o evento. Reproduzia discos cujos diálogos e músicas coincidiam com o que se via na tela”.



43 (a)



43 (b)

Cine Polytheama na Ribeira, 1917



44 (a) Royal Cinema na Cidade Alta, 1920



44 (b) Buster Keaton “o homem que nunca ri”, comediante do cinema mudo, grande rival de Chaplin



45 (a)



45 (b)

Mary Pickford, atriz querida dos natalenses nos anos 1930

Mary Pickford era a bonita e grande atriz canadense conhecida como “America’s Sweetheart” e foi a estrela principal dos primeiros filmes gerados em Hollywood. Lia Torá era uma atriz brasileira que teve sucesso meteórico em melodramas de Hollywood nos anos de

1928 e 1929. Em 1933 ocorreu uma confusão no Cinema Polytheama culminando com a agressão do Capitão Everardo Vasconcelos ao político João Café Filho que posteriormente seria presidente da República. O incidente teve grande repercussão na cidade.

O Cinema São Pedro na Rua Amaro Barreto, Alecrim, foi inaugurado em 1930. No ano seguinte lá foi exibido o primeiro filme falado na cidade “General Crack”. O filme austriaco “Êxtase”, exibido em 1936 em Natal, foi a primeira produção erótica do cinema, com exibição da nudez da bela atriz Hedy Lamarr. Ainda em 1936 surgiu o Rex, em 1946 o Cine São Luiz, em 1949 o Rio Grande e, em 1958, o Nordeste.



46

“Os Últimos Dias de Pompeia” em exibição no Cine São Pedro, Alecrim, 1931



47

Na foto ao lado (extraída do site da Associação Nacional de História) (acervo de Nazinha Saboya), tirada em 1924 na Praça André de Albuquerque, os jovens estão vestidos a caráter para assistir a sessão de domingo do Royal Cinema

Todas as moças estudantes de um internato estão de vestidos claros, à altura dos joelhos, usando meias e sapatos de salto. Os penteados correspondem ao modelo predominante na época, inspirado na atriz Louise Brooks, rompendo com o padrão de cabelos compridos até a cintura, segundo a imagem de Maria, mãe de Jesus.

48

Belíssima atriz Louise Brooks – ícone da 20th Century Fox (filmes entre 1925 e 1938) – comportamento independente e o corte de cabelo que mudou o padrão das jovens natalenses



49

Cinema São Luís, atualmente Banco do Brasil do Alecrim, nessa calçada Rejane Medeiros vendia cocadas



62

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Filme Pornô nos anos 1950 em Natal

Veneno Lento

Até os anos 1950, os cinemas de Natal só exibiam filmes tradicionais de aventura, drama e comédia. Já em tempos de JK, as novidades eram as chanchadas brasileiras da Atlântida com Oscarito, Grande Otelo, Renata Fronzi, Anselmo Duarte, Cyl Farney, Derci Gonçalves e Zé Trindade (“O Massagista de Madame”) que arrancavam gargalhadas e atraíam bom público.

Em 1952, de repente, surgiu algo diferente e bem mais apimentado na província: o Rio Grande anunciou um filme diferenciado em sessão única e especial às 22 horas, exclusivamente para o público masculino. O filme prometia ser tão “quente” que o cartaz não mostrava fotos, apenas o título “Veneno Lento” e a censura: “21 anos”. Até então não havia notícia de censura tão alta por aqui.

Não precisou fazer propaganda alguma, de boca em boca a notícia foi se propagando, desde as Rocas até a “corrente”, todos os homens de Natal tomaram conhecimento da novidade.

João Sizenando juntou-se aos amigos João Peixoto e Miguel Coelho (este pai de Miguel Ângelo, ex-técnico da seleção brasileira olímpica feminina de basquete), e foram finalmente assistir a fita.

Peixoto era uma pessoa alegre, mas de pavio curto, bastava desconfiar que alguém o estivesse provocando para partir pra briga.

Uma multidão impressionante já os aguardava em frente ao Rio Grande. Era “macho demais” se acotovelando nas filas – que filas? – em busca de um ingresso, muita confusão. No empurra-empurra, os três se separaram. Algum tempo depois, Sizenando viu por entre cabeças, ombros e solavancos, lá na frente quando João Peixoto, já sem camisa, conseguiu entrar no cinema. Não sem antes acertar um murro no queixo de um desconhecido que tentara bater-lhe a carteira. A dentadura voou e foi pisoteada pela multidão.

Lá dentro, o filme já tinha começado e qualquer semelhança entre os personagens do filme com pessoas ilustres da sociedade natalense, não passava despercebido:

– Olha aí fulano, tua mãe!

No meio de tudo isso, os lanterninhas no escuro, tentavam identificar e expulsar, naquela confusão, as pessoas que soltavam camisinhas cheias de ar. O cinema estava muito melhor que o filme!

De volta para casa eles encontraram o desolado Miguel que não conseguiu entrar nem vender o ingresso que tinha na mão.

Outra ocasião em que o Rio Grande acolheu superlotação foi em Programa de auditório em 1954 quando a Miss Brasil Marta Rocha desfilou e ninguém se importou com algumas polegadas a mais.

Natal e os pioneiros de voos transatlânticos

Voar, voar/subir, subir/ir por onde for/
descer até o sol cair/ou mudar de cor/
anjos de gás/asas de ilusão/
e um sonho audaz/feito um balão.

(Sonho de Icaro – Byafra – Pisca & Cláudio Rabello)

Nos anos 1920 e 1930, além das competições de remo e dos passeios de barco para piqueniques, outra grande atração no Rio Potengi era a constante presença de hidroaviões que frequentemente surgiam oriundos da Europa e dos Estados Unidos. O primeiro deles, em 1922 (início da aviação em Natal), foi o “Sampaio Correia II” pilotado pelo famoso piloto cearense Euclides Pinto Martins que deu o nome ao Aeroporto de Fortaleza. Martins havia partido de Nova York, juntamente com o americano Walter Hinton e o destino final era o Rio de Janeiro. Ocorreram paradas intermediárias na América Central, na Guiana Francesa, em Belém, São Luís e Aracati.

O jornal americano *The New York World* patrocinava a aventura do herói cearense, incluindo um jornalista (George Bye) e um cinegrafista (John Wishusen) na tripulação. O mecânico Thomas Barisell completava o grupo. Grande massa popular estava presente no cais do porto e curiosos utilizavam barcos para observar de perto o hidroavião. A tripulação visitou o governador Dr. Antonio José de Melo e Souza.

50

População curiosa
para conhecer de perto
o "Sampaio Correia II";
Natal 1922



Em 14 de outubro de 1927 os pilotos franceses Dieudonne Costes e Joseph Lebrix chegaram a Natal após cruzar o Oceano Atlântico em pequeno avião que saiu de Paris. No dia 5 de julho de 1928 os aviadores italianos Ferrari e Carlo Del Petti devido ao mau tempo tiveram que desviar de Natal e pousar nos arredores de Touros após voo de 49 horas a partir de Roma. Esse voo na época bateu recorde mundial de distância sem escala, com 7.163km. Os pilotos passaram 23 dias em Natal enquanto eram feitos consertos no avião. Foram homenageados e receberam títulos de cidadãos natalenses.

O aviador Del Petti faleceu quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro e o Ditador italiano Benito Mussolini mandou uma Coluna Capitolina de mármore com 5,80m apoiada em base de 3m em agradecimento à boa acolhida aos aviadores em Natal. A Coluna se encontra atualmente no pátio do Instituto Histórico do RN.



51

Hidroavião do marquês italiano Francisco Di Pinêdo no Rio Potengi

Os sinos da Catedral de Natal repicaram alegremente para anunciar a próxima chegada do marquês e aviador italiano Francisco Di Pinêdo, que pousou no Rio Potengi numa manhã de fevereiro de 1927. Milhares de pessoas entusiasmadas se deslocaram para recepcionar o herói. Um corso de automóveis comandado pelo prefeito Omar O'Grady conduziu o italiano desde o Cais até a estátua de Augusto Severo. Sob forte calor do meio-dia, as alas jovens jogavam flores e o povo se acotovelava gritando “viva a Itália!”. O comerciante Luiz Morelli e o prefeito O'Grady discursaram. O problema é que Di Pinêdo estava muito cansado devido à penosa travessia e aos problemas no voo que o obrigaram a pousar antes em Fernando de Noronha. Ele decepcionou a população com seu mau humor e foi apenas protocolar nas solenidades.

A partir de 1930 e até 1936, a América do Sul foi inserida nos voos regulares – originados na Europa – do dirigível Graf Zeppelin, atendendo transporte de passageiros, carga e serviço postal.

Em 28 de maio de 1930 num momento importante para a história de Natal, ocorreu a passagem do dirigível Graf Zeppelin LZ-127 por Natal, sobrevoando durante 12 minutos toda a cidade, em especial a orla marítima, o Forte dos Reis Magos e lançando uma coroa de flores

sobre a estátua de Augusto Severo, norte-rio-grandense precursor e mártir da aviação. Na coroa estava escrito “Homenagem da Alemanha ao Brasil na pessoa do seu filho Augusto Severo”.

A primeira grande travessia aérea postal sem escala do Atlântico Sul foi realizada entre São Luis do Senegal e Natal em 13 de maio de 1930. Os pilotos franceses Jean Mermoz, Jean Dabry e Léopold Gimie utilizaram o hidroavião “Comte. De La Vaulx” para realização desse feito em 21 horas e 24 minutos. Foi a concretização dos esforços conjuntos das equipes das linhas *Latécoère* e da *Compagnie Generale Aeropastele* para unir França aos países da América do Sul. Fato registrado em mármore no Aeroporto Internacional Augusto Severo.



52

Dieudonne Costes e
Joseph Lebrix

O francês Jean Mermoz foi quem mais se afeiçoou com a cidade, caindo na simpatia dos seus habitantes. Com porte atlético e visual de galã do cinema, Mermoz costumava jogar tênis no antigo Hangar da empresa *Latécoère* onde hoje funciona a Base Naval. Ele também remava nas águas do Potengi. Posteriormente, Mermoz foi homenageado com o nome de uma rua no Baldo.

Em 1933 Charles Lindemberg aterrissou no Potengi vindo da heroica travessia do Atlântico a partir da África.



53

Graf Zeppelin
sobrevoa a Ribeira em
28 de maio de 1930

Natal também recebeu a aviadora inglesa Amy Johnson Mollison, uma das primeiras mulheres a cruzar o Atlântico em 9 de fevereiro de 1933.

Diversos outros aviadores pioneiros passaram por Natal, isso tudo era motivo de festa na cidade provinciana: o comércio fechava as portas, as ruas eram enfeitadas com bandeirolas, políticos recepcionavam os tripulantes estrangeiros com banda de música e intermináveis discursos.

Nos anos 1930, a capital do RN também foi um dos principais pontos da linha da empresa francesa de transporte Aeropostal na América do Sul. Aqui era feita a baldeação das malas postais entre navios e aviões. Tripulações completas se hospedavam por aqui, convivendo com os natalenses.



54 Jean Mermoz



55 Euclides Pinto Martins



56 Amy Johnson Mollison



57

Avião Sampaio Correia
em 1922, piloto cearense
Euclides Pinto Martins,
pioneerismo

58

Pilotos franceses Dieudonne
Costes e Joseph Lebris
em Natal após cruzarem o
oceano em pequeno avião
que saiu de Paris





59

Governador Juvenal
Lamartine de Faria
e autoridades na
recepção ao piloto
Charles Lindemberg



60 (a)

População observa
hidroavião
Sampaio Correia

60 (b)

Ornamentação de bandeiras e palanque na Avenida Tavares de Lira para recepção aos pioneiros da aviação transatlântica. Ao fundo à esquerda hidroavião no Rio Potengi, 1927



61

Pessoas observam o Zeppelin sobrevoando a Igreja Bom Jesus na Ribeira, 1930



72

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



62

Zeppelin sobrevoando a Cidade Alta (início da Rua Ulisses Caldas), 1930. Foto do acervo de José Estácio de Aquino Filho



63

Público aguardando Parada do dia 7 de Setembro de 1938 (foto do acervo do memorial Câmara Cascudo)

Remo: atração esportiva em Natal dos anos 1920 a 1930

Na década de 1920 a 1930 era grande a quantidade de jovens que praticavam o remo em nossa capital. O Rio Potengi era atração de lazer dos natalenses, superando as praias que eram “muito distantes”. Era comum famílias inteiras ocuparem barcos nas tardes de domingo para passear ou visitar a Redinha, muitos piqueniques eram organizados.

Sobre a primeira regata realizada em Natal, registrou “A República”, de 16/11/1915 – “Todo o Cais, desde o Passo da Pátria até o elegante Pavilhão destinado aos convivas em frente à Praticagem, estava repleto de famílias do qual tomariam parte seis embarcações, todas elas tripuladas por competentes timoneiros e vigorosos mancebos. Os navios ancorados no Porto apitavam freneticamente; ao largo, embarcações da Praticagem do Porto; da Escola de Aprendizes Marinheiros, e uma lancha da Capitania dos Portos que conduzia o Governador, o Capitão do Porto, outras autoridades e alunas da Escola Doméstica de Natal que, ao término de cada páreo, premiavam as guarnições vencedoras com medalhas, ainda no leito do Potengi”.

O esporte náutico praticado na beleza de um Rio Potengi menos poluído teve grande desenvolvimento a partir da fundação do Centro Náutico Potengi e do Sport Clube de Natal. Em dia de regata toda cidade ficava em festa. A rivalidade era grande, assemelhada a um clássico de futebol nos dias atuais. As embarcações alvinegras e

rubro-negras faziam disputas duríssimas com a participação animada das torcidas que se acomodavam principalmente no Cais Tavares de Lira e no Passo da Pátria. O terceiro clube náutico criado em Natal foi o Riachuelo com padrão alviazulino.

64

Iole do Centro Náutico
singrando o Potengi,
final dos anos 1940



Quando um dos clubes adquiria uma nova embarcação havia a cerimônia do batismo do barco (ver foto na sequência). Cada iole recebia um nome, como Nísia Floresta e Potengi.

65

João Alves de Melo e remadores
do Centro na Praia da Limpá



66

Senhoras da sociedade na
cerimônia de batismo de iole no Centro Náutico





67

Remadores do Centro Náutico em 1920:
Nezinho Borges (1º à esquerda), Aníbal Leite Ribeiro (no centro) e João Alves de Melo (à direita)



O grande entusiasta e incentivador do esporte náutico em Natal nos anos 1920 foi o tenente Aníbal Leite Ribeiro. Ele forçou a intensificação de treinamentos, inseriu o Centro Náutico Potengi em vitoriosas competições interestaduais, conseguiu viabilizar apoio financeiro para compra de novos barcos.

Nessa década o Remo entrou no *High Society* potiguar conforme ilustra o convite ao lado de outubro de 1921 para *Soirée-Chic* homenageando o tenente Leite Ribeiro.

Torcedores do Centro
Náutico vestidos a
caráter, de braços
dados, com banda de
música em dia de
regata no Rio Potengi



Em 17 de dezembro de 1921, o jornal denominado “Natal Desportivo” número 15 publicava artigo escrito por Aníbal Leite com o título “Trabalhemos”. O militar e desportista clamava de forma entusiasta os remadores natalenses à intensificação dos treinamentos e empenho visando a participação em uma regata de caráter nacional prevista para o ano seguinte, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da independência do Brasil.

A cidade entrou em festa quando o Centro ganhou competição com equipe de remo do Espírito Santo. Grandes remadores da época foram: Avelino Alves Freire Filho, Artur Veiga, José Barreto, Raimundo das Virgens e o espanhol Antônio Miranda Rey. Ele havia sido expulso do seu país por ser comunista e exercia a atividade de fotógrafo em Natal.



69

Família saindo para
piqueenique no
Rio Potengi, 1922



70

Família vestida a caráter
passeia de barco no
Rio Potengi, tarde de
domingo de 1926

Raid Natal – Rio de Janeiro

Eu não posso ser menor que o meu sonho.
(Ernest Stoff)

Cinco entusiasmados remadores natalenses imaginaram, em 1932, fazer um *raid* a remo. Distância do percurso: 1.700 milhas – construíram o barco em 1937 e passaram 15 anos aguardando permissão para a largada espetacular. Além do ineditismo dessa proeza, o impressionante é que o mais novo dos remadores envolvidos já tinha 39 anos de idade quando iniciou a epopeia. E decorreram 20 anos para a concretização do sonho.

Ricardo da Cruz, veterano do remo natalense, idealizou inicialmente fazer o trecho Natal-Recife em uma iole e partiu com sua equipe de remadores formada por Antonio de Souza Duarte (voga), Aldo Costa Dantas e Jeremias Pinheiro Filho em 28/05/1932. Dois dias depois chegaram a Recife após haverem percorrido 150 milhas. O sucesso da empreitada animou o velho lobo do mar a conceber desafio ainda maior: percorrer 1.700 milhas e chegar ao Rio de Janeiro.

No andamento das providências para viabilizar a epopeia, muitas frustrações, na sequência de uma infindável série de obstáculos. De acordo com a Revista “Século, Atualidade e Cultura”, dezembro de 1997, inicialmente o almirante Aristides dos Guilhen, Ministro da Marinha vetou a empreitada. O argumento era que o risco seria enorme, e reforçou a dificuldade em função da idade avançada de Ricardo da Cruz (47 anos) e Clodoaldo Backer (44 anos). O ministro chegou até a advertir os cinco desportistas de que os mandaria prender no 1º porto se acaso tentassem violar a proibição.

Passados quase 20 anos da primeira aventura, Getúlio Vargas suicidou-se e o potiguar Café Filho assumiu a presidência da República, daí novos apelos e pressão dos aventureiros e dos esportistas nata-lenses. Finalmente a viagem foi autorizada por interferência pessoal do presidente.

Em 30/03/1952, Ricardo da Cruz, já com 62 anos e Clodoaldo Backer com 59 anos, comandaram a saída da frágil embarcação do Centro Náutico Potengi. Antes o prefeito Creso Bezerra entregou uma mensagem que os remadores deveriam levar ao prefeito do Rio de Janeiro.

Ao passarem em frente ao Cais do Porto, dezenas de esportistas e familiares aflitos aplaudiram os corajosos remadores, que conduziam a imagem de Nossa Senhora da Apresentação, a Santa padroeira de Natal. Barcos, canoas e jangadas acompanharam a saída dos aventureiros a partir do Cais da Tavares de Lira.

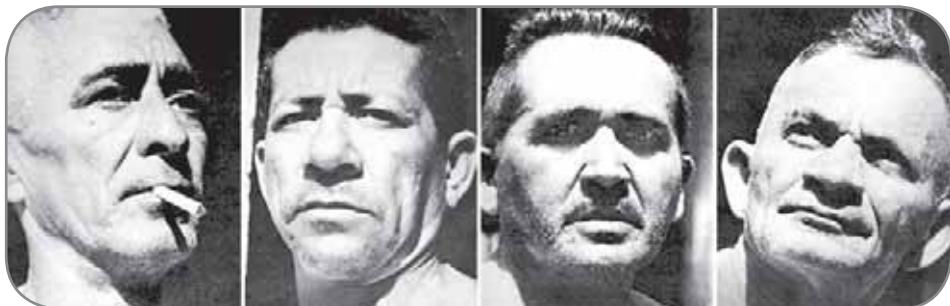
Reportagem publicada na revista “O Cruzeiro”, 10 de maio de 1952, com o título “Velhice Heroica – Remando de Natal ao Rio de Janeiro” deu grande destaque à epopeia dos desportistas...

Após 62 dias de dificuldades no mar, muita chuva e frio, a embarcação enfrentou ondas gigantescas e foi completamente destruída próximo a Mangue Seco em Sergipe. Os remadores perderam a imagem da Santa padroeira e foram salvos por milagre.

A equipe recebeu apoio do governo sergipano e retornou a Natal de ônibus. Mesmo com o acidente, a equipe não desistiu e tratou de construir uma nova iole, mais reforçada, denominada “Rio Grande do Norte II”, ela foi batizada pela madrinha Jandira Café, então a 1^a dama do país.

A iole “Rio Grande do Norte II” foi levada para Aracaju em um Navio Caça Minas e daí até o local do desastre, onde em 05/02/1953 partiu para o Rio de Janeiro escoltada na saída por inúmeras embarcações. Dois remadores da equipe inicial estavam doentes e foram substituídos.

Finalmente a embarcação conseguiu chegar ao Rio de Janeiro e a façanha – aventura sem precedentes na história náutica – foi registrada pela Rádio BBC de Londres. O Presidente Café Filho recebeu os heróis potiguares no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, com toda honra e o feito estimulou uma nova geração de remadores.



71

Heróis do remo do RN e suas idades quando da epopeia: Antonio de S. Duarte (voga) 50 anos, Francisco de Paula Madureira (sota-proa), Clodoaldo Backer (sota-voga) 59 anos e Ricardo da Cruz (“patrão”) 62 anos



72

Heróis potiguares passando ao lado da Ponte da Boa Vista, Recife, 1952

73

Oscar Simões, o caçula
de 39 anos entre
os remadores e as
precárias condições das
mãos e pernas devido
longo tempo ao sol



74

Ricardo da Cruz,
Antônio Duarte e
Clodoaldo Backer
na passagem por
Recife, 1952



75

Presidente Café Filho
recebe equipe
de remadores
no Rio de Janeiro



84

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Surgimento e evolução da telefonia em Natal

Os primeiros telefones em Natal surgiram, conforme Luís da Câmara Cascudo, entre 1908 e 1911. Em 1918 a prestação do serviço era feita pela Empresa paulista Tração Força e Luz (energia elétrica, bondes e telefonia). O gerente era João Batista Vasquez que residia em São Paulo e por aqui aparecia periodicamente. As ligações eram feitas através de um *pool* de telefonistas que trabalhava na sede da Empresa que ficava na Avenida Tavares de Lira na Ribeira.

Luís da Câmara Cascudo em entrevista ao jornal “O Telern”, em 1979, destacava que os natalenses mais ricos faziam o gesto de combinar uma ligação telefônica simulando o giro de uma manivela, típica dos primeiros telefones da cidade. Esse gesto foi posteriormente transformado na simulação da “discagem” entre os anos 1950 e 1970 que antecederam os aparelhos com teclas atuais. Os serviços públicos, de uma maneira geral, eram extremamente inefficientes, se encaminhavam para o colapso total e as reclamações foram se acumulando. Natal chegou a ficar três dias seguidos sem o transporte de bondes. Em 1921 o governador Antônio José de Melo e Souza visando atender o interesse público criou a “Repartição Serviços Urbanos” com a missão de gerir a prestação dos serviços de: bonde, coleta de lixo, produção / conservação / venda de gelo, geração e distribuição de energia elétrica e telefonia. Dessa forma os serviços públicos foram estatizados em Natal.

O primeiro diretor-gerente da Companhia foi o escriturário do Tesouro do estado João Sizenando Pinheiro (meu avô). Eram seus auxiliares: Luiz Lefevre (de nacionalidade belga e responsável pela área de telefonia), Israel Nazareno de Souza, Asclepíades Alves Freire, Samuel Homem de Siqueira, Almir Carvalho, Gil Soares, João Sizenando Pinheiro Filho e Aldo Fernandes de Melo. A Repartição funcionava na Avenida Tavares de Lira na Ribeira, conforme foto abaixo de 1924.

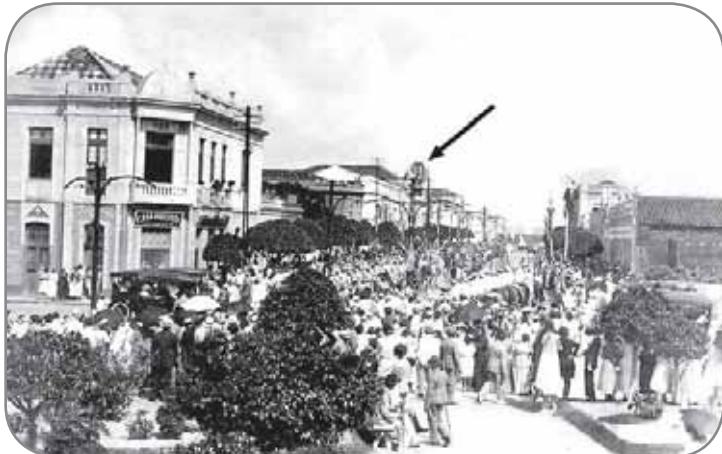
76

Na foto: “1” é a Repartição de Serviços e “2” é a torre de fios da rede telefônica



Ao longo dos anos seguintes ocorreu melhora nos serviços, mas em outubro de 1929 o governador Juvenal Lamartine de Faria, com endosso da Assembleia Legislativa deu passo inverso e autorizou nova privatização de parte dos serviços e foi autorizado a contratar empresa privada para voltar a prestar os serviços de eletricidade e telefonia.

As ligações telefônicas públicas automáticas (sem a participação de telefonistas) só aconteceram em 1942, no início da II Guerra.



77

Torre de distribuição
da rede telefônica
(ver seta) na Avenida
Tavares de Lira, 1928

Em meados dos anos 1950, Léa Rossiter, hoje residente em São Paulo, era telefonista da “Rádio Internacional do Brasil” (Radional) empresa americana encarregada de prestar o serviço de ligações interurbanas em Natal. Ela recorda que o sistema funcionava com apenas um canal e operava em baixa frequência de Rádio, normalmente bastante ruidoso. Efetuar ligações interurbanas era um privilégio restrito praticamente às autoridades estaduais, e como era difícil completar uma ligação! A estação Rádio que possibilitava a transmissão e recepção de sinais a longa distância era depois da corrente – no atual Conjunto Potilândia – e a conexão telefônica era essencialmente para o Rio de Janeiro (capital federal) e demorava horas para se conseguir uma condição apenas razoável de comunicação. O então governador Dinarte Mariz era um dos usuários mais frequentes do serviço, ele solicitava a ligação às 9 horas da manhã e só por volta das 14 horas era avisado por telefone que a conexão estava concretizada. Quando a ligação local não era possível, o garoto Walter Rossiter, *office boy* da Radional, tinha que se deslocar a pé até o palácio para informar da disponibilização do canal. Só então o governador se deslocava do Palácio Potengi para a Radional que funcionava na Ribeira, próximo à Estação Ferroviária, para se comunicar com o Rio de Janeiro. Outro usuário frequente da Radional era o deputado Djalma Marinho. A TELERN, Companhia Telefônica do Rio Grande do Norte só foi criada em 1963

no governo Aluísio Alves e possibilitou os primeiros passos para a integração estadual pelas telecomunicações. Através da Repetidora de Serra de Santana foi possível a execução de ligações interurbanas entre telefones de Natal, Macaíba, Ceará-Mirim, Mossoró, Angicos, Lajes, Caicó, Pau dos Ferros e Currais Novos.

Carnaval antigo e “Sopas”

[...] Oi, abre alas que eu quero passar
Eu sou da lira não posso negar [...].
(Chiquinha Gonzaga)

De acordo com o historiador Gutemberg Costa, em 1907 existiam na cidade dois locais estruturados onde se brincava carnaval: o Teatro Carlos Gomes e o Natal Club. Os grupos carnavalescos que contagiam a juventude eram: “Vassourinhas”, “Aurora Natalense” e “Vasculhadores”. As passeatas dos clubes e corões eram denominadas “Préstitos”. No carnaval antigo de Natal as moças de famílias mais abastardas se fantasiavam de fadas, anjos e usavam roupas esvoaçantes de filó.

O carnaval era na Ribeira, especialmente na Avenida Tavares de Lira e na Rua das Virgens, onde a serpentina, o confete e o lança



78

Corso de automóveis no carnaval da Ribeira, 1934.
Foto do acervo de José Estácio de Aquino Filho

perfume eram abundantes. A animação passava também pela Rua Dr. Barata ao som de bandinhas e a pequena área de concentração dava uma alta densidade de foliões por metro quadrado. Também havia movimentação na Rua da Palha (atual Vigário Bartolomeu), Cidade Alta.

Duas grandes marchinhas caíram no gosto do povo. “Ôi, Abre Asas” de Chiquinha Gonzaga (1899) e “Pelo Telefone” (1917) de autoria do carioca Donga (Ernesto Joaquim Maria dos Santos). Estes são considerados os dois primeiros sambas da história. E os natalenses se esbaldavam na Rua, cantando:

“O chefe da folia / pelo telefone/ manda me avisar/ que com alegria / não se questione / para se brincar / Ai, ai, ai, / fica triste se és capaz e verás.

Tomara que tu apanhes/ pra não tornar a fazer isso/ tirar amores dos outros.

Depois fazer o teu feitiço/ ah se a rolinha/ sinhô, sinhô / se embaraçou/ sinhô sinhô / nunca sambou...”

A partir do início dos anos 1930 passou a haver o corso de automóveis na Avenida Tavares de Lira, onde batalhas de confete e serpentina praticamente cobriam toda a avenida.

Em 1934 o carnaval da Ribeira foi marcado por fortes exageros nas insinuações dos textos dos painéis expostos no corso, atingindo moralmente figuras da sociedade e da política local. Em consequência, ocorreram muitas brigas e tiroteios. Só então, a Prefeitura e a Secretaria de Segurança assumiram a organização e controle do carnaval natalense e tomaram uma série de medidas rígidas para evitar excessos. Uma dessas medidas foi a mudança do carnaval para o centro da cidade, a partir de 1936, com a disponibilização de uma área maior e com melhor condição de controle.

No dia do estudante o transporte de bonde era gratuito e os jovens aproveitavam o dia todo para passear pela cidade. Nesses dias havia retretas nas Praças André de Albuquerque e Pedro Velho.

A Confeitoria Delícia era um dos pontos de encontro da mocidade, a Sorveteria Eldorado e a coalhada ou caldo de cana do Majestic, na Cidade Alta, também eram atrações.

Em 1922, Francisco das Chagas Andrade havia voltado a morar em Natal e montado um hotel na Rua Frei Miguelinho, na Ribeira. Observou que a população de Natal já começava a residir em áreas novas como Alecrim e Tirol, havendo dificuldades de locomoção para a Ribeira por falta de transporte. Sentiu a oportunidade de negócio e decidiu vender o hotel e montar a primeira empresa de ônibus da cidade, os quais eram chamados de “Sopas”. Inicialmente eram viaturas com carrocerias montadas em chassi de caminhão, abertas em ambos os lados com um estribo longitudinal servindo de degrau que facilitava a subida e descida dos passageiros. A Sopa possuía seis bancos transversais, cada um comportando cinco passageiros.

A via principal das Sopas era a Amaro Barreto, que não era calçada, obrigando os coletivos a transitarem serpenteando pelo meio da Rua em busca de melhor passagem. Esta prática aborreceu o padre da igreja São Pedro, que objetivando afastar as viaturas da proximidade da sua calçada, mandou construir uma mureta que obrigou as “Sopas” a passarem a circular pelo outro lado da via.

A empresa de Andrade cresceu rapidamente e ele acrescentou o primeiro ônibus fechado, com apenas uma porta, foi a primeira “Sopa fechada” de Natal. Ele foi dono do primeiro carro com silenciador em Natal, um Buick vermelho, uma grande novidade que atraía a atenção de todos no ano de 1927.

O mesmo Francisco Andrade, percebendo o crescimento comercial e estratégico da Cidade Alta, montou um prédio comercial que denominou “Grande Ponto” na esquina da Rua João Pessoa com a Rio Branco (n. 643), esse empreendimento viria a marcar uma referência para a cidade e é a origem da denominação à área central da cidade. Francisco ganhou o apelido “Andrade do Grande Ponto”.

João Fonseca, macauense, irmão de Marietta madrasta de papai, era um sujeito boa pinta, falante, carnavalesco, namorador, circulava entre Natal e Rio de Janeiro, esnobando, com muito papo, forçando o sotaque carioca, uma espécie de playboy natalense dos anos 1930. Certa vez, ganhou no aniversário um cordão de ouro da namorada. Para viabilizar uma nova ida ao Rio, vendeu o cordão. Na hora da saída para a viagem, a namorada observou a falta do objeto precioso e o questionou. Fonseca foi rápido no raciocínio e respondeu: “psiiii... não fale alto, escondi para não ser roubado, aqui já é perigoso e imagine no Rio...”

79

Blocos desfilando no
Carnaval da Rua
Dr. Barata na Ribeira,
Natal, 1927





80

Ezequiel Moura
(agachado à esquerda
de óculos escuros) e
Grupo Carnavalesco em
1945, antecessor dos
Blocos de Elite dos anos
1950 e 1960. Destaque
para o patrocinador



81

Papangus no Carnaval
da Ribeira de 1937

82

Grupo carnavalesco
“Veneza Clube”
comandado pelas
irmãs Betise e Zuleide
Mesquita (2^a e 3^a da
direita para a esquerda),
em 1942, durante a II
Guerra. Foto do acervo
de Aníbal Mesquita
Barbalho



94

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Saneamento na cidade do Natal

O médico Januário Cicco foi dos primeiros a realizar estudos mais sistematizados sobre a questão urbana de Natal e com especial atenção para o saneamento. De acordo com o livro “Uma Cidade Sã e Bela”, o trabalho denominado “Como se sanearia Natal” apresentava um mapeamento das condições higiênicas por bairro e fazia correlação entre as piores situações com a incidência de determinadas doenças. Em 1924 o engenheiro Henrique Novais elaborou o primeiro plano de saneamento de Natal que incluía um amplo levantamento cadastral e topográfico. Mas esse trabalho só iria ser evoluído a partir dos anos 1930 com outros personagens.

Em 1934 cerca de 80% dos 765 mil habitantes do Rio Grande do Norte eram analfabetos. A quase totalidade das casas em Natal, mesmo na área considerada mais nobre, não possuía água encanada e esgoto. Cada casa da Ribeira ou da Cidade Alta tinha uma espécie de sala de banho com reservatórios de água, essa sala era localizada fora dos cômodos principais e as pessoas tomavam banho de cuia. As privadas ficavam também fora do corpo da casa. Dentro da casa tinha um urinol em cada quarto. O abastecimento de água potável era limitado, primitivo e havia sido feito no fim do período imperial.

O Interventor Mário Câmara, em 1937 criou a Comissão de saneamento de Natal e contratou o escritório Saturnino de Brito para elaboração do projeto denominado “Novo Abastecimento de Natal” ou “Plano Geral de Obras” e execução consequente dos serviços. O

trabalho executado correspondeu apenas a uma parte do projetado, custou 13.000 \$ e foi inaugurado em 13 de maio de 1939. O Secretário Aldo Medeiros foi o gestor da execução desse projeto por parte do governo estadual.

83

Comissão de deputados
e autoridades em
visita às obras de
Saneamento de Natal
nas proximidades da
Estação Ferroviária,
1937. Atual Avenida
Mons. Walfrido Gurgel



De acordo com as pesquisadoras Ana Rachel Baracho e Angela Lúcia Ferreira, o Escritório de Saturnino Brito elaborou o plano em 1935, construiu a rede de esgotamento sanitário e o abastecimento de água em Natal e, a partir de 1939, passou a administrar o serviço, num modelo de gestão contratada onde era remunerado sobre um percentual do total arrecadado com o serviço prestado. O sistema projetado compreendia uma extensão de 62 quilômetros. Entre 1935 e 1939 haviam sido inauguradas obras como a da Praça 7 de Setembro, instalações em Lagoa Nova (onde hoje é o Centro Administrativo), Lagoa Manoel Felipe e sistema do atual Bosque dos Namorados.

96

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



84

Comissão de deputados e autoridades municipais em visita às obras de saneamento na Avenida Deodoro, Natal, 1937. Automóveis da época ao fundo

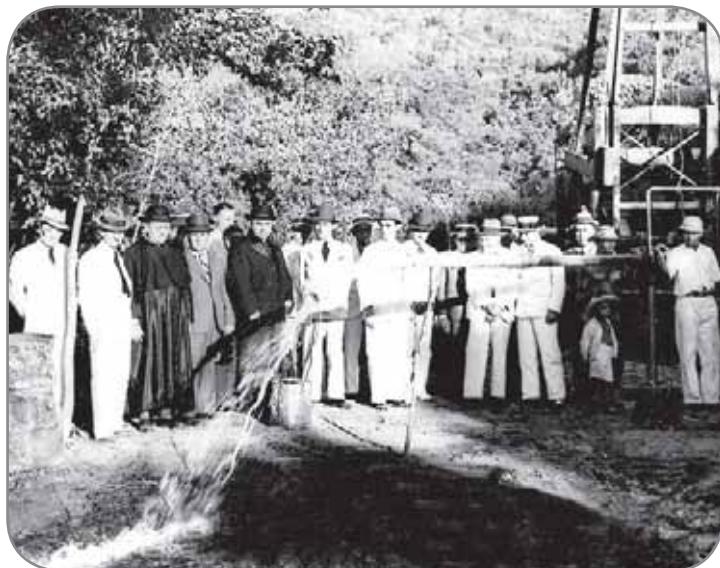


85

Secretário Executivo Aldo Fernandes (de paletó cinza, ao centro, ao lado do Bispo) e autoridades em visita às obras de saneamento, Avenida Junqueira Aires, Natal, 1937

86

Visita de deputados e autoridades ao atual Bosque dos Namorados em 1937



87

Quadro de fotografias para acompanhamento da obra de saneamento da cidade



98

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



88

Implantação da tubulação para distribuição de água na Avenida Alexandrino de Alencar. 1937

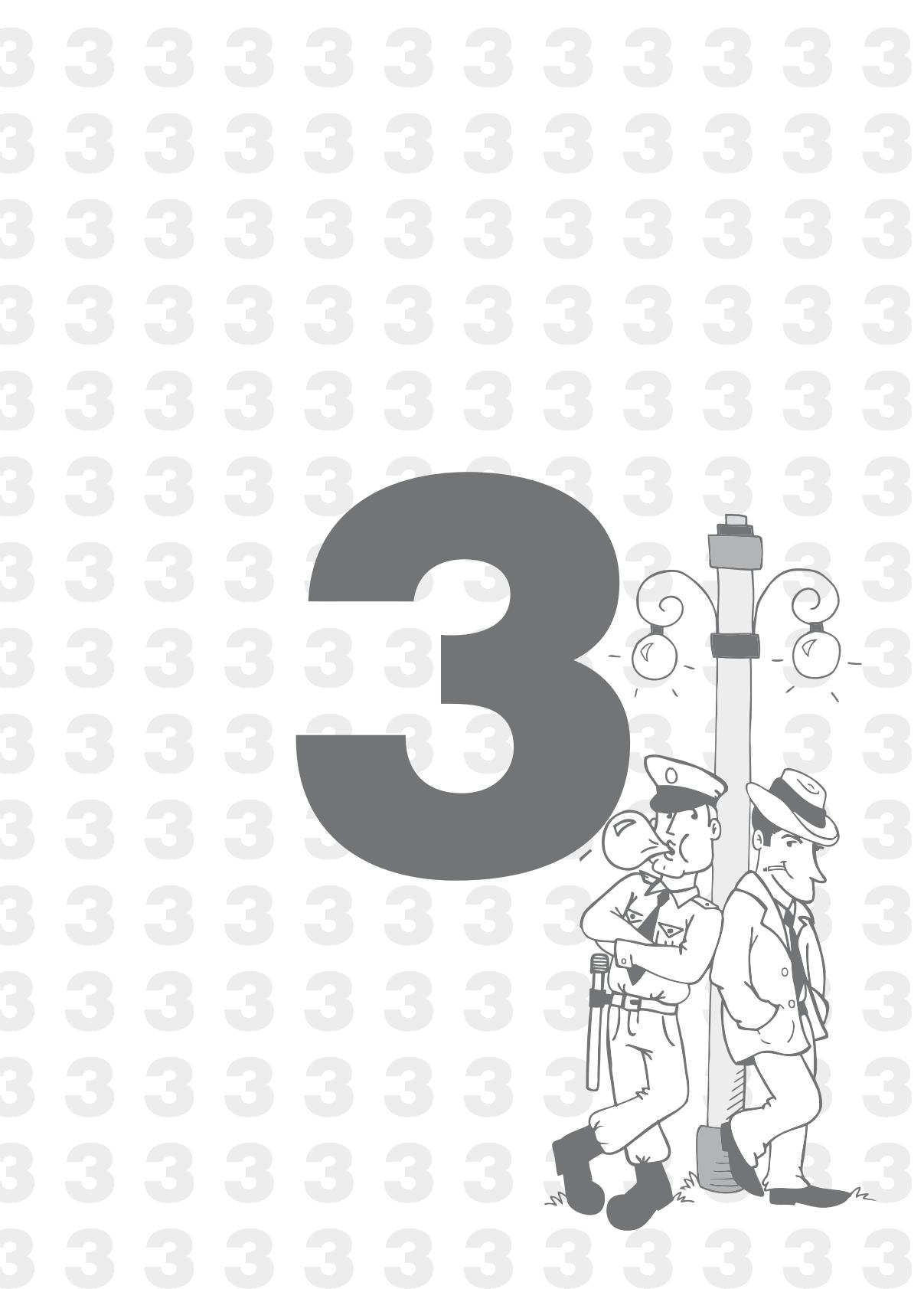
As obras realizadas pela Saturnino Brito foram marcantes como das primeiras e mais importantes intervenções de engenharia executadas pelo setor público no ambiente urbano de Natal.



Francisco Saturnino Rodrigues de Brito era carioca e foi responsável pelos importantes projetos de saneamento em Vitória, Campinas, Santos e outras cidades brasileiras, é considerado o nome mais relevante da história do urbanismo sanitário no Brasil.

Natal dos **comunistas e** **dos americanos**

» Natal comunista antes de Cuba	103
» A vida em Natal durante a II Guerra Mundial	119
» Os arquivos secretos da Base Aérea de Natal durante a II Guerra	135
» Natal pós-guerra	139
» Coisas do final dos anos 1950	143
» Djalma Maranhão e o Golpe de 1964	151



Natal comunista antes de Cuba

Vinte e quatro anos antes de Cuba foi instalado em Natal o primeiro regime comunista da América. Há controvérsias entre os historiadores quanto ao grau de participação da Internacional Comunista nesse Movimento. De fato, os líderes comunistas brasileiros tentaram uma maior participação de Moscou, inclusive com apresentação de relatórios completamente exagerados do cenário nacional, com informações do tipo: “milhões de brasileiros em torno da ANL”, “condições propícias para a Revolução”.

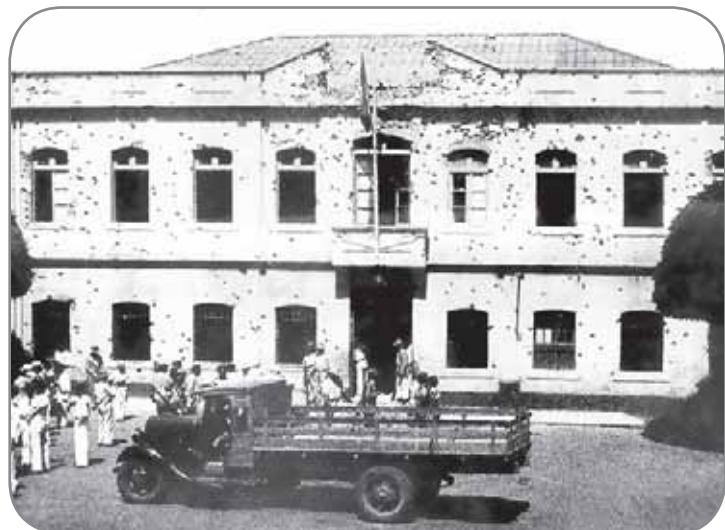
Independentemente das controvérsias, o fato é que o Levante foi executado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), inspirada na trilogia “Terra, Pão e Liberdade”, com a liderança do seu presidente de honra Luís Carlos Prestes – o “Cavaleiro da Esperança”. Atuava em contraposição ao Movimento Integralista, de característica fascista, e seu objetivo era derrubar o Presidente Getúlio Vargas e instalar um governo socialista no Brasil.

A Revolução Comunista terminou sendo deflagrada apenas em Natal, Recife e Rio de Janeiro. O estopim do Levante decorreu de algumas ações restritivas que o governo Vargas passou a impor aos sindicatos e movimentos populares de esquerda.

No RN os sindicatos mais organizados eram o salineiro e o de estivais, ambos fortemente reprimidos pelo governador Rafael Fernandes

Gurjão, que também era proprietário de salinas. Em agosto de 1935 uma greve geral ocorrida no RN havia sido duramente enfrentada pelo governador e os ânimos estavam acirrados.

A chamada Intentona Comunista eclodiu em Natal um pouco antes do planejado nacionalmente. Contribuiu para isso, além da desorganização do Movimento em nível nacional, o clima político extremamente radicalizado no estado, com destaque para o fato do governador haver demitido, de forma discriminatória, 300 componentes da Guarda Civil, anteriormente criada por Café Filho.



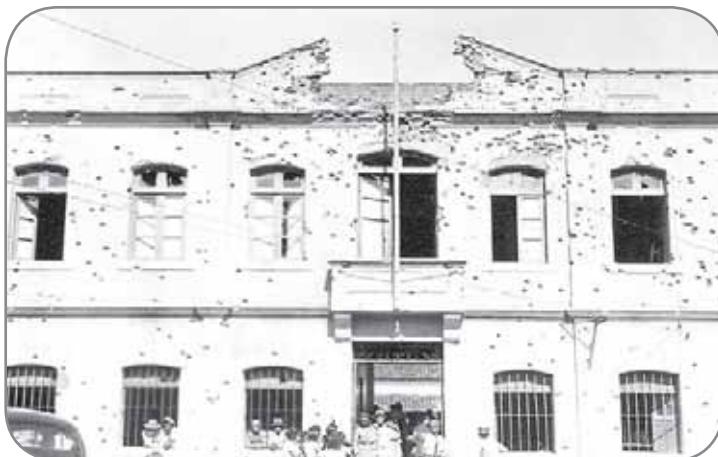
89

Quartel da Polícia Militar,
alvo principal
dos revolucionários
em Natal

A ANL teve um grande crescimento no país nos anos 1930 e seu presidente Hercolino Cascardo era capitão da Marinha e havia sido interventor no Rio Grande do Norte entre 1931 e 1932. De acordo com o escritor Homero Costa, o Partido Comunista no RN se originou provavelmente a partir da participação de representante da União dos Sapateiros do RN no I Congresso Nacional da Classe Trabalhadora realizado no Rio de Janeiro em 1926. Lá ocorreu o contato com membros do PC e a consequente adesão.

Em 1935 Natal tinha 40.000 habitantes, o movimento comercial ainda era concentrado na Ribeira e na Cidade Alta. Havia um considerável movimento portuário devido exportação para a Europa de sal e algodão, voos regulares já eram realizados por hidroaviões da Panair.

O ponto inicial do Levante ocorrido a partir do dia 23 de novembro de 1935 foi o Quartel do 21º Batalhão de Caçadores (BC) localizado na Avenida Rio Branco atual SESC-Colégio Churchill. O cabo Giocondo Dias, o sargento músico Quintino Clementino Barros, o soldado Francisco Lima, o sargento Eliezel Henrique Diniz e outros militares lideraram o movimento. Eles aproveitaram uma saída dos oficiais e se apossaram do Quartel, especialmente das armas que foram distribuídas entre os que aderiram ao golpe.



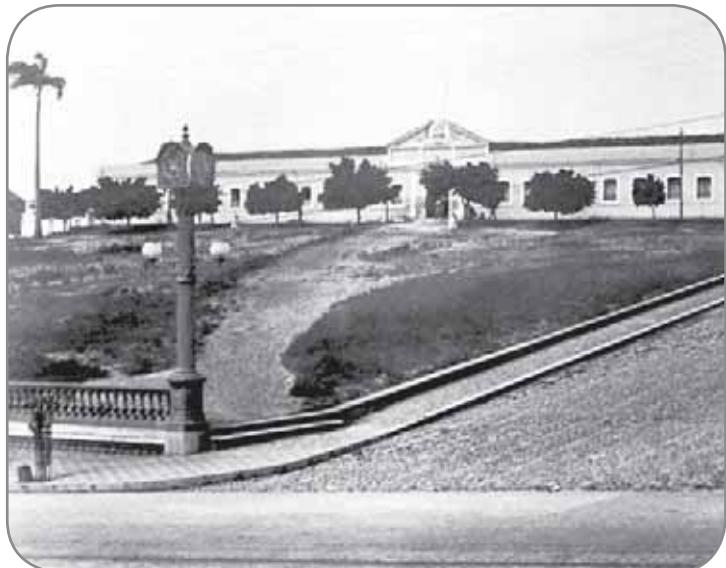
90

Detalhes das marcas de balas (19 horas de tiroteio) no Quartel da Polícia em Natal, 1935

Os revolucionários contaram com a simpatia dos partidários de João Café Filho e de parcela da população natalense. Eles ocuparam de início os pontos estratégicos da cidade como palácio do governo, a residência do governador, a usina geração elétrica, a estação ferroviária e as centrais telefônica e telegráfica. Assaltaram os cofres do Banco do Brasil, da Recebedoria de Rendas e de importantes casas comerciais. Foi decretado bonde de graça para o povo. Mas, rapidamente, três bondes foram depredados e a farra acabou cedo.

Quartel do 21º Batalhão de Caçadores, na Avenida Rio Branco, atualmente Colégio Winston Churchill e terreno onde se ergueu o SESC. Aqui começou a Revolução Comunista.

Foto do arquivo de J. Sizenando



Muitos dos adesistas não eram comunistas, julgavam ser um Movimento local para repor o Interventor Mário Câmara. Boa parte da população se confraternizava com os rebeldes. Alguns aderiram por pura farra, fardas dos soldados eram utilizadas por muitos civis após saque realizado no Quartel. O combate ocorreu com muita troca de tiros entre 20 horas do dia 23 de novembro e a tarde do dia seguinte.

De acordo com o jornalista Luiz Gonzaga Cortez, em seu texto “A Revolta Comunista de 1935”, Gastão Costa Nunes era gazeteiro e trabalhava na Agência Pernambucana de Luiz Romão, não era comunista, mas seguidor fanático de Café Filho e aderiu ao movimento. Ele recebeu um mosquetão, farta munição e nove homens armados e fardados. Sua missão: fazer uma vistoria no Hotel Internacional de Theodorico Bezerra localizado na Rua Chile. Theodorico havia contribuído para o fracasso do comício promovido em 1930 pela Aliança Liberal que trazia o médico João Batista Luzardo para falar ao povo na Ribeira. Luzardo era o principal porta voz da Coluna Prestes, mas, posteriormente, aderiu a Vargas e foi embaixador na Argentina.

Apesar da resistência armada em alguns lugares, como nos quartéis da Polícia, no Pelotão de Cavalaria da Polícia e na Escola de Aprendizes Marinheiros, a cidade ficou em poder dos revoltosos que organizaram um Governo Popular Nacional Revolucionário.



92

Líderes do Levante
Comunista na Estação
Ferroviária de Natal

Muitas autoridades estaduais civis e militares, como o capitão corveta Leonel Bastos, comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros e o deputado Pedro Matos, se refugiaram (asilo político) em navio de guerra de bandeira mexicana que estava ancorado no Porto da Ribeira. Algumas dessas pessoas estavam no Teatro Carlos Gomes quando tomaram conhecimento da insurreição comunista.

O “Comitê Popular Revolucionário” era constituído por: funcionário estadual Lauro Cortez Lago, Ministro do Interior; Sargento músico Quintino Clemente de Barros, Ministro da Defesa; sapateiro José Praxedes de Andrade, Ministro do Abastecimento; funcionário postal José Macedo, Ministro das Finanças; estudante (ou advogado)

João Batista Galvão, Ministro da Viação; cabo Estevão, Comandante do 21º Batalhão de Caçadores e Sargento Eliziel Diniz Henriques, Comandante Geral da Guarda Federal.

O deficiente mental Luis Gonzaga de Souza que usava botas de soldado da polícia, atravessou o tiroteio e foi atingido por um tiro disparado pelo revolucionário Sizenando Figueiredo, morreu e foi posteriormente transformado nos anos 1970, pela Ditadura Militar, em mártir anticomunista.

Myrthô de Andrade Barros Lopes era garota ainda sem completar dez anos e estudava na Escola Áurea de Barros localizada na Rua Jundiaí onde atualmente é a Fundação José Augusto. Ela nunca esqueceu o dia 23 de novembro de 1935 quando acompanhava a tia Maria do Rosário Andrade que fora tomar uma injeção na casa de Noemí Lago – parente do líder revolucionário Lauro Lago – localizada na Avenida Rio Branco. Ao saírem da casa de Noemí ouviram o intenso tiroteio e bombas no trecho entre as Ruas Ulisses Caldas e Juvino Barreto, na descida para a Ribeira. Muitos revolucionários armados se deslocavam atirando pra todos os lados, eles iam provavelmente na direção do Teatro Carlos Gomes, onde estavam as autoridades do governo. No desespero, Maria do Rosário conduziu Myrthô e adentrou à casa de dona Duca Varela, lá já estavam diversas pessoas, todo mundo deitado no chão ou de joelhos rezando por proteção.

Quando o tiroteio diminuiu um pouco, Rosário se dirigiu a uma pensão que existia ao lado da casa dos Varelas, foi pedir ajuda para conseguir levar a sobrinha de volta pra casa na Rua Felipe Camarão. Para surpresa dela a pensão estava ocupada por alguns militares discípulos do Exército que haviam vindo de Recife para apoiar a revolta. Mesmo assim, ela pediu e recebeu ajuda: um homem fardado e armado (presumivelmente um sargento) levou Myrthô nos braços até a casa dos pais dela. No deslocamento, ela lembra que nas esquinas da Avenida Rio Branco com as Ruas: Juvino Barreto, Ulisses Caldas e João Pessoa havia grupos de revolucionários com metralhadoras fixadas em

tripés e que na passagem por esses pontos o sargento falava alguma coisa em código (espécie de senha) que possibilitava a liberação para a passagem.

Segundo o escritor Homero Costa, a estudante Amélia Gomes Reginaldo e diversas mulheres donas de casa participaram da Insurreição: Antonia Gomes, Celina Moura Barreto, Iracema Pinheiro Amorim, Maria da Cruz Nunes, Maria Mendes, Maria Otilia dos Santos e Vitalina Alice.

Manoel Benício Melo era um garoto de 10 anos de idade, mas ainda hoje recorda o dia em que seu pai Mirabeau da Cunha Melo telegrafista e prefeito de Ceará-Mirim vinculado ao Partido Popular (que no RN era liderado pelo político conservador José Augusto) recebeu voz de prisão do líder comunista Benilde Dantas. O fato ocorreu quando o prefeito, sua esposa e o garoto Manoel Benício saíram da agência dos Correios e se deslocavam a pé para casa. Benilde e seus camaradas comunistas estavam armados e escoltaram os três até a casa deles onde rapidamente foram recolhidas as roupas essenciais e daí Mirabeau foi conduzido para a cadeia de Ceará-Mirim. No dia seguinte um caminhão levou os presos políticos de Ceará-Mirim para o 21º BC em Natal.

Ao chegar preso ao BC, Mirabeau chegou a ver um papel fixado numa parede interna com uma relação de nomes de pessoas que deveriam ser presas, onde o nome dele estava inserido com um destaque “indivíduo perigosíssimo”. Outro nome destacado e procurado pelos revolucionários era o de Ewerton Cortez, intelectual ligado ao movimento Integralista.

Benilde Dantas era colunista do semanário “Folha do Vale” e da revista “Canaviais” dirigidos por Aluízio Macedônio Lemos.

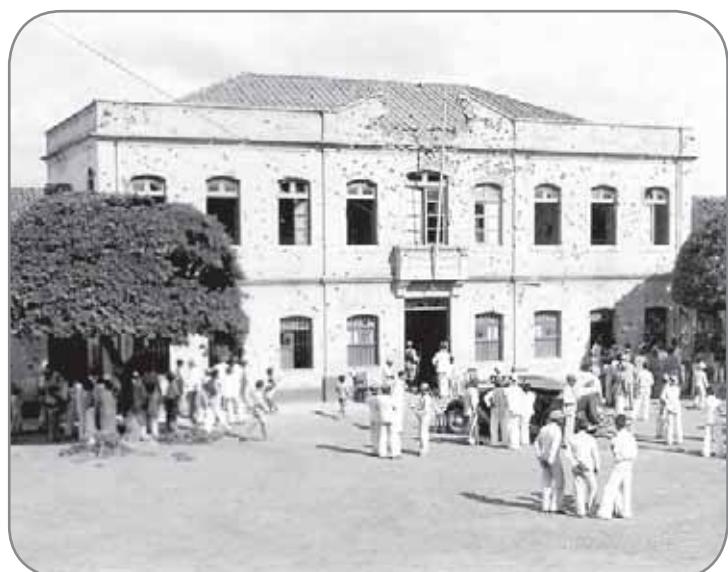
Meu pai morava nas proximidades do então Quartel da Polícia e me relatou que o tiroteio foi intenso entre os dias 23 e 24 de novembro.

As balas passavam por cima da casa, quebrando telhas, e todo mundo era obrigado a ficar debaixo das camas. Já na madrugada do dia 24, ainda no meio de todo um tiroteio que ocorria na cidade, sua irmã mais velha, beata de igreja, Adelaide Adélia, insistia em sair de casa para assistir a missa na Catedral. Ele conta que teve de gritar com a irmã: “você quer morrer baleada?” E que ela na sua ingenuidade característica respondeu “eu vou pra missa, porque prometi ao padre e não tenho nada a ver com essa briga que está havendo!”.

João Sizenando Filho conservou o documento original denominado “Rio Grande do Norte – Movimento Comunista de 1935”, editado pela Imprensa Oficial do RN. Esse documento, organizado pela Polícia do Distrito Federal, contém partes de cartas e bilhetes dos líderes do PCB do RN para o presidente de honra da ANL Luís Carlos Prestes, apreendidos pela Polícia legalista. Numa das cartas, o dirigente do PCB critica a “covardia” do ex-interventor Mário Câmara, por não ter aderido ao Movimento.

93

Outra imagem do
Quartel de Polícia, atual
Casa do Estudante



Dominada a cidade, os revolucionários fizeram circular o jornal “A Liberdade” com um manifesto ao povo calcado no programa da ANL. Também afixaram diversos cartazes no centro da cidade e na Ribeira. Os avisos constavam de Boletins Informativos com o título “A Marcha da Revolução Libertadora”, orientações à população, em especial aos comerciantes. Havia a preocupação em demonstrar ter efetivamente o controle da situação em nível nacional e até convite para engajamento na União Feminina do Brasil, “a única que luta por pão, terra e liberdade”. Na maioria dos avisos havia destaque para o “Chefe da Nação general Luís Carlos Prestes”.

Na residência de Felipe Guerra, a família foi surpreendida com a chegada do jardineiro Filó que de repente apareceu armado com um fuzil .

– Que é isso Filó? Que estória é essa?

– Me deram lá na Cidade Alta, é pra mudar as coisas...

Na casa de Myrthô Andrade, todos ficavam a maior parte do tempo deitados em colchões no chão. O avô dela era das poucas pessoas que possuíam rádio em Natal, ele envolvia o receptor valvulado com um cobertor, se metia embaixo todo coberto e tentava sintonizar baixinho a PRA-8 Rádio Clube de Recife. Natal não tinha ainda emissoras de rádio e essa era a forma de obter notícias da situação do conflito em nível regional e nacional.

O governador Rafael Fernandes e o secretário geral Aldo Fernandes estavam no Teatro Carlos Gomes assistindo a festa de formatura da segunda turma do Colégio Marista com a peça “O Milagre da Fé”. Após o início do tiroteio, eles fugiram para asilo nos Consulados do Chile e da Itália. Muitas pessoas que estavam no teatro se esconderam no colégio do prof. Severino Bezerra, ali vizinho. Lá, cerca de 400 pessoas dormiram no chão. Luís da Câmara Cascudo, Otto Brito Guerra

e outros intelectuais eram vinculados ao movimento integralista, liderado nacionalmente por Plínio Salgado, na linha católica conservadora e anticomunista, com características do fascismo italiano. Todos eles foram caçados pelos revolucionários, mas conseguiram se esconder e escaparam da prisão.

O Movimento conseguiu dominar 17 sedes municipais, das 47 existentes no interior, com destaque para Santa Cruz, onde excepcionalmente ocorreu boa aceitação da população. Ocorreram incêndios em cartórios e foram nomeados novos delegados e prefeitos. A partir da Serra do Doutor grupos legalistas fortemente armados impediram a ampliação comunista.

O comando revolucionário perdeu o controle da situação e saques em lojas comerciais foram feitos com e sem a autorização dos líderes. Víveres e equipamentos diversos foram subtraídos. Muitas pessoas passaram a andar fantasiadas de soldados com as fardas retiradas do Quartel da Polícia.

Tropas da Paraíba e do Ceará marcharam contra Natal e destruíram o sonho revolucionário. De acordo com a escritora Flávia de Sá Pedreira, os principais líderes presos sofreram humilhações, 1.039 pessoas foram indiciadas em processos no RN, sendo 695 residentes em Natal. 154 pessoas foram condenadas à prisão, onde conviveram com presos comuns.

Soldados paraibanos da Tropa legalista fortemente armados invadiram a casa do meu pai visando prendê-lo. Ninguém entendia o que estava acontecendo, até que foi esclarecido que o João Sizenando não era Sizenando Filgueira o revolucionário que matou Luiz Gonzaga.



94

Soldado legalista guardece
residência oficial



95

Tipografia Libertadora
parcialmente destruída e
marca da ANL ao fundo



96

Cofre da Recebedoria de
Rendas, arrombado pelos
revolucionários

97

Bonde destruído no
levantamento Comunista de
1935 em Natal



98

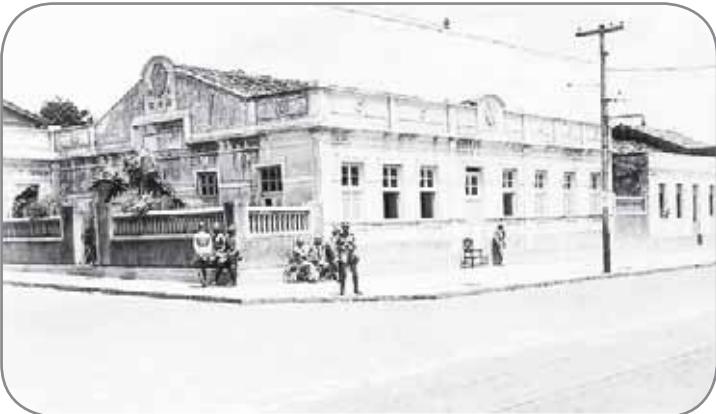
Detalhes do Quartel de
Polícia, principal alvo
dos revolucionários



99

Movimentação militar
com revolucionários
presos em frente à
Estação Ferroviária
da Ribeira,
Natal, 1935





100
Tropa federal protege deputados populistas que estavam asilados na Paraíba e que ficaram momentaneamente hospedados na casa de Alberto Roseli, esquina da Avenida Rio Branco com João Pessoa, onde hoje é o prédio Ducal, 1935



101
Chegada do desembargador Antônio Soares e dos deputados populistas à Assembléia Legislativa protegidos por tropa legalista federal



102
João Sizenando aos 98 anos de idade com documento de 1935

PRESTES É CITADO NO LIVRO

103

Diário de Natal de 1998
com reportagem sobre
documento encontrado

A importância da batalha é apontada no seu desdobramento original que mostra o percurso de armas e material de guerra que o Exército do Povo levou para a vitória da Revolução de 1935 no Rio Grande do Norte. Para o capitão Luiz Carlos Prestes, presidente do batalhão da Marinha Nacional Liberal (MNL), em 22 de outubro de 1935, ante os 10 mil homens que lutaram, sobretudo, contra a ditadura militar de Getúlio Vargas, de 1933 em Natal, havia e há, Na opinião do general, "a criação de uma nova geração de revolucionários". O documento, intitulado "Carta ao Povo do RN para Luiz Carlos Prestes", reúne cartas e telegramas que serviram como apoio à luta, feitas pelos militares de Fazenda Nova, que chegaram a prender o então ministro das Comunicações, Caetano Vaz.

Respondo pelo Contrário. Alguns trechos foram escritos por Harry Hopkins, ex-assessor direto de Franklin D. Roosevelt, quando este visitou o Brasil, para se informar sobre a luta contra a ditadura, em 1943, quando foi entregue aos familiares da Marinha Nacional. A resposta de Prestes, Mário Henrique, foi enviada e inclui:

...daqui a vinte dias
estarei em Recife, para
conferir pessoalmente
as informações que
vocês me dão.

**A IMPORTÂNCIA DO
ACIENDO E QUE TRAZE-SÉ
DE UM DOCUMENTO
ORIGINAL COM CERTIM
PONTOS DE CARTAS E
TELEGRAMAS DE DIFERENTES
TRUPES DO PCB DO RN PARA
LUIZ CARLOS PRESTES.**

na qual critica a omissão dos estados
interior e nordeste, que não
reagiram a invasão do Rio Grande do Sul
em 1935 e 1936, realizada por militares de Fazenda Nova e
elegeram-se presidentes comunistas.

RIO GRANDE DO NORTE

MOVIMENTO COMUNISTA DE 1935

**RESPOSTA DE HENRIQUE MARIO
VON DA DELEGACIA ESPECIAL
DE SEGURANÇA POLÍTICA E
SOCIAL - Volume III - Belo Horizonte - 1935**

[Fotos de documentos apreendidos pela Polícia do Estado (RJ) em 1935, no sítio do chefe comunista Luiz Carlos Prestes]

- 103 -

RJ/1935 - REP. OFICIAL - 1935



104
Cartazes afixados no
centro de Natal pelos
revolucionários em 1935
(textos conforme
original da época)

116

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

- **AVISO:** “Acham-se no interior do Estado Forças do 21º BC mantendo a ordem”
- “**Viva o general Luís Carlos Prestes, Chefe da Nação**”.
- **CONVITE:** “O Diretório da União Feminina do Brasil com secção no Rio Grande do Norte, convida as Exmas famílias a tomarem parte da União Feminina, a única que luta por pão, terra e liberdade”.
- **AVANTE COMPANHEIROS...** Ao echo da nossa metralha já responderam os companheiros da Paraíba do Norte, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo. E do Rio de Janeiro e Maranhão, os quaes já estão nas mãos dos nacionaes Libertadores. Viva o general Luís Carlos Prestes, Chefe da Nação.



105

Tropas legalistas vindas
da Paraíba com
populares presos

A vida em Natal durante a II Guerra Mundial

– Do you like drink?
– É só o que eu laico!...
(Zé Areia)

No dia 8 de maio de 1945, da *Times Square* em Nova York à Praça Vermelha em Moscou, multidões comemoravam a vitória dos aliados na II Guerra Mundial.

Nesse mesmo dia em Natal, foi programada uma solenidade à noite no Teatro Carlos Gomes. Alvamar Furtado de Mendonça, então recém-formado em direito, foi convidado para pronunciar um discurso no Dia da Vitória. Ele se vestiu bem e caprichou na redação do discurso. Na hora em que olhou para a plateia, teve um choque: estranhamente, o teatro estava quase vazio. Os organizadores do evento, temendo fracasso na solenidade, saíram pelo bairro da Ribeira e recrutaram uma legião de transeuntes – mendigos, boêmios, prostitutas – para ocupar pelo menos uma parte dos 600 lugares disponíveis. Alvamar enfim falou, mas um tom melancólico já tomara conta do teatro, das Ruas, das pessoas. A cidade parecia estar de luto. Por que a guerra havia acabado.

Assim foi a II Guerra em Natal: um tempo de emoções intempestivas, de alegrias e tristezas fora de hora e de contexto. Entre 1942 e 1945 aqui funcionou o principal quartel general dos países aliados

no hemisfério sul. Por ser das cidades brasileiras a mais próxima do continente africano – 3 horas de voo em jatos de hoje e 8 horas para os aviões de 1943 de Natal a Dakar no Senegal – era uma “ponte” para todos os voos americanos que levavam militares das três Armas rumo à África ou aos combates no Atlântico Sul.

Em 1943, no auge do conflito, Parnamirim era dos mais congestionados aeroportos do planeta, com até 800 pousos e decolagens num dia de pico.

106 (a)

Soldados americanos
no Aeroporto
“Parnamirim Field” em
1944. Foto do acervo de
José Estácio
de Aquino Filho



Natal tinha 53 mil habitantes e quase duplicou sua população. A “corrente” que demarcava o limite da cidade, ficava no cruzamento da Avenida Hermes da Fonseca com Alexandrino Alencar. A Base Aérea e a “pista” ligando Natal a Parnamirim foram construídas em tempo recorde envolvendo 6 mil trabalhadores. A Base Naval também foi construída nesse período.

Aqui também existia uma Base Naval de Hidroaviões. Essa Base, a partir do acordo bilateral com a criação do *Brazilian Joint Groupe*

of Staff Officers já havia recebido substancial ajuda material e técnica dos americanos, em consequência da política de barganha adotada por Vargas.



106 (b)

A foto ilustra militares americanos ao lado de destroços de um avião de guerra que caiu na praia de Genipabu.

O presidente americano Franklin Delano Roosevelt teve um encontro em Natal com o presidente Vargas no dia 28 de janeiro de 1943. O governador do RN Rafael Fernandes e a população natalense não sabiam da chegada do visitante ilustre. O governante potiguar foi convidado para comparecer à Base Naval sozinho e chegando lá, tomou enorme susto ao visualizar os dois presidentes. No encontro foi discutido plano de prevenção quanto a um possível ataque nazista ao hemisfério sul a partir de Dakar no Senegal. Também foi acertado o envio de tropas brasileiras ao *front*.

As Forças Armadas promoveram vários cursos de enfermagem. A Maternidade Januário Cicco foi transformada em hospital militar, o Hospital de Caridade Juvino Barreto (hoje, Onofre Lopes) foi ampliado e reequipado. Médicos, escoteiros e voluntários ficavam de prontidão nos postos de socorro. O Quartel do 16º Regimento de Infantaria começou a operar em fevereiro de 1942.

Natal foi, muito provavelmente, um dos lugares de melhor qualidade de vida para um soldado na Guerra. As pessoas cantarolavam jazz nas Ruas. A vida aqui era diferente, sofisticada, uma festa.



107

Soldados americanos
da Polícia do Exército
circulando na
Cidade Alta



108

Kay Francis, atriz americana,
esteve em Natal em 1945

Natal tornou-se a cidade mais badalada do Nordeste. Os cinemas militares, não raro, e sem que ninguém soubesse fora dali, recebiam convidados especialíssimos: os próprios astros de Hollywood. Humphrey Bogart voou do Marrocos para animar uma sessão de Casablanca no teatro aberto da Base de hidroaviões. Os artistas eram pagos pelo governo americano para viajar pelos *fronts* do mundo todo. A presença deles servia para elevar o moral das tropas. Bette Davis, Al Johnson, Kay Francis, Carole Landis, Martha Ray e muitos outros artistas de ponta dos anos 1940 também visitaram Natal. A orquestra de Glenn Miller tocou no recém-inaugurado Cinema Rex. O Rex passou a permitir entrada sem paletó e gravata.

Kay Francis chegou a enviar (publicado em 30/04/45) um bilhete de agradecimento ao colaborador do Jornal “A República” Venturelli Sobrinho pelo texto publicado em sua homenagem. Conta-se que Marlene Dietrich foi a primeira mulher a usar calças compridas em Natal.

Mussoline Fernandes era repórter do “Diário de Natal” e não esquece da entrevista que participou com o famosíssimo ator Tyrone Power, que havia chegado pilotando um avião que a Fox lhe cedera por uma temporada.

Para imaginar como eram aqueles anos em Natal, é preciso observar a guerra como um momento de liberação, um evento protagonizado por uma legião de jovens americanos reprimidos que nunca haviam saído de rincões rurais como Arkansas, Nevada, ou Montana. De repente, no meio do horror de um conflito mundial, eles se descobriram num lugar amistoso, tropical, encantador. O mar, a luminosidade excepcional da cidade, as relações pessoais, tudo era novo em suas vidas. Por vias tortas – a guerra – eles foram encaminhados para o paraíso.

Os branquinhos gastavam seus dias de folga em banhos de mar nas praias de Areia Preta, se concentravam numa área próxima ao início da atual Via Costeira, que passou a se chamar “Miami”. Também adoravam Ponta Negra. Muitos pagaram um preço salgado pelo programa: terríveis queimaduras de sol.

A economia local passou por uma enorme transformação: o custo de vida aumentou, o dólar virou moeda corrente no lugar do mil-réis, muita gente fez fortuna, havia o preço para vender a americano e preço para vender ao nativo. Theodorico Bezerra, dono do Grande Hotel encheu os bolsos abrigando a elite dos oficiais estrangeiros. Maria Boa se consagrou, mas as meninas dela e de outros cabarés precisavam fazer exames periódicos para prevenir doenças venéreas e tinham de apresentar o *Love Card* para exercer a profissão.

A Rádio Educadora de Natal (REN) (depois transformada em Rádio Poti) foi inaugurada em janeiro de 1941 e tinha como um de seus objetivos a defesa e divulgação da causa aliada. “A República” dedicava uma página diária com o título “A Situação Europeia” com notícias do *front*.

Os natalenses passaram a absorver alguns hábitos *yankees* como: beber líquidos na boca da garrafa, sentar no meio fio para esperar coletivos, mascar chicletes e usar bermudas. A “batalha” entre católicos e protestantes diminuiu quando a Base Aérea passou a receber – em horários diferentes – missa católica, culto protestante e ritual judaico.

Mas também havia problemas: o excesso de homens na cidade provocava ira em parcela da população masculina que não aceitava a invasão dos “uniformes cor de palha”. Intelectuais natalenses reclamavam do exagero de *jazz* nos bares da Ribeira e defendiam um posicionamento mais nacionalista com adoção de mais músicas regionais. Apesar das precauções adotadas pelos oficiais americanos, brigas chegaram a ocorrer nos cabarés entre marinheiros americanos e jovens brasileiros, entre eles o gigante Luís Tavares.



109

Vargas e Roosevelt com militares americanos e brasileiros na base Naval de Natal, 1943



110

Presidentes Roosevelt (EUA) e Getúlio Vargas na Rampa, Natal



111 (a)



112 (b)
Hangares na Base
Aérea de Parnamirim.
(*Parnamirim Field*)

O “Serviço de alto-falante”, de Luiz Romão, cujas caixas de som eram fixadas em um poste na esquina da João Pessoa com a Avenida Rio Branco, defronte ao “Café Grande Ponto” era o meio de obtenção de notícias para a maior parcela da população que não possuía rádio em casa. Todos os dias às 19 horas havia uma programação musical e às 21 horas era retransmitido o noticiário em português da BBC de Londres. Myrthô Andrade era adolescente na época e lembra que, quando alguém conhecido morria na cidade, os alto-falantes anunciamavam o fato e a seguir eram desligados em respeito à família do falecido.

O bonde elétrico era o principal transporte coletivo na cidade, a linha mais extensa percorria o eixo Lagoa Seca – Alecrim – Cidade Alta – Ribeira, duas outras linhas ligavam a Ribeira até os Bairros de Petrópolis (limite na Avenida Getúlio Vargas) e Tirol (Quartel do 16º RI) sempre passando pela Cidade Alta. Lêda Batista Gurgel era menina e lembra dos bondes abarrotados de soldados americanos. Ela e sua irmã Maria Gurgel (atualmente médica em Recife) brincavam de bonecas no abrigo antiaéreo localizado na Praça Pio X (atual Catedral Metropolitana).

113

Ribeira: ponto central
de conversas e
acompanhamento das
notícias do *front*



126

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

No mesmo local onde existiam os alto-falantes de Luiz Romão foi instalada uma sirene para alarmes em caso de ataques nazistas. No 1º andar desse prédio funcionava uma escola de dança, segundo os fuxicos da época as professoras eram “mulheres de programa” e os frequentadores aprendiam algo mais que dançar.

O garoto Rosaldo Aguiar, morador da Cidade Alta, não pôde mais jogar pelada com vizinhos no “campo da Catedral nova” por que o espaço foi ocupado por abrigos antiaéreos montados pelo exército.

Heitor Góes de Almeida Bastos, funcionário da Saúde Pública, como alguns outros residentes na cidade, construiu um pequeno abrigo antiaéreo no quintal da casa na Rua José de Alencar. O Monsenhor Landim também seguiu o exemplo, mas o maior e mais confortável abrigo particular foi construído pelo comerciante Amaro Mesquita em área da sua residência na Avenida Hermes da Fonseca.

A guerra estava longe, mas o medo muito próximo, estava mesmo dentro de cada um. A população era treinada para situações de eventual ataque nazista, Angélica de Almeida Moura, ex-diretora dos colégios Padre Monte e Instituto Kennedy foi uma das jovens com treinamento especial como “Alertadora”.

As sirenes alarmavam nos treinamentos, os holofotes instalados na esquina da Avenida Deodoro com João Pessoa eram ligados e cruzavam o céu, cortando o escuro da noite, todas as casas fechavam rápido suas janelas. As poucas luzes que haviam eram apagadas e as pessoas em trânsito se deslocavam para posições de melhor proteção.

Certa noite, o alarme foi acionado em função de uma detecção de possível ataque aéreo real, o desespero foi grande. Por coincidência havia um ronco muito alto de motores sobre as nuvens, os holofotes foram acionados na busca aos aviões nazistas. O medo fez dobrar os joelhos do mais descrente ateu e todos os santos eram invocados.

Correria para os abrigos antiaéreos e até indevidamente para as dunas do Tirol. Myrthô Andrade tinha 13 anos e lamentava “furei minhas orelhas e vou morrer sem colocar os brincos”, seu avô rapidamente colocou a família em um jeep e disparou para uma granja em Macaíba. Nessa noite o estoque de tranquilizantes se esgotou nas farmácias.

Os ataques aéreos jamais aconteceram, mas a sirene, o ronco dos motores e o *black-out* continuaram na mente dos natalenses, mesmo em tempo de paz.

Os dólares em circulação geraram cobiça e episódios ridículos. Zé Areia vendia urubus depenados como se fossem perus aos americanos. Pior era feito com os saguis, bicho de estimação favorito dos militares. Garotos embebedavam o pequeno primata, que, parecendo ser manso, passava a ter maior cotação. Os soldados sempre acabavam no prejuízo, pois os animais ficavam indóceis e fugiam assim que despertavam do pileque.

O dia 5 de setembro era o “Dia da Raça” e havia o desfile estudantil que antecedia o tradicional desfile militar de 7 de setembro, no período da II Guerra com o patriotismo exacerbado e a propaganda getulista. A população em peso assistia os desfiles e havia uma grande disputa entre os colégios e interesse especial dos estudantes em caprichar. O Colégio das Neves não tinha banda marcial e por pressão das alunas utilizou a banda do Colégio Marista para poder desfilar em 1943, foram semanas de ensaios para caprichar nas evoluções, o esforço valeu a pena pelos aplausos que receberam e a conquista de campeão do desfile.

O jovem jornalista Aluízio Alves entrevistou a 1^a dama americana Eleonor Roosevelt que esteve em Natal para pedir votos aos soldados para reeleição do marido. Ele ficou impressionado com a feiúra dela.



114

Eleanor Roosevelt. 1^a dama americana na Base Naval, 1943



115

Carole Landis

Em função do repentina aquecimento da economia da cidade com a chegada dos americanos, muitas pessoas se mudaram de outros estados para Natal buscando melhor condição salarial ou mesmo em decorrência de vinculação militar.

O alagoano Lídio Rossiter se mudou com sua esposa Maria José Monte para Natal antes do início da II Guerra onde passou a gerenciar o Banco do Povo, localizado na Ribeira. Animado com a economia da cidade, em 1943, Lídio chamou o irmão mais velho Carlos Rossiter, que foi trabalhar na Base Aérea, juntamente com a filha Déa. José Osório de Azevedo veio servir o Exército em Natal em pleno período de Guerra, aqui conheceu Lêda Wanderley de tradicional família local, com quem se casou teve os filhos: Gileno (Leno, o cantor da Jovem Guarda) e June Wanderley Azevedo.

116

Oscar Wanderley
(paletó), Lêda
Wanderley (primeira
à esquerda por trás)
e família reunidos na
residência da Praça
Padre João Maria (atual
anexo do IHGRN), 1941



117

Recepção aos
expeditionários
potiguares na
Praça 7 de Setembro,
agosto de 1945



130

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Fatos e causos em tempos de guerra e paz

Esta vida é mesmo assim
Vou passar o carnaval soltando bomba em Berlim
(Música carnavalesca, Zé Poeta, Diário, 1943)

No período da II Guerra em Natal, são inúmeros os fatos pitorescos envolvendo brasileiros e americanos, alguns deles sem confirmação.

- » Em decorrência da expansão nazista na primeira fase da II Guerra, com número elevado de baixas nos países aliados, foi discutida, na capital federal, a possibilidade de cancelar o carnaval no Brasil, em 1942. O Rio de Janeiro chegou a ficar sem carnaval. Essa possibilidade não teve o menor eco em Natal, pois foi rechaçada pela imprensa local e pelos foliões potiguares. A se considerar também o fato do então prefeito Gentil Ferreira ser também presidente da Federação Carnavalesca de Natal.
- » Numa visita que fez ao Hospital Juvino Barreto (atual HUOL) para confortar alguns feridos de guerra, a atriz Merle Oberon perguntou a soldados da Força Aliada:
 - Você matou algum nazista? O soldado americano disse que tinha morto um.
 - Com qual das mãos? Insistiu a atriz. E diante da resposta do soldado, ela premiou-lhe a mão direita com um beijo.Passando para o soldado brasileiro, ela repetiu a pergunta:
 - E você, matou algum nazista?
 - Matei sim e foi à dentada, disse o soldado pulando da cama.
- » José Antonio Areia Filho – o Zé Areia – era boêmio, humorista nato e não tinha trabalho fixo. Embora fosse barbeiro e vivesse de vendas avulsas de produtos, tudo que conseguia vender era imediatamente gasto com bebidas. No carnaval virava Rei Momo, era uma figura



extremamente conhecida e popular na cidade. O aspecto marcante nele era a grande criatividade para sátiras e repentes. Infalivelmente alvejava oralmente quem pretendesse humilhá-lo.

Certa vez, Zé Areia vendeu um papagaio completamente cego a um americano. No dia seguinte, foi procurado pelo cônsul americano, juntamente com um soldado, a vítima. O cônsul declarou que o papagaio que ele vendera era cego! Um absurdo. Não prestava. Zé areia teve essa saída:

– Espere: o senhor quer o papagaio pra falar ou pra levar pro cinema?...

- » Zé Areia não conseguia vender um de seus saguis, que tinha feridas na cabeça pelada. Daí teve uma idéia para dar saída à mercadoria. Arranjou um punhado de selos velhos e pregou-os na cabeça do bicho, fazendo uma espécie de capacete. Um americano, que resolveu comprá-lo, perguntou o que significava aquilo na cabeça do animal, ao que Zé Areia esclareceu: – Sabe alfândega? Muita fiscalização!...
- » Terminada a II Guerra, o potiguar Café Filho assumiu a presidência da República com o suicídio de Vargas. Zé Areia aproveitou e conseguiu ir ao Rio de Janeiro onde pediu emprego ao velho amigo das Rocas. Café deu-lhe um cartão e o encaminhou para se engajar na campanha da borracha. Dirigiu-se à Repartição que controlava o programa sem saber o que se tratava exatamente e indagou ao atendente:
– Me diga uma coisa, amigo velho, o que é mesmo que eu vou fazer nesse emprego?

Resposta do funcionário, um tanto maliciosa:

– Você vai tirar leite de pau (queria dizer que ele trabalharia no seringal, na extração da borracha).

Irritado, Zé Areia exclamou:

– Não quero mais o emprego, não! Quem tira leite de pau é...

E foi embora.

- » Subitamente, foi divulgada na Base Aérea de Natal a seguinte ordem: Todos os Oficiais do Esquadrão, instrutores e alunos deveriam entrar em forma imediatamente para a chegada de uma autoridade. Quando todos, apressadamente, chegaram ao local, já se encontrava a Banda de Música com todo o seu efetivo. Esse detalhe despertou a atenção dos Oficiais. Por que a Banda? Alguém muito importante deveria estar sendo aguardado. Em seguida, veio o esclarecimento: Em instantes um avião C-47 pousaria em Natal para abastecimento. Vinha a bordo uma extensa comitiva e um General Americano. O C-47 entrou no tráfego, apresentando-se para o pouso. Fez um circuito completo como se estivesse colaborando em proporcionar mais tempo ao apronto da Guarda de Honra. Eufórico, o mestre da Banda ergue os braços e dá início ao “Deus Salve a América”, certamente a melhor homenagem musical que se poderia prestar ao General Americano. Cortados os motores, abriu-se a porta e os Oficiais começaram a descer... todos brasileiros e... surpresos com a homenagem. O Comandante da Base não conseguia esconder sua aflição. A Banda depois de executar três vezes “Deus Salve a América”, mudou para o hino do “US Army” e nada do General Americano. Somente depois surgiu a explicação: O único General que desembocara chamava-se Americano Brasiliano Freire e na ocasião em que o telegrafista transmitiu a mensagem, fizera apenas menção de que “o General Americano e sua comitiva chegarão a Natal”.
- » Um caso pitoresco aconteceu já em 1950, quando por sugestão do Tenente Aviador Rivaldo Gusmão de Oliveira Lima e com autorização superior, foi liberada a pintura de desenhos artísticos no nariz do avião. A partir daí, começaram a surgir figuras de mulheres

no lado esquerdo da fuselagem, próximo ao número de matrícula. Os B-25 de Natal passaram então a exibir suas “tatuagens” como a “Nega Maluca”, o “Amigo da Onça” e tantos mais. Na cidade existia a famosa boate de Maria Boa e um grupo de tenentes resolveu então homenageá-la. Somente quem não acreditou no fato foi a proprietária da boite. Os tenentes foram até a cidade, colocaram-na no carro e rumaram para o estacionamento dos B-25. A visitante, visivelmente emocionada, chegou às lágrimas quando, à sua frente, pintada ao lado da matrícula 5079, refletia sob o clarão do hangar, a inscrição “Maria Boa”...

(Dois últimos tópicos extraídos do livro “História da Base Aérea de Natal”, de Fernando Hypólito da Costa).

Os arquivos secretos da Base Aérea de Natal durante a II Guerra

Não sei com que armamento se combaterá
a III Guerra Mundial, mas a IV Guerra Mundial
será combatida com paus e pedras.
(A. Einstein)

Em seu livro “História da Base Aérea de Natal” (Ed. Universitária, 1980), Fernando Hippólyto da Costa, trouxe à luz, a partir de documentos considerados secretos, fatos interessantes referentes à participação da Base no desenrolar do conflito mundial. A seguir, alguns trechos selecionados:

No dia 15 de dezembro de 1942, o comando da Base recebeu o comunicado do prefeito do município de Pedro Velho, segundo o qual, uma aeronave caíra há poucos quilômetros daquela cidade, estando dois tripulantes completamente carbonizados e um gravemente ferido. Uma equipe da BAN seguiu imediatamente para o local, providenciando a remessa dos corpos para Natal e a internação do sobrevivente, o Aspirante Aviador Mena Barreto, que viria a falecer três dias depois. O Inquérito Sumário Técnico revelou que “os magnetos e o gerador não foram encontrados no bloco do motor, por haver sido retirados, indevidamente, por um tal Ananias, vigia da Companhia Rio Tinto”.

E, mais adiante: “há indícios veementes de que o avião tenha sofrido um ataque por rajada de metralhadora, partindo da terra”. O *Fairchild* era proveniente de Recife. E conclui o relatório: “Estamos apurando o sucedido, com a colaboração do Exército. Não sabemos se

o triste acontecimento foi obra de algum submarino inimigo, na baía de Maranguape, ou se é devido à ação da quinta-coluna encapotada. O certo é que o avião abatido apresenta vestígios de 38 perfurações de carga estranha ao nosso equipamento bélico. Nesse avião deveria ter viajado o Brigadeiro Eduardo Gomes”.

Em 1º de julho de 1942, vazou para a imprensa um caso de espionagem em Natal. O jornal “A República” publicou com destaque o seguinte despacho procedente de Recife: “O engenheiro Luiz Eugênio Lacerda de Almeida foi detido pela Polícia por motivo de espionagem. O depoimento foi precedido das declarações dos espiões Sievert, Herbert Friedrich, Julius Von Heyer e outros. A função de Eugênio era espionar as obras da Base Aérea de Natal”. Quase um ano depois, a 19 de julho de 1943, “A República” volta a destacar o assunto sob o título: “Furtou e vendeu o plano da Base Aérea de Natal”, onde afirma que o plano geral da Base fora passado aos agentes da espionagem alemã, em Recife. Pesava ainda contra o engenheiro a gravíssima acusação de fornecer elementos sobre a partida de navios brasileiros, posteriormente afundados por submarinos nazistas. Devido a declaração do advogado do acusado à imprensa, segundo a qual o seu constituinte “fora vítima de tremendo equívoco da polícia pernambucana”, a Chefia da Polícia resolveu dar publicidade às cópias dos principais documentos do processo, onde figurava a própria confissão do engenheiro. Lacerda, “um admirador das vitórias alemãs”, havia trabalhado durante cinco anos na firma alemã Herm Stoltz & Cia e viajara a Natal, por ordem do gerente Hans Sievert para “proceder uma completa observação das obras realizadas na Base”.

Do Comando da Região Militar, sediado em Fortaleza, a Base Aérea de Natal recebeu um rádio criptografado, em 17 de novembro de 1944, com o seguinte teor: “Novamente submarino inimigo avisado perto de Aracati, Ceará”. Anteriormente, o Comando da Base já fora informado de que “era possível que desse à costa seis baleiras com sobreviventes alemães de um navio-transporte afundado

recentemente”. Nada foi encontrado. Medidas acauteladoras contra espionagem foram tomadas “alertando a Aeronáutica das manobras comunistas para perturbar a ordem do País”.

Algumas informações de alerta trocadas entre o Comando da Base e órgãos da Inteligência no ano de 1942:

“Movimentos de submarinos no litoral entre Ceará e Pernambuco e de corsários no Atlântico Sul. Suspender a saída de navios mercantes até segunda ordem, entre os portos de Fortaleza e Recife”.

As missões de cobertura aérea eram realizadas apenas no período diurno, à noite os navios deslocavam-se completamente às escuras, não se efetuando voos de cobertura.

“Não deverá constituir surpresa uma tentativa de desembarque de elementos para efetuarem atos de sabotagem ou ação de artilharia de submarinos, atuando contra a cidade, Base Naval, Aeroporto da Panair, o grande tanque de gasolina do Rádio-Farol e contra a Base de Parnamirim”.

“Acaba de chegar ao porto de Areia Branca uma baleeira do vapor inglês Ripley, torpedeado há cinco dias. Conduz 29 naufragos, inclusive o Comandante. O mesmo pede que seja comunicado ao cônsul inglês em Natal e que a aviação localize outra baleeira entre Touros e Caiçara do Norte”.

Natal pós-guerra

Eurico Gaspar Dutra havia sido eleito folgadamente presidente da República e consolidou a postura pró Estados Unidos. Dutra foi o presidente sobre o qual mais se contaram piadas. Uma delas glosava o parco inglês do general. Em viagem a Washington foi recebido pelo presidente Truman e teria ocorrido o seguinte diálogo: “*How do you do, Dutra?*” “*How tru you tru, Truman ?*” teria respondido nosso presidente.

O pós-guerra é o tempo da ressaca da presença dos americanos em Natal. Já não corre mais o dólar e a cidade está na encruzilhada de opções para se manter em pé com as próprias pernas. A Ribeira ainda é a área principal de encontros e conversas dos intelectuais, boêmios e vagabundos. A cidade alta é a área nova, o modernismo, que começa a aparecer com as lojas implantadas por libaneses e sírios atraídos pelo repentina crescente da economia. O Bonde transita no Alecrim com a concorrência de automóveis.

O Cinema Rex passou a exibir todas as quartas feiras a “Sessão das Moças” onde homem não entrava, Myrthô Andrade era uma das frequentadoras assíduas e não esquece de *Shirley Temple, Judy Garland, Errol Flynn*. Chegou a assistir três vezes “Sempre no meu Coração” (“*Always in my heart*” com *Kay Francis*) só para copiar a letra da música tema, outro filme inesquecível para ela foi “Flores do Pó” (“*Blossoms in the dust*” com *Greer Garson*).

A Praça Pio X (onde atualmente é a Catedral nova) era bem conservada, sendo o principal ponto de passeio para namorados. Um pequeno restaurante havia sido implantado no centro da mesma, atraindo ainda mais pessoas, principalmente à noite. O Trio Irakitan ainda não era famoso nacionalmente e ensaiava na esquina da Rua Auta de Souza com Felipe Camarão, casa que hoje pertence à família de Juvenal Faria Júnior.

119

Os automóveis concorrem com o Bonde na Rua Amaro Barreto,
Alecrim, 1949



Em 1949, Djalma Maranhão é repórter do “Diário de Natal” e publica uma série de textos com o título “Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense”. A esquina que dá título aos textos de Maranhão é onde se localizava o “Carneirinho de Ouro”, 1º andar da boemia, do jogo de sinuca, das apostas. Em baixo, existia o Café Globo, considerado o único bar natalense que não se americanizou, atravessou a guerra cem por cento brasileiro. O seu proprietário recebeu propostas vantajosas de velhas polacas e aventureiras de todas as raças para comprá-lo ou pelo menos arrendá-lo. Resistiu bravamente e manteve sua clientela, que admitia não beber nada gelado. Lá não tinha geladeira, mas a água era fresca, o calor asfixiante era só amenizado por dois ventiladores enferrujados e barulhentos grudados no teto. Tudo isso era compensado por uma

140

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

coalhada especial adoçada com rapadura raspada, doce com queijo e um bom cafezinho. O proprietário do bar, Luis Souza, era um tipo excêntrico, velhote, caladão, mas irritadiço que explodia sempre que se sentia minimamente incomodado.

Na manhã de 13 de novembro de 1953, ocorreu a primeira demonstração de jatos em Natal. Quatro aviões do tipo F-80, pertencentes ao 1º Grupo de Aviação de Caça e sediados na Base Aérea de Santa Cruz, realizaram demonstração de voos acrobáticos sobre o aeródromo de Natal. Em seguida ao pouso da esquadrilha (primeiras aterragens de jatos da FAB na Base Aérea de Natal), houve visitação pública à tarde.

No início dos anos 1950 surgiu em Natal uma nova modalidade de prática esportiva, o futebol mirim. Conforme escreveu Invoncísio Medeiros no livro “História e Desporto” (*post mortem* de Tarcísio Medeiros) os primeiros jogos ocorreram nas quadras de basquete do América e do Aero Clube. Era utilizada uma bola pequena cheia de agave e não existia goleiro. Os pênaltis eram batidos a partir do centro da quadra e com a travé de 1,20m por 1,00m totalmente livre. Os primeiros torneios foram organizados por profissionais liberais e os times eram: “Tamoyo”, “Aymoré” e “Tupy”, entre outros. Entre os mais entusiasmados atletas estavam: Tarcísio Medeiros, Eraldo L’Eraistre Monteiro, Jácio Fiúza, Rossini Azevedo, Odilon Garcia, Sylvio Pedroza, Alvamar Furtado, Roberto Furtado, Fuad Salha, Heriberto e Jarbas Bezerra.

No carnaval as crianças se fantasiavam de índios, o corso já era na Avenida Deodoro e os blocos de elite apareciam como novidades. Em 1961, os primeiros sinais de mudanças nas características dos espetáculos chegaram com a peça da Companhia de Comédia Leila Diniz, que se exibiu na Base Aérea de Parnamirim.

Em 1953 uma batida envolvendo caminhão do SAPS e o carro placa 650 na Avenida Rio Branco vitimou um alto funcionário do Banco do Brasil. O acidente chocou a população.



120

Irmãos Cláudio, Césio e Tainso fantasiados de índios no carnaval de 1955

121

Populares observam carro do funcionário do BB após grave acidente na subida da Avenida Rio Branco, próximo à esquina com Rua Juvino Barreto em janeiro de 1953
(Foto do arquivo pessoal de Carlos Manuel – Tainso)



142

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

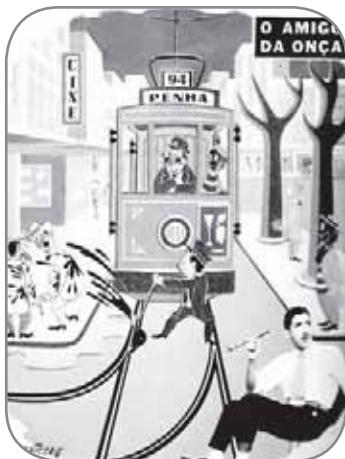
Coisas do final dos anos 1950

Ninguém falava de inflação, só de carestia.
Sempre que o homem sair com os amigos e voltar tarde da
noite espere-o linda, cheirosa e dócil.
(Jornal das Moças, 1958)

1 1958 foi o ano que comecei a folhear e tentar ler “O Cruzeiro” e “Manchete”, foi o ano que o Brasil ganhou a primeira copa do mundo de futebol. Precocemente, acompanhei a Copa em algumas transmissões pelo rádio e nas reportagens das revistas, vibrei junto com os adultos. Naquele ano colecionei o álbum de figurinhas “20.000 Léguas Submarinas” do filme baseado na obra de Julio Verne.

Aprendi quem eram JK, Éder Jofre, Maysa, Falcão Negro, Zé Trindade, Carlos Lacerda, Maria Ester Bueno, Jorginho, Cocó, Marta Rocha, Adalgisa Colombo, Garrincha, Pelé, Aída Curi, Stanislaw Ponte Preta, Amigo da Onça, Yuri Gagary, Dinarte Mariz, Aluizio Alves e Cacareco (rinoceronte do Zoo de SP “eleito” com 100 mil votos de protesto para vereador).

As mulheres cariocas estavam liberadas para pesar mais de 60 quilos, pois só assim seriam escolhidas para o grupo das certinhas do Lalau, o Stanislaw Ponte Preta, personagem criado pelo jornalista Sérgio Porto.



Ao mesmo tempo que o barulhento DKW-Vemag aparecia nas Ruas de Natal, juntamente com o Simca Chambord e o Dauphine da Willys. A nota de Cr\$ 1,00, de cor azulada, surgia com a estampa do Marquês de Tamandaré, na frente, e a Escola Naval do Rio de Janeiro, no verso.

A Avenida Rio Branco tinha trânsito nos dois sentidos e lá circulavam as lotações da linha Rocas-Quintas. Já na Rua João Pessoa, em frente ao Caldo de Cana de seu Pedro Costa, tinha a parada dos ônibus “Circular”. Esses ônibus tinham dois trajetos inversos: iniciando via Praça Pedro Velho ou via Rua Maxaranguape.

Os jornais davam notícias sobre “curras” que agitaram a província. Baracho era o bandido mais conhecido e temido na cidade. Pecado era o apelido do líder estudantil bagunceiro que surgia no Atheneu, nessa época ainda sem conotação política, que só viria a ocorrer após a Revolução de 1964.

Havia uma excessiva pronúncia dos erres pelos cantores e locutores. Na Rádio Poti tinha locutor anunciado como “RRui RRicardo”. Esse hábito era tão característico quanto as músicas da “Era do Rádio” e os programas de auditório comandados por Genar Wanderley, Glorinha Oliveira e Agnaldo Rayol. Só viria a cair em desuso nos efervescentes anos 1960.

Os programas de auditório tinham boa participação popular: nas manhãs dos domingos havia a “Sabatina da Alegria” com Rui Ricardo

no auditório do Cinema São Pedro, à tarde o quente era “Vesperal de Atrações” com Fonseca Júnior e Alnice Marques no Cinema Poti.

Os primeiros moderninhos, chamados de *playboys*, circulavam em lambretas, com óculos escuros (mesmo à noite), camisa “Volta ao Mundo”, blusão de couro por cima e botas que substituíam os sapatos “Vulcabrás”. Com o cigarro na boca (Continental, Minister ou Hollywood) tentavam aparentar rebeldia e independência. Roberto Lira, Luzenildo Porpino, Marcílio Carrilho, Amador Lamas, Buriti e o fotógrafo Rodrigues comandavam os primeiros passos da “Juventude Transviada” em Natal com pegas na Pista da Hermes da Fonseca. Roberto descia a ladeira do sol em alta velocidade com sua lambreta turbinada, chegava a ficar em pé na mesma. Capotamentos ocorreram diversas vezes e a Polícia chegou a prender Roberto para desespero de sua mãe dona Lourdinha.



122 Avenida Rio Branco em 1958, foto Jaeci Galvão

Os jovens começavam a mudar a forma de cortar o cabelo, Os primeiros topetes (nós chamávamos de “trunfas”) apareciam sob influência de James Dean e Marlon Brando. As cabeleiras eram penteadas com o pente flamengo (famoso por ser feito de material inquebrável).

Antes disso, os meninos ainda tinham os cabelos cortados “à zero” na base da máquina do barbeiro seu Miguel da Rua Ulisses Caldas. Só sobrava um pouquinho de cabelo na frente. Sapatos novos ou recém-engraxados eram visados para “selo”, que consistia em pisá-los.

Após a copa do mundo, meu interesse pelo futebol surgiu de forma natural: acompanhei as narrações de Aluísio Menezes (pela Rádio Nordeste) dos campeonatos potiguares de 1959 e 1960. Comecei também a ouvir resenhas esportivas, aprendi os nomes dos jogadores. E passei a ser torcedor alvinegro (ABC, Botafogo e Centro Náutico Potengi).

O menino Etevino Menezes Caldas, meu vizinho e morador da Rua Felipe Camarão, acompanhava o tio Aluísio nas transmissões de futebol do Juvenal Lamartine.

Henrique Eduardo Alves morava com os pais no Rio de Janeiro, mas vinha passar férias na casa do Sr. Militão Chaves, grande amigo da família.

As interrupções de energia elétrica eram frequentes e prolongadas na cidade. Muita gente ficava sentada nas cadeiras ao longo das calçadas conversando e contemplando o céu estrelado.

As novidades para a criançada eram as estampas com figurinhas Eucalol, o chocolate “torrão” e o refrigerante “Crush”. O Trio Nagô era o sucesso com “Cabecinha no Ombro” (“encosta tua cabecinha no meu ombro e chora...”), meu pai preferia a Orquestra de Mitch Miller com “A Marcha do Rio Kwai”.

A leitura preferida das adolescentes era a “Revista do Rádio”, enquanto os rapazes disputavam a “Revista do Esporte” e a “Gazeta Esportiva”.

Gemada em pó da Kibon era a novidade na nossa casa e conheci o primeiro LP de 12 polegadas na casa da minha prima Julieta.

No Ginásio Sílvio Pedroza (único coberto na cidade) as maiores atrações eram as lutas livres com Bernadão, Aderbal Bezerra, Takeo Yano, Euclides da Cunha, Ivan Gomes, Touro Novo, Pinheirão e Waldemar Santana. As rádios e os jornais davam boa cobertura a esses eventos.



123

Aderbal Bezerra em ação no Ginásio Sílvio Pedroza, foto do acervo de Aderleth Bezerra de Araújo

José Vasconcelos era o novo humorista que se destacava no cenário radiofônico. Foi dele a frase “Varig é a abreviatura de Vários Amigos Reunidos Iludindo Gaúchos”. Ele tentou montar uma “Vasconcelândia” (versão brasileira Disneylândia) em São Paulo, mas fracassou.

Telê Santana era o “fio da esperança” ponta direita do Fluminense; Jorginho o craque do ABC e do RN, mas o Trio Irakitan é que era o maior orgulho dos potiguares. Um dos seus componentes, João Costa Neto (Edinho), era papa-jerimum.



124

Recorte de jornal sobre o Trio Irakitan. (Acervo de Luiz Gonzaga Cortez)

Já no início dos anos 1960, aos domingos logo cedinho o programa preferido do meu pai era nos levar, de lotação ou a pé, até a Ribeira. No estuário do Rio Potengi acompanhávamos as regatas e torcíamos pelo Centro Náutico em sua batalha semanal contra Sport e Riachuelo. Imagens marcantes, beleza plástica inesquecível. Meu pai fazia questão de chegar bem cedo, de visitar antes o Cais do Porto, de ver os navios recém-chegados, de nos explicar as bandeiras e respectivas nacionalidades. Ele acompanhava atentamente os preparativos que antecediam a competição e nos explicava o significado de tudo. Sempre aproveitava para relembrar sua época de remador, explicava que o esporte náutico envolvia mais diretamente a classe média nos anos 1930 e 1940, que o público feminino acompanhava as competições de perto.

Numa das vezes que estávamos visitando o Centro Náutico, acompanhei a conversa dele com um senhor grisalho baixinho, sorridente, com a pele muito queimada pelo sol. Era Ricardo da Cruz, um dos heróis do famoso *Raid Natal-Rio*. Fiquei curiosíssimo com a história e já quando nos deslocávamos para casa fiz muitas perguntas para o meu pai, “como é que eles comiam? Só comiam peixe? Como é que eles preparavam o peixe? Como é que faziam cocô?”, meu pai ficou meio enrolado pra explicar tudo...

Um ponto certo de parada era o estúdio do fotógrafo João Alves de Melo, na Rua Dr. Barata, enquanto papai conversava, eu olhava as fotografias cuidadosamente fixadas em quadros nas paredes internas do ambiente. Melo era amigo de infância de papai, companheiro dos tempos áureos do remo e durante muitos anos o fotógrafo mais procurado da cidade. As belas imagens captadas pela sensibilidade artística e pela técnica apurada de João Alves sintetizavam a história de Natal na primeira metade do século XX.

Tinha outro amigo de papai que me deixava assustado, era Luis Tavares um assustador gigante e esquisito com uma cabeça enorme, cada dedo dele era do tamanho de uma mão minha. Tavares era figura

conhecidíssima na cidade, exagerava nas estórias que contava, era uma pessoa dócil, mas de vez em quando se metia em brigas.

Certa ocasião Tavares resolveu aceitar o convite de Raul Capitão para explorar uma mina no município de Lajes onde estavam descobrindo sheelita e outros minérios. Consegiu dinheiro emprestado com Firmino Moura, montou uma pequena equipe de ajudantes para o trabalho braçal de escavações e partiu para a região central.

Dois meses depois Firmino encontra Tavares na Ribeira e pergunta:
“E aí consegui pegar muita sheelita?”

Tavares com seu exagero característico respondeu:
“Todo mundo perto de mim enchia caminhões de sheelita, mas eu
cavei tanto que já tava alcançando o Japão e não achei p... nenhuma”.

Papai dizia que Tavares era péssimo datilógrafo: devido à largura
e tamanho do dedo, cada toque dele acionava simultaneamente duas
teclas. Imagine ele hoje usando um telefone celular 3G...!



125

Casal Aluísio Lamartine,
Benedito Amaro, Gulnar
Paiva, Militão Chaves,
Milza Chaves, Cecília
Lira, Olga Lamartine,
Henrique Alves e
Hiperides Chaves, 1959
Foto do acervo de
Olga Lamartine

Djalma Maranhão e o Golpe de 1964

A Gestão Municipal e o cenário político em Natal

Dizem que “quem não conheceu Natal na época de Djalma Maranhão, não conheceu Natal”. Exageros à parte, tantas foram as realizações telúricas da administração DM que a cidade se transformou numa festa permanente. Esses eventos eram bem mais simples e mais baratos do que os shows atuais de fim de ano organizados pela prefeitura e absurdamente realizados no gramado do Machadão. Mas eram muito mais autênticos.

Djalma Maranhão foi esportista, professor de educação física do Colégio Atheneu, praticou boxe, futebol e basquete, gostava de papear no Grande Ponto e na Ribeira. Também participava de serestas junto com violeiros da cidade.

Djalma foi prefeito de Natal duas vezes. Restaurou todos os autos populares, numa autêntica revalidação do folclore natalense. Promoveu vários congressos brasileiros de folclore, praças de cultura, feiras de livros, edificou a Galeria de Arte e bibliotecas públicas.

No início dos anos 1960, o RN dividia-se entre as lideranças rivais do senador Dinarte Mariz e do governador Aluízio Alves. O partido comunista encontrava-se na ilegalidade e sobrevivia no estado pela liderança de Luis Maranhão Filho e Vulpiano Cavalcanti.

Como terceira força, surgia o prefeito Djalma Maranhão, político da esquerda nacionalista.

Aluízio e Djalma foram eleitos governador e prefeito (Djalma pela segunda vez) no ano de 1960, em aliança política, apoiados pela coligação Cruzada da Esperança. Em poucos meses de administração, governador e prefeito começaram a divergir. Aluízio Alves tinha prestígio e força popular e administrava com recursos adicionais do programa americano para América Latina “Aliança para o Progresso”. Nesse período foi construído pelo governo estadual o Instituto Kennedy e a Praça Kennedy, com a presença do senador Robert Kennedy em Natal. Tempos de Guerra Fria e o governo americano envia grande quantidade de alimentos, principalmente leite em pó, que eram distribuídos com a população, nem sempre a mais humilde, da cidade.

O Nordeste era um potencial barril de pólvora com as ligas camponesas se organizando com Francisco Julião, que apoiara a eleição do governador Cid Sampaio em Pernambuco. Aluízio Alves era um líder popular brasileiro confiável para os americanos.

O prefeito, com dificuldades econômicas, realizava sua administração priorizando os programas de alfabetização popular e democratização da cultura. Boa parte dos seus auxiliares eram jovens estudantes universitários idealistas, uma parcela deles de tendência socialista/comunista.

Em todos os períodos de Natal, Ano Novo, Reis e São João toda minha família ia assistir as exibições folclóricas no palanque normalmente armado na esquina da Ulisses Caldas com a Rio Branco. O “Boi Calemba” era a principal atração.

O censo do IBGE de 1960 revelou a cidade do Natal com uma população de 160.000 habitantes, dos quais 60.254 eram analfabetos e estavam fora da escola. Acrescenta-se que, após a II Guerra Mundial,

a população cresceria multiplicada por quatro e estava desenhado um quadro de colapso da escola pública sem condições para suportar a demanda existente. A campanha eleitoral de 1960 havia ocorrido em um clima de mudança e pela primeira vez Natal havia escolhido seu prefeito pelo voto direto.

Djalma Maranhão, descendente de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, fundador da cidade, defendeu a democratização da educação com o acesso do povo às fontes do saber. Implantou o primeiro telefone público da cidade, criou a campanha pioneira “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. Esse processo de alfabetização foi popularizado em barracos montados para servirem de salas de aula e foram alfabetizadas vinte e cinco mil crianças.

Interessante saber que esse processo foi alavancado no início de 1961 a partir de uma reunião do Comitê Nacionalista das Rocas, presidido pelo então presbítero e funcionário dos Correios José Fernandes Machado, meu ex-professor de português do Colégio 7 de Setembro. A referida reunião visava discutir a erradicação do analfabetismo nas Rocas e foi realizada na Igreja Presbiteriana do bairro. O secretário municipal de educação Moacyr de Góes estava documentado com estatísticas do crescimento das escolinhas e, a certa altura, admitiu a má notícia de que a prefeitura não teria recursos para fazer a sonhada rede de escolas municipais. Longa foi a discussão e pesada a cobrança dos compromissos assumidos na campanha de Djalma Maranhão. Lá pras tantas, no meio daqueles quarenta homens e mulheres, alguém disse:

Se não tem dinheiro pra fazer uma escola de alvenaria, faça uma escola de palha, mas faça a Escola!

A discussão pegou fogo. No final submetida a votos a escola de palha foi aprovada pelo Comitê. A proposta foi rapidamente aprovada pelo prefeito que pessoalmente acompanhou os trabalhos de montagem da primeira escola nesses moldes, dirigido pelo próprio marceneiro da prefeitura. Cada unidade de palha era denominada

Acampamento Escolar e se constituía num pavilhão de 30 metros por 8 metros divididos em 4 classes separadas por quadros negros e quadros murais, sem paredes laterais para evitar distorção acústica e permitir ventilação adequada.

Foi editado um livro para o Programa “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” inspirado na experiência cubana de erradicação do analfabetismo. O boletim da revista UNICEF 27/62 elogia a campanha como solução realizável no combate ao analfabetismo no Terceiro Mundo.

A alfabetização de adultos foi aprimorada em 1962, quando o educador Paulo Freire veio a Natal e preparou uma equipe específica para educação de adultos, adotando um método revolucionário para alfabetização em menor tempo. O governador Aluízio Alves havia feito experiência pioneira, com Paulo Freire, em Angicos, cidade onde nasceu.



126

João Goulart e
Djalma Maranhão, 1963

Cheguei a conhecer – ainda garoto com 10 anos de idade – a Galeria de Arte inaugurada por Djalma Maranhão na Praça André de Albuquerque. Lá estavam sempre expostos quadros de artistas locais, havia escolinhas gratuitas para introduzir jovens na pintura, no desenho ou na interpretação teatral e uma biblioteca onde se destacavam livros e publicações na linha socialista.

Mas Djalma também foi responsável por algumas obras polêmicas como o Palácio dos Esportes que restringiu a área aberta da Praça Pedro Velho. A construção da Rodoviária “Presidente Kennedy” (com a destruição de parte da praça original) é questionada por alguns como o início do declínio da Ribeira.

Maranhão era fiel ao presidente João Goulart e foi deposto pela Revolução de 1964. Já ex-prefeito, alegou, em um texto escrito ainda no exílio em Montevidéu, que foi traído pelo Comandante da Guarda Nacional de Natal, coronel Mendonça Lima, o qual havia assegurado lealdade ao ex-prefeito. Djalma foi preso com sentinela de fuzil embalado à vista. Foi transferido seguidamente para estabelecimentos militares em Natal, Fernando de Noronha e Recife. Foi libertado por decisão do Supremo Tribunal Federal.

Anos mais tarde demonstrou grande mágoa por ter sido demitido do cargo de Diretor do Departamento de Documentação e Cultura, por ato do governador Aluízio Alves.



127

O garoto André Barros
Lopes em frente ao primeiro
telefone público de Natal
Foto do acervo de
André Barros

A Revolução de 1964 em Natal

Os dois maiores adversários e maiores líderes populares do estado, ambos de origem udenista (Aluízio Alves e Dinarte Mariz), apoiaram o movimento: o então governador Aluízio Alves (já no PSD), elaborou nota à população na madrugada do dia 1 de abril no jornal “Tribuna do Norte” onde informou que estava “acompanhando os acontecimentos que se desenrolavam no sul do país a partir da crise... que atingiu a disciplina da Marinha e guarnição do exército em Minas Gerais [...] Todo estado está em ordem [...] a tranquilidade deve pairar acima das paixões das pessoas e dos grupos... Tudo fazer para solução dos problemas..., pela unidade e respeito às forças armadas”.

A escritora Mailde Pinto Galvão destaca que “o final do texto do governador era o indicativo, Aluízio Alves assumiu com os militares o poder da ditadura no Estado e, usando o Ato Institucional com leis de exceção, atribui-se o direito de, paralelamente aos militares, proceder à investigação e prisões políticas. Contratou dois policiais especializados a quem atribuiu poderes absolutos e excepcionais, com toda mordomia oferecida aos hóspedes oficiais”.

O livro de Mailde destaca ainda que “os policiais Carlos Moura de Moraes Veras, com treinamento no FBI, EUA e José Domingos da Silva, experientes e eficientes usaram métodos semelhantes aos praticados pelos nazistas na II Guerra Mundial”.

O centro da “subversão” era a prefeitura de Natal, outros pontos de ação especial eram as Faculdades e o Correio. Posteriormente, a preocupação militar incluiu os estudantes secundaristas. A quantidade de prisões foi grande e o coronel Esteves Caldas chegou a requisitar o Forte dos Reis Magos para instalar novos presídios. A maioria dos homens e mulheres presos em Natal pela Revolução tinha menos de 30 anos, muitos eram estudantes universitários. Além de comunistas históricos como Vulpiano Cavalcanti e Luis Maranhão, foram presos todos os simpatizantes do marxismo, além de católicos ligados ao

Grupo Ação Popular e o pastor José Fernandes Machado. O prefeito Djalma Maranhão, então com 50 anos de idade, e grande parte dos seus auxiliares diretos também foram presos.

Havia em Natal a Comissão Geral de Investigações instalada pelos militares, duas outras ditas “de alto nível” criadas pelo governador e ainda outras implantadas em cada repartição pública estadual, municipal e federal.

Ocorriam muitas denúncias pessoais e inúmeras pessoas foram submetidas a inquéritos, nosso vizinho advogado Walter Nunes foi uma dessas vítimas a partir de sinalização feita por outro morador próximo que não gostava dele.

No dia 21 de julho de 1964, foi encerrada no estado do Rio Grande do Norte a campanha do “Ouro para o Bem do Brasil”, iniciativa da cúpula militar, que se constituiu da contribuição de um dia de vencimento por parte de militares e funcionários civis. O objetivo era auxiliar o pagamento da dívida externa do País. Somente a Base Aérea de Natal contribuiu com o total de Cr\$ 3.745.890,00.

Entre 1968 e 1974, era muito comum em Natal os desfiles infantis “homenagearem” as forças armadas. Os quartéis organizavam “Colônias de Férias” e procuravam cativar a população a partir das crianças.



128

Desfile do Jardim de Infância Modelo com faixa saudando as Forças Armadas, Praça Pedro Velho, 6 de setembro de 1970. À direita, de gravata, J. Sizenando aguarda a passagem do filho Newton

Meu pai não perdia uma Parada de 7 de Setembro, admirava os militares e não reclamava quando os políticos eram cassados, insistia em alertar para não nos envolvermos em reuniões e conversas políticas. Em 1967, com 15 anos de idade, já tinha perto de 1,80m de altura, o rosto cheio de espinhas, era atleta da seleção infantil do Colégio 7 de Setembro e voltava de um treino noturno. Ao passar pela Rua Seridó ao lado do Atheneu me assustei com a explosão de uma bomba dentro do colégio e apressei o passo na direção de casa. Imediatamente tive a lembrança das recomendações do meu pai, apressei mais ainda o passo, e não olhava para trás com medo. De repente, escutei pisadas de muita gente atrás de mim, levei uma rasteira e caí de queixo no chão. Ainda caído, virei o rosto assustado e visualizei chocado cerca de 10 pessoas. Um deles, o meu agressor, foi o único que gravei o rosto. O sangue no queixo sujou minha camisa, fui arrastado até o colégio por policiais que eram acompanhados de alguns alunos noturnos do Atheneu, todos bem mais velhos que eu. Lá fiquei trancado numa sala e fui submetido a um interrogatório intenso. Um cara insistia que eu era do PCBR e me fazia perguntas que eu não conseguia entender o sentido. Fui liberado provavelmente graças à intervenção do diretor Marcondes Mundim Guimarães. Ainda hoje guardo a imagem do meu agressor, que não era militar e sim estudante “direitista” do Atheneu noturno.

Seis anos depois, quando era aluno de engenharia na UFRN e me articulava para ser candidato a vice-presidente do Grêmio Estudantil, fui discretamente alertado por um funcionário de que não poderia participar da chapa.

Já nos anos 1970, Eduardo Alexandre Garcia (Dunga), então repórter do Diário de Natal, dirigia seu fusca pela Praia dos Artistas e observou quando alguns meninos que estavam no Caravela Bar vaiaram os policiais que passavam numa viatura. Eles voltaram com metralhadora em punho para interrogar os jovens de forma truculenta. De volta à redação, Dunga teve permissão do jornalista Aléxis Gurgel para escrever a matéria que foi capa no jornal da segunda-feira.

No dia seguinte, Dunga foi pautado para ouvir o Secretário de Segurança, enquanto o repórter Jânio Vidal ouviria o Comandante da Polícia. Ambos entrevistados afirmaram que “era tudo mentira do jornal, aquilo não aconteceu”. O coronel entrevistado por Dunga foi ao Diário e falou com o diretor Luiz Maria Alves. Dunga procurou Aléxis e disse-lhe que se a segunda matéria não fosse publicada, ele sairia do jornal. A matéria não foi publicada e ele foi demitido.

Revoltado com a censura nos jornais, Dunga pensou “se não posso dizer nos jornais, vou dizer no muro”. E assim, no dia 1º de outubro de 1977 fez a primeira exposição na Galeria do Povo, no muro de uma casa, no contorno da Ladeira do Sol. Com todo movimento da Praia dos Artistas, a repercussão foi imediata. Poemas e quadros de Luiz Carlos de Freitas Júnior, Novenil, Carlos Gurgel, do próprio Eduardo Alexandre e de Dulce, a filha do dono da casa cujo muro era usado para as exposições. Algum tempo depois, o pai de Dulce chegou de Macau, onde trabalhava, para passar as férias natalinas e não permitiu mais o uso do muro. Um novo muro foi ocupado na Praia dos Artistas e o movimento da Galeria do Povo continuou por mais nove anos.

Atheneu esquerdista

Desde sua criação, o Atheneu Norte-rio-grandense sempre teve a tradição de ser a vanguarda intelectual da juventude natalense. No final dos anos 1960, naturalmente o colégio foi um ponto de preocupação do regime militar.

Aníbal Barbalho, Paulo Luz e Marcos “Lua” Medeiros eram estudantes do Atheneu em diferentes turmas entre os anos de 1966 e 1968, e recordam da intensa atuação dos líderes estudantis de tendência comunista como Juliano Siqueira, Sezildo Câmara e José Bezerra Marinho.

Paulo Luz era ainda um garoto de 15 anos e lembra que muitos alunos tinham orgulho de dizer que eram comunistas. Muitos

procuravam estudar sobre o assunto, mas ele, particularmente, ainda não sabia direito o que isso significava. Como representante de turma mais jovem no Diretório Estudantil, também assumia essa postura dos líderes. Como consequência, passou a ser intensificada a procura de livros de autores russos e brasileiros “esquerdistas” da biblioteca do colégio, pelos alunos..

Aníbal recorda que, mesmo procurando estudar sobre o comunismo, chegou a ler alguns livros escritos antes da revolução comunista russa e que nada tinham a ver com a linha Marxista. Entre os livros lidos estavam: “Almas Mortas” (Gogol), “Os Irmãos Karamazov”, “Crime e Castigo” e “O Jogador” (Dostoevsky), “Pequenos Burgueses”. Marcelo Rebouças, Everton Maciel, Fernando Damasceno e Lourival Pinheiro Borges eram outros leitores assíduos dos livros russos e dos “esquerdistas” Jorge Amado, Sartre etc.

Em 1968 Aníbal foi retirar o livro “Revolução e Contra Revolução no Brasil” de Franklin de Oliveira. Esse livro era disputadíssimo pelos estudantes e considerado como de alto poder para derrubar a ditadura. Rejane Lopes Cardoso era funcionária que atuava na Biblioteca do Atheneu. Quando ela foi anotar a saída desse livro, alertou a Aníbal, que o mesmo sempre era retirado com o nome “Pequeno Príncipe”, para evitar qualquer problema posterior. Muito atrevido, Aníbal disse para que fosse colocado na ficha o nome correto do livro e ela assim o fez.

Três dias depois a Ditadura baixa o Ato Institucional Nº 5 e prisões aconteceram em todo o Brasil e também aqui em Natal.

Aníbal ficou desesperado, olhava para o livro e não sabia o que fazer: queimava? Rasgava? Enterrava? Resolveu deixá-lo em cima da mesa da casa do pai e “esperar a chegada do Exército”. Esperou angustiadíssimo, durante dias e dias e o Exército nunca chegou para prendê-lo. O resultado deste episódio, é que o ex-estudante do Atheneu ainda hoje tem pesadelos em que o Exército vem detê-lo. Trauma da juventude. Aníbal ainda tem esse livro guardado. Ao ler o

mesmo recentemente verificou como “os órgãos de repressão e censura eram incompetentes por ter medo de um livro tão besta”.

Ocorreram diversas inserções dos órgãos de repressão no Atheneu. Aníbal Barbalho lembra que em 1968 a Polícia Militar cercou o Atheneu. O então comandante da Rádio Patrulha coordenava a operação. Com farda engomadíssima, elegante, peito estufado, ele se comunicava através de um rádio ou megafone dando orientações para a movimentação da sua equipe. De repente, alguns alunos tiveram uma idéia inusitada. Eles conseguiram sacos plásticos e passaram a urinar dentro dos mesmos. Com os sacos cheios, se posicionaram estratégicamente para não serem visualizados e passaram a atirá-los na direção dos soldados. Um desses, atirado pelo estudante Hélio, atingiu em cheio o comandante da Rádio Patrulha. Desnorteado, surpreso e incomodado pelo odor, o comandante entrou na viatura e disparou em retirada forçada.



129

Alunos do 3º científico do Atheneu no telhado do Colégio em 1968

Da esquerda para a direita em pé: Tarcísio José, Gurgel, Lindemberg, Laércio, Antônio Lima, Marcos Silva, Everton Maciel, Fernando Damasceno, Aníbal Barbalho, Sálvio, Carlos, Marcelo Rebouças, Sebastião, Heronides Xavier, Paulo Fulco, Caio Flávio, Ari e Samuel. Sentados: Paulinho, Wilton, José Ricardo, Edmar, Marcelo Teixeira, Bernadino Pereira, Marcos Borges, Flávio, José Tarcísio e Jamerson. Foto do acervo de Aníbal Barbalho

Marcos Roberto Oliveira de Medeiros, o “Marcos Lua”, recorda o episódio da invasão da casa do sr. Albimar Borges, professor de Matemática do Atheneu. Marcos costumava frequentar a casa dele em Petrópolis, pois era muito amigo do seu filho Albino, com quem saía para a prática de esportes. Numa manhã, soldados do Exército invadiram a residência

do professor, abrindo gavetas, derrubando móveis à procura de algo que o associasse ao comunismo. Nada foi encontrado, porém, Borges foi levado para prestar depoimento assim mesmo.

Condenado à morte

Theodomiro Romeiro dos Santos era morador da Rua Câmara Cascudo proximidades da minha casa na infância, estudou no Marista até 1968 e em 1969 mudou-se para Salvador onde fez parte do PCBR, com 18 anos de idade foi preso juntamente com outros ativistas e, na tentativa de escapar – mesmo algemado – conseguiu atirar e matar o sargento da Aeronáutica Walder Xavier de Lima. Foi o primeiro brasileiro condenado à morte na história da República. A condenação foi dada por Tribunal Militar com base na então Lei de Segurança Nacional. Posteriormente, Theodomiro conseguiu fugir para o México com a ajuda reticente de Dom Carmine Rocco e do Vaticano. Ele voltou a residir no Brasil após a Abertura Democrática.

130

Theodomiro no banco dos réus, em Salvador



131

Dona Georgina Romeiro consola o filho após condenação



Natal dos **nossos pais**

» Origens da família Sizenando Pinheiro	165
» A mudança para Natal	171
» A família Rossiter	177
» Relembranças de Passo de Camaragibe	191
» Namoro e casamento	197
» Geisel e João: reencontro e diálogo 44 anos depois	203
» Fragmentos da convivência com meu pai	207

4



Origens da família Sizenando Pinheiro

Meu bisavô paterno chamava-se Manoel Thomaz Pinheiro, nasceu por volta de 1840 e viveu na região central do estado do RN entre Santana do Matos e Açu. João Sizenando Pinheiro (meu avô) nasceu em Santana do Matos (RN) era comerciante e, em 1894, casou com Claudina Cândida Pinheiro (minha avó).

Pelo fato de 1900 ter sido um ano de seca, no Nordeste do Brasil, centenas de pessoas morreram e ocorreu grande migração de sertanejos para cidades com melhor estrutura econômica ou que estavam mais próximas do litoral, tais como Natal, Mossoró, Açu e Macau.

Boa parte da população abandonou Santana do Matos, visto que a condição econômica da cidade era péssima. A família Pinheiro decidiu mudar-se e abrir um negócio na cidade de Açu.

João Sizenando e Claudina Cândido tiveram dois filhos: Adelaide Adélia Pinheiro e João Sizenando Pinheiro Filho (papai), que nasceu no dia 5 de novembro de 1900 em Açu.

De acordo com o livro “Município de Açu, notícias até 1928” de Pedro Amorim, meu avô João Sizenando Pinheiro foi vice-presidente

da Intendência Municipal de Açu e em 1903 no exercício da presidência (equivalente a prefeito municipal) foi responsável pela execução da reforma no prédio da prefeitura que estava com o teto comprometido.

O “Major” Sizenando, como era chamado meu avô, após alguns anos, mudou-se de Açu para Macau, aproveitando a efervescência da produção salineira. Atuou como empresário com a “Pinheiro & Sizenando Cia.”, em cuja razão social constava que o nome “Sizenando” era do meu avô e “Pinheiro” era do seu sócio (embora meu avô também fosse Pinheiro). Na página 398 do livro sobre Macau antiga do escritor Getúlio Moura há o seguinte registro “As ilhas de Alagamar, do Meio, do Pontal da Barra e do Camapum foram vendidas por Francisca Moreira e Oliveira à firma Pinheiro & Sizenando & Cia em 1917”.

132

João Sizenando Pinheiro, meu avô, folheando o jornal “A República” ao lado um amigo não identificado, Natal, 1926. Foto do acervo da família Rossiter Pinheiro



Claudina Pinheiro faleceu em 1909 e o jornal “A República” de 24 de maio daquele ano registrou o fato conforme o texto a seguir:

“Por telegrama particular que nos foi obsequiosamente mostrado, sabemos haver falecido ante-ontem, na cidade de Macau, vitimada por antigos padecimentos, a exma. Sra. D. Claudina Pinheiro,

estremecida consorte do honrado comerciante d' aquela praça, major João Sizenando Pinheiro. A extinta era possuidora das preciosas virtudes que fazem o encanto do lar e mais enaltecem o coração materno. Ao nosso bom e inconsolável amigo, major João Sizenando e aos seus desolados filhos, levamos as nossas sinceras condolências”.

O escritor macauense Walter Wanderley em seu livro “Um Passeio Sentimental à Minha Terra”, destaca a figura da tradicional família Fonseca e Silva, cuja componente mais ilustre era o general Fonseca e Silva. O irmão do general, João da Fonseca e Silva, passou a residir em Macau em 1912. Ele era casado com Elvira, pessoa de coração grandioso e terno, segundo o escritor. O casal Fonseca tinha oito filhos: Marieta, Pretinha, Nanila, Guiomar, João, Ulisses, Oscar e Sílvio.

O viúvo João Sizenando (meu avô) e um grupo de amigos foram, aos poucos, se aproximando das moças. Contornando a rigidez do velho João Fonseca, conhecido por impor regras duras e conservadoras para os candidatos a namorados de suas filhas. Walter Wanderley relata: “entrei na casa e já saí noivo”.

Os casamentos foram surgindo: João de Freitas com Nanila, Décio Carvalho com Pretinha, Walter Wanderley com Guiomar e o Dr. Milton Duarte com Sofia. João Sizenando não poderia continuar solteiro.

O segundo casamento do Major Sizenando

João Sizenando Pinheiro casou com Marieta Augusta da Fonseca Pinheiro (Tatá) em Macau. Mudou-se posteriormente para Nova Cruz onde desempenhou a função de Administrador da Mesa de Rendas Estaduais. Nessa época o prefeito da cidade era Nestor Marinho, pai

do ex-deputado Djalma Aranha Marinho. Finalmente passou a residir com a família em Natal já no início dos anos 1920.

O casal Sizenando & Marieta teve três filhos: Odete Fonseca Pinheiro, Dagmar Fonseca Pinheiro e Ewald Sizenando Pinheiro.

133

Da esquerda para a direita: Manoel Borges (amigo), Sizenando Filho, Major Sizenando com a esposa Marieta e os filhos menores: Ewald, Odete, e Dagmar.
(Foto do acervo da família Rossiter Pinheiro, ano 1923)



Em Natal, o major tinha boa participação social e era um dos diretores do Natal Club, principal associação de lazer da cidade, que reunia a elite local.

A família Sizenando Pinheiro costumava alugar uma casa para veranear na Avenida Getúlio Vargas, na balaustrada de Petrópolis, onde posteriormente viria a funcionar a SCBEU (Sociedade Cultural Brasil Estados Unidos) e que pertencia ao então prefeito de Natal Joaquim Manoel Teixeira de Moura. A partir dali seguiam, entre 4 e 5 horas da manhã para tomar banho de mar na Praia do Morcego, para que antes das 8 horas já estivessem regressando para casa.

168

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Ewald Sizenando (meu tio) concluiu curso de Direito em Niterói, foi redator do jornal carioca Diário de Notícias, professor da UnB, ingressou por concurso público e fez carreira no TCU, onde foi auditor, chegou ao cargo de vice presidente em 1978 e presidente em 1979. Segundo o Portal do TCU, foi dos pioneiros a projetar internacionalmente a entidade fiscalizadora superior brasileira.

Ewald Sizenando Pinheiro casou com Ângela e teve dois filhos: Luiz e Maria Lúcia Pinheiro. Odete Pinheiro casou em Natal com o paraibano advogado Manoel Batista de Moura e teve os filhos: Heider, Herbert, Mariza e Eduardo Pinheiro Moura.

Dagmar Pinheiro casou com Afrodizio Borba Filho em Santos (SP) e teve duas filhas. Maria Lígia é uma delas.



134

Em pé: "Major"
Sizenando, Marieta
Fonseca, Ângelo
e Nezinho Borges,
sentados: Ewald
Sizenando Pinheiro,
garota não identificada,
Dagmar e Odete
Pinheiro, 1934

A mudança para Natal

Meu pai, João Sizenando Pinheiro Filho, nasceu em Açu e viveu a infância em Macau. Quando completou 15 anos (ano 1916), veio sozinho morar em Natal visando concluir os estudos fundamentais. Ficou inicialmente em regime de internato no Colégio Diocesano Santo Antônio (futuro Colégio Marista) que funcionava ao lado da Igreja Santo Antônio (Igreja do Galo). O colégio havia sido fundado pelos padres da Diocese de Natal em 1903 e apresentava uma estrutura precária, principalmente em relação às instalações sanitárias. As carteiras eram rudimentares, os bancos muito duros. Havia disciplina rígida e bons professores como Calazans Pinheiro, Padre João da Matta, Alberto Roselli e João Tibúrcio.



135

João Sizenando
Pinheiro Filho

No colégio, Sizenando fez logo amizade com Ângelo Pessoa Bezerra, Paulo Lira, Manoel “Nezinho” Borges, Tadheu Villar de Lemos, Joel da Escóssia e outros. Um dos pontos de encontro da turma era, a partir dos finais de tarde, em frente à casa do primeiro que ficava próximo à Praça D. Pedro II, que em 1925 passou a ser Praça João Tibúrcio.

Era o local onde as meninas costumavam passear acompanhadas dos pais, mas eventualmente eles conseguiam quebrar o protocolo, dar um “boa noite” e receber um piscar o olho da garota (flerte). O grupo de amigos do colégio se uniu a João Alves de Melo (que depois se tornaria um dos principais fotógrafos da cidade) para iniciar a prática do Remo no Centro Náutico Potengi.

136

João Alves de Melo,
Paulo Lira e João
Sizenando com equipe
de remadores do Centro
Náutico em 1917



137

Ângelo Pessoa,
Manoel Borges e
Cascudo, elegância
em 1920



172

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Esse grupo se destacava pela elegância no vestuário nas ocasiões festivas. Nessa época, o colégio religioso privado não era oficializado e os alunos precisavam se submeter à avaliação na escola pública oficial, que era o Atheneu. Este funcionava no local onde atualmente é a Secretaria Municipal de Finanças. A cada ano que passava, o número de alunos de fora do Atheneu aumentava e também melhorava o desempenho desses nos exames. Até estudantes de estados vizinhos vinham para fazer a avaliação no Atheneu, a voz corrente era que o grau de exigência daqui era menor.

Em 1916 já existia em Natal o Externato Magalhães – pequena escola dirigida pela professora Áurea Magalhães, para alfabetização e primeiros estudos – localizada no começo da Avenida Deodoro próximo à Rua General Osório. Outro estabelecimento era o Grupo Augusto Severo, na Ribeira, próximo ao Teatro.

Um violento surto de febre tifóide, provavelmente influenciada pelas péssimas condições higiênicas da cisterna do colégio, tirou a vida de seis estudantes, amigos de papai, o que obrigou ao fechamento do colégio. Esse acontecimento chocou a cidade e, em especial, os estudantes do Santo Antônio.

Em função dos problemas ocorridos e das deficiências nas acomodações do Colégio, Sizenando passou a morar numa Pensão na Cidade Alta, tudo com a ajuda financeira do meu avô que era comerciante e continuava residindo em Macau.



138

João Sizenando
Filho, Joel da Escócia,
Ângelo Pessoa e
Manoel Borges, 1920

139

Praça Padre
João Maria, 1921



A Praça da Alegria, no centro da cidade, foi transformada em Praça Padre João Maria e recebeu calçamento em 1915, utilizando mão de obra dos flagelados da seca ocorrida naquele ano. Tornou-se um ponto de romaria de fiéis. Em 1921, atendendo ao grande desejo da população, foi inaugurado solenemente um busto de bronze do padre, colocado em um pedestal de granito com 4 metros de altura.

Na madrugada seguinte à inauguração do busto, papai, juntamente com Ângelo Pessoa e Paulo Lira, aproveitaram um final de farra noturna para colocar, com ajuda de uma vara, um enorme chapéu de couro na cabeça da estátua do padre. Na manhã seguinte a indignação das beatas foi total. Outra brincadeira dessa turma era passar sabão nos trilhos do bonde da Avenida Junqueira Aires, dessa forma ele deslizava e não subia a ladeira.

A mãe de Ângelo Pessoa e o próprio convidaram papai para morar com eles. Nasceu, a partir daí, uma grande ligação afetiva com a família Pessoa Bezerra.

Por volta de 1925, meu avô João Sizenando mudou-se de Macau para Nova Cruz e a posteriormente para Natal com o restante da família.

174

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

O Baldo, que no século XIX era chamado de fonte do “rio de beber água”, havia passado por uma reforma completa, acabando com a grande preocupação da população sobre um utópico foco perene de “doenças miasmáticas”. De dia ainda era o ponto das lavadeiras, mas à noite se transformava em local das serestas e da boemia.

Os mais antigos ainda relatavam episódios – passados de pai para filho – dos idos de 1840 quando havia pena de morte na cidade e o réu seguia a pé em cortejo pela Rua da Cadeia acompanhado do juiz municipal e outras autoridades, alguém ia lendo em voz alta a sentença condenatória. O trajeto seguia sob olhares silenciosos da população até o local da forca que era na Avenida Rio Branco, onde hoje é o Banco do Brasil. Por conta desse fato, o local era evitado de ser frequentado à noite.

Sizenando e sua turma gostavam de aproveitar a então péssima iluminação pública da Avenida Rio Branco e o medo potencial da população para dar sustos aos transeuntes utilizando lençóis ou máscaras, especialmente nas noites de sexta-feira.



140

Manoel (Nezinho)
Borges, Cascudo,
João Sizenando Filho,
Ângelo Pessoa
e amigos em 1921

Os homens vestiam ternos de linho branco, camisas de casimira e chapéu de palha ou de feltro. As moças usavam tecidos leves de linho ou seda com mangas pregueadas. João Sizenando Filho, Ângelo, Nezinho e Paulo Lira tinham um assobio próprio característico para se comunicarem entre si. Mais de 40 anos depois, eles ainda mantinham o “código” de comunicação. Ainda menino de calças curtas, recordo quando escutava o assobio do lado de fora e papai se levantava dizendo “É Ângelo!”

141

Missa campal na
Avenida Rio Branco
em 1929



176

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

A família Rossiter

Uma viagem de mil quilômetros
se inicia com o primeiro passo.
(Autor desconhecido)

Chegada ao Brasil com a Great Western

Em 1872, foi criada em Londres a companhia *Great Western of Brazil Railway Company Limited* para construir estradas de ferro em nosso país. Como a sua similar inglesa, *The Great Western Railway Company*, criada em 1835, para fazer a ligação entre Londres e a sua parte oeste (Liverpool, Bristol), a nova empresa se destinava a abrir ferrovias em direção ao oeste, numa marcha para o agreste do Nordeste brasileiro.

Em 1873, a *Great Western* foi autorizada a funcionar no Império do Brasil e, em 1875, conseguiu do Barão da Soledade, a transferência da concessão para construir em Pernambuco. Assim surgiria uma ferrovia que, passando por Caxangá, São Lourenço da Mata, Pau d'Alho e Tracunhaém (com ramais para Nazaré da Mata e Vitória de Santo Antônio), ligaria o Recife à cidade de Limoeiro.

Em 1881, foi concluído o primeiro trecho ferroviário nordestino, que promoveu a ligação entre Recife e Pau d'Alho. Em 1896 foi a vez do trecho Recife-Caruaru. Para se ter uma ideia do trabalho da Greitueste (esta era a forma como se pronunciava o nome da companhia por

aqui), em 1945, já existia mais de 1.600 km de ferrovias nos estados da região. Àquela época, suas quatro linhas principais comunicavam Recife com Nova Cruz, Albuquerque Né, Jaraguá e Paulo Afonso.

A história da *Great Western* está tão ligada à da produção no Nordeste brasileiro, que ninguém pode escrever sobre a história econômica da região sem consultar seus relatórios e arquivos.

Ainda no final do Século XIX, a *Great Western* ligou Nova Cruz a Natal e daí à rede ferroviária do estado. Em 1950, encerrou suas atividades no Brasil, sendo sucedida pela Rede Ferroviária do Nordeste, antecessora da Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA).

Na época da II Guerra Mundial, a Companhia teve que recorrer à lenha em substituição ao carvão de pedra, o que concorreu para aumentar a devastação das reservas florestais da região. Para remediar um pouco a situação, a empresa criou vários hortos florestais, onde eram cultivadas milhares de mudas de plantas nativas e também aclimatadas no país. Depois, passou a utilizar o óleo combustível, pouRANDO o restante dos recursos naturais existentes.

A origem da família Rossiter no Brasil corresponde à chegada do imigrante inglês Henry Alfred Rossiter empregado da *Great Western* que passou a residir na cidade do Cabo, Pernambuco.

Árvore Genealógica Rossiter

Juntamente com o tio Walter (residente em Recife) e a prima Raíssa, (residente em Brasília), procuramos conhecer um pouco mais sobre as origens da nossa família. As consultas envolveram visitas ao Cartório do Município de Passo de Camaragibe em Alagoas, além do Cemitério dos Ingleses em Recife e sites internacionais da família Rossiter. Aproveitando curso de doutorado na Inglaterra, Raíssa

também fez pesquisas por lá. Conversamos com nossos tios, tias e diversos outros parentes mais velhos para alguns esclarecimentos. Rodrigo e Patrícia Rossiter também colaboraram na pesquisa.

O trabalho final, entretanto, não está concluído, correções ainda são possíveis, mas, aproveitando o lançamento deste livro, antecipamos algumas informações visando facilitar a identificação de parentescos por todo o país.

É importante destacar a existência atual de uma comunidade Orkut envolvendo jovens com sobrenome Rossiter espalhados por todo país e também no exterior. <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=726344>. A maioria desses jovens, provavelmente, ainda não conhece os laços de parentesco que os une.

O pesquisador (<http://www.btinternet.com/~dave.r/rossiter/rossiter.htm>) Dave Rossiter identificou registros mais antigos por volta de 1737 dessa família em um almanaque pertencente a William Rossiter que viveu essa época. De acordo com esse Almanaque/jornal, os Rossiters eram fazendeiros e viviam em Hemington perto de Frome em Somerset, Inglaterra. Por volta de 1830, William mudou-se para Londres. Rosseter, Rossister e Rossitter também são denominações decorrentes dos Rossiters originais.

Atualmente existem Rossiters em diversos países, como EUA, Irlanda, Austrália e Argentina. Meu avô já havia feito contato com um argentino Rossiter em Natal no início dos anos 1950, mas não foi possível conferir a conexão com o ramo brasileiro. Rossiter também é nome de uma pequena cidade com cerca de 800 habitantes no Condado de Indiana, Pensilvânia, Estados Unidos. Essa localidade surgiu em 1901 a partir da descoberta de uma mina de carvão na área, sendo que William Rossiter (homônimo do citado anteriormente) era o chefe local da empresa Mineradora, essa a razão do nome da cidade.

Há registro do nascimento em Londres de Alfred Rossiter em 1848, filho de William Rossiter e Maria Fuller. Há possibilidades de que o Henry Alfred Rossiter que veio trabalhar no Brasil por volta de 1877 (Great Western) seja o mesmo Alfred citado.

As informações são conflitantes (homônimos) sobre um relacionamento conjugal anterior de Henry Alfred na Inglaterra e também em relação ao seu sepultamento, que ocorreu mais provavelmente em Recife (Cemitério dos Ingleses) ou ainda no Rio de Janeiro. Henry tinha uma irmã de nome Caroline Rossiter e um irmão não identificado.

O tronco familiar Rossiter no Brasil iniciou com o inglês Henry Alfred Rossiter. Ele teve pelo menos dois filhos: Joaquim Alfredo Rossiter (casou com Julia Henrietta e antes com Tereza Gomes) e Lídio (nome sujeito a confirmação) de Mendonça Rossiter (casou com Maria Perpétua Rêgo). Joaquim Alfredo (meu bisavô) teve filhos com duas esposas e provavelmente mais outra mulher (é o fraco...). Na sequência surgiram os nomes a seguir relacionados. Philomena de Mendonça Rossiter, provavelmente filha de Lídio, casou com João Faustino do Rêgo e teve os filhos: João (nasceu em 28/08/1895 em Passo de Camaragibe) e José Luiz Rossiter do Rêgo. João Rossiter do Rêgo casou com Amélia. José casou com Judith de Medeiros Rossiter. Flávio Augusto Rossiter casou com Alice Powell. Nelson Rossiter, provavelmente também filho de Lídio, nasceu em Passo de Camaragibe em 16/12/1918.

Carlos e Lídio Rossiter (o segundo Lídio) são filhos de Joaquim Alfredo de Mendonça Rossiter e netos de Henry Alfred. Carlos Rossiter, meu avô é filho de Tereza Gomes de Barros Rossiter (primeiro casamento de Joaquim Alfredo), ele nasceu em Alagoas 23/08/1888. Lídio Rossiter é filho de Julia Henrietta de Mendonça Rossiter (2º casamento). Henrique Alfredo Rossiter (filho do primeiro Lídio) foi casado com Maria das Virgens Albuquerque e teve os filhos

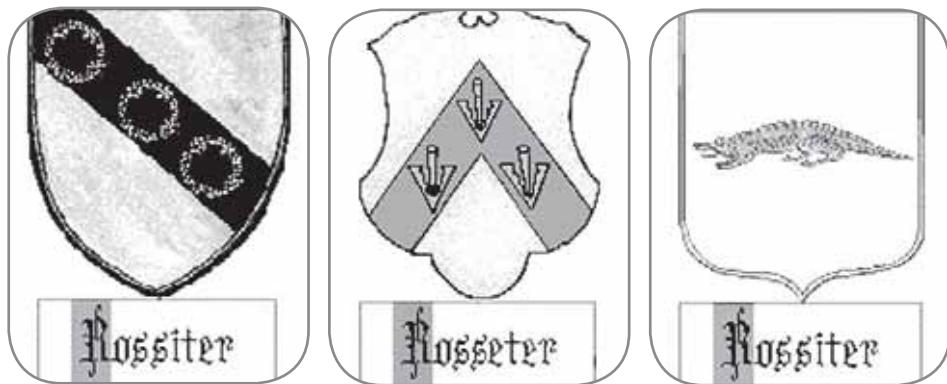
Hélio de Albuquerque Rossiter (23/12/1917 – 02/04/2003) e Lídio de Albuquerque Rossiter.

Hélio casou com Maria Luiza Rabelo e teve o filho Frederico Jorge Rabelo Rossiter, médico assassinado em Recife em 1989.

Lídio de Albuquerque Rossiter teve os filhos: Dácio, Décio, Doris, Fernando e José Henrique Eijo Rossiter. Dácio teve os filhos: Maria de Fátima, Dácio Filho, Paulo Roberto, Fábio e Márcio Rossiter.

Alfredo, Noêmia e Sidrônio Rossiter são primos de vovô, mas não conseguimos ainda detalhar essa ligação. Lília Rossiter é filha de Noêmia.

Vovô serviu ao Exército na unidade de elite “Brasões da Independência”, mais precisamente no Regimento Andrade Neves, que ficava na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro. Atuou em operações nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Morou em Belo Horizonte na Rua da Conceição nº 42. A honra e orgulho de ser militar influenciaria posteriormente a que seus dois filhos homens também seguissem a carreira.



142 Brasões dos Rossiters (**fonte:** <http://www.btinternet.com/~dave.r/OldIndex.htm>)

Lídio Rossiter, irmão de vovô, casou com Maria José e teve filhos nascidos em Natal (Mariza, Frederico, George, Eduardo, Zelda, Lícia, Ana Lígia e Lúcia) e Maceió (Carolina).

Carlos Rossiter (meu avô) casou com Clarinda Gomes de Araújo e teve os filhos: Ida, Joaquim Alfredo, Déa, Eva, Léa, Ode e Walter. Todos nasceram em Alagoas. Carlos e Clarinda adotaram como filhos em Natal: Maria José e João David Ferreira da Silva. Clarinda era filha de Bruno Correia de Araújo e Luíza Gomes de Araújo. Luíza era irmã de Tereza Gomes de Barros, portanto, meus avós eram primos. A família da minha avó Clarinda é de origem judia e a denominação “Gomes de Barros” foi colocada para minimizar a perseguição aos judeus, marcados pelos seus sobrenomes típicos. O sobrenome original de família era “Bruno”.

Os 20 netos de Carlos Rossiter e Clarinda são: Lúcia, Lêda, Carlos, Leila, Clayton, Jeruza Helena, Isabel Cristina, Raquel Araújo, Carlos Sizenando, Fred, Newton, Roberto Alfredo, Raíssa Alessandra, Elisabeth, Margareth, Grace, Winston, Henrique Rossiter, João David e Maria José. Com exceção desta, todos os netos geraram filhos.

Os 49 bisnetos do casal Rossiter são: Priscila, Vítor e Marcela (filhos de Raíssa). Gabriel e Maíra (de Roberto). Hadassa e Larissa (de Margareth). Herbert e Raíssa (de Elisabeth). Daniel, Alan, Rafael Franklin, Diana Carla, Lucas e João Carlos (de Carlos Sizenando). Rodrigo, Patrícia e Mônica (de Fred). Marcelo e Marina (de Newton). Anna Luíza, Filipe Bruno e Paulo Breno (de Lúcia Araújo). Rodrigo, Gustavo e Lícia (de Lêda). Hugo, Paula Alessandra e Marcos Alexandre (de Carlos Araújo). Evinha e Lucas (de Clayton). Stefane, Lara e Brenda (de Winston). Camila (de Henrique). Bárbara, Eduardo e Beatriz (de Grace). Cleila, Ana Cláudia e Flávio Henrique (de Leila). Tiago e Rafael (de Jeruza). Thales Vinícius e Tharso Augusto (de Raquel). Pedro Henrique e Ana Amélia (de Isabel Cristina). Carlos Antônio e Carlos Augusto (filhos de João David). Pelo que pesquisamos, portanto, todos os Rossiters no Brasil são descendentes de Henry Alfred.



143

Carlos Rossiter e
Clarinda com filho e
netos, Rua Jaguarari
em 1969

Recordações da Fazenda Três Barras

Após a saída do Exército, vovô adquiriu a Fazenda Três Barras no município de Passo de Camaragibe, Alagoas, em sociedade com um primo. Eram 1.200 hectares, ocupando área circundada pela mata Atlântica. Sua produção principal era decorrente de um Engenho e também coco.

Carlos Rossiter casou com Clarinda Gomes de Araújo. A recepção festiva aos convidados ocorreu na Fazenda da família de vovó também localizada na região de Passo de Camaragibe.

Os pais judeus de vovó Clarinda haviam falecido prematuramente deixando-a junto com o irmão Anísio sob cuidados de uma tia. Vovó era chamada de “Dudinha” pelos familiares. Era um tempo em que os judeus eram discriminados religiosamente e havia até dificuldade para enterrá-los nos cemitérios cristãos do Brasil. O casal teve 13 filhos, mas apenas 7 conseguiram superar o período de infância. Para cada

filho falecido, vovô escrevia um longo texto onde expunha sua dor pela perda. Esses textos eram guardados e lidos pelos irmãos quando se alfabetizavam.

Joaquim Alfredo, Ida, Déa, Eva, Léa, Ode e Walter Rossiter tiveram a infância na zona rural. Lá uma pequena queda d'água existente próximo à fazenda era o ponto principal de lazer. Todos frequentaram a Escola Ambrósio Lyra em Passo de Camaragibe.

Amante da natureza e detalhista, vovô gostava da vida do campo. Muitas vezes se embrenhava solitário mato adentro, com um cantil de água, uma caderneta, lápis e um canivete. Não tinha dia nem hora para voltar. Conversava com as plantas e os animais. Alimentava-se de frutos e pequenos ovos crus. À noite guiava-se pelas estrelas e dormia onde e quando o sono o vencia. A letra firme e desenhada preenchia a caderneta com anotações sobre características das espécies, hábitos alimentares, catalogando e classificando bichos e plantas de acordo com suas próprias regras. Assobiava para os pássaros e nutria os saguis no colo. Era cobaia de si mesmo quando esfregava extrato de planta sobre o braço esquerdo, deixando o direito livre. Como os mosquitos picavam apenas o direito, ele descobrira um repelente natural. Com o canivete deixava marcas no tronco das árvores para não se perder no caminho de volta.

Certo dia nossos avós receberam a visita de seu Vasco, um bem sucedido fazendeiro da região que jamais frequentara os bancos escolares, mas era metido a sabido e a falar difícil. A conversa entre eles foi se estendendo até que vovó Clarinda o convidou para o almoço. Mais tarde, do alto do seu cavalo, seu Vasco tirando o chapéu, se despediu e não esqueceu de agradecer:

— “Cumadre Dudinha, sua comida estava excelente, maravilhosa, estava mesmo intragável. Muito agradecido, viu?”

Semanas se passaram e vovô lembrou que devia uma visita às terras de seu Vasco. Numa manhã nublada, Carlos Rossiter acordou logo cedo – antes dos galos cantarem – despertou o filho caçula Walter, tomaram o café preparado por Dudinha, mudaram de roupa e calçaram as botas para seguir viagem. Vovó os acompanhou até o alpendre.

– “Carlos, não acha melhor irem a cavalo?”

Sugeriu ela. Ao que ele respondeu:

– “Não precisa. A fazenda de seu “intragável” é logo ali e Waltinho precisa esticar as pernas”.

Na porteira, Manuel Marques, fiel capataz e escudeiro, completou o trio. De longe, vovó os observava até perdê-los de vista.

Não acostumado ao ritmo forte das caminhadas no mato, o menino Walter sofreu para acompanhar os adultos, até porque aquela visita ao vizinho era só uma desculpa para introduzi-lo no mundo mágico da natureza. Assim, aos poucos, eles foram desviando da rota para observarem o comportamento dos animais. E veio a chuva, o tempo fechou e escureceu também as referências da trilha. Horas depois, com roupas e botas encharcadas, completamente exaustos, os três finalmente chegaram à fazenda onde foram recebidos pela esposa de seu Vasco, que foi logo dizendo:

– “Olha, ele saiu a cavalo tem uns 15 minutos, pra casa do sinhô. Foi pelo Brejo, se vocês vortarem agora inda pegam ele no caminho!”

Nos anos 1930, os negócios não iam bem, vovô tinha dificuldades para fazer pagamento dos trabalhadores. Foi obrigado a se desfazer de bens para quitar dívidas e ainda teve um desentendimento com o tio e sócio Juvenal Maia Gomes, que desejava fazer uma derrubada de árvores em trecho da Mata Atlântica para plantar mais cana, vovô não aceitou e foi irredutível.

Com a falência e perda da Fazenda Três Barras, Carlos Rossiter passou a trabalhar na Prefeitura de Passo de Camaragibe onde assumiu o cargo de secretário municipal, mas seu rigor de militar britânico e a falta do jogo de cintura brasileiro logo o levou a outro conflito ainda mais sério.

Ele observou que alguns grandes comerciantes e fazendeiros não pagavam energia elétrica ao município há muito tempo, não titubeou e mandou cortar a energia dos inadimplentes. O tempo fechou: jagunços armados o ameaçaram de morte e só escapou porque teve a cobertura do padre José Hugo Pessoa, que era seu afilhado. Conseguiu fugir sozinho para uma fazenda de pessoa indicada pelo padre, deixando momentaneamente para trás a esposa grávida e os filhos.



144 Luíza Gomes de Araújo e Bruno Correia de Araújo, 1915



145 Carlos Rossiter, 1913



146 Déa Rossiter, 1939

Passada a turbulência, já no final dos anos 1930, a família migrou para Maceió onde passou a residir na Rua São Pedro, Bairro do Poço. Carlos Rossiter atuou então como funcionário da Secretaria de Agricultura, então denominada Fomento Agrícola. Vovô atuava como técnico na classificação do algodão para exportação.

O filho mais velho, Joaquim Alfredo, já iniciava o serviço militar no Exército. Toda a família acompanhava orgulhosa os desfiles militares de 7 de Setembro, onde Alfredo era o destaque do 20º Batalhão de Caçadores.

Após cerca de quatro anos no Fomento Agrícola, mais uma vez Carlos Rossiter entrou em choque operacional. Dessa vez com exportadores, políticos e seus superiores que insistiam na camuflagem da classificação do algodão, visando exportar algodão de segunda como se fosse de primeira. Assumiu postura intransigente e pediu demissão do cargo.

A situação econômica da família ficou difícil com o desemprego de vovô e foi aí que meu tio Joaquim Alfredo passou a ser um baluarte, dando apoio financeiro para ajudar no sustento dos pais e irmãos.

A família Rossiter no RN

Em 1944, Carlos Rossiter, deixou a família em Maceió e chegou a Natal em busca de trabalho. A motivação para a mudança foi o crescimento meteórico da economia de Natal e o consequente surgimento de melhores oportunidades de trabalho em decorrência da presença dos americanos durante a II Guerra. Além disso, o irmão mais novo de vovô, Lídio Rossiter, já residia por aqui e atuava como gerente do Banco do Povo, localizado na Ribeira.

Vovô passou a morar na casa do irmão na Rua 13 de Maio, atual Princesa Isabel. Lídio Rossiter já era casado com Maria José do Monte (Zezé) e com sete filhos nascidos em Natal.

Tio Lídio era cerca de 20 anos mais novo que meu avô. Como os pais faleceram quando ele era ainda garoto, então foi criado pelo irmão e o chamava de “papai”. Os filhos de Lídio chamavam Carlos Rossiter de vovô.

Por influência de Lídio, Carlos Rossiter, que era técnico experiente no segmento de algodão, passou a trabalhar na Algodoxeira de João Câmara, na época, a maior empresa exportadora do RN.

Ainda em decorrência do aperto financeiro, minha avó e os filhos saíram de trem de Maceió e foram morar em Olinda, Rua do Sol, Bairro do Carmo, no 1º andar de um comércio de Secos & Molhados pertencente aos primos judeus Inácio e Enói. Em frente ao casarão onde moravam permanece a igrejinha São José 1901. Na viagem de trem, a família não esqueceu de trazer o cachorro e os passarinhos.

Somente após dois anos de atuação em Natal, ele autorizou a vinda da esposa Clarinda e da filha Déa para Natal. Logo a seguir, as demais filhas e filhos: Ida, Léa, Eva, Ode e Walter completaram a migração familiar. O filho mais velho, Joaquim Alfredo, permaneceu em Maceió.

Eva casou-se, logo a seguir, com o primo pernambucano Adauzir Araújo e passou a morar em Recife.

Mesmo trabalhando na Empresa de João Câmara, Carlos Rossiter, que tinha conhecimentos de inglês, fez teste na Base Aérea, foi aprovado juntamente com a filha Déa e passaram a trabalhar na Aeronáutica. Já era o período de movimentações finais da II Guerra. Mais tarde, após concluída a Guerra, outra filha – Ida Rossiter – também passou a trabalhar na Base.

A guerra acabou coincidentemente quando os demais filhos de Carlos Rossiter chegaram a Natal. Daí ele sempre repetir que os filhos trouxeram a paz para o mundo.

O equilíbrio financeiro familiar foi alcançado e a família Rossiter passou em 1949 a residir no sítio da Rua Trairi, local onde hoje está o condomínio com o mesmo nome, no Bairro de Petrópolis.

Ode Rossiter casou com Afrânio, irmão de Adauziro. Dois irmãos casando com duas irmãs e primos entre si. Mantendo a tradição de endogamia, um terceiro irmão, Agenino, casou com outra prima, Maria Anunciada Gomes de Barros (Lili), pais de Fábio Gomes de Araújo, Agenino Filho e Maria Juliêta.



147 (a)

Carlos Rossiter com as filhas:
Léa, Déa e Ode na Praça
Pedro Velho, em 1952



147 (b)

Ida, Léa, Ode, Déa e
Eva, em Natal, 2007

Joaquim Alfredo, que havia até adiado o casamento para ajudar a família no período de transição, finalmente casou com a natalense Joserita Pires. Por volta de 1955, Léa Rossiter foi admitida como telefonista da Rádio Internacional do Brasil (Radional), que funcionava na Praça Augusto Severo vizinho à Estação Ferroviária. O caçula Walter estudava na Escola Industrial e fazia curso de contabilidade à noite na Escola Técnica de Comércio, do professor Ulisses de Góis. Ainda menor de idade, Walter Rossiter começou a trabalhar como *Office Boy* na Radional, depois no setor de contabilidade da empresa Galvão Mesquita, atuando com o Sr. Edílson Nobre contador-chefe. A seguir, mesmo com redução salarial, aderiu à carreira militar no Exército, servindo no grupo “A” Regimento Especial de Artilharia Antiaérea na Praia da Limpa (hoje do Forte), Bairro de Santos Reis, seguindo a tradição familiar.

Walter casou com a natalense/italiana Janete Morelli.

Léa Rossiter trabalhou ainda no IAPI e depois se mudou para São Paulo onde concluiu curso superior de Biblioteconomia e atuou na Procuradoria Regional de SP. Ida Rossiter foi funcionária da Base Aérea de Natal.

No final dos anos 1960, eu, Carlos e João David éramos os netos mais próximos dos nossos avós. Lembro que vovô nos levava a todos os circos que se apresentavam na Praça Tamandaré. Eu costumava ter longas conversas com ele, quando já enfermo, embora leigo, ele tinha especial interesse em ciência e tecnologia.

Carlos Rossiter faleceu em 1973 aos 85 anos de idade, Clarinda Gomes de Araújo Rossiter faleceu em 1978 aos 87 anos, residiam em Natal.

Relembrações de Passo de Camaragibe

Viver é desenhar sem borracha.
(Autor desconhecido)

Passo de Camaragibe é um pequeno município do litoral norte-alagoano, localizado a 64 km de Maceió, onde nossos avós maternos constituíram família. Sua população atual é de 14 mil habitantes. Sua formação remonta à época da invasão holandesa em 1852, ocasião em que se desenvolveu em virtude da existência de seus armazéns de embarque, denominados “passos” e por sua localização estratégica, ideal para a comunicação fluvial entre as Capitanias de Alagoas e Pernambuco. Camaragibe, palavra de origem indígena, significa “árvore amarela”; para outros, “rio dos camarás”. As terras do atual município eram habitadas principalmente pelos índios Caetés e estão compreendidas na região onde Cristóvão Lins construiu diversos engenhos de açúcar, em fins do século XVI.

O filho mais famoso de Passo de Camaragibe foi Aurélio Buarque de Holanda (1910 – 1989), o tio de Chico mudou-se para Maceió em 1923, seu berço literário, além dele, a cidade teve outro filho que, se não tão ilustre, ocupou muito espaço nos meios nacionais de comunicação: o polêmico Paulo César Farias (PC), tesoureiro da campanha de Collor.

Assim, voltando no tempo, chegamos aos anos 1930, quando vovô Carlos e vovó Clarinda, entre ovelhas, galinhas e cavalos, no campo da

Fazenda Três Barras, gritavam o famoso “DELEVODIDA”, para chamar de uma só vez, as filhas Déa, Léa, Eva, Ode e Ida. Era um período cônscio e bucólico, perdido na imensidão do nada, em que ele próprio auxiliou no parto das cinco filhas e do filho Alfredo. Apenas Walter, o caçula, nasceu pelas mãos de uma parteira, quando a família deixou o campo para residir no coração de Passo de Camaragibe.

Sem energia e água encanada, candeeiros e cacimbas foram testemunhas de um tempo preguiçoso que se arrastava como o vento que assobiava nas folhas de uma infância feliz. Numa época em que as pessoas perguntavam “como vai?” E esperavam para ouvir a resposta.

Daquela época, Léa Rossiter recorda uma de suas astúcias de criança:

– Certa ocasião chegou à cidade um automóvel conduzido por um cidadão que veio visitar a família e exibi-lo. Era uma grande novidade. Poucos conheciam aquele meio de transporte. A cidade ficou em alvorço e todos queriam conhecer de perto o veículo. Minha mãe e outras senhoras foram convidadas a fazerem um passeio. Depois seria a vez das crianças. E todos nós experimentamos a alegria de passearmos de carro pela primeira vez. De volta, não me dei por satisfeita. Uma volta, apenas? Protestei. Ninguém me atendeu. Vinguei-me no cuscuz que a minha dedicada mãe tinha preparado para a ceia. Joguei-os todos no lixo...

Para Ode Rossiter, a imagem inesquecível dos tempos de criança, foi a do ebrio Antônio Basílio que rompia o silêncio da madrugada, cantarolando alto pelas calçadas:

Quatro, quatro horas da madrugada
Mulher, por que chegas tarde assim?
Tu, quando vens da orgia
Relembrando noite e dia
Não se lembras mais de mim
O gallo já está cantando
O dia vem amanhecendo
Tu, quando vens da orgia, oi
Nosso amor já vem morrendo.

Quando vovô abria a porta do quarto, para certificar-se se suas crianças tinham escutado tamanha obscenidade, as meninas continham o riso e fingiam que estavam dormindo sob os lençóis.

Em outra ocasião, Léa e Déa foram levadas a Maceió para uma consulta médica. Lá ficaram hospedadas na casa das tias Fany, Lila e Augusta, em Pajuçara. À noite, na hora de dormir, foram improvisadas camas de cadeiras para as duas. Apesar dos protestos de Léa, as irmãs tiveram que dormir ali mesmo e acordaram com suas colunas mais quebradas que “arroz de terceira”. Em consequência, tiveram que se consultar também com o médico ortopedista.

A menina Déa perdeu todo o seu interesse por pescaria quando, ao lançar o anzol no rio, conseguiu fisgar o próprio nariz. A cicatriz ficou de lembrança. Já Eva, exibe no dedo mínimo da mão direita, um calo volumoso, em consequência de uma fuga alucinante para escapar de uma vaca enfurecida. Mergulhou sob uma cerca de arame e foi perfurada por farpas de madeira. Também ficou marcado em sua memória, o primeiro rádio que surgiu na cidade, pertencente ao Juiz de Direito. Pelas ruas só se comentava sobre aquela “caixa que fala”.

Ida recorda que seu pai, Carlos Rossiter, ensinava inglês aos filhos, para que “não esquecessem suas origens”. Ele influenciou fortemente na decisão pela carreira militar dos filhos Alfredo e Walter. Vovô gostava de relatar para eles sua experiência de atuação na tropa de elite “Brasões da Independência” (Regimento Andrade Neves, no Rio de Janeiro).

No final da tarde dos dias de inverno, as garças migratórias pintavam de branco as árvores do campo. À noite, a família se reunia em torno de uma fogueira para jogar conversa fora.

Em 2005, atendendo desejo da minha mãe de rever seu chão de infância, fomos com ela até Passo de Camaragibe. É difícil imaginar

que no passado aquele lugar possa ter sido menor. Chegamos pela principal rua, a Fernandes Lima, onde tudo se concentra. A prefeitura, o cartório, o comércio, o mercado público, a matriz, o desativado teatro municipal, a escola... De repente, os olhos da menina Déa, agora com 84 anos, brilharam ao pararmos em frente à casa de número 97. O muro daquela antiga e conservada casa azul, ainda preserva uma placa onde se lê “vivenda São Jose”.

– Aqui morava a minha tia Lica, ao lado do Grupo Escolar Ambrósio Lyra, onde todos nós estudamos.

Deixou escapar baixinho, enquanto observava cada detalhe com suave nostalgia. Em datas importantes, os alunos orgulhosamente apresentavam-se no teatro municipal. Ali, recitais, canções, peças e hinos patrióticos eram aplaudidos fervorosamente. Como a “Canção da Árvore” enraizada na mente das irmãs:

Cavemos a terra
Plantemos nossa árvore
Seus ramos frondosos aqui abrirão
Se um dia voltarmos em busca de flores
Flores, frutos e sombra darão.

A alguns dias do carnaval, o único sinal que encontramos foi um caloroso grupo de papangus batendo latas e o desajeitado boi-calemba tentando acompanhar o ritmo, e nos pedindo uma moedinha.

Na bucólica Praça Padre Cícero, uma placa indica o caminho do litoral, com as praias de Marceneiro e Barra de Camaragibe. No Fórum Des. Alfredo Gaspar de Mendonça, onde funciona o cartório de registro civil, a oficial Maria Aparecida Mota Cavalcante nos brindou com informações guardadas em volumosos livros empoeirados, que nos permitiram reconstituir boa parte da árvore genealógica da família.

A velha ponte sobre o Rio Camaragibe pareceu encolher com os anos. Pelo menos essa era a impressão que Déa passava ao afirmar: “quando eu era pequena essa ponte era muito grande.” Por último, relembrou a inesquecível festa de despedida de Passo de Camaragibe, em 29 de julho de 1936, véspera da viagem para Maceió. Mesmo contando então com apenas 13 anos, não lhe escaparam os detalhes fisionômicos de amigas, vizinhos, professora, colegas de classe, entre canções e abraços, no terraço festivo regado a vinho, e ponche para as crianças.

Hoje, reunidas no aniversário de uma delas, as irmãs octogenárias revivem em detalhes aquilo que em crianças viveram e não sabiam expressar. A correria deu lugar a passos lentos de Camaragibe.

Namoro e casamento

Nós tanto nos pertencemos / Nossa amor vai tão além
Que nós dois já nem sabemos / Qual dos dois é mais de quem.
(Almerinda Liporage)

Nos tempos idos costumava-se dizer que um homem só, está sempre em má companhia. João Sizenando Pinheiro Filho, funcionário público estadual, 48 anos, é surpreendido, quase oito meses depois de eniuvar, em 10 de março de 1949, por um acontecimento que alteraria radicalmente sua vida. Eram precisamente 16 horas, de uma tarde acalorada de verão, quando conheceu Déa, então com 26 anos, que juntamente com sua irmã Léa, fora visitar no casarão, do cruzamento da Avenida Rio Branco com a Juvino Barreto, suas amigas com nomes complicados: Aspásia (professora) e suas irmãs Euterpe e Calíope. Aspásia foi responsável pela apresentação do primo João Sizenando Filho, o Joãozinho.

Amor à primeira vista! A partir do dia seguinte, Joãozinho passa a rondar, com frequência, a Igreja Presbiteriana de Natal, freqüentada por Déa. Descobre que ela mora em Petrópolis, num sítio à Rua Trairi, 647 (hoje Condomínio Residencial Trairi) e que sempre que ela vai à igreja, acompanhada dos pais, faz todo o percurso caminhando. Quando sem os pais, Déa utiliza o ônibus da linha Circular sempre acompanhada pelas irmãs Léa e Ode. Joãozinho passa a “dar plantão” na parada de ônibus tentando se encontrar com a nova paixão. Certa

ocasião entrou no mesmo ônibus que ela estava, sentou-se à distância, mas ficaram somente na troca de olhares.

A 5 de janeiro de 1950, Sizenando e Déa se encontram na Praça Pio X (onde hoje está a Catedral nova). A conversa foi direta: ele já foi pedindo-a em casamento e propondo data para tal. O pedido foi aceito sem vacilação.

No dia seguinte, no Palácio Potengi, onde Sizenando trabalhava, a notícia já circulava: todos já sabiam do namoro. “– Vi Sizenando na praça ontem com uma linda senhorinha de fora!”, dizia uma fofoqueira. “– Realmente ela é ‘daqui’!”, confirmava a outra, tocando o lóbulo da orelha, gesto típico da época.

A repercussão chega ao conhecimento de Eulampio Monteiro, grande amigo dos pais de Sizenando, então já falecidos. Como se sentia responsável por ele, foi logo dizendo: “– quero ver essa menina antes de você assumir qualquer compromisso futuro.” Igual preocupação é manifestada pelo governador José Augusto Varela que viria a ser seu padrinho de casamento.

Maria Augusta Bezerra Cavalcante, melhor amiga de Joãozinho no Palácio e amiga confidente de Déa até hoje, relembra o zumzum na época.

– A notícia provocou o maior *frisson* entre as senhoritas do Palácio, uma vez que sendo ele viúvo, sem filhos e amigo de todos, era cortejado por muita gente.

Relembrou as animadas quermesses na Praça Augusto Severo, onde papai a chamava de “vidrinho de oriza”, famoso perfume da época. Maria Augusta é viúva de Francí, grande amigo de Sizenando, e mãe de Maria de Fátima Cavalcante de Paiva, atuante dentista natalense.

Déa e Sizenando, uma semana depois do dia do pedido de casamento, têm um encontro em frente à Catedral velha. Seu Eulampio que vinha da missa, encontra-se com os dois que conversavam animadamente num banco da Praça André de Albuquerque. No dia seguinte, seu Eulampio, eufórico, procura Joãozinho para lhe dizer que “aquela senhorita fina, educada e bela, vestida de branco, com quem ele conversava na praça, era uma moça alinhada e ideal para ele se casar”. Mal sabia ele que o pedido de casamento já havia sido feito e aceito.

Finalmente Joãozinho é apresentado à família de Déa em sua residência.

Carlos Rossiter, ciente do interesse de Sizenando por sua filha, procura Antônio de Azevedo Guerra, comerciante pernambucano que se estabeleceu com sucesso em Natal. As informações sobre o pretendente são as melhores possíveis.

Através de Déa, Carlos Rossiter faz um convite a Sizenando para assistirem um culto na Igreja Presbiteriana de Natal e, dias depois, outro convite para a festa de aniversário do Dr. Átila Garcia (dentista) no sítio do mesmo à Rua Jundiaí, onde hoje funciona o Colégio Hipócrates. Nesses dois eventos, pela primeira vez, Sizenando sai com a família Rossiter.

Os encontros do casal são cada vez mais frequentes e Sizenando faz dois pedidos a Déa. O primeiro é para que ela guardasse o vestido que usava quando o conheceu, para só vestir após o casamento. E o segundo, influenciado por seu Eulampio, é para que o casamento fosse realizado na Igreja Santa Terezinha. Os pedidos foram prontamente atendidos, mesmo sem consultar os pais, protestantes da Igreja Presbiteriana. Neste mesmo dia, 20 de janeiro de 1950, Carlos e Clarinda são comunicados e ficam acertadas as datas de noivado e casamento. Três dias depois acontece o noivado, que coincide com o aniversário de vovó Clarinda, ocasião em que foi servido o manjá do céu no sítio da Rua Trairi.

Na manhã de 19 de julho de 1950, dia do aniversário da noiva, Sizenando e Déa se casam na Igreja Santa Terezinha. O padre Benedito Alves, conduziu a cerimônia, e entre testemunhas e convidados estavam: Antônio Guerra e Liquinha; Frank Willar Chivers, as irmãs Euterpe, Aspásia e Calíope; Manoel Baptista de Moura, Odete, os garotos: Heider, Herbert, Marisa e Eduardo Moura; Francí e Maria Augusta; Manoel Borges e esposa; Ângelo Pessoa e Nethércia Maranhão Pessoa; Lourdes Palma e Thereza, colegas de trabalho de Déa do Ministério da Aeronáutica; Eulampio Monteiro e esposa. Os pais e irmãs da noiva não comparecerem à igreja por razões religiosas, mas à tarde recepcionaram o casal e convidados na casa/sítio da Rua Trairi, onde ocorreu o casamento civil. A festa se estendeu até a noite.

Recém-casados, felizes e ainda em lua de mel, nossos pais são surpreendidos com duas notícias na mesma semana: ele teria um aumento salarial e uma promoção no mês seguinte. Transbordando de alegria ele comentou para ela.

– Não se preocupe, eu vou ligar e pedir para pararem com isso. Chega de notícia boa...

O jornal “A República”, publicou a seguinte nota no dia 22 de julho de 1950:

“Núpcias

ENLACE JOÃO SIZENANDO PINHEIRO FILHO – DÉA ROSSITER – Realizou-se no dia 19 do corrente, nesta capital o enlace matrimonial do Sr. João Sizenando Pinheiro Filho, funcionário da Secretaria Geral do Estado com a senhorita Déa Rossiter, filha do Sr. Carlos Rossiter e de sua esposa Clarinda Gomes Rossiter.

O ato civil realizou-se na residência dos pais da noiva, presidido pelo juiz Jéuiz Verríssimo de Melo, tendo como testemunhas por parte da noiva o sr. Frank Willar Chivers, chefe da secção telefônica da Companhia Força e Luz e senhora e por parte do noivo o Sr. Lélio Câmara, diretor da Secretaria Geral do Estado e senhorita Maria Irene Luz.

A cerimônia religiosa teve lugar no Santuário de Santa Terezinha no Tirol às 16 horas, oficiada pelo padre Benedito Alves, servindo de paraninfos por parte da noiva o Sr. Antônio de Azevedo Guerra, comerciante nesta capital e senhora, e por parte do noivo, Sr. Gonçalo Ernesto Silva, funcionário da Junta Comercial e senhora.

Os nubentes, que são pessoas muito relacionadas no meio social natalense, receberam muitos cumprimentos”.



148

Dêa e João Sizenando
na casa da Felipe
Camarão, 1951

149

Casal Déa & João Sizenando
em Recife, 1957



202

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Geisel e João: reencontro e diálogo 44 anos depois

O Interventor Aluísio Moura governou o RN a partir de 1931. O então tenente Ernesto Geisel – ligado aos revolucionários militares da época – foi nomeado secretário geral e chefe de polícia do estado.

Moura sucedia outro Interventor – Irineu Joffly – o qual tinha renunciado após sucessivos confrontos políticos com lideranças locais, que não tinham seus pedidos clientelistas atendidos e ainda reclamavam do excesso de paraibanos em cargos no RN.

João Sizenando Filho era funcionário público e foi auxiliar direto de Geisel no período de 18 de março a 13 de junho de 1931. Também atuava na equipe o funcionário Lélio Câmara. Geisel, auxiliado por João e Lélio, fez sindicâncias para apurar atos denunciados da administração anterior.

Café Filho havia sido preso juntamente com outras pessoas acusadas de conspirarem contra o governo do estado. Geisel apurou sumariamente as denúncias e as julgou improcedentes. Imediatamente exigiu do governo reparação oficial.

Aluísio Moura, insuflado por prefeitos e lideranças anticafeítas não atendeu a Geisel e outra crise foi gerada culminando com

o afastamento de todos aqueles ligados aos revolucionários de 1930 e colocação de pessoas do Partido Republicano em posições chaves do governo.



150

Recorte do jornal Tribuna do Norte de 16/04/1975



151

Tenente Geisel (centro), em Natal, 1931



152

Interventor Aluísio Moura



153

Reportagem do Diário de Natal

Em 1975, 44 anos depois, Ernesto Geisel era Presidente da República e iniciava a “abertura lenta e gradual”. Em 25 de setembro ele voltaria pela primeira vez a Natal para o lançamento de dois foguetes – sonda na Base da Barreira do Inferno.

Sizenando estava oficialmente aposentado, mas ainda em atividade na Secretaria de Interior e Justiça, mesmo aos 74 anos de idade. No dia 21 de setembro ele foi procurado pela assessoria do governador Tarcísio Maia, solicitado a fornecer informações e localizar documentos do ano de 1931 que seriam apresentados no encontro com o presidente. Papai caiu em campo e localizou três documentos: a nomeação de Geisel, um relatório de sindicância e a portaria de afastamento do mesmo.

Os documentos foram entregues ao governador que ficou entusiasmado e mandou avisar para Sizenando ficar de sobreaviso para um possível encontro com o presidente.

Pessoa simples e avessa a ser o centro das atenções, papai torcia para ser esquecido e realmente acreditava que seria. Gostaria mesmo era de estar na Praça 7 de Setembro, em frente ao Palácio, no meio do povo, só assistindo a toda solenidade programada.

No dia 25 de setembro Geisel desembarca no aeroporto Augusto Severo e nenhuma confirmação foi sinalizada para Sizenando que decidiu se deslocar até a Praça 7 de Setembro para assistir à parte pública do evento.

Sizenando já estava posicionado na Praça, quando chega o ajudante de ordens do governador juntamente com o “chofer” do Palácio Raimundo Nonato Farias (seu Nenen), velho conhecido dele:

– Seu Sizenando, o presidente quer vê-lo agora!

– O que o homem quer comigo?! Não estou vestido adequadamente.

Tentou escapar.

Rapidamente o levaram até o carro oficial do governador que saiu em disparada para a sua residência, no Bairro de Petrópolis. Daí ele vestiu um paletó e foi conduzido até o Palácio Potengi.

Subindo as escadas do Palácio as pernas tremiam sob os olhares dos seguranças e assessores federais e estaduais. Subitamente, a enorme e pesada porta que dava acesso ao amplo salão de recepção é aberta e Sizenando vê lá no fundo alguns auxiliares, jornalistas e o Presidente. Ele pediu para ficar a sós com papai e a conversa se estendeu por cerca de dez minutos.

Geisel cumprimentou Sizenando, comentou sobre os documentos antigos e relembrou os episódios de 1931. Sizenando falou da saúde precária de Lélio Câmara. O Presidente perguntou se precisava de alguma coisa e papai respondeu que não, alegando que os filhos já estavam bem encaminhados e que dois iriam se formar naquele final de ano. Na saída, após as despedidas, Geisel segurou o braço de papai e perguntou: “como está a Praia do Meio?”

Na madrugada do dia seguinte, Geisel que havia se hospedado no Hotel dos Reis Magos, foi fotografado caminhando de calção acompanhado por dois seguranças e tomando banho na Praia do Meio.

O jornalista Ricardo Rosado de Holanda, na época correspondente de um jornal carioca (*O Globo*), entrevistou Sizenando que também foi notícia nos jornais locais e na *Voz do Brasil*. A fama em um dia.

A partir daí, Sr. Enoir, nosso vizinho, não parou mais de mexer com papai, se referindo a ele como “o homem que fez o Presidente esperar”.

Fragmentos da convivência com meu pai

Eu quero a esperança de óculos / E um filho de cuca legal
Eu quero plantar e colher com amor a pimenta e o sal.
(Sá, Rodrix e Guarabira)

O devedor, a calça hippie e o mendigo

Não importando a hora ou o lugar, papai sempre gostou de andar bem vestido. O paletó e a gravata eram sua farda no dia a dia. Mantinha o padrão dos anos 1930, só abolindo o chapéu.

Compreendia a irreverência e a rebeldia dos jovens da época, mas era rigoroso no vestuário e na aparência.

Orientava os filhos, principalmente, sobre o que não vestir, não usar, não fazer e não dizer.

– Eu não usaria uma roupa que me fizesse ficar ainda mais feio. Eu não andaria pela rua com uma calça dessas de mendigo ou com um rosto mascarado.

Dizia, referindo-se à minha calça jeans rasgada, desfiada e desbotada ou pessoas com a barba por fazer.

Orgulhava-se dos filhos e discretamente observava suas atitudes, suas companhias, seus caminhos. Quando ia à rua “resolver negócios” costumava levar um de nós para introduzir-nos no “mundo da responsabilidade”. Assim, aprendíamos a resolver pequenas coisas nos bancos e no comércio.

Certo dia, caminhávamos por uma calçada e, sem mais nem menos, bruscamente ele me puxou pela mão e atravessamos a rua. Depois de muito insistir, soube que ele evitou se encontrar com um cidadão que lhe devia dinheiro. Explicou-me que não queria deixá-lo constrangido.

Mais adiante, no cruzamento da Avenida Deodoro com a Ulisses Caldas, fomos abordados por um mendigo sentado, que pedia um trocadinho. Papai lhe atendeu, mas antes de seguirmos em frente, o pedinte vendo a minha calça jeans *hippie* toda remendada com corações e bandeiras, não se conteve:

– E esse rapazinho aí, quando não quiser mais essa calça rasgada, dê pra mim que eu AINDA uso!...

Nem pai nem filho, cúmplices

Não era alto, forte, não tinha história de valentia para contar, nem usava tatuagens no braço. Mas a sua presença ou, na ausência, a sua simples lembrança, era suficiente para nos tornar fortes em qualquer situação.

Quando criança, ao me aproximar de uma calota de carro abandonada à Rua Glicério Cícero, próximo ao Colégio das Neves, descobri tarde demais que ela servia de prato para o almoço de um cão. Fui atacado e mordido na perna. Meu pai me levou nos braços, e a partir daí se seguiu uma interminável série de doze injeções antitetânicas na

barriga. Todo dia, pela manhã, íamos caminhando e conversando até o prédio da Saúde Pública, na Junqueira Aires, onde um homem de branco me aplicava uma injeção. Só não chorei na última.

Nesse período, com o auxílio do velho quebra-luz, papai me ensinou a projetar na parede sombras de imagens de animais feitas com as mãos. Soltar pipas. Também aprendi a fazer barcos de papel que faziam a nossa festa, quando desciam na água da chuva, rua abaixo, até perder de vista. Descobri que eu era um mentiroso, pois tinha duas pintas brancas nas unhas.

Mais tarde, ele me apresentou a uma lupa que guardo até hoje. E, segurando a minha mão, juntos observamos como as letras do jornal cresciam. Quantos detalhes haviam nas pernas das formigas, nas nervuras das folhas, no pólen das flores. Isso me estimulou a descobrir, mais adiante, o fascinante mundo microscópico.

Aprendi que com a lente poderia convergir os raios solares num só ponto e fazer um papel pegar fogo, folhas secas viravam fogueiras e as formigas... ah, que pena das formigas!

Um dia o menino virou rapaz e os hormônios mudaram as brincadeiras. Como prêmio uma DST. E veio o medo.

Era época do vestibular, não havia tempo a perder. Mas a quem recorrer? Claro, ao amigo Gut – ele sabe tudo, pensei. E sabia.

– Fique tranquilo; dessas daí eu já tive umas oito! É Tetrex “nele”. Qualquer farmácia tem.

Outros amigos, tão “experientes” quanto eu, me deixaram tão inseguro quanto eles.

– Procure resolver tudo sozinho, só não vá falar com o seu pai. Com o meu foi tudo complicado e olhe que ele é bem mais novo que o seu! Disse-me um deles, como se a idade fosse inversamente proporcional à compreensão.

Optei pela segurança da “complicação” e, um dia, quando a vergonha se tornou menor que a dor, tivemos uma conversa inesquecível, em casa, no escritório de papai.

Quase que orgulhoso com o que eu lhe contava, ele se antecipou ao meu constrangimento e, pela primeira vez, falou mais do que ouvia. E descreveu em detalhes tudo o que eu sentia. Recomendou que eu separasse logo a minha roupa, sabonete e uma toalha só para mim. E que eu fosse imediatamente procurar Farias na Farmácia Barbosa à Rua Princesa Isabel, no centro.

– Nem se preocupe, isso é coisa boba! Me incentivou.

Nunca quis tanto lhe dar um beijo quanto naquele dia, mas saí calado.

À tarde, me dirigi à farmácia de Joaquim Barbosa – grande amigo de papai – que logo na entrada tinha uma enorme balança Filizola, terror das madames obesas. Farias já esperava por mim. Não precisei falar nada. Ele já sabia tudo e após a medicação e algumas recomendações, me liberou dizendo que já estava tudo acertado com o meu velho.

Durante aquela semana, papai ainda riu muito de mim quando eu corri para lhe contar que estava urinando verde.

– Tenha calma, isso é do remédio, faz parte do tratamento.

Ao lado, mamãe discreta, aprontava a mesa como se não soubesse de nada...

Recordo ainda, a reunião em casa com os tios militares Walter e Alfredo, onde papai, mesmo torcendo para que o filho “servisse à Pátria”, procurava alternativas para a minha dispensa visando não interromper os estudos.

Seria completamente normal um pai levar seu filho para tomar injeção aos 7 anos, estudar com ele as aplicações de uma lupa aos 12 e orientá-lo na cura de uma DST aos 18. Mas, o mais singelo nisso tudo é que aquele homem, que quando nasci já tinha todos os cabelos brancos, agiu como irmão e amigo, parecendo ter a mesma idade que eu aos 7, aos 12 e 18 anos. Naqueles momentos, do alto de sua experiência, ele desceu ao meu nível e me fez pensar que juntos estávamos resolvendo todos os meus problemas. Ali não havia pai nem filho. Apenas cúmplices. Éramos um só.

O terçol e o vinho

Papai costumava brincar até quando falava sério. Ou seria o contrário? Quando um dia ele percebeu um enorme terçol no olho do menino Juninho, foi logo lhe mostrando a cura. Contou que não tinha remédio melhor do que enfiar o dedo no fundo da galinha e, com o dedo ainda quente colocá-lo sobre o terçol. Empolgado, Juninho parou a brincadeira e correu para casa.

Mais tarde, o pai dele – Seu João Inácio – chegou lá em casa para conversar e ler um jornalzinho. Enquanto papai lhe servia um vinho, o nosso vizinho foi logo reclamando que não conseguira dar um cochilo depois do almoço, devido o barulho das galinhas no quintal.

– Quando abri a janela, lá estava Juninho agarrado logo com três!
Pode um negócio desse?

Nesse momento, Seu Inácio, sem querer, vira o copo e derrama o vinho sobre a mesa.

Antes que o visitante ficasse embaraçado, papai o socorreu:

– Não se preocupe que o vinho é “seco”. Aliás, dizem até que é bom para terçol...

Natal da **nossa infância**

» Jardim de Infância Modelo	215
» Infância na Cidade Alta	221
» Lembranças da Rua Felipe Camarão	231
» A Escolinha de Dona Janoca, os foguetes e Cambraia	237
» E o mundo não se acabou...	241
» O Educandário Natal	243
» E quanto é que custa esse mais gordinho?	247
» Jerônimo, o Herói do Sertão	251
» Rua Princesa Isabel, a casa dos nossos avós, anos 1960	257
» “Edifício Balança, mas não Cai” nas ondas do Rádio	261
» Meu primeiro jogo no Juvenal Lamartine	265
» Escola Dominical	271
» A Igreja, o carnaval e o pelotão de fuzilamento	273
» Um passo de cada vez	277



Jardim de Infância Modelo

Vai, menino/ A vida avisa que chegou
Vai, menino/ Se aproveite que a verdade
Um dia vai fazer você mudar.
(Ivan Lins)

Em 1956 meu irmão Carlos começou a frequentar o Jardim de Infância Modelo (JIM), localizado na Avenida Prudente de Moraes bem perto da Praça Pedro Velho, mas ele não se adaptou. Chorava muito e se negava a ficar lá sem minha mãe. Ela precisava voltar pra casa para ficar comigo e também tinha atividades de trabalho. A solução adotada foi antecipar a minha entrada no Jardim juntamente com o primo João David. A decisão surtiu efeitos imediatos. Na mesma semana uma vizinha nossa, Dodôra Macedo, também entrou na mesma classe e rapidamente nós quatro nos enturramos com os demais colegas.

Para nos motivar mais nos primeiros dias, mamãe nos dava tabletas de “torrão”, um tipo de chocolate barato que adorávamos. Apresentava duas características que não pudemos esquecer até hoje: era colante nos dentes, com papel embalante verde claro.

Também ganhamos uns “cigarrinhos” de chocolate da Garoto. Os meninos e meninas faziam gestos imitando os adultos fumando.

Além de Dodôra Macedo também foram meus contemporâneos e iniciaram estudos no JIM: Paulo Roberto Luz, Rodolfo Pinheiro, Frederico Sérgio, Cláudio Mafioletti, Franklin Marinho Sales, Isa de Amorim Garcia, Eduardo (Dunga) Amorim Garcia, Heloísa, Waldemir Germano, Yara de Brito Chaves e Frederico de Azevedo Maia.

154

1-Isa Garcia, 2-Fred Sizenando, 3-Dodora Macedo, 4-Carlos Sizenando, 5- Waldemir Germano, 6- Heloísa, 7-Cláudio Mafioletti e outros na Solenidade de Formatura do JIM no Teatro Alberto Maranhão, 1958



Não dá pra esquecer o cheiro marcante de biscoitos e refrigerantes (guaraná caçula ou crush) que abarrotavam as mochilas dos meninos e meninas. Além disso, ficaram em nossas mentes o barulho da guri-zada, escorregos, gangorras e balanços. Numa das escorregadas, Fred Azevedo Maia, meu xará, saiu pela tangente, e foi bater com a cabeça na lateral da gangorra: muito choro e sangue. Enquanto isso, Carlos gritava: “ele lascou a cabeça”. Paulo Roberto Luz insistia em chutar bola dentro da sala de aula, enquanto seu primo Rodolfo Pinheiro já dava as primeiras demonstrações de *enfant terrible*, para irritação da professora Wanda. Eduardo “Dunga” Garcia lembra que, seu primeiro dia no JIM foi atípico: ele morava perto da Praça e, escondido dos pais, acompanhou o casal de irmãos mais velhos que foram levados por uma tia. Lá foi descoberto por uma professora, que teve paciência de deixá-lo acompanhar as atividades infantis do dia. Ele adorou as brincadeiras e os pais se convenceram de que ele já poderia frequentar antecipadamente o Jardim.

216

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Ao mesmo tempo que frequentávamos o JIM, mamãe comprou o Livro “ABC dos Animais” que nos serviu como primeiros passos da alfabetização. Ainda recordo do “i” de “içá” (fêmea da formiga saúva), do “d” de “dromedário”. Meu primeiro contato com álbum de figurinhas ocorreu no JIM, lembro que ajudei um colega a colar figurinhas com “Goma Arábica”. Fiquei curiosíssimo com a novidade.



155

Turma do JIM em 1958.
Entre outros: Fernando
Cysneiros, Francisco e
Carlos Sizenando



156

Renato Ribeiro, João
David, Frederico Sérgio,
Fred Sizenando, Geraní
e outros em desfile
interno com farda de
gala do JIM, 1958.
Detalhe: pelotão de
meninos e meninas
separados

A Praça Pedro Velho

Já havia dado meus primeiros chutes com bola de meia na calçada da nossa casa da Rua Felipe Camarão, mas a prática esportiva um pouco mais organizada ocorreu nas quadras da Praça Pedro Velho. Existiam duas quadras descobertas separadas por uma lanchonete em forma de avião, no local onde posteriormente foi construído o Palácio dos Esportes. Minha mãe nos levava até as tais quadras onde jogávamos com uma bola de borracha (novidade pra gente que só conhecia a bola de meia). Por insistência nossa, Bado e Murilo iam também. Lá nos juntávamos com os meninos que moravam na redondeza da praça e jogávamos a pelada de forma desordenada. Logo fizemos duas amizades que passaram a ser frequentes em nossos encontros esportivos: Marco Pólo Véras e Renato Ribeiro. Também jogavam: Gilson (morador da Felipe Camarão) e Franklin Marinho, entre outros.

Em relação a Renato a recordação se deve ao fato dele sempre jogar de botas, enquanto os demais jogavam descalços, numa dividida que nunca esqueci, ele arrancou o “chamboque” do meu dedão do pé direito, que ainda dói até hoje...

A Praça Pedro Velho, inaugurada em 1937 pelo prefeito Gentil Ferreira, era o ponto de encontro principal da cidade, os pés de “fícus” eram pequenos, muito bem podados em forma de coelhos, gatos, cachorros etc. Lá circulavam os melhores fotógrafos da cidade, principalmente aos sábados e domingos. A pracinha era toda mosaicada e tinha um pequeno coreto onde as bandas militares faziam retretas. Seus tanques com tartarugas eram atrações especiais para a garotada. Havia também um parque (onde hoje tem uma estrutura para acompanhar as paradas de 7 de Setembro) com gangorras e balanços. Estruturas simples, mas onde nos divertíamos a valer.

O parque tinha horário restrito de funcionamento, que ia das 16h às 18h. A nossa estratégia era começar a jogar futebol por volta das 15h e um pouco antes das 16h nos apressarmos para chegar ao parque

e conseguir os melhores balanços. Na grama misturada com areia do parque haviam muitos grilos e nós tínhamos o hábito de capturá-los e guardá-los em garrafas vazias de refrigerante crush. Carlos é quem mais curtia os bichos: quando chegava em casa ele tirava os grilos da garrafa colocava-os em fila, como desfile militar, e inventava as brincadeiras.



157

Praça Pedro Velho, foto
Jaéci, em 1960

Em tempos de chuva apareciam as tanajuras e a diversão (cruel) era espetá-las pelo rabo, nossos primos Fábio Araújo, Nino (Agenino Araújo Filho) e Julieta nos acompanhavam nessas peripécias.



158

Família Rossiter/Araújo
em foto clássica no
Coreto da Praça, 1959

Os primos moravam na Rua Coronel José Pinto em frente à casa do professor Otto de Brito Guerra, próximo ao Instituto Brasil.

Já quando começava a escurecer saíamos pra casa, mas antes era de lei passar na padaria que existia na Rua Potengi bem próximo ao atual Bar Sgt. Pepper's. Lá mamãe comprava um pacote de tarecos, que tornava para nós o trecho de volta até a Rua Felipe Camarão mais agradável.

Provavelmente todo natalense de classe média nascido nos anos 1950 ainda guarda fotos de infância com a família tiradas na Praça Pedro Velho, uma recordação marcante.

Infância na Cidade Alta

Já me queimei brincando com vela
Já me escondi atrás da cortina e esqueci os pés para fora
Já subi escondido no telhado para tentar pegar estrelas.
(Vinicius de Moraes)

Minha primeira residência na infância foi na Rua Felipe Camarão, n. 604, Cidade Alta, em frente à atual Padaria Sian. A casa alugada tinha uma pequena área na entrada, uma sala com móveis simples, mas bem aconchegantes. No quintal existia uma goiabeira, um cajazeiro e uma pequena estrutura de madeira, algo parecido com um galinheiro, que nós adaptávamos para ser a nossa diligência em tempos do faroeste. A partir da estrutura de madeira conseguíamos trepar nas árvores e viver aventuras de Tarzan com direito a cipó, gritos no estilo Johnny Weismuller e muitas quedas.

A geladeira era a grande novidade que as donas de casa começavam a usufruir e todas, absolutamente todas elas, tinham um pinguim de louça no seu teto. Logo que recebemos a geladeira, mamãe tratou produzir “polis” para vender. O negócio foi um desastre: eu e Carlos dávamos polis para nossos amigos que eram muitos e as poucas pessoas que compravam era na base do fiado. Os fogões eram a carvão e havia muitas carvoarias na cidade, uma delas na Rua Ulisses Caldas próximo à Avenida Deodoro.

No início dos anos 1960 era comum a venda de areia de praia (ela era fina e bem branquinha) transportada em carroça, que papai mandava espalhar em nosso quintal.

Entre os anos de 1958 e 1961, tínhamos o nosso Forte Apache, nossa Floresta de Sherwood. O quintal de areias brancas era o palco para intermináveis aventuras à base de muito tiro de espoleta à la Durango Kid, luta de espada no padrão Príncipe Valente ou Robin Wood e mágicas paralisantes ao estilo Mandrake. Eventualmente as primas Jeruza Helena e Isabel Cristina, que também eram nossas vizinhas, faziam os papéis de Jane e de Diana Palmer, o problema é que elas não conseguiam acompanhar o ritmo pesado dos garotos em relação aos bofetões, tiros e rápidos deslocamentos em galhos de árvores.

159

Carlos e Fred (autores do livro) na calçada da Rua Felipe Camarão, 1956



Os galhos da nossa “floresta” se espalhavam sobre o telhado da casa, e lá estávamos nós apesar dos alertas da minha mãe. Certa vez quebrei duas telhas ao cair “levando uma flechada de um índio”. Na noite desse dia choveu muito e a goteira foi grande para desespero do meu pai que teve de improvisar latas e pinicos para evitar que a água se espalhasse pela casa. Acompanhei tudo caladinho, sem confessar o crime.

222

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Mas nem tudo era maravilha. Os meninos da minha geração eram obrigados a tomar muito purgante. Nossas respectivas mães nos impunham aqueles terríveis purgativos: batata-de-purga, maná-com-sena, licor de Cacau Xavier. Eca! Quando tirávamos nota ruim na Escola, éramos obrigados a tomar Iofiscal (para a memória da criança).

Pra completar, minha mãe soube que um tal de “pau d’arco” era um santo remédio pra tudo, daí misturava a água com a casca do referido pau para bebermos (meu Deus!). Não podíamos tomar leite e chupar manga (ou comer jaca) a seguir, era veneno fatal.

Quando íamos para algum aniversário de criança, nós éramos obrigados a comer um prato enorme de papa de aveia antes de sair, para “se comportarem bem” em relação às guloseimas da Festa.

Nossos vizinhos eram seu Gentil Magalhães e dona Quatorzieme Rosado. Mais adiante, na direção da Ulisses Caldas, morava o então vereador José Elesbão de Macedo, sua esposa dona Lourdes e um time de filhos: Socorro, Ana, Mércia, Zizí, Bado (Sebastião), Graça, Dodora, Célia, Fátima e Fernando Macedo, eram nossos companheiros de tica e esconde-esconde. Dizia-se que com os votos da esposa e dos dez filhos seu Elesbão ganhava qualquer eleição. Dona Lourdes Palma, a sisuda irmã da atriz do teatro e escritora Clarice Palma. Do outro lado da Rua morava Murilo Bezerra, outro companheiro de primeiras peraltices, filho do policial militar Lolô e de dona Neném. Um pouco mais afastados moravam: Carlos Roberto Bezerra de Araújo (Pirú), Juvenal Justiniano de Faria Júnior e Chico Canhão.

Outros meninos que também moravam na FC e imediações até início dos anos 1960: Gilson, Sócrates, Moisés Costa, Luiz Gonzaga Cortez, Wilson Alves, Theodomiro Romeiro e Modesto. Já eram rapazes: Roberto Lira, Evânio e Zé Leonardo. Theodomiro posteriormente teve participação ativa nos movimentos armados de esquerda no final

dos anos 1960, foi preso em Salvador no início dos anos 1970, esse tema é detalhado em outra parte do livro.

Luiz Cortez juntamente com outros colegas fazia pequenos foguetes experimentais que eram lançados principalmente nas praias de Areia Preta e do Meio. O tema chegou a ser divulgado nos jornais da cidade. Já era influência da então recente implantação do Campo de Lançamentos da Barreira do Inferno.

A calçada em frente à nossa casa e do vizinho Seu Baracho era mais larga que o restante, esse detalhe era essencial para definir os limites das primeiras peladas da nossa infância com bola de meia.

Zé Leonardo tinha um projetor de cinema e improvisava sessões pagas em sua própria casa, era uma atração para a meninada da redondeza.

Outro local de “cinema em casa” era na Rua Coronel José Pinto, na garagem da casa de Luzenildo, próximo ao Instituto Brasil. Nossos tios Agenino e Lilí, moravam exatamente em frente e ficávamos sentados no muro da casa deles com os primos Fábio, Nino, Julieta e João David, assistindo às fitas com direito a pipoca e Ki-suco.

Foi nesse período que começamos a aventurar sair de casa sem a companhia dos nossos pais e a motivação era grande: assistir projeções de filmes de aventura B que ocorriam no auditório do Colégio Marista e no SESC. Em especial causou grande *frisson* a exibição do seriado denominado “O Rei da Polícia Montada”. Já conhecíamos o herói das revistas em quadrinhos evê-lo na telona do cinema era algo fantástico, ainda mais quando descobrimos que o sargento King era o nosso querido Rock Lane.

O maior edifício de Natal era o “Amaro Mesquita” na Cidade Alta com quatro andares. A primeira televisão na vizinhança foi da casa

de seu Euclides Lira então presidente do Santa Cruz F.C., esquina da Felipe Camarão com a Rua Coronel Cascudo. À noite as pessoas se aglomeravam na calçada para brechar a novidade. Eu era um deles e fiquei fascinado quando assisti um episódio mesmo chuviscado com meu herói das histórias em quadrinhos Jim das Selvas, com Johnny Weissmuller. Dona Lourdinha, esposa de seu Lira, mesmo sem me conhecer, certa vez me convidou pra entrar e assistir a TV de dentro da casa, mas fiquei encabulado e não aceitei. Nunca mais voltei lá e passei a pressionar meu pai pra também comprar uma TV, fato que só se concretizou três anos depois.

Uma cena hilária daquela época era ver em algumas casas, televisores com uma película colorida – comprada em camelôs – que era fixada na tela para “transformar” a TV de P/B para colorida.

Ficávamos assustados com o poeta Pedro Grilo que usava um enorme chapéu tipo “sombreiro” mexicano. Mas o nosso maior temor enquanto crianças, além da Viúva Machado e do bandido Baracho, era Maria Mulamanca, figura pornográfica popular que vivia na Cidade Alta. Certa ocasião, após o colega Bado chamá-la pelo apelido, ela partiu irada pra cima da gente com seu cajado gritando palavrões e balançando sua enorme pança. Mulamanca era o escândalo ambulante de Natal no início dos anos 1960. Tubiba era uma figura humilde muito conhecida na Cidade Alta que tinha o hábito de escrever com pedaços de carvão poesias com letras bonitas no chão das calçadas. No tempo que eu estudava caligrafia vertical e horizontal, minha professora sempre citava Tubiba como um exemplo. Os carros modernos da época eram: o DKV, o Sinca e o Aero Willys.

Tinha ainda, a figura do alcoólatra Limonada, que quando assim chamado, abria seu dicionário de palavrões no meio da Rua. Certa vez, ouviu alguém gritar “limão”, depois “água” e outro completou “açúcar”. Cambaleante, Limonada respondeu:

– Home, se misturar eu dano-lhe uma cacetada!

Não existiam supermercados e o comércio ambulante de compra e venda porta a porta era movimentado. As expressões abaixo eram do cotidiano da minha infância:

– “Olha o garrafeiro! compro garrafas, jornal, revista e lata de óleo”;

– “Gelé de Coco!” (venda de um doce que era meio termo entre cocada e geléia, que chamávamos de “quebra queixo”);

– “Olha o pirulito, o mel enfiado no palito” (pirulitos baratos em forma de cone que eram fixados em tabuleiros);

– “Espanador e vassoura de agave, quem vai querer?”

Chamávamos o zíper de “ri-ri” ou “fexicler” e terçol era “beró”. Dentre as guloseimas baratas, havia também o “puxa-puxa”.

Outro ponto de interesse na redondeza era o Foto de José Seabra localizado na Avenida Deodoro, era lá que tirávamos as 3x4 para carteira de estudante e fotos de família. Seabra, juntamente com Jaeci Galvão, Germano e Rodrigues, eram os fotógrafos mais conhecidos da cidade. Seabra chegou a produzir, em 1955, um filme denominado “Amor Mascarado” com artistas locais e rodado em Natal.

Ainda na Avenida Deodoro, vizinho ao Colégio Imaculada Conceição, situava-se a residência do Dr. Aldo Fernandes, figura destacada da administração estadual e casado com dona Sétima Rosado, eram amigos dos meus pais. Sempre que íamos à Praça Pedro Velho com mamãe, era um ponto certo de parada e de conversa, a filha do casal – Alda Ivanoska – estava sempre presente.

Já nos anos 1960, um instante que impressionou a todos que moravam na Cidade Alta foi o incêndio ocorrido no Edifício Salmar, o primeiro prédio residencial de Natal, localizado na Avenida Deodoro. Na época ainda estava em construção. A fumaça e o aquecimento alcançavam toda redondeza entre as ruas José de Alencar, Deodoro e Apodi. O Padre Eymard cancelou as aulas do Ginásio São Luís e as crianças ficaram aguardando que os pais viessem apanhá-los, muitas choravam sem entender o que estava acontecendo. Era grande o movimento de bombeiros e de curiosos.

Próximo à esquina com a Rua Ulisses Caldas havia uma pequena banca que vendia confeitos, revistas e chocolates e ao lado existia o “Centro Israelita” que funcionou até o ano de 1968. Seu Kelmann e dona Clara, judeus poloneses, também nossos vizinhos, eram frequentadores assíduos do Centro. Nós tínhamos medo de passar por lá à noite achando que existiam fantasmas.

Na Rua Ulisses Caldas outros pontos que marcaram: a Loja da Borracha (na esquina com Princesa Isabel) e, na diagonal dessa, as “Casas Araújo”, loja de tecidos dos meus tios Afrânio, Adauziro e Agenino Araújo. Seguindo até a Avenida Rio Branco, além do Mercado Central, e da Mercearia de seu Militão Chaves, existiam algumas lojas interessantes: Casa Tic Tac, Casa Rubi, Cantina Lettieri, O Bazar Doméstico, Casa das Máquinas, Casa Rio, Loja 4.400, Casa Régio e outras. Mas, o ponto preferido da turma era uma banca de revistas (ainda hoje existente) na esquina da Rio Branco com Ulisses Caldas, lá vendia revistas da Ebal e era o local preferido de compra e troca de figurinhas.

Baldo em 1961, carros da época e ao fundo o Colégio Municipal.

Acervo de
José Estácio de
Aquino Filho



Outros meninos e alguns já rapazes que também moravam nas imediações da Felipe Camarão no início dos anos 1960: Luciano, Geraldo Cordeiro, Amaro Lima, Rubens de Azevedo Maia (Bacalhau), Ronaldo Gonçalves, João Maria Dantas (Joca), Marcos Cavalinho, Nilson Oliveira, Pedro Galdino, Chico Viramundo e Dedé Pindoba. Essa turma era denominada “Turma do Mangueirão”, pois tinham o hábito de se reunir em baixo da enorme mangueira que existia perto da atual ABO.

Mas também existiam meninas na nossa Rua, como Isa Freire, Marta Cortez, as irmãs Zélia, Célia, Salete e Zilá filhas de seu Cabral, investigador da Polícia. E ainda as irmãs: Josélia, Lourdinha e Fátima Rocha.

Interessante como existiam muitos sapateiros em Natal até meados dos anos 1960, eram dois na nossa região: Nicácio Barroca na Rua Auta de Souza e um outro na Rua Princesa Isabel perto da casa dos meus avós. Nicácio era muito conhecido porque contava muitas estórias mirabolantes, fantasiosas. Também existiam muitos alfaiates atuando. Mas, meu pai dizia que nos anos 1930 a quantidade era muito maior.

Na esquina da Rua José de Alencar com Apodi morava o casal Manoel Henrique e Nazinha. Ela era conhecida no bairro pelos bolos que fazia. Seu Manoel Henrique era uma figura querida, conhecidíssimo em toda Natal, tinha um Sinca super bem conservado, que era o carro preferido para conduzir noivas à igreja. Maria do Carmo Moura Sidrim foi uma delas.

Papai trabalhava no Palácio Potengi (que no governo Aluízio Alves passou a ser denominado “Palácio da Esperança”), em algumas poucas ocasiões ele me levou até seu setor. Numa dessas idas uma cena me surpreendeu: de repente entrou uma mulher morena com uma faixa cruzando o vestido, dando ordens pra todos e falando alto. Observei que nenhum funcionário reclamava, ao contrário, cada um continuava trabalhando e com um leve sorriso nos lábios. Essa figura era Dona Severina Conceição de Jesus, a “Severina Embaixatriz”. Vestia uma faixa onde se lia “Embaixatriz do Brasil”, ela era uma figura folclórica e tinha livre acesso em quase todas as repartições de Natal, dava ordens até nos governadores.

A Rua Felipe Camarão fora também chamada no final do século XIX de “Rua do Catorze”, em função da presença em 1897 de soldados do 14º Batalhão de Infantaria com sede na Paraíba. Eles vieram substituir temporariamente o 34º Batalhão do RN que havia se deslocado para a Guerra de Canudos. Os paraibanos provocaram muitas arruaças e confusões que marcaram negativamente suas presenças.

Filipe (com i) Camarão foi um indígena brasileiro da tribo Potiguar, nascido no início do século XVII no Bairro de Igapó em Natal, então Capitania do Rio Grande. O nome de nascença dele era Poti ou Potiguaçu que significa camarão. Ao ser batizado e convertido ao catolicismo em 1614 recebeu o nome de Antônio e adotou

Filipe Camarão em homenagem ao soberano D. Filipe II (1598-1621). Camarão juntamente com sua mulher Clara foram voluntários aliados aos portugueses e considerados heróis em função da bravura demonstrada contra os holandeses nas batalhas de: São Lourenço (1636), Porto Calvo (1637), Mata Redonda (1638), Guararapes (1648) além da defesa de Salvador (1638) atacada por Maurício de Nassau.

Lembranças da Rua Felipe Camarão

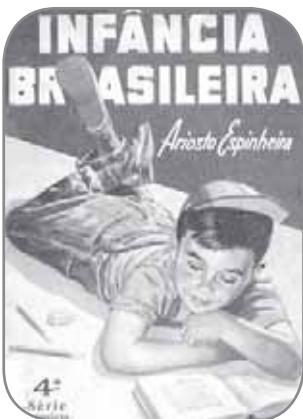
Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês...

(Chico Buarque e Sivuca)

De calção, sem camisa, sentado no muro da frente da casa, o olhar procurava o que fazer, as pernas balançavam impacientes, como que procurando aonde ir. A Rua era tão grande para quem era tão pequeno, os adultos pareciam dizer sempre não para as coisas que eu nem pensava fazer. Qualquer amigo era bem-vindo. “Brincar em casa é mais seguro”, já diziam. E lá estavam todos os carrinhos em fila, parados, esperando a próxima aventura. Mas a Rua continuava deserta. Brincar com quem? Para quem mostrar a minha espada nova? Se ao menos chovesse para eu tomar um banho...

E lá fui eu curioso, através da nossa goiabeira subir o muro e daí passar para o telhado do vizinho. Ali, protegido pela copa da goiabeira deles, eu passava um tempão deitado numa sombra aconchegante e comia as goiabas sem precisar tocá-las com as mãos. Além da aventura, aquelas goiabas brancas grandes eram exóticas e raras para mim. Diferentes das goiabas vermelhas do nosso quintal. Mas tinha uma hora que o medo batia. É que aquele telhado era exatamente do quarto dos cachorros e eles sabiam que eu estava lá em cima. Latiam. E lá vinha Iracema, a doméstica, conversar com eles.

– Calma Black, está me estranhando? O que é isso White? E tentava acalmar os bichos. Eu não respirava nem conseguia engolir a goiaba. E morria de medo de ser descoberto, pois os vizinhos D. Catorzinha (Quatorzieme) Rosado e Seu Gentil Magalhães, eram gente fina, gostavam muito da gente, todo ano nos presenteavam no nosso aniversário e também no Natal. E eu tinha que fazer isso antes que Iracema batesse palmas lá na frente, trazendo um saco de goiabas para mamãe...



161 Livro do Primário



162 Hans e Fritz



163 Autores do livro, em 1957

De repente ouço vozes, era Fred que acabara de chegar com o primo João David e os amigos e vizinhos Bado e Murilo. Com eles uma novidade: um álbum de figurinhas. Era de jogador de futebol. Abrimos os envelopes e colamos as figurinhas, que tinham forma de losango, no álbum. Antes que pedíssemos mais dinheiro, papai lembrou que o quintal estava ótimo para brincar. Ele havia contratado um carroceiro, que depois de várias viagens deixou o quintal completamente coberto de areia da praia. Uma delícia. Rolávamos na areia branca como se estivéssemos na praia. Estava aberta a temporada de caças: bandidos fictícios, mocinhos de carne e osso, índios, jogadores de futebol, soldados em

combate, espadachins, sobrinhos do capitão, arqueiros defensores do rei, super-heróis mascarados ou voadores, Sobrinhos do Capitão, Superman. Ali tudo era possível, aliás, quase tudo: como ninguém queria ser o bandido, qualquer barulho de fruta caindo no telhado, era o alvo a ser atingido. Estava criado o bandido virtual.

Minha tia Adelaide morava conosco e costumava ficar olhando o movimento da Rua. Sentada num banco, o cotovelo apoiado no muro e de vez em quando, a mão passeava pelos cabelos brancos em desalinho. No chão, o seu inseparável gato, o bichano, se aconchegava preguiçosamente, enrolando a cauda na sua perna.

O primeiro filme que, com alguma consciência, me lembro ter assistido foi o meloso “Marcelino Pão e Vinho”, no Rex. Este era o nome do primeiro álbum de figurinhas que o garoto Marcos Medeiros, hoje professor da UFRN, ganhou de presente dos pais. Mas o bom mesmo era assistir as trapalhadas de “O Gordo e o Magro” ou “Os Três Patetas”, no Cinema Rio Grande...



164 “Marcelino Pão e Vinho”

Os primeiros álbuns de figurinhas que colecionei com Fred foram: “Os Dez Mandamentos”, “Copa do Mundo de 1962”, “Rin Tin Tin” e “Ben Hur”. Os dois primeiros foram os únicos que conseguimos completar. Sempre havia algumas figurinhas difíceis de achar, chamadas

“premiadas”, no caso da Copa do Mundo era a do zagueiro Bellini. O filme “Os Dez Mandamentos” e, especialmente, a cena da abertura do mar, foram inesquecíveis para mim. Foi o primeiro longa-metragem que assisti e com direito a intervalo para trocar figurinhas do álbum com o mesmo título.

Mamãe limpava os móveis com “óleo de peroba” e a novidade era a enceradeira com cera “Parquetina”.

Quem nunca brincou de tica, esconde-esconde, academia, bandeirinha, estátua ou bang-bang? Quem não se “alisou” jogando “biloquinha à vera”? “Lá na ponte da aliança todo mundo passa” o anel para as meninas. Quem não usou uma folhinha verde na barriga para acabar com a “dor de veado”, enquanto corria?

Após algumas horas, tanto desgaste físico merecia uma recompensa e ela veio da janela da cozinha, de onde mamãe servia uma limonada com biscoito champagne ou simplesmente um chá de pau d’arco, o qual se atribuía poder milagroso para a saúde de ferro dos seus heróis.

E logo, logo, os efeitos do chá mudavam a nossa brincadeira.

– Vamos ver quem mijá mais longe!?

Gritava um primeiro, em tom provocativo. E todos apontavam sua arma na mesma direção. Após os disparos, as distâncias eram medidas e tínhamos mais um campeão.

O jogo de botão, hoje futebol de mesa, era uma atração à parte. Jogávamos numa mesa simples e o campeonato tinha um ritual. Cada um trazia o seu time numa proteção de flanela. Uma vela era passada em cada botão para que o deslizamento na mesa fosse mais rápido. Os atletas eram de vidro “inquebrável” ou de baquelite. A maioria

dos times trazia o rosto de Pelé, Vavá, Garrincha – como se só isso garantisse a vitória – e os mais modestos eram classificados como botão tipo “cuscuz”. As palhetas tinham uma aerodinâmica especial que possibilitava jogadas quase impossíveis. O goleiro era representado por uma caixa de fósforos, na maioria das vezes revestida com o símbolo do clube escolhido, tendo à sua frente dois botões mais altos que faziam papel de zagueiros (beques) que o protegiam.

Todo menino tinha um terninho de marinheiro e tirava fotos com ele (ridículo!). No nosso caso era pior ainda, pois todas as nossas roupas eram iguais e ficávamos irritados quando todo mundo perguntava se eu e Fred éramos gêmeos.

Quando o menino tocando triângulo – tengo telengo tengo – anunciava na Rua “olha o cavaco chinês!”, todos interrompiam a brincadeira e corriam lá para fora, pelo oitão lateral, antes que o menino dobrasse a esquina. E lá vinha papai acertar as contas mais uma vez. Enquanto todos se esbaldavam na calçada, ele já cansado da semana de trabalho, usava a psicologia para ganhar um pouco de silêncio.

– Acho melhor vocês ficarem aqui fora contando histórias baixinho, porque se vocês entrarem Déa vai empurrar mais um chazinho de pau d’arco na goela de vocês!...

Estava garantido o descanso.

A Escolinha de Dona Janoca, os foguetes e Cambraia

Astronauta libertado minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
(2001 – Mutantes – Tom Zé e Rita Lee)

Na Rua Felipe Camarão, em frente à casa de seu Abdon Gossom havia a Escolinha de Dona Janoca, era pra lá que as mães encaminhavam os filhos para um reforço nos primeiros passos da alfabetização e de tabuada. A fama era que Dona Janoca utilizava a “metodologia” da palmatória e do milho (ficar de joelhos sobre milhos, de castigo) para ensinar de “cor e salteado”. Isso era comentário geral da meninada. Havia uma combinação de medo e respeito total à figura da professora cujo lema, como lembra Núbia Câmara, era “estudar para ser gente”, e só longe, muito longe dali, alguém arriscava uma tímida brincadeira do tipo “Dona Janoca cara de pipoca”.

Eu e Fred abusamos um pouco nas brincadeiras de bang-bang e mamãe preocupada “para os meninos não ficarem soltos na Rua, pintando o sete”, nos impôs um “curso de férias” em Dona Janoca. Ficamos desesperados. No primeiro dia fomos educadamente recebidos pela professora morena, rosto engilhado, passos lentos e voz enérgica. Entramos calados e amedrontados numa sala apertada onde havia um quadro negro e algumas velhas carteiras escuras, grandes e pesadas. A nossa desconfiança era enorme, principalmente quando Fred, discretamente, visualizou e me indicou a localização da temida palmatória. Ela de fato existia. A partir daí nossa concentração foi total na resolução dos exercícios e ditados.

Em casa, para estimular a nossa aprendizagem de forma lúdica, mamãe literalmente cantava a tabuada de multiplicar rimada. E assim, à moda antiga, fomos adquirindo alguma intimidade com os números. Com o caderno de caligrafia vertical nossa letra foi tomando forma e, enquanto mamãe cantava, nem percebíamos que o tempo já estava contando para um dia escrevermos sobre isso. Sobrou para Bado e Murilo que passaram algum tempo sem brincar de bang-bang em nosso quintal. O fato é que fomos elogiados por Dona Janoca que não precisou mostrar, nem usar seu instrumento de motivação educacional.

Luiz Gonzaga Cortez também era morador da Rua Felipe Camarão, chamava a atenção o detalhe de que ele tinha 16 irmãos, era o recorde absoluto que conhecíamos na cidade. Luiz lembra as caronas de “morcego” que pegava nas carroças abarrotadas de lenha que eram levadas para abastecer os linotipos e máquinas no Diário de Natal localizadas na descida da Avenida Rio Branco. O pai de Luiz, seu Manoel Genésio Cortez Gomes era o dono de uma Serraria e Carvoaria que existia na nossa rua.

Após o surgimento do Campo de Lançamentos de Foguetes da Barreira do Inferno, os locutores de rádio natalenses orgulhosamente promoveram nossa cidade ao status de “capital espacial brasileira”.

165

Luiz Gonzaga Cortez, aluno da Escola Industrial (foto ao lado com Wellington Corsino e Lourival Cavalcante segurando um “mísseil” experimental em 1966) era um dos entusiastas desse grupo



238

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Nesse embalo, um grupo de adolescentes da Rua Felipe Camarão começou a desenvolver pequenos experimentos que eram denominados “mísseis” construídos artesanalmente e utilizando como combustível uma mistura de pólvora com salitre.

Participavam da “Turma do Foguete”: o “cientista” Chico Canhão (o Von Braun da equipe), Joel Câmara de Carvalho Filho (hoje fisico), Lourival Cavalcante, Sérgio, Wellington Corsino e Lino Dantas, entre outros.

Gonzaga recorda que ocorreu uma aglomeração de pessoas curiosas na tarde dos lançamentos dos minifoguetes na Praia do Forte. Cada vez que o foguete explodia então a vaia era grande, mas quando havia sucesso ocorriam aplausos e assobios. Os soldados do vizinho Regimento de Obuses, curiosos, passaram a acompanhar de longe a movimentação. Para azar da turma um foguete equipado com pára-quedas e uma catita como cobaia, subiu uns 50 metros e de repente desviou do trajeto normal, alcançando o “espaço aéreo” do Quartel e caindo com grande explosão em plena área militar. O “pipoco” provocou disparo de um alarme no Quartel e logo surgiu um jeep em disparada com militares armados querendo esclarecer melhor o que ocorrera. Foi menino correndo pra todo lado, alguns saíram nadando pela praia. Os mais novos do grupo como Gonzaga ficaram imóveis tremendo de medo e tiveram dificuldades para dar as explicações ao tenente. Enfim, tudo foi contornado e ficou na memória o dia de fama da turma.



166

Carlos Bezerra “Piru”
com um foguete

Grupo de fogueteiros



João Maria Dantas (Joca), Antonio Cortez Gomes, Lourival Bezerra Cavalcante, Sérgio Boqueira, Lino Dantas, Ademar Ribeiro, Theodomiro Romeiro dos Santos (levantando um braço de Rubens de Azevedo Maia, o Bacalhau) e Nilson. Atrás Luiz Gonzaga Cortez. Local: próximo ao farol de Mãe Luíza, 1966. (Fotos do acervo Luiz G. Cortez)

Uma figura popular conhecidíssima na cidade era o jornaleiro Cambraia, ele tinha um estilo próprio espalhafatoso de venda de jornais e especialmente de divulgação das manchetes do dia. Luiz recorda do negro Cambraia descalço se deslocando ágil e gritando: “ô lê lê ô lá lá, óia o jorná de Natá!”.

Cambraia era tão conhecido que chegou a ser registrado como candidato a vereador no início dos anos 1960, mas não obteve êxito. Os comunistas e os estudantes da Associação Potiguar dos Estudantes Secundaristas fizeram uma passeata transportando Cambraia como atração, numa carroça pelas principais ruas da cidade e terminaram na Praça Kennedy. Lá, Marlindo Pompeu e outros colocaram Cambraia bêbado para discursar, ninguém entendia nada do que ele falava, nem ele, mas foi um arraso.

E o mundo não se acabou...

No final dos anos 1950, na faixa dos 7 anos de idade, comecei a me interessar e acompanhar um pouco as notícias que chegavam pelo rádio. Era o tempo de programas de auditório da Rádio Poti, dos palhaços Carequinha e Fred. Certo dia, eu estava grudado no rádio valvulado “ABC a Voz de Ouro”, quando o noticiário “O Galo Informa”, da Rádio Poti, anunciou que um renomado astrônomo norte-americano havia feito uma previsão de que um asteróide iria cair sobre a América do Sul e que, em consequência, o planeta Terra seria destruído e todos os habitantes morreriam. Com muita naturalidade o locutor Rui Ricardo disse o dia e a hora em que o mundo iria se acabar. Fiquei perplexo quando escutei essa notícia. Preocupadíssimo, perguntei baixinho a papai se aquilo era verdade, mas ele estava envolvido com alguma outra atividade e não me deu muita atenção.

A partir daquele instante, aquela notícia não me saía da cabeça. Não consegui dormir direito durante os dias seguintes. Mas fiquei sem extravasar para ninguém a minha angústia. Para piorar ainda mais a situação O “Galo Informa”, em suas edições posteriores, repetia a mesma notícia e sempre anunciando: “faltam só “n” dias para o mundo acabar”. Era uma torturante contagem regressiva. Cada vez mais, aumentava a minha tensão e eu não entendia por que ninguém se preocupava com o assunto. O Apocalipse estava prestes a acontecer, e minha mãe ainda marcava horário para tratamento dentário com o Dr. Mattoso. Carlos, meu irmão, tranquilamente colava figurinhas

dos “10 Mandamentos” e ainda planejava assistir o filme “Tarzan o Magnífico” que ia passar no Rio Grande.

Finalmente chegou o dia Dona Preocupado com a hora, escondei um relógio de bolso de papai e fiquei com ele. A hora do Brasil prevista para o mundo acabar era 10 horas e 30 minutos. Logo cedo, meu pai procurou o relógio antes de sair para o trabalho. Eu fiquei calado e ele saiu sem relógio.

A cada 5 minutos eu o consultava. Este procedimento só foi interrompido quando meus amigos vizinhos Murilo e Bado chegaram armados de revólveres com espoleta. Aí, juntamente com Carlos, começamos a brincar de bang bang .

Envolvido no intenso tiroteio no nosso quintal, me movimentava escondido por cima do florido pé de cajá para obter melhor ângulo de tiro e acertar os índios pele-vermelhas, isso tudo me fez esquecer momentaneamente do Apocalipse. De repente, me lembrei do asteróide... tirei o relógio do bolso e verifiquei que já eram 10 horas e 40 minutos. O alívio foi tão grande que eu saí imediatamente do esconderijo, levantei os braços e gritei “o mundo não se acabou!”. Bado, Murilo e Carlos não entenderam nada, mas aproveitaram a bobeira do cara pálida para me encher de bala.

Continuei vivo e a catástrofe anunciada não aconteceu.

O Educandário Natal

Não precisamos de nenhum controle de pensamento / De
nenhum sarcasmo sombrio na sala de aula
Professor, deixe as crianças em paz...
(Pink Floyd – Another Brick in the Wall)

O modelo escolar até o início dos anos 1960 era bem diferente da liberdade construtivista aplicada nas escolas atuais. Após conclusão do Jardim de Infância, estudamos no Educandário Natal, que era dirigido pelo austero professor Severino Bezerra. Funcionava na Avenida Rio Branco, exatamente onde hoje é a Loja Americana. Acostumados a usar calças curtas, nos sentimos “mais adultos” com as calças compridas da farda do novo Colégio.

A disciplina era no estilo militar: antes da entrada nas salas de aula ficávamos todos perfilados numa área central para cantar o Hino Nacional (ou eventualmente o da Bandeira ou o da Independência). Fazíamos fila guardando distância com o braço direito esticado e apoiado no ombro do colega da frente, para daí entrarmos na sala de aula. Ficávamos alguns segundos em pé próximos às respectivas carteiras e só com um sinal da professora é que sentávamos. Se o diretor entrasse para dar um aviso na sala, todos os alunos se levantavam em sinal de respeito à autoridade. Quando tocava o sino para o recreio novamente era formada fila para a saída.

Só eram liberados para o recreio os alunos que conseguissem fazer plenamente os exercícios em sala de aula. Daí sempre ficavam alguns, sendo que dois deles não suportavam essa situação e começavam a chorar. Eram chamados de “bebês chorões”.

Durante a semana de provas, cada aluno levava de casa o seu papel pautado para copiar a prova escrita na lousa ou ditada pela professora. Antes, dobrávamos o lado esquerdo do papel pautado para dar a margem. Depois escrevíamos no cabeçalho o nome do colégio, o da professora e o nosso acompanhado do número. E ai de quem pegasse o número 24. Hoje em dia até virou moda.

As questões, bem trabalhosas eram chamadas de “quesitos” que segundo a taxonomia de Bloom, não media mais que meros conhecimentos retirados de textos engessados dos nossos livros. Não éramos estimulados a fazer uma análise crítica das coisas e sim a repetir a ótica dos autores.

Quando havia uma segunda prova no dia, o outro papel pautado era enrolado em forma de canudo e colocado num orifício existente nas velhas e pesadas carteiras negras.

Puxando bem pela memória ainda dá pra lembrar que havia pés de fícus em frente e que os “lacerdinhos” nos infernizavam na entrada e saída da escola, a camisa branca da farda ficava escura com os pequenos insetos e quando caíam nos olhos ardiam bastante. A cor amarela era a de maior atração para os insetos. Na hora do recreio quem estivesse de cabeça raspada (era o corte de cabelo padrão dos meninos) levava um “selo” que era um enorme tapa na cabeça.

Também tinha um lance da “queda-da-cebola” que consistia em um colega ficar de quatro por trás do outro, enquanto um terceiro empurrava quem estava de pé, o qual caía de forma espalhafatosa, pois não esperava... Os meninos brincavam de arremessar o “pião”. Outra brincadeira era “Mandrake”, inspirada no herói mágico das

revistas HQ. E tinha mais: as bolinhas de gude “à vera” (com aposta) ou “à brinca”. As figurinhas dos “Patrulheiros Toddy” eram sucesso absoluto na meninada. Nossas mães eram pressionadas a comprar Toddy só por causa dos cromos.



168

Eu e Carlos
fardados
com mamãe na
Praça Pedro Velho,
em 1960

Havia ainda a brincadeira de “Quartel”. Eram nove meninos sentados num banco (recruta, cabo, sargento, subtenente, tenente, capitão, major, coronel e comandante) e um só em pé, que dizia:

– Passei a revista no Batalhão e faltou o... capitão!

– Capitão presente! (Levantava-se um menino dando continência).

Quem passasse batido ia perdendo o posto, até se tornar recruta. Os mais atentos iam aumentando a patente.

As meninas brincavam de pular corda e curtiam uma bonequinha que era fornecida nos Postos de Gasolina “Esso” que chamavam de “Gotinha”. Cada aluno levava seu lanche, sendo que Paulo Roberto Luz tinha o hábito de intercambiar guloseimas com os colegas, principalmente com Milton Cunha Melo. Paulo ainda recorda o livro adotado na 1^a série primária: “Pedro, Pedrinho e Pedroca”.

A professora Miriam nos conduziu na 1^a série “A”, curiosamente, no mesmo ano o nosso grupo de colegas foi promovido para a 1^a série B, onde passamos a estudar com a charmosa professora Jesreelita, que chamávamos de professora Jes. Ela foi quem primeiro me incentivou e motivou no estudo da matemática.

Quando o prefeito Agnelo mandou derrubar todos os pés de ficus da Cidade Alta, os lacerdinhos sumiram, mas o calor ficou insuporável sem as sombras das árvores. Se essa ação fosse nos dias atuais, certamente o paisagista Eugênio Mariano e o ecologista Aristotelino iriam fazer muito barulho.

Dentre os colegas, além do primo João David e José Claudino Leite Filho (hoje jornalista), ainda são lembrados: Marcos Segundo, Enivaldo do Ó, Clóvis Freire, Altamira, Maria das Graças Servira, Ider Freire de Paula, os irmãos Marcos e Renata Klemig, Elício Pegado Cortez, José Moacir (Zeca) Marinho e Eustáquio Farias (hoje juiz) que vinha diariamente de Macaíba. Salvo engano o pai dele era dono da empresa de ônibus que fazia a linha para Natal. Paulo Roberto Luz era aluno aplicado que disputava o 1º lugar com Carlos e com o parnamirimense Evanildo do Ó (irmão de Enivaldo, hoje residentes em S. Paulo), eventualmente eu me metia nesse grupo. Fernando Cisneiros Jr. (engenheiro) era também estudante do EN, alguns anos mais adiantado. Outra aluna aplicadíssima era Jane Eyre (ou Jane Eyde), que mais tarde se formou em Odontologia.

Para desespero de Eustáquio Farias, os ônibus que faziam o trecho Natal-Macaíba eram apelidados por nós de “Natal-Pisa na Fulô”.

E quanto é que custa esse mais gordinho?

Certo dia chuvoso, lá pelos idos de 1959, minha mãe me proibiu de ir para o quintal com os meus companheiros. Dessa forma, excepcionalmente, teve de permitir que nós brincássemos dentro de casa. Aí nos decidimos inovar: montamos uma espécie de “Forte Apache” com deslocamento de um sofá e cadeiras e amontoamento de travesseiros e pequenos sacos de arroz, feijão, tudo isso para fazer as trincheiras de proteção do Forte. Tendas de índios foram improvisadas utilizando cabos de vassoura e lençóis. Minha mãe estava lavando roupa e não percebeu nossas intenções.

Daí, eu, Carlos, João David e Bado iniciamos uma sessão faroeste diferente e o bang-bang dentro de casa naquele dia foi quentíssimo: muitos tiros de espoleta, arco e flecha zunindo por todo lado, tiradas em inglês com forte sotaque infantil “*come on boy*”, “*let’s go!*”. A fumaça decorrente das espoletas (e da casa com janelas fechadas) cobria toda a casa e dava o clima semelhante aos *saloons* americanos. Muita correria e começaram os “acidentes” provocados por movimentos bruscos e desastrados com quebras de biscuíts, copos e até um jarro com flores. No meio da brincadeira, normalmente, entrávamos em brigas reais e eram bofetes trocados de verdade.

Nesse clima de muita confusão, de repente chega meu pai de volta da “Repartição”, cansado, todo molhado da chuva e acompanhado de um senhor amigo dele do interior que acabara de chegar a Natal. Imediatamente, ordenou que parássemos a brincadeira, que não dava certo dentro de casa etc. Ainda insistimos um pouco nos duelos, mas aí ele perdeu a paciência e, fugindo de sua tradicional calma, elevou o tom da voz e nos obrigou a parar.

Logo a seguir, em tom misto de seriedade e brincadeira, comentou resmungando para o visitante: “esses meninos me dão muito trabalho, eu tô doido pra vender um...” O amigo nos observou em silêncio e seriamente perguntou logo a seguir: “e por quanto o Sr. faz aquele mais gordinho?”

O mais gordinho era eu...

Banana, velho!

No início dos anos 1960, a fruta mais abundante e barata em Natal era a banana. Nesse tempo elas eram vendidas por “Verdureiros”, caboclos que carregavam cestos abarrotados de frutas e verduras pendurados em uma vara que era escorada nos ombros.

Sempre que alguém chegava e batia palmas para pedir esmolas, mamãe rapidamente retirava algumas bananas e dava ao necessitado. Ela aproveitava para nos orientar que a caridade era um ato importante e que devíamos seguir seu exemplo.

Certa ocasião, um senhor vindo do interior apareceu lá em casa para falar com papai, que ainda não havia retornado do trabalho. Mamãe pediu para ele sentar e aguardar. Eu tinha uns seis anos de idade e passei a observar o visitante. Notei que ele estava com roupas abarrotadas e um pouco sujo. Aí não contei conversa: corri, peguei

uma banana e passei a insistir para ele aceitá-la “banana, velho!”
“banana, velho!”

O fato é que eu julgava tratar-se de mais um pedinte. O cidadão ficou muito constrangido e segurou as bananas meio sem graça. Nessa ocasião, minha mãe percebeu a situação, me puxou de lado e discretamente me deu uma forte puxada de orelha. Não entendi nada e tentei argumentar: “mãe... e a caridade?”, ela resmungou desconcertada “depois eu explico! Depois eu explico!”.

Jerônimo, o Herói do Sertão

Eu não vivo do passado, o passado é que vive em mim.
(Paulinho da Viola)

Jma das maiores atrações radiofônicas do início dos anos 1960 e que envolvia toda a nossa geração de meninos e até adultos foi o seriado “Jerônimo, o Herói do Sertão”. Em Natal a novela era transmitida nas terças, quintas e sábados, às 18h05 pela Rádio Poti, com patrocínio de “Melhoral” (“É melhor e não faz mal”). Jerônimo foi a maior audiência do rádio brasileiro na época e se sustentou durante 14 anos. O seriado era tão forte em nossas cabeças que, mesmo transmitido pelo rádio, todos os meninos diziam “você viu Jerônimo, hoje?”.

Qualquer menino ou menina que viveu em Natal no início dos anos 1960 “conheceu” Aninha a noiva de Jerônimo, Moleque Saci – o atrapalhado fiel escudeiro do mocinho, além dos bandidos: Caveira, Chumbinho e o maldoso coronel Saturnino Bragança. Milton Rangel dava voz e vida a Jerônimo na novela que era gravada na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Dulce Martins era Aninha e Cauê Filho, o Moleque Saci. O autor do *script* da novela foi o jornalista Moysés Weltman. Ele inicialmente imaginou o herói como “Bento Faria, o Cavaleiro dos Pampas”, mas percebeu em tempo que haveria excesso de regionalismo e resolveu aproveitar um nome mais masculino inspirado no índio que derrotou o General Custer no faroeste americano.

Jerônimo era um cavaleiro andante colocado nos sertões do Brasil. Era o defensor dos fracos e oprimidos, lutando para que se fizesse justiça no sertão. Filho de Maria Homem, nascido em Serro Bravo (cidade fictícia do interior de São Paulo, mas com características nordestinas), cresceu entre tiros e tocaias. Maria Homem, sua mãe, era uma mulher de pulso forte – segundo Weltman seria uma mistura de Maria Quitéria, Ana Terra e Anita Garibaldi – que ensinou ao filho as diferenças entre o bem e o mal.

Em 1957 o desenhista Edmundo Rodrigues assinou um contrato com a Rio Gráfica Editora, hoje Editora Globo e Jerônimo passou também a ser herói nas revistas em quadrinhos. Foram publicadas 62 revistas mensais com Jerônimo, cinco almanaques de 100 páginas, dois exemplares com “As Aventuras de Aninha”, dois exemplares com “Peripécias do Moleque Saci”, além do disco. Nos anos 1970 “Jerônimo” (protagonizado pelo ator Francisco de Franco) foi novela na TV, mas não repetiu o sucesso anterior.



Para demonstrar a importância de “Jerônimo” para a garotada, eu tenho que contar uma história. Certo sábado de 1963, estávamos com uma turma de primos e amigos (Múcio Benfica, Francisco, Betinha, Jeruza Helena, Luciano Mariano, Marcos, João David, e outros)

aguardando o início de Jerônimo ao pé do rádio da casa de vovô na Rua Princesa Isabel 444. Estava sendo anunciado um programa curto de reflexão religiosa denominado “A Hora do Ângelus” conduzido pelo padre Eimar, que antecedia o nosso seriado. De repente faltou energia (coisa frequente em Natal daquela época).

Ficamos desesperados, pois era um capítulo onde estava previsto o desmascaramento do terrível bandido “Caveira”. João David arregalou os olhos e sugeriu “vamos assistir na Rádio Poti! Lá deve ter gerador próprio”. Num passe de mágica todos nós disparamos correndo em direção ao prédio da emissora pioneira. Muitos outros meninos ao escutarem nossa algazarra saíram de suas casas e nos acompanharam. Um deles gritou “sebo nas canelas Goiabada!”. Descemos até o final da Princesa Isabel passando por um trecho que não tinha calçamento, dobramos na direção da Felipe Camarão e subimos pela Rua esburacada da casa de seu Luis Romão até alcançar a Avenida Deodoro. Chegamos – cerca de 20 meninos e meninas – exaustos na Rádio Poti. Um funcionário se assustou com aquela invasão. Mal conseguíamos respirar, mas logo gritamos “queremos ver Jerônimo”. O funcionário foi praticamente obrigado a nos deixar adentrar numa pequena sala anexa ao Studio onde o som do seriado era difundido. Ficamos cerca de vinte minutos imprensados em profundo silêncio e tensão acompanhando as ações do nosso herói até a prisão e revelação da verdadeira identidade do Caveira. Voltamos conversando, lentamente a pé para casa, felizes numa noite inesquecível iluminada só pelas estrelas. Em tempo: o Caveira era o Dr. Ariosto um magnata dono do banco da cidade de Santa Bárbara.

O sucesso do seriado foi tão grande que o disco com a trilha sonora da “Canção de Jerônimo” de Getúlio Macedo também explodiu nas paradas através da gravação do Coral da Rádio Nacional e depois na voz de Emilinha Borba. As Aventuras do Herói do Sertão também foram gravadas em dois LPs da Columbia do Brasil. Conseguimos fazer uma cópia em CD do LP de nº 2 gravado em 1962 com as

histórias: “O Caso do Atirador de Punhais” e “Jerônimo faz a Justiça”. A apresentação inicial é feita por Mário Lago e Rynaldo Calheiros canta a toada “Jerônimo Justiceiro”.

Pelo menos três pessoas de Natal mantêm como tesouros até hoje a coleção de gibis do Jerônimo: Juarez Chagas (desenhista por hobby e professor do Centro de Biociências da UFRN), Carlos Gomes (advogado e Professor de Direito da UFRN) e Reinaldo Azevedo (desenhista, dentista e líder da Banda Anos 1960 – este só não tem o número 28). Reinaldo se inspirou nos desenhos de Edmundo Rodrigues para criar “O Coveiro”, na época áurea do GRUPEHQ, fundado por desenhistas da terra, como Evaldo Oliveira, Emanuel Amaral, Edmar Viana, dentre outros. Juarez continua na ativa desenhando HQs. O nosso herói também apareceu na telona do cinema no filme “Jerônimo Herói do Sertão” com Adolpho Chandler (Jerônimo) e Elisabeth Baker (Aninha), produção discreta da Atlântida.

A partir de 1964, além do natural desgaste do tempo, o seriado radiofônico passou a ter problemas com o regime militar e acabou sendo retirado do ar. A censura acreditava que os “coronéis”, que normalmente eram os bandidos poderosos das histórias de Jerônimo poderiam ser ou estar associados aos coronéis do Exército. Como diz nosso amigo Juarez Chagas: era difícil ser herói, mesmo sendo de papel e em causa nacional.

Jerônimo, o Herói do Sertão, continua no imaginário de muita gente por todo Brasil. Quando os meninos dos anos 1960 se reencontram como cinquentões dos anos 192000 e o seriado é relembrado, é bonito observar o brilho nos olhos e o sorriso infantil, de repente parece que voltamos a escutar juntos: “Quem passar pelo sertão vai ouvir alguém falar...”



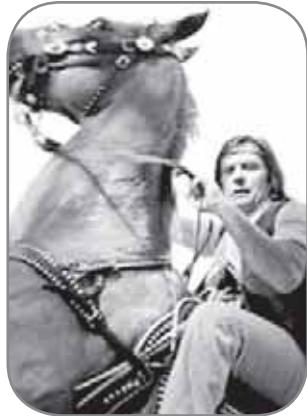
169

Capa da Revista "Jerônimo o Herói do Sertão", 1958



170

Milton Rangel, rádio ator que dava voz a Jerônimo



171

Jerônimo na TV SBT, anos 1970

A CANÇÃO DO JERÔNIMO

Quem passar pelo sertão
Vai ouvir alguém falar
No herói desta canção,
Que eu venho aqui cantar.

Se é pro bem vai encontrar
Um Jerônimo protetor,
Se é pro mal vai enfrentar
Um Jerônimo lutador.

Filho de Maria Homem, nasceu.
Serro Bravo foi seu berço natal.
Entre tiros e tocaias cresceu.
Hoje luta pelo bem contra o mal.

Galopando está em todo lugar,
Pelos pobres a lutar sem temer.
Com o Moleque Saci pra ajudar,
Ele faz qualquer valente tremer

Rua Princesa Isabel, a casa dos nossos avós, anos 1960

Naquela casa nossos porquês tinham sempre respostas.

Meus avós maternos residiam na Rua Princesa Isabel 444, um quarteirão abaixo da atual Lojas Americanas. Pelo menos dois dias na semana nós “morávamos” com eles. Papai e mamãe costumavam assistir peças de teatro no “Alberto Maranhão” ou iam ao cinema e nos deixavam na nossa casa nº 2. Tínhamos na faixa de 4/5 anos de idade e levávamos uma bola de meia para jogar no corredor interno da casa com o primo João David. Era aquela algazarra, vovô ficava sentado numa “espreguiçadeira” lendo a revista “Seleções Reader’s Digest” e vovó dividida entre as plantas do quintal e a cozinha. Normalmente não se incomodavam com o nosso barulho. Quem se tocava, mesmo, era a tia Ida, que não tinha paciência, dava logo um “carão” e acabava com a nossa brincadeira.



Brincávamos principalmente com os primos João David, Betinha, Margareth, Grace e os vizinhos Roberto e Paulo Oliveira, Neguba e Múcio Benfica.

Uma grande atração, lá, eram os pratos deliciosos preparados por vovó, em especial a inesquecível “delícia de abacaxi”. Ainda hoje tema de boa lembrança nas conversas dos netos. Era impossível não repetir.

Vovó Clarinda era uma pessoa simples com raízes interioranas ainda visíveis na linguagem; era calma, carinhosa, sempre disponível e paciente com um ou outro neto arredio.

Vovô Carlos Rossiter era o patriarca. Jeitão de Gary Cooper, conservador, leitor voraz de livros e de revistas, lia e discutia sobre qualquer assunto, gostava de ter longas conversas com a gente. Era defensor da preservação dos animais, contava histórias, relatava episódios de sua infância, nos levava (cinco netos e agregados) a todos os circos que eram montados na Praça Tamandaré. Não tinha curso superior (coisa raríssima para sua geração), mas nas horas vagas, era metido a cientista. Lia Física e Química e improvisava experimentos práticos. Certa ocasião chegou a provocar uma explosão em seu laboratório improvisado, para desespero de vovó. A seguir um texto que guardamos como parte dos seus inúmeros manuscritos.

172

Clarinda e
Carlos Rossiter, 1955



“O Auto-Propulsão, denominação que pretendo dar ao motor de minha invenção, acionado pela maior força do planeta – a Gravidade – vai demonstrar prática e materialmente a possibilidade de captação e aproveitamento da mais constante e regular, da mais potente e mais acessível das forças da Natureza, com que espero beneficiar pelo baixo custo de energia, o trabalho mecânico nos diferentes ramos da indústria universal. Com a miniatura do motor em funcionamento, desejo apresentar à Engenharia Mecânica, a chave do mistério que de tanto tempo vem sendo procurada por uma plêiade em várias gerações de mecânicos utopistas e sonhadores.”

Meu avô ficou irritado quando o prefeito Agnelo Alves mandou cortar todos os pés de ficus da Cidade Alta para acabar com a praga de “lacerdinhas”.

Próximo à casa de vovô ainda tinha o apartamento de tio Walter com quem tínhamos (eu e Carlos) um relacionamento especial. Em função do envolvimento dele com o futebol que começava também a ser nossa paixão, era como se fosse um primo mais velho e não um tio. Nossas primas com nomes de princesas eram bem entrosadas nas nossas brincadeiras: Elisabeth (Betinha) parecia Cher a cantora pop americana dos anos 1960 de “*I got you baby*”, Margareth, Grace e Winston Morelli Rossiter completavam o quarteto que anos depois seria transformado num quinteto com a chegada de Henrique.

Invariavelmente quando meu avô voltava de Recife ou Maceió em visita a familiares, trazia um presente para cada neto. Eram os presentes mais aguardados. Nós íamos com mamãe, papai, vovô, tios e primas até a Estação Ferroviária na Ribeira, aguardar com enorme ansiedade e expectativa a chegada do trem noturno. A cena da visualização da luz distante do trem (“a luz no fim do túnel”) e a sua chegada com um barulho enorme e muita fumaça ficaram gravadas na minha memória. Vovô descia do trem, abraçava vovó, as filhas,

cumprimentava os genros e a seguir se dirigia aos netos que ficavam paralisados. Muitas vezes ele já trazia os presentes em um grande saco e os distribuía ainda na Estação. Papai Noel perdia para ele.

O brinquedo “Jeremias vai à Feira”, um pretinho carregando um carrinho de feira, que era acionado por corda e andava em círculos, foi aquele que eu conservei por muitos anos e marcou minha infância.

Na Princesa Isabel, nossos amigos eram: Múcio Teixeira Benfica (irmão de Dodoca, artilheiro do futebol de salão), Magda Benfica, Vera, Luciano e Lucílio Mariano, Paulo e Roberto Oliveira, Artur e Almir César, os gêmeos Walmir e Waldir e mais: Neguinho (Neguba), os irmãos Francisco e Marcos, Davin, Robinson Azevedo, Leonardo Flamarion e Aquino Filho.

Uma figura conhecida na vizinhança era Lu (Garibalde Mendes), humilde alfaiate de profissão e americano apaixonado e fanático, sempre atuou como “olheiro” do time, circulando por campos de pelada, colégios, em todos os bairros e subúrbios de Natal e identificando garotos bons de bola. A seguir os encaminhava para o América, onde já garantia alguma ajuda inicial na forma de material escolar, farda do colégio e transporte. Lu pensava muito à frente, isso há mais de 30 anos. Muitos bons jogadores do América foram descobertos por ele como: Ronaldinho, ponta direita apelidado de “Garrinchinha”, Romualdo, Juritinga, Bagadão e muitos outros. Apesar de pobre, Lu trabalhou voluntariamente nas divisões de base do América sem reivindicar um tostão do clube, nunca foi “empresário” de jogador. Morreu tragicamente por enforcamento no início dos anos 1990.

Edifício “Balança, mas não Cai”, nas ondas do Rádio

Em casa, a diversão também chegava pelas ondas do rádio, através de programas como “Edifício Balança... mas não Cai”, original da Rádio Nacional do Rio. Nesse edifício moravam todos os astros da Rádio Nacional. Pelo menos era isso que o apresentador Wilton Franco dizia na abertura do programa. É claro que era uma piada.

Humoristas como: Walter D’Ávila, Zé Trindade, Costinha e Ary Leite, faziam parte do programa, que em Natal era exibido todos os domingos pela manhã.

Uma atração especial era o quadro “Primo Rico x Primo Pobre” criado por Max Nunes e Paulo Gracindo desde 1951. Em 1959 era interpretado por Paulo Gracindo e Brandão Filho, com patrocínio de Eucalol. Audácia e diversão garantidas na Rádio Nordeste. Ficávamos colados no Rádio ABC valvulado para acompanhar com muita atenção.

No final dos anos 1970 o programa chegou a ser exibido na TV Tupi. O quadro era uma crítica social e retratava de forma excepcionalmente bem humorada a extrema desigualdade econômica do Brasil nos tempos de JK. Desigualdade, aliás, que ainda permanece nos dias atuais. A seguir um trecho do diálogo dos primos.

E eis que neste momento aquele parente muito rico recebe a visita muito inoportuna do seu primo muito pobre:

Primo Rico: – A situação está péssima. Ignóbil, abracadabrante, crocodilesca. Escalafobética! Mas eu me preocupo com você. Afinal somos do mesmo sangue que o seu pai.

Primo Pobre: – É, primo, mas você ficou com o sangue todo. Outro dia fui fazer um exame para saber quantos glóbulos vermelhos eu tinha.

Primo Rico: – E qual foi o resultado: quantos milhões de glóbulos?

Primo Pobre: – Quem sou eu para ter milhões primo? O resultado deu um glóbulo.

Primo Rico: – Só um?

Primo Pobre: – É, ele tá sozinho dando voltas do meu corpo. É por isso que estou tão fraco e com fome. Aliás, lá em casa sustentar aqueles meninos é que tem sido a minha dor de cabeça.

Primo Rico: – Não me fale em dor de cabeça, primo, que eu tive uma de rachar na noite passada. Acho que foi do fígado por causa de umas rãs à dorê que eu comi no jantar.

Primo Pobre: – Rã à dorê?

Primo Rico: – Sim, por quê? Você também come rã à dorê?

Primo Pobre: – Primo, quem sou eu pra comer rã à dorê? Lá em casa eu ando de olho é numa lagatixa.

Primo Rico: – Primo você é óóóótimo!!!

Primo Pobre: – Você também é ótimo!



173

Brandão Filho,
o primo pobre



174

Paulo Gracindo,
o primo rico

Outro diálogo muito engraçado entre os primos foi aquele que relato em seguida:

Primo Pobre: – Primo a coisa não anda boa não!

Primo Rico: – Você quer dizer isso a mim? Eu estou enterrado, eu não saio mais do porão... eu queria estar no seu lugar.

Primo Pobre: – Olha primo, eu estou aqui mas meu pensamento está lá no meu barraco. Minha mulher não está boa não, está com uma pedra na vesícula e eu não sei onde vou buscar dinheiro para tirar essa pedra...

Primo Rico: – Engraçado a coincidência: os problemas da sua mulher são sempre iguais aos da minha. Você sabe que ela também tem que tirar uma pedra?.

Primo Pobre: – Da vesícula?

Primo Rico: – Não, da Alfândega, veio da Bélgica [...], eu já aluguei o salão do Itanhangá Golf Clube para o baile de estreia da pedra e ainda não consegui 500.000,00 cruzeiros da jóia...

Pobre: – Mas a pedra da minha mulher é da vesícula, não veio da Bélgica, foi feita aqui mesmo...

Primo Rico: – Pois é, quando eu falo você não acredita, você é que é feliz!.

Primo Pobre: – Felicíssimo... [...] Bem primo eu vou indo... Ah!

Você não teria uma roupa usada pra me dar?

Primo Rico; – Eu? Você pode não acreditar primo, mas eu ando de calça furada....

Primo Pobre: – Furadíssima!

Meu primeiro jogo no Juvenal Lamartine

O velho atleta recorda jogadas felizes /
Mata a saudade no peito driblando a emoção /
Hoje outros craques repetem as suas jogadas /
Ainda na rede balança seu último gol.
(Moacir Franco na música “Garrincha”)

Meu interesse pelo futebol surgiu precocemente, eu tinha cinco anos de idade quando comecei a acompanhar conversas de adultos sobre a Copa do Mundo que seria realizada em 1958. Eu folheava as revistas “Cruzeiro” e “Manchete” na casa dos meus primos Fábio, Nino e Julieta e lá despertei atenção para a cobertura da seleção brasileira. Lembro de uma reportagem da Manchete com fotos coloridas dos jogadores. Cada um usava camisa amarela com o nome Brasil no centro. Havia um resumo biográfico abaixo de cada foto, e um comentário comparativo da altura média dos jogadores brasileiros e russos. Mostrei à minha mãe a revista e ela me destacou que dois conterrâneos dela iriam jogar na Suécia: Dida e Zagalo. Ela até comentou que conhecera a família de Zagalo quando morava em Maceió.

No dia de São Pedro (29 de junho) de 1958, eu tinha cinco anos e acompanhei Carlos e meus pais numa pequena excursão com piquenique na granja de um casal amigo deles em Extremoz. Era um dia

de chuva fina, muita bebida e os adultos acompanhavam a decisão Brasil x Suécia, todos próximos a um rádio enorme ligado em volume máximo. A gritaria deles e o entusiasmo na medida em que os gols ocorriam, me chamaram atenção e eu desviei da brincadeira de “cobra cega” para acompanhar mais de perto os momentos finais do jogo. Um senhor gordo se atirou deslizando numa poça d’água quando Pelé fez o quinto gol. A algazarra foi enorme e esse momento tenho gravado em minha memória. No retorno a Natal, viemos todos em um ônibus tipo lotação. Ao passar na velha ponte de Igapó, todos cantavam “Cidade Maravilhosa”, isso porque ainda não havia sido lançada a música “A Taça do Mundo é Nossa”.

Entusiasmado comecei também a escutar as transmissões radiofônicas do futebol local e observar com interesse as fotografias dos times natalenses que eram fixadas em um mostruário que havia no Foto Jaeci na Avenida Rio Branco perto da Loja Brasileira aqui conhecida como “Quatro e Quatrocents”. Era o tempo de Aluísio Menezes o locutor vibrante de voz analasada que chamava a bola de “pelota”. Centro-avante era “centrefó” (do inglês *“center-forward”*) e zagueiro era “bequé”. Alguns jogadores tinham nomes curiosos como Piaba, Furiba, Marieta, Sansão, Papagaio e Chicó. O Diário de Natal utilizava termos em inglês como *“coach”* e *“referee”* para denominar o técnico e juiz de futebol.

Após massacrante insistência minha e de Carlos, papai nos levou ao primeiro jogo de futebol no Estádio Juvenal Lamartine. Era janeiro de 1960. A Seleção do RN ia decidir o campeonato do Nordeste com o Ceará, precisando apenas de um empate, o primeiro jogo em Fortaleza tinha sido 1x0 para o RN, gol de Cocó.



175

Seleção do RN,
em pé: Biró, Ribamar,
Calado, Cileno, Pádua
e Mauro. Agachados:
Cocó, Saquinho,
Aladim, Jorginho e Ivo



176

Entrada do Estádio
Juvenal Lamartine
em sua arquitetura
original

Acho que ele não nos levava antes ao JL por comodismo e também para evitar que escutássemos os palavrões típicos das torcidas. Dito e feito: logo que entramos no estádio; escutei um tremendo “puta que o pariu! Porra!” E não entendi nada. Meu pai riu e disse para não prestarmos atenção a essas palavras.

Antes, a fila para comprar os ingressos era enorme, muito calor, mas nada me afetava e nem fazia com que eu deixasse de ficar extasiado. Logo que adentramos visualizei o estádio lotado, o gramado, a

arquibancada de madeira coberta, os times uniformizados, um espetáculo de cores. A fantasia infantil se transformava em realidade.

Eu já conhecia a escalação completa da nossa seleção, mas não tinha a menor noção visual dos jogadores. Essa era outra curiosidade que desejava esclarecer. Também queria ver de onde os locutores transmitiam o jogo.

Ficamos por trás do gol da entrada do estádio bem pertinho do goleiro Ribamar no primeiro tempo, ele vestia um conjunto cinza, típico da época. Sempre que fazia uma defesa – mesmo fácil – exagerava na queda embolando na grama para impressionar a torcida.

Por trás do gol do fundo do estádio havia um espaço sem arquibancada onde o ingresso era mais barato. Os torcedores mais humildes, normalmente abcdistas, lá ficavam de frente pro sol e em pé. Uma torcida mais elitizada (tipicamente americanos) ficava na arquibancada coberta e de lá saíam gritos provocativos do tipo: “Olha a frasqueira da Geral!” A resposta vinha imediatamente com um festival de palavrões e arremessos de bagaços de laranja.

Biró era um negão que espelhava como pão doce, Jorginho e Cileno eram os baixinhos do time e Cocó tinha cabeça raspada porque estava servindo o Exército como recruta.

Pádua, Aladim e Ivo eram jogadores do Riachuelo (posteriormente chegaram a jogar com sucesso no São Cristóvão do Rio de Janeiro).

Tinha um velhinho engraçado, apelidado Liliu (Adauri de Loiola Barata), que se movimentava muito na torcida antes de começar o jogo. Era apostador de tudo, ele apostava dinheiro para o vencedor, para o placar, para o primeiro chute a gol, para o primeiro lateral.

Liliu (1910-1982) era tipógrafo do jornal “A República”, cambista do jogo de bicho, torcedor fanático do América. Como todo boêmio deixou um rastro de histórias e piadas. Numa delas contava-se que foi noivo de uma moça da família L’Eraistre e passou muito tempo de embromação sem que se casasse com ela. Quando os amigos lhe questionavam, dizia “agora não posso mais casar porque já me tornei irmão de criação da moça”.

A escalação dos times na época tinha uma sequência diferente dos dias atuais. No caso da nossa seleção ainda recordo: Ribamar, Biró e Calado, Cíleno, Pádua e Mauro, Cocó, Saquinho, Aladim, Jorginho, e Ivo. O técnico era Pedrinho de Quarenta.

A seleção cearense tinha um jogador chamado Moésio e um atacante careca chamado César Vieira que havia sido contratado “a peso de ouro” do sul do País.

O Ceará fez 1x0, através do centro-avante César Vieira, mas o RN reagiu e empatou com um gol de Aladim. O mesmo Vieira desempatou para os cearenses, mas finalmente Jorginho (o melhor jogador em campo) empatou, definindo o placar final de 2x2.

Simplesmente achei o evento apoteótico, era essa a impressão para um menino que concretizava o sonho de assistir um jogo de futebol.

Escola Dominical

Há tanta suavidade em nada dizer e tudo se entender.
(Fernando Pessoa)

Segundo Marcus de Morais (1999) em seu “Retrato Narrado da Cidade do Natal”, a primeira Igreja protestante foi instalada em nossa cidade no dia 3 de fevereiro de 1896, tendo à frente o pastor americano William Calvin Porter. A Igreja Presbiteriana ganhou sua sede própria, localizada na Rua Junqueira Aires, no dia 3 de setembro de 1898, pouco mais de dois anos após sua chegada a Natal. Antes porém, de inaugurar a sede da Igreja, o obstinado pastor fundou um jornal para difundir a sua doutrina, e um colégio para educar os filhos dos convertidos, segundo os preceitos da religião.

Sendo filhos de mãe protestante (influência da origem Rossiter na Inglaterra) e pai católico, eu e Fred tivemos uma formação religiosa democrática. Isso é muito bem ilustrado pela nossa passagem pelo Instituto Átila Garcia (Rua Jundiaí) do diretor – Pastor Eudes Coelho e pelo Colégio Marista do diretor – Irmão Chagas.

Nossa infância teve maior influência religiosa do lado materno. Frequentávamos a Escola Dominical nas manhãs de domingo na Igreja Presbiteriana da Avenida Junqueira Aires, nossa principal referência cristã.

Foram nossos contemporâneos e amigos: Gilvan, Daniel, João Carvalho Filho, Zwinglio, Neta, Wicliffe Andrade Costa, Esmeraldina,

Eustáchio, Afonso, Luis Galdino Lima, Adailton Barreto, Paulo, Flávio, Miriam, Sonia Padilha, Silas, Esdras, Paulo Nobre, Jessé Júnior, Adauto, Adailton, Adaildo Gomes D'Assunção, o pequeno Zizo, Eduardo e Roberto Costa Ferreira, Nivaldo, Sérgio e Nélson Freire.

Além dos estudos bíblicos, do alto da torre contemplávamos a paisagem do Rio Potengi que separava o verde de Natal do verde da Redinha.

Algumas cenas da Escola Dominical ficaram marcadas na minha memória. Nós, crianças, vindo do Pavilhão Isac Pimentel e entrando, em fila, na Igreja, sobre um tapete vermelho, cantando orgulhosas “vinde meninos, vinde a Jesus”. Tia Léa, comunicando as reuniões semanais das jovens senhoras e o saldo de movimentos filantrópicos. O perfeccionista Rubens e o ensaio do coral.

Já aos oito anos, quando faltava uma semana para a apresentação de nossa peça infantil no teatro ao ar livre do Quartel do Exército, Regimento de Obuses (RO), no Bairro de Santos Reis. Os ensaios se repetiam em nossa Igreja para que a apresentação fosse impecável. A certa altura, os três Reis Magos – eu, Zwinglio Costa e Flávio Padilha – guiados por uma estrela, caminhávamos em direção do presépio, onde José e Maria guardavam o menino Jesus numa manjedoura, naquele instante representado por uma almofada. Os três Reis Magos deveriam ajoelhar-se diante do menino Jesus, reverenciando-o. Só que eu dei um passo adiante e me ajoelhei exatamente em cima da almofada... A diretora da peça arregalou os olhos e me advertiu:

– Meu filho, no dia da apresentação não se ajoelhe em cima do menino Jesus, não!

Talvez para mostrar integração racial, atrás dos Reis Magos vinham peregrinos representantes de diversos povos. Fred, por ter os olhos apertados, a contragosto, foi escolhido para ser o japonês e estava vestido a caráter. Se achava ridículo no papel e reclamou mais que bode embarcado.

A Igreja, o carnaval e o pelotão de fuzilamento

É bom ficar direito se quiser tá no salão
Não se faça de doido não! Não se faça de doido não!
(Dozinho)

Dentro do nosso limitado universo de leitura de revistas e brincadeira de bola de gude, surgiu uma grande novidade. Eu e Fred vivíamos a euforia de chuparmos poli todo dia, uma vez que mamãe havia ganho sua primeira geladeira – refrigerador Frigidaire – e a partir daí os cajás, goiabas e limões do nosso quintal não iriam mas se perder. Chegamos a pensar em ficar ricos vendendo poli...

- Não vá abrir o refrigerador suado. Cuidado para não pegar um resfriado, menino! Tome água misturada...
- Como a ordem não era obedecida, ela apelava:
- Como vocês querem ficar ricos se chupam todos os polis que eu faço?

Preocupava-se ela o dia todo, todo dia.

No carnaval de 1958, papai nos levou para assistir o corso que acontecia na Avenida Deodoro. Lá, havia um cordão de isolamento e as famílias se sentavam nas cadeiras ao longo da calçada para assistirem a passagem dos blocos, dos papangus e dos carros de passeio com pequenas alegorias, que desfilavam solenemente ao som de

marchinhas de carnaval. Era o tempo da tribo de índios Carijós, dos “Malabaristas do Samba”, muita lança perfume e dos blocos de elite como: “Jardim de Infância”, “Bacurinhas” e “Xamego”.

O engraçado é que entre final dos anos 1950 e início dos anos 1960 existiam dois Reis Momos em Natal: Paulo Maux era o oficial – gordo, bochechas rosadas e salientes, muito alegre – e havia um de protesto: Severino Galvão, mais magro, também alegre, mas abusado, boêmio e irreverente.

Era uma festa relativamente tranquila. Os foliões eram moderados e só abusavam na alegria do confete e da serpentina. Naquela noite de carnaval, nossos pais permaneceram lá o tempo suficiente para que Fred dormisse, o que provocou nossa volta para casa. Assim seguimos: Papai com Fred nos braços e mamãe segurando minha mão.

No dia seguinte, mamãe foi surpreendida com uma advertência da Igreja Presbiteriana por estar “brincando o carnaval na avenida, dando mau exemplo aos filhos...”

Triste, abatida e magoada, ela, uma evangélica fervorosa, se recolheu e não quis mais sair de casa. Preocupado, papai (católico) tentou de várias formas tranquilizá-la.

– Você já pensou sobre o que é que o pessoal da igreja estava fazendo lá na Deodoro? Ora, se eles podem ver o carnaval você também pode. É interessante como todo mundo sabe criar os filhos dos outros.

Satisfeita pelo apoio, mas não convencida, ela decidiu que o nosso carnaval, em sua companhia terminaria ali.

Na terça-feira ficamos mesmo na calçada de nossa casa à Rua Felipe Camarão 604, prosando com um vizinho. Morávamos há dois quarteirões da Deodoro e de longe se ouvia o som das bandas. A luz fraca dos postes deixava a nossa rua, já deserta, na penumbra.

Enquanto papai balançava a minha pequena cadeira de balanço com o pé, mamãe fazia o mesmo com Fred ao lado. Era o programa para fazer menino pequeno dormir. E ficamos lá após o banho, “todo cheiroso”, com direito a talco no pescoço, de pijama, travesseiro, cabelo penteado e dente escovado, ouvindo os adultos jogarem conversa fora. Uma jarra de caldo de cana vazia descansava sobre um tamborete. No prato, um resto de pão doce completava a festa.

Enquanto papai elogiava o “ventinho fresco que corria”, da esquina da mercearia de seu Lourival com a Rua Ulisses Caldas, surgiram dois, três, quatro, cinco... cerca de quinze soldados do Exército que faziam patrulha no carnaval. E eles caminhavam todos com revólver ou casetete na cintura, com as mãos para trás e, me lembro como se fosse hoje, que apenas o que vinha na frente portava uma metralhadora. De repente, exatamente em frente à nossa casa, atravessaram a rua em nossa direção. Papai não se conteve:

– Ô Déa, aquilo lá parece um pelotão de fuzilamento. Será que o seu pastor mandou prender a gente?!

O vizinho que conversava com papai, deu boa noite e caiu fora. O nosso sono acabou. Ficamos a mercê daqueles soldados, até que o comandante do pelotão ordenou.

– Água para todo mundo!

Era o Sargento Rossiter. Mais exatamente o meu tio Walter, irmão caçula de mamãe, muito brincalhão, que servia no Regimento de Obuses (RO).

– Mas Waltinho, quer matar a gente do coração?

Desabafou mamãe. Refeita do susto, ela já entrou com um problema.

– Aonde é que eu vou arranjar copo para tanta gente?!

E foi até à cozinha de onde voltou com a bandeja cheia.

– Waltinho, os bichinhos não querem também um poli de cajá, não?

Os olhos dos soldados brilharam.

– Calma, Déa, imagine um pelotão do Exército em serviço, chupando poli no meio da Rua! Aí quem vai preso sou eu...

Estava oficialmente inaugurada a nossa primeira geladeira, mas os picolés nunca foram vendidos.

Nos anos 1960 e 1970, blocos de Elite como: Xafurdo, Puxa Saco, Jardineiras, Lords, Saca-Rolha, Lunik, Magnatas, Apaches, Nike Apaches, Samba-Ky, Simbora, Choppnicks, Ynrra, Anjos, Kafagestes, Bakulejo, Chefões, Ressaka, Alambike, Psyu, Kuxixo, Kalifas e Jardim de Infância fizeram muito sucesso, envolvendo a juventude de classe média/alta da cidade.

Um passo de cada vez

As paredes da minha infância eram limpas,
mas hoje acho que deveria tê-las pichado.
(Nilza Fernandes)

Desde sempre nossos pais tiveram a percepção de que o mundo era grande demais para ser vivido e compreendido por suas crianças. Preocupações tão comuns no conturbado mundo atual já eram postas em prática nos anos 1950, através de regras rígidas aplicadas de forma flexível, mesmo que o inimigo fosse apenas o bicho-papão. Amigos selecionados a dedo, vizinhos com tempo para se esbaldarem numa prosa fértil debruçados sobre muros baixos, a professora docemente exigente, o sisudo diretor do colégio que conhecia todos os pais dos alunos, o jornaleiro com manchetes sensacionalistas, o dono do caldo de cana e da conversa fiada, o barbeiro que frequentávamos pela leitura das histórias em quadrinhos mesmo sem cortar o cabelo, nossos tios e avós que nos brindavam com livros de Monteiro Lobato. Somos uma mistura de tudo isso, pois todos eles foram cúmplices de nossa formação inicial. Estudar, não chegar em casa com o joelho ralado e jamais mentir para os pais, pareciam ser nossas únicas preocupações ou nosso único dever de casa. E a imagem símbolo desta fase foi o caminhar de mãos dadas com os nossos pais, ao longo da eterna Praça Pedro Velho – uma espécie de hino nacional da nossa infância.

Com o tempo, o bicho-papão se transformou em lobisomem e, já nos anos 1960, outra metamorfose o transformou em Baracho, o primeiro bandido em carne e osso de que me recordo: terror dos taxistas e alegria dos jornais. Primeiro sinal de que o mundo lá fora funcionava de forma diferente de nossa casa. Quadrilha, até então, eu só conhecia a de São João.

E veio a adolescência, o repertório do Papai Noel à cegonha foi substituído pela necessidade de colocar novos limites para a formação do caráter e personalidade, conquistadas pacientemente em diálogos e exemplos espontâneos, já nos educando para a independência, mesmo que à moda da casa. A intuição, a transparência, a habilidade e o bom senso dos nossos pais era tal que, às vezes, tínhamos a sensação de que éramos nós quem comandávamos o barco. Teriam tido os nossos avós, em outra geração, a sensibilidade para ensinar aos nossos pais tudo o que aprendemos deles? Como pessoas tão simples poderiam nos passar lições tão complexas? Estamos suficientemente preparados para passarmos esta experiência adiante?

Na juventude toda a nossa rebeldia era do tamanho dos nossos cabelos longos (e ideias curtas). Os nossos sonhos eram altos como o som do *rock* ou gritos de gol, intercalados por suaves hinos evangélicos. Éramos ilha cercada de livros, praia e sol. De quando em vez, da janela do trem ou do ônibus, as árvores, as nuvens e os amigos pareciam querer nos acompanhar em busca de novos caminhos. No escuro do cinema, o foco de luz sobre nossas cabeças projetava na tela a nossa própria história, como um quadro que nunca é concluído. E, quando no ímpeto de alcançar mais rápido algum objetivo, tropeçávamos em nossas próprias pernas, eles nos levantavam e nos ensinavam a dar um passo de cada vez.

Mas, tanta harmonia teria um preço. Em nome da educação, da religiosidade, da ética e das boas maneiras, nos foi dado espaço apenas para compreender, ter paciência e aceitar todas as imperfeições

e limitações dos outros. Não as nossas. Por isso, deixamos de brigar, pichar os muros, adquirir anticorpos e aprender na Rua a fazer alguma coisa errada que o nosso futuro iria agradecer. Na realidade resolvemos todos os problemas do mundo do jeito que nos foi ensinado e mesmo que não tenhamos aprendido tudo, a nossa mão só foi solta quando, já adultos, outra mão nos segurou. Para continuarmos escrevendo a nossa história.

Carlos

Natal do Cinema Rex, dos gibis e das peladas de Rua

» Gibis, o Sebo de Cazuza e a Agência Pernambucana	283
» Nos tempos do Cinema Rex	289
» Avenida Afonso Pena, 403, um mundo novo em Petrópolis	307
» O incrível Bangu de Petrópolis	325
» O rebelde sem causa	333
» O Cruzeiro da Rua Açu	337
» O Colégio 7 de Setembro	339
» Inspirados na onda do lê lê lê	345
» Férias em Recife	349
» A Fazenda Palmeirinha	355



Gibis, o Sebo de Cazuza e a Agência Pernambucana

“A verdade é que estamos importando veneno para as nossas crianças”.

(Carlos Lacerda no I Congresso Brasileiro de Escritores, janeiro de 1945)

Gibi era uma palavra mágica para crianças, adolescentes e muitos adultos. Embora designasse originalmente uma revista infantil específica da editora Brasil-América Ltda. (EBAL), tornou-se, durante as décadas de 1950 e 1960, um nome popular para todas as Histórias em Quadrinhos (HQs). Meu interesse por elas começou, praticamente, no processo de alfabetização. Acredito até que me ajudaram, acelerando a minha aprendizagem. Minha tia Léa ria muito por que eu não sabia distinguir “Dom Quixote” de “Dom Pixote” e “Dom Chicote”.

A EBAL lançou no Brasil com exclusividade: Fantasma, Mandrake, Recruta Zero, Pafúncio e Marocas, Jim das Selvas, Quem Foi?, Búfalo Bill, Cavaleiro Negro, Superman, Brucutu, Flecha Ligeira, Tarzan e o Príncipe Valente. Pato Donald era um anti-herói que as crianças adoravam e abriu caminho para uma grande sequência editorial com Mickey, Pateta, Tio Patinhas e Zé Carioca (criações de Walt Disney).

Outros quadrinhos de sucesso eram: Os Sobrinhos do Capitão (Hans e Fritz) Sem falar nos heróis do cinema e da TV que apareceram para nós inicialmente nas revistas: Roy Rogers, Rocky Lane, Buck

Jones, Zorro e Tonto, Paladino do Oeste, Tim Relâmpago, Wyatt Earp e Colt 45. A lista é interminável: tinha também: Luluzinha, Bolinha, Rin Tin Tin, Lassie, Epopeia, Jerônimo o Herói do Sertão, Batman, Capitão Marvel, Pimentinha, e Gasparzinho (o fantasma camarada). Posteriormente surgiram as revistas de fotoaventuras com 68 páginas de tamanho um pouco menor que as usuais.

Eram editados anualmente Almanaque com maior quantidade de páginas do tipo “Os Reis do Faroeste” e era o desespero do meu pai, pois eram mais caros.

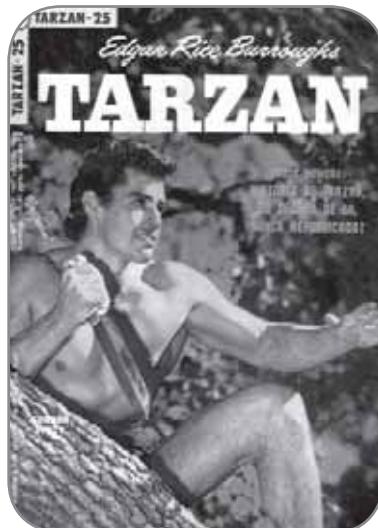


Eu e Carlos fazíamos uma chantagem junto a papai para comprar revistas: só iríamos ao dentista – Dr. Wantuil na Rua General Osório – se ganhássemos a revista de Rocky Lane mais nova.

Já morando na Avenida Afonso Pena, havia um vizinho que chamávamos de Galego – Francisco Bento, filho de Dona Neusa e irmão mais velho de Segundo e de Rosaní. Ele era colecionador e tinha um acervo fantástico de revistas em quadrinhos muito bem conservadas. Não havia

dinheiro no mundo que o fizesse se desfazer de uma só revista. Eu me babava só em manuseá-las, ele só tinha as revistas mais valorizadas, com fotografias dos heróis nas capas, como: Gene Autry, Roy Rogers, Tim Relâmpago, Rex Allen e muito mais.

Havia todo um comércio de troca de revistas entre os pré-adolescentes, isso ocorria de porta em porta, mas o principal ponto de negociações era, aos domingos pela manhã, no Cinema Rex quando eram exibidas as séries do Capitão Marvel.



As revistas menos valorizadas eram as “mais infantis” como Pato Donald e Luluzinha. Eram usadas para “contrapeso” nas negociações. André Barros Lopes era morador da Rua Princesa Isabel e também curtidor de HQ, sendo assíduo frequentador do Cine Rex.

A curtição por histórias em quadrinhos envolvia toda geração de garotos dos anos 1960. Antônio Sálvio de Abreu, Aloísio Monteiro, Ewerton Gurgel, Clécio Godeiro, Émerson Daniel e Marcos Leite costumavam trocá-las na entrada do Cinema São Pedro, no Alecrim.

Os amigos de Petrópolis que também curtiam HQ na época eram: Eustáchio, Fon, Nivaldo Pereira, Fred Galvão, Carlos Élber, Carlos Antonio (Bebé) Rosado, Roma (Romualdo Chacon) Alfredo, Sérvulo Godeiro, Luis Alberto Ferreira de Souza – “Luis GB”, Paulinho Martoletti (Rua Mipibu), Lindolfo Neto Sales, Fernando, Tácito e Jânio Cardoso. Às vezes, nos deslocávamos para a Rua Felipe Camarão, na Cidade Alta, para trocar revistas, com Júnior e Justiniano Gracianiano Homem de Siqueira.

A casa do estudante Gutembergue Soares era o ponto principal de troca de revistas em Parnamirim. Mas os garotos da cidade Trampolim da Vitória, liderados por Nei Dantas Saraiva aproveitavam carona no famoso Papa-Fila da Base para também estender o intercâmbio até as fronteiras do Alecrim no cinema São Luiz. Sempre retornavam com muitas novidades.

Gutembergue era aluno aplicado. Sempre era o 1º lugar de sua classe no Grupo Escolar Presidente Roosevelt. Em determinada ocasião, ele se envolveu tanto com as revistas que ficou em 2º lugar na Escola. Sua mãe, a professora Irene Soares, ficou irada e, como punição, escondeu todo o estoque de revistas e ameaçou queimar tudo.

Em 1962 estava na Barbearia de seu Miguel na Rua Ulisses Caldas quando folheei o primeiro número da Revista “Saci Pererê” criação de Ziraldo. Fiquei impressionado com os personagens como os indiozinhos Tininim e Tuiuiú, o macaco Alan e com a criatividade da história que narra a passagem da seleção de futebol da “Pruslávia” pela Mata do Fundão no Brasil antes de ir para a Copa do Mundo no Chile. Ainda hoje guardo carinhosamente esse número da Revista como uma relíquia da minha infância.

Uma grande sacada que mudou nossa rotina e aquisição de revistas foi quando descobrimos a existência de uma preciosidade: O Sebo de Cazuza. A primeira vez que escutei minha mãe falar “vamos ver se tem

esse livro lá no Sebo”, eu fiquei pensando que “Sebo” fosse uma espécie de açougue e não via lógica alguma pra se vender livros e revistas ali.

A primeira localização do Sebo de Cazuza era no Mercado Central, mas ele perdeu milhares de livros no incêndio que o destruiu. Passou então a comercializar na Rua Ulisses Caldas com o que restou, colocando os livros no chão ou sobre caixotes protegidos com uma sombrinha de praia.

Mesmo sem estudo e com pouco conhecimento do conteúdo dos livros e revistas que vendia, Cazuza foi, no entanto, um personagem que contribuiu para a vida cultural da cidade. O jornal “Tribuna do Norte” de 12/05/74 apresentou uma entrevista com Cazuza. Em certo trecho o sebista falava do prazer de “ter vendido livros, até fiado, a muita gente que depois se tornou como médico, engenheiro, advogado e professor. Sinto orgulho de ter podido ajudar a muitos rapazes – hoje doutores – que olhavam os livros e quando eu via que eles não podiam comprar, mandava levar para pagar depois”.

Considerado Camelô, Cazuza também sofreu a repressão da Prefeitura, já na época querendo acabar com o comércio ambulante.

Foi no Sebo de Cazuza que vi a primeira revista com fotos de mulheres peladas. Comecei a folhear curiosamente a revista, mas Cazuza interveio na moral: “essa não é pra sua idade!”.

A fonte de distribuição de revistas em Natal era a Agência Pernambucana, localizada na Avenida Tavares de Lira na Ribeira, pertencente a um amigo do meu pai chamado Luis Romão de Almeida (1900-1987). Esse cidadão já era conhecido por ter introduzido desde a época da II Guerra, o serviço de radiodifusão que reproduzia os noticiários da BBC de Londres, utilizando 23 alto-falantes espalhados por diversos pontos na Cidade Alta, Ribeira e até no Alecrim. Romão transmitia também avisos de interesse geral, músicas e algumas poucas notícias locais.

Descobri que sábado era o dia de recebimento semanal das revistas na Agência Pernambucana. Daí induzia meu pai a dar um passeio todo sábado até as margens do Rio Potengi para visitar o Cais do Porto e o Centro Náutico (era o prazer dele e eu também gostava). Dessa forma depois teríamos que passar mesmo pela Agência e lá eu me deslumbrava escolhendo as revistas mais disputadas e saídas quentinhas do forno.

Já adolescente, me deslocando sozinho ou com Carlos, eu mantive durante alguns anos o hábito extremamente prazeroso de ir todos os sábados a pé até a Agência Pernambucana onde comprava revistas. Eu saía da Afonso Pena, cruzava toda extensão da Rua Seridó até a Avenida Deodoro, onde passava em frente à casa de seu Nesinho Alves (pai de Aluízio Alves) e dos irmãos Eduardo Fassanaro e Ritinha, finalmente descia até a Ribeira. Meu interesse evoluiu com o tempo para a “Revista do Esporte”.

A nota triste da história e que me deixou extremamente sentido, ficou por conta de em um sábado encontrar a Agência Pernambucana com suas portas fechadas e saber que não mais abraria. Ali ficou um pedaço da minha infância, pois ali comecei a adquirir o hábito da leitura.

Nos tempos do Cinema Rex

No escurinho do cinema/chupando drops de anis/
longe de qualquer problema/perto de um final feliz...
(Flagra, Rita Lee e Roberto de Carvalho)

Até 1963, devido acompanharmos mamãe nas escolas dominicais da Igreja Presbiteriana, não podíamos fazer programações de lazer nos domingos pela manhã.

Os constantes comentários dos nossos amigos e vizinhos sobre os episódios dominicais das séries de “Durango Kid”, “Zorro”, “Tarzan”, “Capitão Marvel” e as trocas de revistas em quadrinhos que ocorriam no Cinema Rex fizeram com que ficássemos contagiados e passássemos a pressionar mamãe para nos liberar da Igreja, “pelo menos duas vezes por mês...” Era uma oportunidade ímpar de vermos nossos heróis das revistas em quadrinhos na telona. Após tanta insistência, ela acatou nosso pedido e nos liberou.

A sessão começava às 9 horas, mas chegávamos bem antes, pois outra atração nos fascinava: a troca de revistas na calçada do cinema. Era uma festa. Meninos de calças curtas de todos os bairros circulavam com pacotes de revistas em quadrinhos e figurinhas de álbuns para trocar, vender ou comprar. Alguns espalhavam os gibis pelo chão – como se faz hoje com DVDs piratas – e a entrada no cinema dependia do apurado.

177

Antigo Cine Rex Natal

(Foto: arquivo da
Fundação Cultural
Capitania das Artes)



178

O Gordo e o Magro



179

Durango Kid, lembranças do cinema
dos anos 1960

Neste clima, chegávamos eu e Carlos com dois montes de revistas. Sempre que havia uma dúvida na “negociação”, com um simples olhar eu o consultava e vice-versa. Tal olhadela significava: “posso fazer essa troca?” As revistas eram em “sociedade”, não havia separação.

290

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



180

Cinema Rex, Natal,
1977, foto do acervo da
Capitania das Artes

O fato de termos demorado a frequentar as séries nos deu um sabor de valorização ainda maior ao evento, era uma verdadeira “Ilha da Fantasia”. Normalmente havia um episódio do seriado e um filme tipo “B” sempre de aventura. Iámos a pé desde a Avenida Afonso Pena até a Cidade Alta, papai nos dava dinheiro para o filme e a volta de ônibus (“pois o sol já estava quente”). Muitas vezes gastávamos o dinheiro com drops Dulcora ou comprando revistas usadas e voltávamos a pé, radiantes, comentando trechos dos filmes, galopando e atirando para tudo que é lado.

Os chamados filmes “B” eram produções de menor investimento (em geral com tempo de gravação e duração também reduzidos) que surgiram nos EUA, a partir dos anos 1930, em decorrência da crise que abalou a indústria cinematográfica americana na Grande Depressão. A partir de 1935, ocorreu grande aumento de produção de Westerns e os Seriados do tipo B. Essas produções caíram no gosto especialmente do segmento infanto-juvenil e essa popularidade aumentou ainda mais com os heróis aparecendo simultaneamente na telona e nas revistas em quadrinhos. No Brasil e em Natal esse fenômeno americano também foi contagiate especialmente entre 1950 e 1965. Johnny Mac Brown, Flash Gordon, Allan “Rock” Lane, Roy Rogers, Jim das Selvas, Os Três

Mosqueteiros e outros, fizeram a festa de diversas gerações de garotos. Comenta-se na brincadeira, que nos Westerns B, sempre os cavalos dos mocinhos tinham nomes: Trigger (Roy Rogers), Campeão (Gene Autry) e Silver (Zorro).

Assistir filmes nos cinemas de Natal nas tardes dos anos 1960 até início dos 1970 era também um agradável exercício de provincianismo. A estudantada toda se conhecia, pelo menos de vista. Tinha o Canal 100 de Herbert Richers ou a Atlântida com o resumo de notícias da semana, sempre dando uma cobertura positiva para as realizações do Governo Militar. Mas a grande expectativa era pela cobertura do futebol no Maracanã. Como não existiam jogos ao vivo na TV, era a única oportunidade de conhecermos nossos ídolos, em preto e branco, ao som da inesquecível “Na Cadência do Samba”, sempre dando focos em imagens de folclóricos torcedores desdentados. Apesar dos gols serem exibidos meses depois do jogo, a reação da meninada era a de quem assistia ao vivo e a cores, pois ninguém se lembrava mais do resultado...

O barulho do projetor de filmes do cinema São Luís no Alecrim era o som predileto na infância e pré-adolescência de Reinaldo Azevedo, Antônio Sálvio de Abreu, Clécio Godeiro, Ewerton Gurgel e Ivanildo.

Gutembergue Soares vinha três vezes por semana de “Papa-Fila” de Parnamirim para assistir filmes e trocar revistas no São Luís. Na calçada do cinema uma menina morena de Acari vendia cocadas e chamava a atenção por dois aspectos: a beleza fora do comum e o fato de usar todo o dinheiro apurado para comprar ingressos e assistir filmes. Ela assistia o mesmo filme diversas vezes. Essa menina foi embora para o Rio de Janeiro e lá rapidamente evoluiu e se transformou numa estrela do cinema internacional. Rejane Medeiros é o nome da musa acariense que teve participação marcante em filmes como “Entre o Amor e o Cangaço”, “Tarzan e o Menino da Selva”, “Anita Garibaldi” e “Pecado Mortal”.

Nei José Dantas Saraiva lembra das sessões de cinema na Base Aérea de Parnamirim, em especial da inauguração do sistema “cine-mascope” em 30 de maio de 1960. Nesse dia foram exibidos: “Paixão Cigana” e “Batalha do Rio Prata”.



181

Rejane Medeiros estrela
acariense do cinema

Gílson “Mulheril” Pereira recorda que, após os filmes, gostava de frequentar a lanchonete Ki-Show, localizada na Rua João Pessoa que era uma novidade em Natal. Além da boa qualidade dos sucos e sanduíches, era local para comentários sobre os filmes e mais um ponto de encontro e paquera dos estudantes.



182

Roberto, Eustáchio
Lima Filho, Bruno
Pereira e Prêntice
Bulhões na Lanchonete
Ki-Show, em 1968
(Foto do acervo de
Eustáchio Filho)

Fora as atrações dos cinemas, Zivanílson Silva recorda que um dos pontos de encontro da turma do Alecrim era a Sorveteria Pinguim na Rua Presidente José Bento, esquina das Avenidas 3 e 8. Dona Izilda Magalhães mantém a Sorveteria em funcionamento até os dias atuais.

Driblando a Censura

Se a Debora Kerr que o Gregory Peck / Não vou bancar o Santinho/
Minha garota é Mae West / Eu sou o Sheik Valentino...
(Rita Lee e Roberto de Carvalho)

Logo cedo descobrimos que não tínhamos idade (nem dinheiro) para assistir a maioria dos filmes e ficávamos frustrados e ansiosos viajando nas histórias contadas pelos meninos maiores que assistiam a filmes censura 10 anos. Aos 10, não podíamos ver o filme de 14 e nossas cabeças rodavam imaginando o que poderia ter ali que não podíamos ver. Aos 14 ficávamos doidos ao saber que um colega teria assistido ao filme de 18.

– Ah, quando eu tiver 18, eu não saio do cinema!

E valia tudo para entrar. Pegar uma carteira de estudante empres-tada, colocar a nossa foto por cima, usar óculos escuros. Tentar entrar todos de uma vez para ver se o Juizado de Menores esquecia de um... ou quem sabe, na bilheteria pagar como adulto!

Quem vai primeiro? Como conseguir respirar? E o risco de humilhação na frente dos colegas? Algumas vezes a tremedeira era tanta que o menino desistia do filme e vendia o seu ingresso ao último da fila, pela metade do preço...

Nestas circunstâncias, quem conseguia entrar virava herói por uma semana, com direito a mentir à vontade sobre o que viu lá dentro. Como no dia em que eu, mais novo, entrei e Carlos foi barrado!

O impacto era grande, mas em casa nunca faltou diálogo nessas ocasiões. Enquanto mamãe nos orientava que não tínhamos idade para compreender certas coisas:

- Quando vocês crescerem vão assistir a todos esses filmes. Por que tanta pressa?

Por outro lado, papai, mais liberal, nos chamava para um canto e dizia:

- Amanhã vocês vão lá e assistem. Vai dar tudo certo!

O fato é que nós tínhamos pressa e não queríamos esperar crescer.

Quase sempre havia um fiscal na entrada do cinema, ele ficava ao lado do bilheteiro. Tinha um em especial, que usava paletó branco, que era o nosso inimigo número 1. Fazíamos de tudo para contorná-lo. Descobrimos que ele chegava 20 minutos antes do início da sessão da tarde e passamos a chegar meia hora antes. Dessa forma, conseguimos, durante algumas semanas, entrar no cinema. Era “adrenalina pura”, ficávamos super felizes e aliviados com a proeza. Até que alguém nos dedurou e o nosso carrasco descobriu a manobra: nos surpreendeu na conversa folgada pré sessão e nos botou todos pra fora do Cinema Poti, sem direito a devolver o dinheiro.

Nosso algoz chegou ao ponto de exigir certidão de alistamento militar para assistir filmes censura 18 anos.

Passamos a semana arrasados. Coincidiu que nossos primos de Recife e SP haviam chegado para passar férias em Natal. Ao longo das conversas sentados na calçada da Sede do ABC, decidimos não nos entregar. Montamos outra estratégia: além de chegarmos mais cedo, iríamos todos de óculos escuros e entrariamos direto para o banheiro, só saindo de lá quando apagassem as luzes para início do filme.

A tática funcionou em “A Morte Comanda o Cangaço”, filme brasileiro que tinha uma cena de nudez “quente” para os padrões da nossa idade na época. Foi dos primeiros filmes coloridos brasileiros que assisti, e me impressionou pelo realismo. Aurora Duarte, Alberto Ruschel (o bom na fita) e Milton Ribeiro (cangaceiro sanguinário) eram os atores principais de “A Morte Comanda o Cangaço”. Uma espécie de faroeste nordestino ou “Nordestern”.

Personagens e situações pitorescas

Mas de repente o filme pifou / e a turma toda logo vaiou...
(Rita Lee e Roberto de Carvalho)

Zil, figura conhecida no Bairro de Petrópolis, filho do empresário Ruy Paiva, era frequentador assíduo do Cinema Rio Grande. Logo que apagavam as luzes, aproveitando o silêncio momentâneo, muitos estudantes simultaneamente sussurravam “Zzzzzil”, “Zzzzzzzil”, o barulho do zumbido se tornava elevadíssimo e cobria todo o ambiente, em todas as direções e o nosso Zil se levantava perturbado da poltrona girando a cabeça para todos os lados, procurando quem o chamava... era uma festa.

Ao surgir na tela “a Condor Filmes apresenta...”, a plateia em delírio gritava “xô, xô, xô, urubu!” e o condor solitário ia embora...

Quando passavam os *trailers* de filmes interessantes, sempre alguém gritava “Esse eu venho!!!!”. E aí vinha a réplica... “de besta” ou “e traga a irmãzinha...”, não é preciso dizer que haviam tréplicas em nível bem mais pesado...

Quando cenas do filme eram cortadas pela censura ou interrompidas por falhas do projetor, o menor palavrão era de “Ladrão!!!”. Enquanto o operador tentava colar a fita, todos ficavam batendo os pés e gritando.

Quando encerrou o filme documentário sobre a Copa do Mundo de 1962, a plateia se negou a sair (queria assistir novamente) e o diretor do Cine Rio Grande não conseguiu contornar a confusão com a chegada dos que pagaram para assistir a segunda sessão.

No Cine São Pedro do Alecrim, os moleques mijavam sentados para não perder o filme, era um cheiro de mijo tremendo.

Numa época em que a TV em preto e branco ainda era uma coisa do futuro, entrar numa sala de cinema era a coisa mais deslumbrante que podia existir para garotos e adolescentes. O colorido mágico dos cartazes. A pipoca, o sorvete, o drops e o chiclete de bola que podíamos comprar com o nosso dinheiro contado, além da possibilidade de assistir a exibição seguinte. Após o filme, corriamo-nos de volta ao cartaz para conferir as melhores cenas. Tudo isso era demais...



183

Fila no Rio Grande para assistir “O Tubarão”

Outra figura conhecidíssima entre os estudantes era o “O Homem Mau”, ele era o autêntico “Rebelde Sem Causa Tupiniquim” da geração adolescente de 1960 em Natal. Presepeiro e gozador, era um eterno gerador de situações inusitadas.

Certa ocasião, o Homem Mau acertou com Petit das Virgens que iria levar duas meninas novatas da Escola Doméstica para assistirem

um filme com eles no Rio Grande. Ficou combinado que quem chegasse mais cedo reservaria os quatro assentos e haveria um assobio característico para permitir uma mais fácil localização. Petit chegou primeiro, sentou-se e reservou mais três poltronas vizinhas. E começou a assobiar.



184

Jane Fonda a
“Barbarella”

O filme programado era “Barbarella” com Jane Fonda e a quantidade de pessoas entrando era enorme, as poltronas vagas eram cada vez mais raras. Cada um que tentava sentar na fileira bloqueada por Petit, se irritava com suas explicações e mais ainda com seus assobios cada vez mais frequentes. O clima foi complicando com ameaças de sopapos. As pessoas próximas já estavam iradas e reclamavam asperamente.

Até o funcionário Geraldinho (também muito conhecido, pois era gago e vendia balas e chicletes na parte interna do cinema) tentou proibir Petit de fazer o bloqueio, mas o mesmo apelou logo dizendo que as meninas que estavam pra chegar eram “sobrinhas de Aluízio Alves”. Geraldinho era bacurau juramentado e, precavido, tratou de deixar a coisa como estava, se afastando do local. Petit já estava suado, rouco de tanto discutir e irritado porque o Homem Mau não chegava com as gatas. As pessoas próximas, importunadas, o olhavam com desprezo. De repente toca o gongo para início do filme, Petit, decepcionado, deixa-se afundar na poltrona. As cortinas do Rio Grande lentamente se abrem e eis que o foco de luz ilumina no palco, a figura do Homem Mau, que abre os braços e em voz alta delira:

298

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

- Petit, seu F... da P..... Eu estou aqui...! Guardou o meu lugar?
E entre vaias, risos e mais assobios, desce no escuro, à procura
do amigo.

Finalmente sentados, Petit, já vermelho de raiva pergunta:

- E cadê as meninas?

HM responde:

- O pai delas não deixou não. Disse que o filme era imoral, que tem
uma cena de sexo do futuro... mas vai deixar elas virem ver Elvis
Presley na semana que vem...

Olhando pelo retrovisor do tempo, João Maria Alencar lembra a primeira vez que foi ao cinema impecavelmente vestido com um paletó para assistir “O Cavalinho Branco” com Joselito, no Cinema Rex. Foi o primeiro filme de sua vida. Depois, aos 9 anos, ele já era um veterano no cinema, mas como não podia sair de casa sozinho, foi acompanhado por uma colega de 13, estreante na sétima arte. Encerrada a película, a garota assustada, lhe perguntou:

- Aonde é que a gente paga para sair?!

O pequeno e irrequieto João que assistia filmes balançando as pernas na poltrona, relembra outro momento marcante. O dia em que pela primeira vez seus pés alcançaram e tocaram o chão no cinema. Ao chegar em casa anunciou eufórico:

- Mãe, eu cresci!!

Para Ismar Paiva, inesquecível foi o “Enigma da Torre”, seu primeiro filme no Cine São Raimundo em Areia Branca. Já em 1965, o menino Delando Nasário estreava no Cine Pax de Caicó. Era um faroeste e a projeção foi interrompida, sob vaias da meninada, para que o rolo do filme fosse trocado. Quando a projeção recomeçou, a surpresa: o cavalo do bandido começou a andar para trás, e o cocô que antes caía, agora entrava no cavalo... e tome vaia.

Bons tempos de estrelas e astros como Debora Kerr, Kirk Douglas (Spartacus, Duelo de Titãs), Gregory Peck, Elisabeth Taylor, Richard

Burton, Victor Mature, Kim Novak, Sidney Poitier, Natalie Wood, Sophia Loren e o eterno Charles Chaplin.

Os cinemas da CIREDA e o Rio Grande funcionavam às 15h30 e 20h, a exceção era o Cine Nordeste que tinha sessões contínuas. Aos domingos todos os cinemas apresentavam sessões contínuas.

Certa tarde de domingo, no Rex, alguém gritou FOGO! E a multidão correu para fora, quebrando a porta de vidro central que estava fechada. Eu, que estava na fila para a “sessão das quatro”, não tive dúvidas. Entrei na contramão, sem calcular riscos, por cima de estilhaços de vidro, gritos e choros. Valeu a pena essa aventura para ver “Jazão e o Velo de Ouro”, filme da mitologia grega, recheado de medusas, serpentes de várias cabeças e dragões. Além de não pagar, eu nem tinha 14 anos para entrar e ainda passei por cima do homem de branco. Isso tornou o filme ainda melhor e eu fui o herói daquela semana.

A nossa turma de cinema era praticamente a mesma das peladas de rua e dos primeiros assustados jovem guardistas: João David, Franklin Sales, Xavier, Juarez Chagas, Gilson Pereira (Gilson “Mulheril”), Alberto e Wellington Campos Barros, Wilson Costa, Zezé, Zé Humberto, Carlos Elber, Carlos Antônio e Ricardo Rosado de Holanda, Flávio Márcio “Quesito”, Jorge “Fuleiro”, Jânio Cardoso, Tácito, Fernando Suassuna, Lindolfo Neto Sales, Walmar, Walmir e Walmary. As meninas eram: Margarida, Fátima, Lola, Cléa, Vânia, Amália, Inaura e Mary. Três pirralhos insistiam em se juntar ao nosso grupo, mas não permitíamos: Newton Sizenando, Walter Nunes Júnior e Sérgio Murilo Nascimento. Para eles, eu costumava dizer: “quando a pinta de vocês estiver do tamanho de uma régua, vocês entram no grupo”.

Na linha romântica, um filme marcante exibido no cine Nordeste foi “Amores Clandestinos” com Sandra Dee e Richard Egan, cuja trilha sonora *Theme from a Summer Place*, foi, na minha opinião, a

melhor da história do cinema. Outro filme interessante e com boa trilha sonora foi a comédia “Nunca aos domingos” (*Never on sundays*) com a bela Melina Mercouri.



185
“Massagista de Madame”
com Zé Trindade



186
“Duelo de Titãs” com Kirk
Douglas e Antony Queen

O Cinema Rex, que havia sido inaugurado em 1936 com o filme “Melodias da Broadway”, era o nosso preferido para filmes de aventura e faroeste como “A Lança Partida”, “Duelo de Titãs”, “Os Brutos Também Amam”, “No Tempo das Diligências”, “A Volta ao Mundo em 80 dias” e “O Cangaceiro” (“Olê mulé rendeira...”).

187

Avenida Rio Branco e o
Cinema Rex em 1962
(Foto Jaeci)



Certo domingo, após uma manhã de sol intenso da Praia dos Artistas, fomos ao Cinema Rex com o colega Franklin Marinho, que estava com a namorada. Estávamos numa longa fila para comprar ingressos, quando passou o conhecido “Velocidade” que dirigiu-se a Franklin, tocando-lhe o queixo:
– “Como está lindo o meu camarãozinho...”.

E antes que Franklin tivesse alguma reação, ele desapareceu saltitante na multidão.

A namorada de Franklin ficou chocada e a gozação foi imediata da turma, daí por diante ele ganhou o apelido de “meu camarãozinho”.

Franklin era assíduo frequentador e gostava de aprontar no Rex. Noutra ocasião ele chegou para assistir “Easy Rider” e não existiam mais lugares pra sentar, então ele aguardou o “gongo” e quando

apagaram as luzes, enfiou uma régua de madeira em um dos ventiladores grandes que ficavam na lateral do cinema, a zoadada estridente foi enorme, faíscas e fumaça, as pessoas correram apavoradas, desocupando as cadeiras e possibilitando que os espertos assumissem as vagas tranquilamente.

Quando estava liso, Franklin se fazia de doido e aos domingos entrava de costas aproveitando a saída dos espectadores da sessão anterior pelos portões laterais do cinema. Do Cinema Poti a recordação marcante envolve os muitos filmes baseados na II Guerra Mundial, como “Afundem o Bismarck”, comédias como “O Rei do Laço” com Jerry Lewis e Dean Martin, além de *The Shadow of your smile* (Adeus às Ilusões) com Liz Taylor, com especial destaque para a trilha sonora compatível com a beleza da atriz. Numa época em que a xerox era coisa do futuro, Juarez Chagas, excelente desenhista, reproduzia com perfeição o ingresso para os filmes do cinema Rio Grande. Da primeira vez ele deu o ingresso a um menino e ficou observando de longe. O menino entrou! A partir daí, Juarez não pagou mais para assistir filmes.

Ao Cine Rio Grande relaciono logo três fases bem distintas: Chanchadas de Zé Trindade, Oscarito e Grande Otelo; Elvis Presley, nas tardes de domingo; e o Cinema de Arte, nas manhãs de domingo, em um período de efervescência do Cine Clube Tirol, juntamente com Enílson Santos, Moacyr Cirne, Eunélio Silva, Lúcia Santos e outros.

Uma atração especial dos cinemas, nos anos 1960, eram os cartazes dos filmes, que eram fixados em quadros com cobertura de vidro nas paredes. Além dos cartazes de excelente qualidade artística, eram fixadas cerca de oito fotografias igualmente excelentes para cada filme previsto ou em exibição, esse era um detalhe que me fascinava. Olhar aquelas fotografias de cenas com Raquel Welsh, Kim Novak, Cláudia Cardinale, Burt Lancaster, Brigitte Bardot, Marylin Monroe, era um deleite.

O filme inaugural no Cine Panorama

Acenderam as luzes/cruzes/
que flagra/que flagra/que flagra
(Rita Lee e Roberto de Carvalho)

O Cinema Panorama, na Ribeira, foi inaugurado com “007 Contra o Satânico Dr. No”. Um instante inesquecível. A nossa expectativa era enorme, pois já havíamos lido sobre 007 na revista O Cruzeiro. Nesse dia eram mais de 10 adolescentes da nossa turma. Encontramo-nos em frente à Padaria Petrópolis. Pegamos um lotação na Rua Potengi, o ônibus lotado passou pela Praça Pedro Velho, seguiu na Avenida Deodoro, contornou a Apodi e desceu a Avenida Rio Branco.

No trajeto aumentava o nervosismo quando lembrávamos que o filme era censura 14 anos e a maioria não tinha essa idade. Numa tentativa de descontração da turma, Carlos perguntou: “Vocês sabem o que significam os dois zeros na frente do número do código 007 do Agente James Bond?”. Surgiram alguns chutes e insinuações até de ordem sexual, mas ninguém sabia realmente a resposta.

188

Ursula Andress, atração maior que James Bond no Cine Panorama



Como a quantidade de pessoas era muito grande a fiscalização do juizado de menores foi fraca nesse dia, todos nós conseguimos assistir as primeiras aventuras de 007 e, em especial, adoramos conhecer Ursula Andress com seu biquíni inesquecível.

Na saída do cinema tomamos o ônibus no trajeto de volta para Petrópolis, todos comentando animadamente detalhes do filme.



189

Ao lado: foto de Sean Connery e Ursula Andress em "O Satânico Dr. No"

Quando já íamos descendo do ônibus ao lado da sede do ABC, perguntei: “Carlos e os dois zeros? O que significam mesmo?” Já fora do ônibus ele respondeu “Licença da Rainha para matar!” e fez um gesto de simulação de um revólver atirando na direção do ônibus que já se deslocava na direção da Cirolândia.

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, tivemos uma fase com filmes diferenciados como “2001 Odisseia no espaço” e “Depois daquele Beijo” (*Blow-Up*). “O Homem do Braço de Ouro”, havia sido o primeiro com música *pop* na trilha sonora, mas a consagração desse estilo ocorreu com cinco filmes marcantes para nossa turma: “A Primeira Noite de um Homem” (*The Graduate*), “Ao Mestre com

Carinho” (*To Sir with Love*), “Sem Destino” (*Easy Rider*), “Perdidos na Noite” (*Midnight Cowboy*) e “Dr. Jivago”.

Em relação a *Blow-Up* havia uma curiosidade especial da nossa turma pela participação da linda atriz inglesa Jane Birkin, que era nossa musa devido à participação na música *Je T'Aime Moi Non Plus*. Essa canção foi proibida em diversos países, nela *La Birkin*, com sua voz adolescente sensual, cantava e suspirava num tórrido erotismo com o francês Serge Gainsbourg.

Por maior que seja a evolução tecnológica do cinema atual, será difícil convencer os meninos e adolescentes dos anos 1960 e 1970 de que os efeitos especiais de hoje são mais fascinantes que simples cenas de ação ou sensualidade de velhos filmes em cinemascope e tecnicolor.

Avenida Afonso Pena, 403, um mundo novo em Petrópolis

As pessoas entram em nossas vidas por acaso
Mas não é por acaso que elas permanecem.
(Autor desconhecido)

A nova casa e os novos vizinhos

Em outubro de 1961, papai e mamãe conseguiram concluir a construção da sonhada casa própria e nós passamos a morar na Avenida Afonso Pena, 403, em frente à antiga Sede do ABC, onde atualmente funciona a Ótica Walde Faraj. A casa era bem pequena, mas era nossa.

Naquele tempo não havia calçamento na avenida, quando chovia se formava uma imensa lagoa que chegava a receber um “afluente” vindo da Rua Seridó entre a atual Praça das Flores e o Colégio Atheneu. Era uma festa. Meus amigos afoitos Juninho, Samuel e Moisés (*enfants terribles*) mergulhavam na “piscina” para ira e desespero de Seu João “Binga”, o pai deles que partia furioso de pijama e armado com um cinturão. Assistíamos a cena hilariante aos risos, enquanto Mary e Miriam, irmãs dos meninos irrequietos, ficavam só torcendo pra que o pai não alcançasse os irmãos menores.

Eram nossos amigos vizinhos: Lola (Aurora Botelho), Mário Botelho, Sérgio Murilo, Marília, Costa Neto, Costa Júnior, Margarida, Fátima, Amália, Wilson Falcão, Gracinha, Fan, Marlene, Segundo “Maloqueiro”, Rosaní, Walmar, Walmir, Walter Nunes Júnior, Wânia, Eduardo, Herjus, Neuda e Isabel. Já na esquina com a atual Praça das Flores moravam Ênio e Eugênia. Neuda (Joaneide) teve a proeza – já no final dos anos 1970 – de iniciar namoro e casar através do Programa Sílvio Santos.

Os nossos vizinhos adultos eram: seu Enoir, dona Aurora, seu Walter Nunes, dona Dadá, Poeta, seu João Fernandes, Xixico, Clidenor da padaria, dona Neusa e tinha mais o advogado Odúlio Botelho, sobrinho de Seu Enoir, com os filhos Ciro, Magda, Rubinho e Serginho. Após a mudança da família de seu João Alves, a casa foi ocupada pela costureira Violeta e os irmãos Alcione e Lúcia.

190

Sede do ABC F. C.,
ponto principal de
referência da nossa
turma nos anos
1960/1970



No intervalo das chuvas, ficávamos jogando pedras que ricocheteavam na superfície da lagoa. Chegávamos a organizar torneios, onde ganhava quem conseguisse maior número de reflexões.

Tereza Barreto recorda que, desde garota morava na Rua Seridó, diariamente nos finais de tarde, muita gente da redondeza ia comprar

pão na Padaria Petrópolis de Seu Urbano, ao lado da nossa casa. As pessoas gostavam de parar para uma prosa, cada uma com um saco de pão. Minha mãe participava dessas conversas, conhecia todo mundo. O assunto preferido das mulheres era a carestia. Enquanto os homens falavam sobre futebol e a briga política entre o “fechador” e o “cigano”.

Walter Nunes Júnior era garoto e não entendia por que papai lia diariamente um jornal que não tinha fotografias (era o Diário Oficial do Estado). Hoje Walter Júnior é juiz federal e utiliza o Diário Oficial em seu dia a dia de trabalho.

Seu Enoir Nobre Botelho era veterano ex-combatente da Marinha brasileira e tinha o hábito de aguar diariamente com uma mangueira as paredes da casa para amenizar o calor. Ele dizia que estava “lavando o convés do navio”. Torcedor doente do Alecrim, após a conquista do campeonato de 1968 (final contra o América), ele encheu de galhos verdes a frente da casa do vizinho Walter Nunes, diretor jurídico do América.

Ele gostava também de atanazar o garoto Walmir Nunes (hoje excelente cirurgião-dentista) que tinha orelhas de abano. Arranjou um boneco do Topo Giggio, e utilizava-o para sacanear Walmir. Escondia-se atrás do muro que separava as duas casas, erguia e balançava o boneco orelhudo na direção da casa vizinha imitando uma voz tipo Pato Donald. O garoto já sabia o que significava tudo aquilo e caía no choro.

Enoir gostava de reunir os netos e garotos vizinhos, para contar estórias, normalmente exagerava nas dosagens. Contava que de certa feita, na II Guerra, o navio dele havia sido torpedeado por um submarino alemão e fazia um suspense danado para dizer como conseguiram buscar salvação em alto mar. Os meninos arregalavam os olhos atentos acompanhando a incrível sequência dos fatos. Também tinha as estórias de pescador como uma a seguir apresentada.

– “Para vocês terem uma ideia do peixe que eu pesquei, foi preciso um guincho mecânico para tirá-lo da água e um guindaste para desembarcá-lo na praia. Imaginem que nem havia balança com capacidade para pesar tal peixe! Foi então que tive a ideia de tirar uma foto para guardar de lembrança. Pois acreditem vocês que só a fotografia pesava 5 quilos!”

Seu Enoir também tomava uma caninha. Ia até a mercearia de seu Paulo Bento na esquina com a Rua Potengi, adquiria sua garrafa de “calcigenol” e apesar do convite de pessoas que bebiam no balcão, ele discretamente só degustava seu aperitivo numa rede armada à sombra no seu quintal. Ali, em silêncio ele afundava, gole a gole, todos os submarinos nazistas e depois dormia.

Na esquina da Afonso Pena com a Rua Potengi moravam Amon e Mona, filhos de Ernani Silveira. Depois moraram Tales e Tázia Villar e as irmãs gêmeas. Tales era da turma do Colégio 7 de Setembro e um dos destaques do basquete nos jogos estudantis ao final dos anos 1960. Perto dele morava Eleonora Tinoco.

Sérgio Murilo Nascimento era outro garoto que sendo muito amigo do meu irmão mais novo Newton, desde cedo, ainda de calças curtas, curtia silenciosamente em nossa casa a trilha sonora musical que nos embalou na época: Renato e seus Blue Caps, Os Incríveis, Beatles, Mamas and Papas e principalmente Mutantes. Quando Carlos perguntava sério “qual é seu nome?”, Serginho sempre ficava nervoso e dizia “Sérgio Muliro”. Anos mais tarde Sérgio viria a se transformar num grande redator e crítico musical.

Os meninos mais crescidos só queriam usar calças compridas para parecerem mais velhos. Calça curta era coisa para *boy*, garoto bobinho.

Mais próximo da atual Praça das Flores moravam outras pessoas que também marcaram minha infância: Luis Alberto Ferreira de Souza (“Luis GB”), Cléa, Magda, Carlos, Fernando, Humberto, Carmem

Lúcia, Cássia, Zélia, Lucinha, Paulinho “Buldogue”, Cuca, as costureiras dona Nitor e Calcedônia, Seu Nozinho, Carlos II, Clóvis, Clayton, Severino “Chimbinha”, Francisco de Assis Costa Bezerra (Chiquinho), Maria Cecília, Aparecida, entre outras. Dobrando a esquina moravam os irmãos Ricardo, Valter, Ana Tereza, Lúcia Helena e Fátima.

Outros amigos: os irmãos Ricardo, Gurgel e Márcia Ribeiro moravam na Rua Potengi, ao lado do Atheneu. A mãe deles, dona Zélia, era excelente doceira e fazia o melhor bolo de Natal.

No início da Rua Seridó, entre o Atheneu e o ABC, era a casa de seu Antônio Fernandes/Dona Marina e seus filhos: Breno, Gílson, Beto (Roberto Big Ben), Nélson, Ivan Piaba “Onassis”, Glícia, Maria Lúcia, Fátima, Ana Luíza e Sandra. A seguir moravam: Vivi, Luciano Fontes, Maria Tereza Barreto, Almir, Geruza e Magnólia.

Em 1969 tivemos um reforço internacional na nossa turma: a estudante americana Miriam que morou um ano na casa de seu João Fernandes, deu um toque californiano ao nosso grupo. Grandona e desengonçada, Miriam adorava três novidades brasileiras: guaraná champagne, pitomba e a música “Zazueira” de Jorge Ben.



191

Tereza (ao centro)
californiana se incorpora
à turma de Petrópolis

192

Carlos, Fred, Roberto,
Newton e Énio, em
frente à casa da
Avenida Afonso
Pena, 403

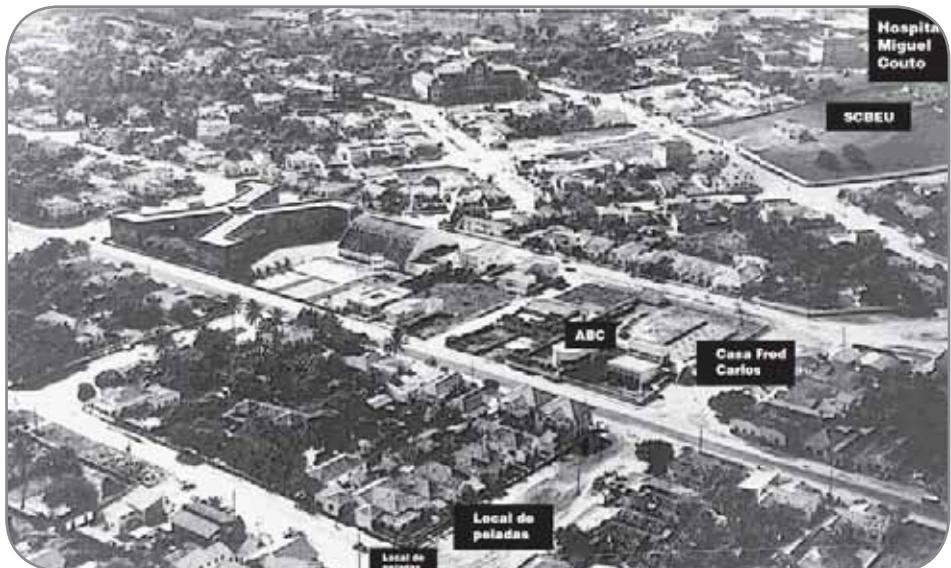


Paulo de Tarso Machado, o Paulinho, desde menino era ligadíssimo em futebol. Discutia freneticamente sobre tudo referente ao futebol profissional, além de ser bastante polêmico nas nossas peladas. Ele sempre acompanhava o pai João Machado, não só nos jogos do Juvenal Lamartine, mas também nas reuniões da FND (Federação Norte-rio-grandense de Desportos) e nos programas esportivos da Rádio Cabugi. A citação que farei a seguir dá uma perfeita noção do grau de “precocidade esportiva” do mesmo.

Dia 01/02/69 a Tribuna do Norte publicava a seguinte manchete na página de esportes: “Garoto de apenas 13 anos é o treinador dos infantis do Clube Atlético Potiguar”. O garoto era Paulinho Machado, que hoje mora em Uberlândia, MG.

312

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



193

Bairro de Petrópolis nos anos 1960: Avenida Afonso Pena, sede do ABC, Atheneu, Ginásio Sílvio Pedroza, SCBEU, Maternidade e Hospital (Onofre Lopes). Foto Jaeci

As peladas na Praça e o auge do futebol de salão

Onde atualmente é a Praça das Flores, existia uma quadra de esportes. Logo descobrimos uma grande programação para nosso entretenimento: o time de futebol de salão do ABC treinava lá três vezes por semana à noite. Na época, o chamado “esporte da bola pesada” estava no auge em nosso estado, a seleção do Rio Grande do Norte era campeã do Nordeste e terceira do Brasil, sendo que os principais times da cidade eram América, Bola Preta, Paladino, Assen e ABC.

O time do ABC era composto pelo goleiro veterano Zé Silva (irmão do nosso vizinho Seu João, pai de Isabel e Herjus), Wilton, Bira, Dodoca e Peninha. Tinha ainda Severo Câmara (que jogou pouco tempo), posteriormente apareceram o excelente goleiro Elacyr Freitas “O Aranha Negra” e os irmãos Domício e Danilo Damásio.

194

Time de futsal do ABC
em 1971: Danilo, Elacyr,
Marcos, Bel, Domício,
Bazinho, Nazareno,
Neílson e Aníbal



Assistir os treinos do ABC era a primeira motivação para que, no dia seguinte, dezenas de meninos disputassem (descalços) peladas que tinham aspecto de decisão de copa do mundo, tal o grau de empenho da turma.

Muitas vezes, logo após o almoço, sol quente de uma hora da tarde, eu me dirigia até a frente da Escola Alberto Torres levando bolinhas de gude e ficava jogando com Carlos ou até sozinho e observando a chegada dos primeiros companheiros na quadra para início da pelada. Eventualmente, ficávamos trepados no cajueiro chupando cajus, como se fosse uma concentração que antecedia a tarde esportiva.

A partir das 8 horas da manhã e até não conseguirmos mais ver a bola às 18h30, era uma sequência de confrontos envolvendo os garotos que residiam na redondeza. Eram peladeiros principalmente de Mãe Luiza e das ruas: Potengi, Afonso Pena, Trairi, Seridó, Nilo Peçanha, além da Cirolândia.

Os peladeiros eram: Paulinho de Tarso “Buldogue” Machado, Cuca (filhos de João Machado), Joca, Evaldo, Capão (era o jogador mais esquisito, pois só jogava de calça comprida e camisa com botões, tinha vergonha de mostrar as pernas) Francisco Segundo, Galego, Francisco (Chiquinho) Costa Bezerra, Jairinho, Luis Alberto Ferreira de Souza “GB”, Fernando Suassuna, Tácito Suassuna, Dolfo (Lindolfo Neto) Sales, Laércio Cardoso, Jânio Cardoso, Carlinhos, Clóvis, César, Clayton, Nivaldo (Xavier), Fernando, Humberto e muitos outros. Nesta lista temos – no passado ou no presente – caminhoneiros, presidiários, médicos, secretário de governo, engenheiro, comerciante e professores. Uma turma altamente heterogênea e improvável, unida pelo futebol.

Certa vez, quando terminamos de tirar o time no “par ou ímpar” pra iniciar a pelada, ocorreu de Paulinho Buldogue “sobrar”. Ele ficou possesso e, no auge da irritação, apanhou uma garrafa e quebrou na quadra. Era uma forma radical de dizer “se eu não jogo, ninguém joga”.

Com o passar do tempo, ele foi se acalmando e arranjou uma tática mais eficiente para atingir seu objetivo: convenceu a mãe a comprar uma bola nova e, como dono da bola, tinha o privilégio de tirar o time e, logicamente, sempre ser autoincluído.

Na casa de Fernando, Tácito, Cristina e Coquinho Suassuna, podíamos conversar com o ex-jogador do ABC Biró, folclórico pelas frases como “eu não tenho sistema nervoso”. Ele prestava serviços de limpeza e jardinagem.

À noite, tínhamos, duas vezes por semana, a opção dos jogos de futebol de salão no Ginásio Sílvio Pedroza. Para meu desgosto o melhor time (e que time!) era o América com Artuzinho, Tales, Salvador Lamas, Cezimar e Cia. No time do Bola Preta tinha o grande goleiro Arlindo Silva, além de: Áureo, Chico (que depois ganhou o apelido de “Bola Preta”), Gláucio e também o central Lêucio que jogava pesado e tinha um chute fortíssimo. Infelizmente eu pude

comprovar isso após uma bolada que levei no queixo e me levou a nocaute quando assistia um jogo por trás da trave do time adversário. Me levantei grogue e morto de vergonha. Passei uma semana sem poder mastigar.

Uma disputa ABC x América ou América x Bola Preta nos anos 1960 era sempre de uma beleza plástica e de uma qualidade técnica que jamais consegui ver nas gerações subsequentes do nosso Futsal. Além disso, a participação das torcidas e a rivalidade pessoal entre os jogadores tornavam os jogos verdadeiras batalhas, muitas vezes havendo brigas dentro e fora da quadra.

Salvador Lamas fazia golaços de bicicleta, o gordinho Cezimar, contrariava as leis da física e comandava as ações ofensivas do América e era o artilheiro e maior craque do Nordeste, provavelmente foi o maior jogador de futebol de salão de todos os tempos no RN.

Num jogo ABC x América as torcidas se armaram de laranjas e sabugos de milho e ocorreu uma verdadeira guerra entre os dois lados das arquibancadas.

No jogo seguinte a FNFS decidiu armar um esquema rigoroso para impedir que torcedores entrassem com qualquer coisa que pudesse servir de “arma”. Os funcionários “Seu Fon Fon” e Pacheco (depois trabalhou no Palácio dos Esportes) que eram extremamente rigorosos foram escalados para trabalhar na fiscalização na roleta de entrada. Noite chuvosa, fila desorganizada, empurra-empurra e a pressão enorme para agilizar a entrada no Ginásio e “seu Fon Fon” com sua voz fanha gritando “só entra sem laranja” e revistava todos os torcedores. Quem tivesse com laranja no bolso tinha que jogar fora ou chupar antes de entrar. A cada bloqueio de entrada a fila parava e a preliminar já estava terminando. Até que chegou João Cláudio Machado, figura folclórica do esporte no RN, com sua característica física decorrente provavelmente de uma hérnia mal curada... Seu Fon

Fon, paraibano recém-chegado a Natal, não conhecia Machado e o barrou abruptamente “ahaaaannnn!!! Escondendo logo duans laranjas no bolso, né? Pode tratar de sair e chupar as laranjinhas lá fora!!!!”. Aí se formou uma algazarra enorme, os times do jogo principal já haviam entrado na quadra, os torcedores entre risos e palavrões derrubaram Fon Fon e João Machado, passaram por cima da roleta e adentraram ao Ginásio. Muita gente entrou sem pagar ingresso.

A Turma do Consulado libanês

No trecho da Afonso Pena, entre as Ruas Potengi e Mossoró tínhamos um outro grande grupo de amigos: Fábio Castelo Branco, os irmãos Rosado: Carlos Élber, Ricardo e Carlos Bebé (Rosadinho), os irmãos Godeiro: Américo e Sérvulo, os irmãos Chacon: Dâmaso, Roma (Romualdo), Galego (Ágrio), Dodó (Domingos Sávio), Paulinho e Vavá (Waldágrio). Alfredo Luis, Jorge “Fuleiro”, Cléo, Eduardo, Edvaldo “Minha Burra”, Edvanílson (Niço), Fred (Frederico Luis Alves) Galvão, os gêmeos: Jair e Jaime Galvão, Wellington Alves Junior “Júnior Pintado”, Rogério Santos, Manuel Caruara, Lázaro Mangabeira, João Benévolo, Helder, Paulo Barbalho (filho do médico e colecionador de discos Grácio Barbalho), Xavier, Carlinhos e Carlos José Cavalcanti (Zezé), Ronaldo e Roberto Iglesias. Juarez Bilro também morou na Afonso Pena durante alguns anos.

Quando os times não estavam completos, deixávamos o garoto Jorge “Bolo Preto” Melo jogar. Outro companheiro engraçado era Júnior: o cara vivia discutindo sobre bicicletas, ele defendia ardorosamente que a Caloi era melhor que a Monark, daí ganhou logo o apelido de “Júnior Caloi”.

Tinha também os irmãos Valdir e Valdete que o pessoal fazia trocadilho com duas empregadas que trabalhavam na casa do deputado Dary Dantas (Edir e Edeete).

Essa turma toda se reunia principalmente para jogar bola no meio da rua e conversar miolo de quartinha. Quase todos gostavam de correr atrás da bola. As exceções eram Alberto Luis Campos Barros, Dâmaso Chacon e Sérvulo Godeiro que sempre foram mais intelectuais e reservados. Pra compensar esse desfalque, ainda recebíamos eventuais reforços dos amigos da Rua Potengi, da Cirolândia e imediações: irmãos: Orlando e Wellington Campos Barros, César, Rivaldino “Pé de Ferro”, Wilson Falcão, Ivan Cara-Olho, Raul, Albenis, Gilberto e Taciano Arruda Câmara.

Wellington Barros já era miope, não conseguia fazer nada sem os óculos, pois eles tinham lentes alopradas, daí jogava bola e até tomava banho de óculos.

Alberto Luis logo verificou que futebol não era seu forte e passou a dar mais prioridades a caçar borboletas, ficava explicando para um monte de peladeiros desinteressados, o nome científico e popular de cada espécie capturada.

Na Rua Trairi, a atração principal eram as quadrilhas juninas que tinham dois meses de ensaios. No dia da apresentação oficial, a quadrilha organizada acompanhava festivamente os noivos (montados em carroças puxadas por burros) a partir da esquina da casa do deputado Dary Dantas. A apoteose era no casarão do Dr. Ewerton Cortez. Ieris Cortez comandava a turma do “alavantu anarriê”.

Também residiam na Avenida Afonso Pena e imediações: Azeneth Castelo Branco (irmã de Fábio e Newton), Cristina e Lourdinha Siqueira, Lucineide (Neidinha), Luis Alves, José Ney Porpino, Albino e Saturnino Borges.

A quantidade enorme de apelidos que existia na turma inspirou (início dos anos 1970) o então estudante e estagiário de jornalismo Ricardo Rosado de Holanda a escrever um texto sobre essa fartura no

jornal “A República” que voltara a circular no governo Cortez Pereira. Foi recorde de vendagem no pedaço.

Um detalhe que chamava a atenção na pelada: o suspense de buscar a bola quando caía na casa do cônsul do Líbano. O homem era uma fera, extremamente irritado com peladeiros e doido para furar nossas bolas. A casa era na esquina da Afonso Pena com Trairi, local onde funcionou o Restaurante Xique-Xique e atualmente o Buon Gustaio. Na mansão de seu Rachid Assan Lauar tinha um imenso cachorro chamado Rex, quando a bola caía lá dentro, o chutador era obrigado a ir apanhá-la, pois só tínhamos uma e era uma novela pra comprar outra.

Era um medo terrível, tínhamos que aferir se Rex estava solto, se seu Rachid (que nós chamávamos de “seu Aristides”; porque assim era mais simples de pronunciar) estava por perto e, de qualquer maneira, tínhamos que arriscar a pele pulando o muro e sendo extremamente ágeis.

Certo dia quando Jorge “Fuleiro” estava recuperando a bola, foi pego, na lateral interna da casa, pelo seu Rachid que gritou com seu forte sotaque “Vou matá-lo!”. Jorge passou pisando o jardim de flores bem cuidado do Consulado e deu um salto espetacular sobre o muro como nunca mais na vida conseguiria e saiu correndo na direção da turma. Seu Assad, irritadíssimo, soltou Rex e abriu o portão da mansão. Foi menino correndo pra tudo que é lado, sobrou pra Valdir que levou uma mordida na bunda e teve o calção todo rasgado.

Mas, como dizem que toda bela tem um pai que é uma fera, as filhas de seu Rachid eram muito bonitas: Nohed, Mona e Suhem Lauar compensavam plenamente os transtornos que o pai nos provocava. Quando elas estavam em casa, até que nos ajudavam na recuperação da bola. Suhem Lauar é hoje professora universitária em Natal. Ceres Barbalho, filha do médico Grácio, era moradora da Rua Trairi, adorava MPB e se envolvia nos movimentos musicais da cidade.

Dona Walda – mãe dos irmãos Dâmaso, Roma, Galego, Dodó, Paulo, Eliane e Vavá – fazia suco de tomate diariamente para os filhos. Às vezes tínhamos de interromper nossa pelada porque era a “hora do suco” convocada pela matriarca de quase metade dos atletas da rua. O suco de tomate teria sido o segredo para o sucesso obtido no basquete estudantil pelos filhos de Dona Walda e seu Chacon.

Um outro fato interessante era que todos os dias, pontualmente ao meio dia, Maria Celi a irmã mais velha de Alfredo Luis surgia no terraço da casa e gritava em forma de ordem militar: “Alfrêêêêêêê Luiiiiiis.....pra Caaaaaaasssaa!!!!”, entre o “Alfredo Luis” e o “pra casa” havia um intervalo de tempo onde nós ficávamos estáticos aguardando o desfecho da ordem. Alfredo saía caladinho cabisbaixo para desespero dos demais membros do seu time que teriam de se virar o resto do jogo com um a menos. As interferências diárias de Celi nos fizeram criar uma regra extra na pelada: o jogo passava a se encerrar no momento em que Alfredo fosse chamado pra casa.

Certa ocasião, Maria Celi soube que um outro amigo (acho que foi Roma) havia machucado o Alfredo em uma jogada mais ríspida e partiu pra tomar satisfações, encarou mesmo e só não bateu por que a turma do “deixa disso” interveio.

Também moravam na Afonso Pena, na esquina com a Trairi, o então deputado Dary Dantas e dona Ieda, os filhos Dary Filho, Tirson Renato Dantas (ex-vereador) e Márcia. No trecho até a Rua Mipibu moravam: Fred Galvão, Raimundo, Cláudio Burunga, Carlinhos, Jomar Jackson, Analice, Isabela, Eugênia, Flávio Madureira, Paulinho Martorelli, Raimundo Barata e o então jogador do ABC Rômulo Dias. Mais adiante, a mercearia e casa de Seu Canuto e D. Terezinha, onde moravam Socorro, Caquica, Zé Maria, Titico, Ildefonso (Detefon), Joel, Ivo (Velhinho), Elisabeth e Neuma. Ainda: os irmãos: Eduardo, Edvanílson, Edvaldo Burrinha, Próximo a Jaeci, moravam os irmãos Adolfo Meneses Furtado e Margarida.

Havia um gazeteiro conhecidíssimo em toda Natal, era o Alberis folclórico por seu sotaque que distorcia as palavras acrescentando “esses”, destacando frequentemente o atacante do ABC e por dar sensacionalismo popular às manchetes do jornal. “Brinquedo do Cão vai ser solto hoje e vem morar aqui em Petrópolissss”, “O ABC vai contratar Pelé pra fazer o ataque com Alberissss”, “Alberisss virou o carro, capotou 12 vezesssss”, “Alberisss renovou contratoss e ganhou uma radiola e discos de Waldicks Sorianos”, “Maria Mula-Manca vai ser candidata a mississ Rio Grande do Norte”. Alberis era um negro alto, magro, desengonçado semianalfabeto e que realmente tinha alguma semelhança física com o ídolo da torcida alvinegra, daí o apelido que foi “assumido” e utilizado como marketing. Os jovens nunca estão preparados para perder um amigo e três mortes precoces abalaram profundamente nossa turma: Maria Cecília superatleta campeã do Colégio 7 de Setembro e o acidente em que um colega numa brincadeira de “roleta russa” com bala “U” vitimou outro colega nosso, George, que residia na Cirolândia. Outra perda foi o nosso vizinho e grande amigo Ovídio Costa Júnior que atuava na Polícia Rodoviária Federal e faleceu em acidente de carro na Rodovia Natal-Mossoró, já nos anos 1970.

Walder Carvalho Porpino é o único remanescente da turma que ainda reside na mesma casa de número 506 da Avenida Afonso Pena. Ele recorda o curto namoro com Miriam que o levou a ficar “queimado” com as outras meninas da redondeza. Insistiu em namorar com Nohed Lauar, mas levou um fora.



195

Grupo Musical nos jardins da sede do ABC, 1961



196

Winston Morelli e Newton no ABC, 1971

Campeonato Potiguar no Estadinho do Tirol

Frequentar o Juvenal Lamartine era outro hábito agradável da nossa turma de garotos nos anos 1960, afinal de contas morávamos perto do Estadinho do Tirol e éramos fanáticos por futebol. Nessa época, todos os treinos e todos os jogos dos times ditos profissionais de Natal eram no JL, não havia outra opção. Lembro que nós levávamos figurinhas das Copas de 1962 e 1966 para trocar com outros meninos na arquibancada durante os treinos. Tempos das figurinhas difíceis do inglês Jimmy Greaves, do chileno Leonel Sanchez e do brasileiro Bellini.

Nós acompanhávamos tudo, especialmente quando estava envolvido ABC, Alecrim ou América, mas até treino físico do Ferroviário chegamos a assistir no tempo em que Jácio Salomão “O Filósofo” era a estrela do time. Chegávamos ao ponto de acompanhar de perto as preleções e orientações táticas de treinadores como “Pedrinho de Quarenta”, Dante Bianchi, “Tenente” e Jorge Level. Tentávamos

assistir todos os jogos, mas, quando não tínhamos dinheiro, subíamos o Morro do Tirol e trepados em árvores, sem binóculos, observávamos o jogo e torcíamos pelo ABC, mesmo sem ver a bola...

Às vezes nós acompanhávamos o jogo em casa pelo velho rádio valvulado e, quando faltavam 20 minutos para acabar, corríamos para o Juvenal Lamartine. Era a hora de abrir os portões e a gente podia ver o restinho do jogo “de graça”. Enquanto alguns torcedores já abandonavam o campo, nós entrávamos correndo, na contramão, disputando espaço com os adultos. No estadinho lotado, nada escapava aos nossos olhos: alambrado rente ao gramado, as camisas coloridas suadas dos jogadores coladas no corpo, a respiração ofegante do ponta esquerda, que para bater o escanteio, se aproximava a centímetros do alambrado onde eu estava.

Mas lá vem o bandeirinha tapar a minha visão.

– Sai do meio, seu bandeirinha, eu paguei pra ver!

E com um pouco de sorte, ainda dava para ver um golzinho...

Lembro de um jogão ABC x Alecrim no qual o zagueiro Gaspar (ex ABC e estreando no Alecrim) fez três gols no meu time. O Verdão tinha jogadores como: Manoelzinho, Capiba, Galdino e o craque Vasconcelos.

Sempre, ao final dos jogos que assistíamos no velho estadinho, nos deslocávamos até a arquibancada coberta de madeira, onde o porteiro Pedrão nos deixava entrar para ver os locutores José Ari (o conhecido pela narração do lance do “C... de Burro”), Almeida Filho, Hélio Câmara e Roberto Machado narrando os jogos. O jornalista Rubens Lemos era considerado o melhor comentarista esportivo da cidade. Em determinada situação ele foi convidado pelo Ferroviário de Joãozinho para ser técnico do time que estava tentando superar a dupla ABC/América. Lemos foi mordido pela mosca azul e aceitou

o convite. A aguardada estreia do “eclético” foi contra o ABC. Os atacantes Burunga e Zezé, nesse dia tomaram o famoso cafezinho do massagista Zózimo e estavam endiabradados e não deu outra: ABC 7 x 1!. Rubens Lemos, morto de vergonha, desistiu da nova carreira e foi técnico em um jogo só na vida.

Quase todos os jogadores dos nossos times eram naturais do RN, o bairro das Rocas era o maior “celeiro” de craques, boa parte deles boêmios. Existiam jogadores folclóricos como o lateral direito (do Clube Atlético Potiguar) Paulo “Tubarão”. Ele era pescador, morava na Redinha e atravessava o Rio Potengi a nado nos dias dos jogos do “Moleque Travesso”, tinha excelente preparo físico. Após os jogos no gramado irregular do JL, ele se deslocava a pé até a Ribeira e, já à noite, atravessava novamente o rio a braço de volta pra casa.

O Riachuelo tinha um só torcedor chamado “Senta Ripa” e haviam jogadores com apelidos bem provincianos como: João Porquinho, Capiba, Papagaio, Bagadão, Furiba, Carangueijo e Pancinha.

Recordo de um campeonato – provavelmente no início dos anos 1970 – já com Alberi e Petinha, em que o ABC ganhou a final contra o Ferroviário numa noite de quarta feira. A comemoração foi na sede do clube e o goleiro do Ferrim, que tinha orelhas de abano, chamado Eliezer estranhamente estava enchendo a cara junto com os jogadores alvinegros. Coisa que Renato Gaúcho iria repetir muitos anos depois após uma decisão Botafogo x Flamengo...

O incrível Bangu de Petrópolis

Que bonito é
A torcida delirando
Vendo a rede balançando.
(Música do Canal 100)

Direto do Maracanã lotado, num Santos de Pelé x Botafogo de Garrincha, Waldir Amaral já dizia “veja o jogo ouvindo a Rádio Globo”. Não era força de expressão. Nenhuma imagem de televisão foi tão forte quanto a imagem criada em nossas cabeças de meninos, a partir das empolgantes e fantasiosas narrativas dos locutores do rádio. O ouvido colado, a boca calada, o coração disparado, os olhos arregalados imaginando jogadas espetaculares e gols impossíveis! “Tem peixe na rede do Flamengo!”, “Gooool legal! Mário Viana falou tá falado”. E Rui Porto confirmou. Sem direito a tira-teima, quem mais poderia duvidar?

Com essa certeza, nossos campos de pelada viraram Maracanãs lotados. Quem duvidaria que aqueles dois tijolos de um lado e o par de sandálias havaianas do outro eram traves de verdade? Quem não ouviu a rede virtual estufar após aquele “tivunco” no ângulo? Quem poderia me convencer que eu jogava de pés descalços na rua esburacada e que o nosso time era exatamente o sem camisa? De repente, a insistente buzina dos carros em busca de espaço na Avenida Afonso Pena, acompanhada de alguns elogios do tipo “você morre seu filho da mãe!”, nos devolviam à realidade. Ou quando para aliviar o goleiro,

a nossa defesa sob pressão, chutava a bola para fora do “estádio” e explodia na vidraça do Consulado do Líbano, de onde seu Rachid, com seu português arrastado, nos devolvia rasgada, aos gritos:

– *Aqui non ser campi di futball, non!*

E haja tempo para comprarmos outra bola.

Sem contar com o problema decorrente do alagamento do trecho nos períodos de chuva.

Assim, tivemos que procurar outras opções no bairro, na Praia dos Artistas e até no Quartel da Polícia Militar. E foi justamente neste último que ocorreu uma situação inusitada: Carlos se atrasou e eu fui na frente com os colegas para mais um jogo. Mais tarde, ao entrar no quartel, Carlos foi barrado pelo sentinela que alegava que ele já tinha entrado e pulado o muro para fora para entrar de novo! Muita conversa rolou até que ele mostrou a carteira de estudante (ninguém tinha carteira de identidade) e provou que ele não era eu. Foi a última vez que fomos confundidos...

Um dia, reunidos na calçada da sede social do ABC F. C. – hoje CCAB Norte – surgiu a ideia de montar um time de futebol de salão. Um time de verdade, inicialmente chamado Renner. Na discussão quanto ao nome definitivo, rapidamente concluímos pelo Bangu, pois os torcedores de Flamengo, Fluminense, Botafogo, Vasco, ABC e América não admitiam a escolha do nome do time rival. Na época, o Bangu do Rio de Janeiro estava despontando como a sensação do futebol carioca com Ubirajara, Fidélis, Mário Tito, Ocimar, Paulo Borges, Bianchini, Parada, Mateus e outros, um timaço. Um time neutro, um time sem torcida, um time simpático: o nosso time.

Daí tratamos de comprar as camisetas brancas com frisos vermelho e preto, nas Lojas Paraibanas, no Alecrim, cuja estrutura atual permanece exatamente como antigamente. Nossas mães foram convocadas para costurarem o símbolo no centro da camiseta, na forma de losango com o nome Bangu A. C. e o número nas costas. O calção

era branco e combinamos um meião padrão de cor preta. A bola de futsal da nossa estreia era emprestada por seu Fon Fon, do Atheneu.

Foi uma sensação inesquecível a nossa primeira apresentação devidamente uniformizados, numa das quadras descobertas do Atheneu, ao lado do Ginásio Sílvio Pedroza, espaço hoje ocupado pela Biblioteca Pública Câmara Cascudo. Conseguimos uma máquina fotográfica “Kodak Rio 400” e tiramos fotos nas poses clássicas que víamos estampadas em jornais e revistas esportivas. O filme, levado para o Stúdio Jaeci, só era revelado em Recife, o que levava 20 dias, gerando grande expectativa nos atletas.

Os jogadores do Bangu eram: Eduardo (goleiro, técnico e intelectual), Edivanílson “Niço” (central, raçudo, sóbrio, jogava limpo), Fred Sizenando (ala direita), Fred Galvão (ala direita, muita velocidade, às vezes corria mais que a bola), Carlos Élber (central, forte, duro, raçudo, chute potente), Wellington Júnior (pivô, grande habilidade, artilheiro), Carlos Sizenando (ala esquerda), Edivaldo “Burrinha” (ala direita, manhoso, polêmico, gozador, irreverente, o nosso Vampeta – o oposto dos irmãos Eduardo e Edivanílson – os juízes estavam sempre de olho nele) e Fábio Castelo Branco (pivô, artilheiro).



197

Em pé: Carlos Élber e Orlando, agachados:
Niço, Fábio e Carlos
Sizenando

Orlando Campos Barros foi nosso goleiro, atleta fundador, mas logo a seguir, fundou outro time, o Nacional, que era o nosso adversário mais frequente.

Normalmente ganhávamos os jogos, apesar da idade média dos garotos do Bangu ser inferior à do Nacional. E não paramos mais de jogar.

A “sede” do clube era à sombra da copa de uma frondosa árvore no meio da rua quase em frente à casa dos irmãos Chacon (Avenida Afonso Pena, onde, atualmente, é a banca de revistas de Tóta), a árvore continua preservada.

Walder Porpino (atleta do Nacional) recorda o esforço da turma do Bangu para conseguir obter uma bola oficial de futebol de salão. Todo muito liso e surgiu a ideia de pedir uma doação a seu Pedro “Pistoleta”, dono do antigo Posto Pitombeira. Seu Pedro era boa praça e um incentivador das nossas peladas. Juntaram-se uns vinte meninos, todos devidamente uniformizados e fomos até a casa do nosso possível patrocinador. Com muito esforço um dos garotos fez o pedido. Alegou que o time já tinha camisa, meião, tênis e quadra, mas faltava a bola pra jogar. Seu Pedro fez certo suspense, falou bonito, mas ficamos sem entender se ele ia ou não ser mesmo o nosso primeiro patrocinador.

O fato é que dois dias depois alguém deu um recado que Seu Pedro queria falar com a turma. Fomos imediatamente lá. Ele nos recebeu com duas bolas novíssimas nas mãos, ficamos super ansiosos. Ele então disse “Mas tem uma condição: só ganham as bolas se um de vocês fizer um discurso agradecendo. O silêncio foi total, cada um olhava pro outro e nada de aparecer o corajoso. Nessa hora Wellington Júnior “Pintado” se aproximou e falou rapidamente: “O Bangu Futebol Clube agradece a doação das bolas, muito obrigado!”, rapidamente deu duas tapas e retirou as bolas das mãos de seu Pedro e chutou-as para cima. E todos gritaram e aplaudiram freneticamente. E fomos direto estrear as bolas na quadra descoberta do Atheneu.

Certa ocasião, durante um treino do Bangu, na ausência de atletas suficientes para formar dois times, apelamos para quem fosse passando na rua, naquele momento. E lá vem o garoto Rivaldino Moreira da Silva, que topou completar o nosso time.

- Mas tem uma condição. Eu disse.
- Tem que saber chutar forte de bico! Vamos fazer um teste, experimente aquela bola ali. Rivaldino, empolgado, ainda de pés descalços, tomou distância, correu, chutou e caiu. A bola cheia de cimento, preparada por mim, quase não saiu do lugar. Riva machucou quatro dedos e aguentou calado. Até hoje é conhecido como Pé de Ferro.

No início dos anos 1960 frequentávamos a escola dominical da Igreja Presbiteriana localizada na Avenida Junqueira Aires. Dessa forma, ficávamos impedidos de fazer programações de lazer nos domingos pela manhã, isso não era fácil.

Normalmente saímos a pé, por volta de 8 horas pela Rua Potengi na direção da Praça Pedro Velho e da Cidade Alta, quando passávamos pelas quadras do Atheneu – vizinho à casa do Dr. Leide, Wagner e Kleber Morais – era um sofrimento: nossos amigos do Bangu estavam jogando bola e gritavam nos chamando para reforçar o time.

Certo domingo, ao passarmos ao lado do Atheneu, paramos rapidamente para ver o andamento do jogo e o nosso Bangu estava “na peia” com menos de 5 minutos já perdida por 2x0 para um time da Avenida Deodoro e a pressão era grande para ampliar o resultado. Havia uma grade sobre um muro com cerca de 2 metros de altura, alguém deu um chutão e a bola caiu na Rua Potengi. Carlos foi apanhá-la e quando já ia devolvê-la, chega nosso colega central Edvanilson correndo ofegante, suadíssimo, encosta o rosto na grade e desesperado apela: “Carlos, pô, você tem de jogar, vamos ser goleados, Jesus Cristo perdoa, não se preocupe, pelos menos hoje falte a Igreja cara, vem, vem!” Carlos, único canhoto nato do time, não resistiu, passou a Bíblia pra mim, pulou o muro, arranjaram o uniforme e um par

de tênis pra ele e o resultado final foi 4x4. O duro foi justificar com minha mãe, depois...

Eu, Carlos e Fábio Castelo Branco de Brito Guerra, descobrimos que tínhamos algo mais em comum. Além de colecionarmos várias revistas, entre elas a Revista do Esporte, desde sempre gostávamos de desenhar. Criávamos personagens de histórias em quadrinho e logo percebemos que a ficção se tornaria realidade quando criamos também a nossa RE. Foi um sucesso. O Bangu passou então a ter seus atletas entrevistados em seções semelhantes às da Revista do Esporte de circulação nacional, tinha o “Bate Bola” com perguntas do tipo “qual o seu gol mais bonito?”, “cite um craque”. Embora déssemos destaque ao Bangu, divulgávamos também os times adversários e fazíamos entrevistas com eles.

Passamos a divulgar os resultados, a súmula e comentário de todos os jogos. Mais que isso, todos os gols – a favor ou contra estavam lá desenhados em nossa quase democrática magazine. Vibrávamos tanto com o que fazíamos que, às vezes, logo após o jogo, sem tomar banho, já começávamos a produzir a nova edição. A revista era semanal ou quinzenal, dependendo do calendário do time, mas nas grandes conquistas, chegamos a produzir duas no mesmo dia!

Na nossa revista as quadras tinham enormes arquibancadas imaginárias sempre lotadas, existiam *outdoors* e placas, só que, no lugar das propagandas, nós escrevíamos os nomes das meninas do bairro, era uma forma de atraí-las ao nosso meio.

Havia também reclamações dos leitores: Frederico (Fred) Galvão me abordou uma vez: “pô xará, você me desenhou muito feio, na próxima revista me faça mais bonito...”. Já Orlando, nosso goleiro, achou lindo o gol que levou quando, no desenho, os tijolos foram substituídos por uma trave de verdade. Neste mesmo jogo, aliás, a

revista mostrou que um gol nosso anulado, na verdade, a bola bateu no travessão e entrou...

Numa época em que não havia xerox, a revista era uma só por vez e circulava de mão em mão, despertando a curiosidade até de outros times e pessoas alheias ao futebol. A revista passou a ser uma atração à parte para toda comunidade que residia no quadrilátero limitado pelas ruas Mipibu, Hermes da Fonseca, Rodrigues Alves e a atual Praça das Flores.

Os elogios que os adultos faziam, principalmente aos traços elaborados pelo meu irmão Carlos, influenciaram para que mamãe nos liberasse mais da obrigação de ir à Igreja aos domingos. Papai começou a buscar na “Revista Manchete” a existência de “cursos de desenho por correspondência” para que nos aprimorássemos ainda mais na técnica.

Seu Urbano, dono da Padaria Petrópolis vizinha à nossa casa, chegou a mostrar nossa revista ao cronista esportivo João Machado (nome que deu origem ao Machadão), destacando a nossa criatividade precoce.

Motivados pelo grande sucesso da revista, chegamos a inserir algumas inovações inspiradas na série “Batman” e nas revistas em quadrinhos: colocávamos “som” (legenda) indicativo do “estufamento” da rede pela bola quando ocorriam os golaços.

A partir de então, passamos a sonhar mais alto e vislumbramos a possibilidade de jogarmos no próprio Ginásio Sílvio Pedrosa, então o maior do estado, onde atuavam os nossos ídolos do ABC, Bola Preta e América, além da própria seleção do Rio Grande do Norte, campeã do Nordeste.

O sol quente e o piso áspero das quadras descobertas que acabavam rapidamente com a bola e nossos joelhos, nos estimularam a procurar o fanhento seu Fon Fon, administrador do ginásio. Inicialmente irredutível, ele cedeu diante dos argumentos de Edivaldo e nos alugou por uma hora. Com o tempo, conquistamos a sua confiança e jogávamos mais, pagando cada vez menos.

Foi justamente neste novo palco que passamos a enfrentar equipes ainda mais fortes, como o difícil time da Loja Sertaneja onde jogava o craque Marinho Chagas. Vencemos por 2x0 com gols de Júnior (Wellington) e Carlos Élber.

Neste período a nossa revista atingiu o seu pique. Mais matéria e mais ilustrações para atender à crescente expectativa do leitor. E o nosso time deixou de ser um time de um só torcedor. Ou melhor, torcedora: a mãe de cada um de nós que torcia, mas torcia muito, apenas para que chegássemos em casa inteiros. O Bangu do Rio nunca mais foi o mesmo daquele timaço dos anos 1960, mas o nosso, o de Petrópolis, se eternizou em nossas mentes.

198

Primeiro jogo do time de futsal do Bangu na quadra descoberta do Atheneu 1964, em pé:

Edvanílson, Carlos Élber, Fábio, Orlando e Eduardo (técnico, às vezes goleiro).

Agachados:

Fred Sizenando, Wellington Júnior, Fred Galvão, Burrinha e Carlos Sizenando



O rebelde sem causa

Qual a razão da sua rebeldia? Me apresente a lista que vou ver.
(Marlon Brando no filme “O Indomável”)

Como nos filmes de James Dean, Ovídio Costa Neto era o rebelde sem causa de nossa rua. Certa vez ele ligou para uma praça de táxi e pediu, com urgência, nada menos que 15 táxis para a casa do professor Amadeu, pai de Vitamina, onde estava acontecendo o casamento de sua filha. Em pouco tempo a casa do professor à Rua Potengi, estava cheia de taxistas: era Gordini, Dolfini, “Prefex”, DKW, Land Rover... só que lá não havia casamento nenhum e o professor Amadeu, é claro, não queria pagar as corridas. No meio do tumulto alguém desconfiou de Costa Neto e toda a confusão foi transferida para a casa de seu Mirabeau, o pai da fera. Às pressas, Costa Neto foi mandado para a cidade de Martins, onde passou um mês escondido até que os ânimos serenassem.

Completamente alheio aos conselhos de D. Conceição, o menino Costa Neto tinha uma incrível capacidade de fazer as coisas pelo avesso. Certa vez, a caminho do Cinema Rio Grande, ele e mais dois colegas derrubaram todos os caixões de lixo da Afonso Pena à Deodoro. Após o filme, foram até o Restaurante Dia e Noite encher o saco do garçom Gasolina. Na volta roubaram todos os escudos de carros que encontraram e chegaram em casa felizes da vida.

Costa Neto meteu na cabeça que seria capaz de andar toda a Rua Seridó por cima do muro das casas, sem botar os pés na calçada. E assim fez, até que passando do muro do Ginásio Sílvio Pedroza para a casa do Dr. José Bitencourt, o muro que era de “cobongol” cedeu e o nosso herói caiu na calçada com a metade do muro no peito. Todo cheio de escoriações levantou-se imediatamente e correu pela Rua Enéias Reis. Já havia tirado a camisa e seguia caminhando quando foi alcançado pelo ofegante doutor, que lhe perguntou:

– Você viu um moleque de camisa azul passar correndo por aqui?

– Sim, ele foi por ali. Respondeu Costa Neto e tranquilamente, saiu andando para o lado oposto.

O nosso James Dean jogou no bicho na mercearia de seu Paulo. Cansado de jogar e nunca ganhar nada, resolveu desta vez rasurar o bilhete para ganhar o prêmio. Deu a maior confusão com o irmão de D. Neusa que o atendeu e, de novo, foi mandado para Martins...

Quando jogava tênis de mesa no ABC com Ivan “Onassis” “Piaba”, Costa Neto lembra que Romildo Gurgel, figura conhecida na cidade, apareceu, tomou a raquete de Ivan e começou a jogar com ele. De tanto tomar bolas de um lado e do outro, Romildo quase foi ao chão com seus 120 quilos. Depois disse a Ivan que lhe devolveria a raquete com mais 10 cruzeiros se ele lhe mostrasse o pinto. Na frente de todo mundo Ivan ganhou a grana e a raquete...

Costa Neto criava confusões que depois nem sabia explicar a razão. Certa vez ele estava conversando com Willington, Bira e Wilson Falcão em frente à Padaria Petrópolis. Um grupo de rapazes ia passando após compra de pão e ele soltou algum comentário malicioso. O tempo fechou e de repente fomos envolvidos no meio de uma tremenda briga com 5 caras parrudos. Era pão voando pra todo canto. A nossa salvação foi que seu Urbano, dono da padaria, interferiu em nosso favor e fez a “turma da zona norte” correr.



199

Costa Neto (de paletó):
o rebelde domado por
Dióris casamento em
Ceará-Mirim, 1972

O Cruzeiro da Rua Açu

Em período de “entressafra” do Bangu, eu e Carlos começamos a bater peladas com outro grupo de amigos que moravam no trecho entre as Ruas Açu, Mossoró e Rodrigues Alves na proximidade do Colégio Nossa Senhora de Fátima. As peladas ocorriam em locais variados como o terreno do médico Heriberto Bezerra, pai de Cláudio, localizado na Rua Açu, ou ainda no areal que existia no meio da rua no cruzamento da Rodrigues Alves com Trairi. Com a sequência de jogos, o colega do 7 de Setembro Gílson Queiroz Pereira (“Gílson Mulheril”) foi se entusiasmando com o grupo e resolveu montar um time que denominou “Cruzeiro Esporte Clube”. Passaram a fazer parte do mesmo também os colegas: Geraldo “Paulo Borges”, os irmãos Túlio Maurício e Flávio Márcio “Quesito”, Humberto Lucena, Carlos Queiroz, Célio, Pipiu, um gaúcho de 1,90 de altura, filho de um oficial da Aeronáutica, Zeca Galvão (José Leônidas), Fernando “Bico Doce”, Simão e Stenio Brasileiro Jucá. O time não era lá essas coisas, mas éramos frequentemente desafiados por outras equipes peladeiras e chegamos a fazer diversos jogos animados. As vitórias eram mais frequentes, mas também levávamos algumas boas surras, quase sempre eram jogos bem disputados. Apesar de morarmos em ruas próximas, o Cruzeiro jamais enfrentou o Bangu.

Geraldo, cujo apelido era inspirado no jogador revelação do futebol carioca em meados dos anos 1960, o Paulo Borges ponta direita do Bangu, era o destaque do time, velocíssimo e raçudo, chegou a jogar Futsal posteriormente pelo ABC. Como havia algumas dificuldades

para jogarmos com mais frequência no terreno do Dr. Heriberto Bezerra, decidimos nos deslocar para a Praia do Forte e lá passamos a disputar peladas em traves pequenas (mirins). Esporadicamente apareciam “desafios” e nós íamos jogar nos campos dos adversários. Numa dessas vezes fomos à Rua Princesa Isabel e empatamos 4x4 com time dos irmãos Leonel e Gilson Leite. Interessante que chamávamos “futebol de poeira” porque não existia campo gramado para jogarmos.

200

Time do Cruzeiro, em pé: Gilson Pereira, Flávio Márcio e Carlos Sizenando. Agachados: Fred e Carlos Queiroz



201

Carteira de atleta do Cruzeiro E. C., 1969



Gilson, presidente de honra do time, era fã incondicional do jogador santista Pepe (“o canhão da Vila”) e do beatle Ringo Star de quem copiou a moda dos anéis, botas e calças apertadas.

338

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

O Colégio 7 de Setembro

Meu sonho de garoto nos anos 1960 em Natal era estudar no Atheneu. Colégio de tradição no estado, por onde passaram grandes nomes da cultura potiguar. Entretanto, o acesso às vagas era bastante difícil. A concorrência era enorme e o critério de seleção não era dos mais republicanos, como dizem os jornalistas moderninhos de hoje. O fato é que, eu e Carlos passamos no “Exame de Admissão” para estudar em colégio estadual, mas, sem “pistolão”, terminamos ganhando “bolsa de estudo” e fomos parar no Colégio 7 de Setembro (Rua Seridó, onde atualmente é a UnP) a partir de 1964.

De início, a nossa reação foi negativa. Tínhamos conhecimento de que havia um diretor chamado professor Fagundes, que era duríssimo, quando via os alunos fazendo bagunça, botava todo mundo dentro da sala de aula, e lascava no quadro negro, verdadeiros carroções para resolver. Os alunos só poderiam ir pra casa após a solução.

Para nosso alívio, constatamos que a diretoria havia mudado. Os novos gestores eram os irmãos Oscar (cuja esposa Hebe Marinho, também colaborava no Colégio) e José Nogueira. Ambos eram pessoas polidas e conduziam a administração escolar com bastante equilíbrio, apesar das dificuldades geradas pelos alunos.

No primeiro dia de aula, nos deparamos com um esqueleto humano completo que ficava na Secretaria. Diziam que era de um aluno punido pela direção. Mas logo descobrimos um aspecto bastante positivo: é que o colégio era dos poucos da cidade onde conviviam rapazes e moças.

Aos poucos, fomos nos afeiçoando com a nova escola, fazendo novas amizades. Eram nossos contemporâneos: Ana Maria Wanderley, Amador Lamas, Antonio Holanda, Athos Zehuri Maciera, Beto Cabral, Breno “Rela bucho”, Eduardo Fassanaro, Gileno Cabral, Carlos José Cavalcanti, Carlos Porto, Caio Graco, Celso Dutra Júnior, Chiquinho Costa Bezerra, Cláudio Azevedo, Chrisna Ghandi, Mirna Gúbio, Diana Fátima, os irmãos Marcos e Renata Guimarães Klemig, Edvaldo Jácome, Evandro, Luiz Magnuz, Fátima Cardoso. E mais: João Carvalho, Marcos “Lua”, Sandra Celeste, Fátima Arruda, Fátima Vieira, Fernando Vem Vem, Fernando Melo, Guilherme, Jaime Moisés “Polonês”, José Ariston Neto, José Campos Sobrinho “Dede”, Lauro Paiva, Luis “Defunto”, Marconi Praxedes Barreto, Minervino Wanderley, Mayron Roberto “Abacate”, Marcínia Dias, Mário Sérgio Gurgel, Miudinho, Naésio, Roberto Felinto, Rodolfo Pinheiro, Olga Lamartine, Oto Hacrat, Vera Lúcia, Jamílson Martins, Tales Villar, Gilson Pereira, Sonia Maria, Máximo Valério, Renato Pacatuba, Gurgel, entre muitos outros. Um pouco mais adiantados os colegas: Sérvio Túlio e Antônio Carlos. Também nos integrarmos nas atividades esportivas, desde peladas até a participação nos jogos estudantis (na época chamava-se Olimpíadas) e na equipe de ginástica.

Nos anos 1960, a ginástica calistênica fazia grande sucesso na Associação Cristã de Moços dos EUA (tema da música “YMCA” do *Village People*, anos 1970). A Diretoria do Colégio selecionou os 40 alunos com melhor preparo físico e implantou um regime de treinamento diário (início 5 horas da manhã) comandado pelo duríssimo professor Josoniel Fonseca. Nesse regime quase militar, a equipe atingiu excelente preparo e o sincronismo passou a ser “vitrine” para divulgação do Colégio. Fizemos diversas exibições externas, no Palácio dos Esportes e inclusive na cidade de João Pessoa.

Seu Geraldo, pai de Atilano, era o fiscal, que também tinha uma pequena lanchonete que vendia um cachorro quente inesquecível. Seu Pedro era quem tocava a campainha e dava manutenção ao colégio.

A professora Natércia Maranhão era grande amiga dos meus pais, ensinava Educação Artística, caprichava nas partituras, nos hinos e no Canto Orfeônico.



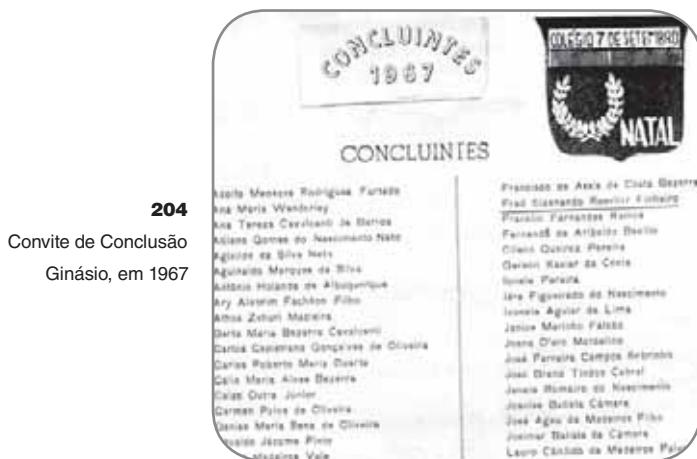
202

Estudantes no Clube Cabo Branco de J. Pessoa. Em pé: Casado, Pedro, Atilano, Lauro, José Maria e o irmão de Solange. Sentados: Jamilson, Erivan, Marco Polo e Fred



203

Chegada de excursão esportiva com muito talco na cara: professor Potiguar com a mala, Carlos Mocó, Eustáchio Lima, Lauro, Fernando Vem Vem, Siqueira, Adalberto, Nélson Freire, Atilano, Fred, Jamilson, Miudinho, Bruno Pereira, e Roberto da Casa das Máquinas, entre outros



205
Joana D'arc, Fátima
Vieira, Ana Maria
Wanderley, Fred,
Ivonete, Zenaide
e Marta, 1968



As meninas brincavam com bambolês. Isso tudo coincidiu com o surgimento do Rock, cujos primeiros contatos ocorreram através dos álbuns de figurinhas com Cely, Tony Campello, Sérgio Murilo, Elvis Presley e Rita Pavone. Os sucessos musicais foram chegando, correspondendo na minha memória como uma espécie de trilha sonora do colégio em 1964: *Datemi um Martello*, *La Bamba* e *I want to hold your hand*. Aos poucos as figurinhas e os bambolês foram sendo deixados de lado na passagem da infância para a adolescência.

Eu, Carlos Sizenando, José Ariston Neto e Carlos Capistrano, fazíamos versões para o português de músicas em inglês. A “competição” era enorme, semanalmente cada um tinha de trazer uma produção, preferencialmente mantendo o conteúdo da letra original.

Foi criado um jornal produzido pelos estudantes e também um programa de rádio. Como já tinha a voz grave, fui convidado para ser o locutor. Por timidez, não aceitei o convite. Nélson Freire me substituiu e terminou virando deputado.

Acho que todos os estudantes ginasiários de Natal dos anos 1960 foram alunos de Francês da professora Avani e lembram-se de: *“Bonjour lundi / Comment va mardi / Très bien mercredi / Je viens de la part de jeudi...”*.

Os professores usavam batas azuis, Tarcisio da Natividade Medeiros, que tinha um Prefect Verde, ditava a cátedra na História. O professor Williams (Matemática) chamava todo aluno de “Bacurau” ou de “Perigoso”, o professor de Inglês era Melquiádes, que adorava uma conversa após aula e era frequentador assíduo da cervejinha na Confeitaria Atheneu. O professor Coutinho na Geografia era o oposto: sisudão e de pouca conversa com alunos, adorava dar nota 2, quando o aluno titubeava na resposta oral. Também na geografia tivemos o ótimo professor Arnóbio, que ainda hoje é fanático por cinema e especialmente pelos faroestes clássicos.

Dona Ivete (esposa de Protásio Melo), Zélia Madruga e Zélia Santiago eram as professoras de Português. Aldo Barbosa e Murilo eram os professores de Ciências, este último deu a primeira aula teórica de educação sexual para a nossa turma. Potiguar Pinheiro era o professor de Desenho.

O professor Josafá Cordeiro (Matemática) era “bossal” e super exigente: quando entrava em sala de aula tínhamos que nos levantar em reverência. Fiquei em segunda época com ele na 2^a série ginásial.

Estudei muito (sistemas de equação do 1º Grau), com medo de ser reprovado. Tirei 10 nas provas de “2ª época” e terminei me motivando para fazer Engenharia. Agradeço a ele.

Nossos amigos Fon, Eustáchio, Bruno e Nélson Freire montaram depois uma banda de *Rock*, a coisa foi melhorando. As festinhas (chamadas Quermeses) (é o novo!) surgiam, cada vez com mais frequência.

José Ariston Neto se lembra de outros contemporâneos: Bosco Teixeira (irmão de Ferdinando), Vulpiano Filho, Homem Mau, Suvaco de Cobra, Amon Silveira (filho de Ernani Silveira), Jota Oliveira, Zelda Vilarin, Arnaldinho, Césio Ribeiro Dantas. Já no final dos anos 1960, foram professores: Waldemiro Soares Cunha (pai de Eugênio e Paulo), José Adécio (Matemática), Humberto (História) e o nosso referencial de esquerda moderada: pastor José Fernandes Machado (Português).

Em determinado ano, não tínhamos uma aula intermediária nas terças-feiras e um pequeno grupo de colegas ia para a nossa casa (que ficava na Avenida Afonso Pena). A atração era o lanche que mamãe fazia para todos. Gilson Pereira, Zezé e Ariston Neto eram figuras certas. Marconi Barreto também ia e tinha enorme interesse em ler a parte esportiva do jornal o *Globo* das segundas-feiras.

206

Gilberto (no ônibus),
Paulinho (encoberto),
Fred, Marcínio, Diana
Fátima, Raimundo,
Sílvia, Pedrão,
Marco Polo, Atilano,
Jamílson e Manoel



Inspirados na onda do Iê Iê Iê

De músico, poeta e louco
Todos nós temos um pouco
(Dito popular)

Inspirados na onda do Iê Iê Iê que despontava e contagiava todo o País, passávamos dias inteiros diante de uma vitrola, ouvindo uma mesma música, cantando, traduzindo e, principalmente, fazendo nossa própria versão. Eram músicas dos Beatles, T Rex, Hollies, Badfinger, Simon & Garfunkel, Barrabas e Mamas and Papas. Selecionávamos canções internacionais não massificadas como super sucessos pela mídia natalense (rádio). Mesmo assim, de vez em quando nos sentíamos traídos quando aquela música, tão nossa, tocava no rádio em uma versão de Leno & Lilian, Márcio Greyck ou The Sunshines, com uma letra sempre melhor que a nossa... Mas eram nossos ídolos, estavam perdoados.

No Colégio 7 de Setembro, tínhamos um grupo seletivo para compartilhar nossas composições. Era uma conversa reservada, pois para muitos colegas machistas conservadores, aquilo era “coisa de veado”.

Para agilizar a busca por uma rima, criei um dicionário de rimas com o amigo e violonista José Ariston Neto. Fred foi além e elaborou um dicionário analógico. Era diferente de tudo que conhecíamos, sem preocupação com definições, sinônimos ou etmologias. Mostrava apenas os vários significados que uma palavra pode assumir de acordo

com o contexto em que é empregada. Essas pesquisas melhoraram o nível das poesias – que chamávamos de letras – pois nunca nos sentimos poetas. Carlos Capistrano, músico e compositor, era o nosso quarto Beatle. Sempre trazia num caderno suas últimas canções. Apesar de escrevermos no jornalzinho do colégio “A Voz e a Vez do 7” (que alguns chamavam de “Pintando o 7”), esses temas jamais foram publicados.

A opção pelas versões era consequência do fato de que eu e Fred jamais tocamos violão, assim, quando nossos parceiros não estavam por perto, tínhamos que pegar músicas prontas e colocar uma letra que não fosse uma tradução literal, mas respeitando o conteúdo original. Ficávamos mais à vontade quando a própria música, por si só, originalmente já era uma poesia, como “Tema de Lara” (*Dr. Zhivago*). Com *The Milionaire*, *Tocata* e *Seven Seas Symphony*, o desafio era maior.

Nas férias, o primo Roberto Rossiter trazia na bagagem muitas novidades. Discos, revistas musicais e fitas com gravações de sua banda em São Paulo e Recife.

Mais tarde essa desprevensiosa brincadeira se transformaria numa fonte de prazer, pela primeira vez tornada pública. Um simples passeio de carro pela Praia dos Artistas e um postal dessa praia esquecido sobre a mesa, resultaram em “Sobre o Movimento e Sob a Inércia”, poesia de minha autoria, vencedora do Festival Universitário de Arte e Cultura, promovido pelo DCE/NAC/UFRN, que incluiu o III Festival de Música e Poesia, no período de 7 a 9 de janeiro de 1988 e apresentada pela incrível Oneide Morais, no Teatro Alberto Maranhão e Praça Cívica do Campus Universitário.

O colorido dos movimentos
Das nuvens sobre as ondas
Dos corpos abandonados na areia
De repente parou no click
Da minha retina
E eu tenho todo o sol
Congelado nas mãos
Nunca mais as pessoas
Estarão sentadas no mesmo lugar
Nunca mais a mesma onda vai rolar
Nunca mais as palavras serão repetidas
Nunca mais
O vento trará aquela nuvem de volta
Pois
O colorido da inércia
Das ondas sob as nuvens
Da areia abandonada sob os corpos
De repente parou no click
Da minha retina.

Foi como pintar e colocar um quadro em exposição, no meio de pintores talentosos, e ver a sua brincadeira de adolescente reconhecida.

Férias em Recife

Entre 1964 e 1973 por diversas ocasiões tivemos o prazer de passar férias na casa dos nossos tios Adauziro e Eva na cidade do Recife. Lá tínhamos 14 primos, e um excelente entrosamento com todos eles para diversões, brincadeiras e muita conversas. Carlos, Clayton, Lúcia, Lêda e Leila eram os primos donos da casa. Além deles tínhamos: Julieta, Fábio, Nino, Jerusa Helena, Isabel Cristina, Raquel, Roberto e Raíssa Alessandra. Com toda simplicidade que a vida era levada, tivemos momentos verdadeiramente inesquecíveis.

Havia sempre um monte de novidades pra contar uns para os outros, as conversas ocorriam desde o café da manhã até altas horas da noite. Dormíamos num quarto com muitas camas, todas com cortinado (mosquiteiro) para evitar o canto e picadas das muriçocas que infernizavam a “Veneza Brasileira”.

Rua da Aurora, Avenida Conde da Boa Vista, Cinema São Luiz, Mercado São José, Cine Glória, “Mundão” do Arruda, Ilha do Retiro, Teatro Santa Isabel e Dois Irmãos eram pontos dos nossos trajetos. Eu ficava fascinado por assistir em Recife televisão com imagem perfeita, pois naquela época em Natal só tinha a TV Jornal do Comércio de Recife cujo sinal chegava com péssima qualidade – a tela cheia de chuviscos. Toda a família sentava para assistir TV, havia uma cadeira de balanço exclusiva de tio Adauziro. Nos deliciávamos assistindo

“Perdidos no Espaço”, “Repórter Esso”, “Combate”, além dos programas de auditório nos finais de semana: “Noite de Black-Tie” e “Você faz o Show”, este último apresentado por Fernando Castelão.

No final dos anos 1960, a diferença das características urbanas entre Natal e Recife era muito maior que atualmente. Recife era a grande metrópole regional, os pernambucanos se orgulhavam por ser a terceira maior cidade do Brasil. Impressionavam-me o Parque da FECIN (Feira de Comércio e Indústria) onde existiam rodas gigantes enormes e os imensos *outdoors* luminosos, nada disso existia em Natal. Escorreguei e quase caí na escada rolante da loja Vianna Leal, outra novidade. O locutor Ivan Lima todo orgulhoso falava: “Rádio Clube falando de Pernambuco para o mundo!”. Mas, passar férias em Recife não era só conhecer as atrações da cidade grande, era andar pelas pontes, tomar banho na Fosforita de Olinda, disputar peladas na várzea e sair com os pés cheios de *lavra migrans*, era arriscar a vida no trem fantasma, andar em ônibus lotados, começar a paquerar e ter muitas histórias pra contar aos amigos quando voltávamos para Natal.

Meu tio possuía uma Kombi, além da utilização no ramo de comércio varejista de tecidos do qual era especialista e muito atuante, usava a viatura para transportar toda família e mais os sobrinhos que sempre apareciam. Com suas bochechas salientes e quase sempre usando um boné verde do Exército era uma pessoa dinâmica e com forte envolvimento religioso.

Nas nossas primeiras idas a Recife, ficávamos hospedados na casa que era no Bairro de São José bem próximo ao Mercado do mesmo nome e à antiga Rodoviária, na área do “Recife Antigo”. No térreo funcionava a loja de tecidos do tio denominada “Casas Araújo”, cujo público consumidor era preponderantemente pessoas simples e revendedores do interior. Ainda garoto na faixa dos 12 anos de idade, observava curioso as longas negociações e conversas de feirantes vindos de cidades como Serra Talhada, Caruaru, Petrolina, que desciam na antiga Rodoviária e chegavam para comprar retalhos de tecidos.

Na época eu colecionava a “Revista do Esporte” e localizei diversos Sebos com grande fartura de revistas ao lado do Mercado São José, os preços eram convidativos e eu me fartei adquirindo muitas revistas.



207

Na foto ao lado,
Carlos Araújo, Carlos
Sizenando, Roberto e
Fred na Pracinha do
Diário, Recife, 1969

Assistimos “O Fantasma da Ópera” no Cinema São Luiz, em sessão noturna e já tarde da noite quando saímos andando de volta para casa, de repente faltou energia elétrica, estávamos atravessando a ponte Duarte Coelho, cenário típico de filme de terror, apressamos um passo com medo, chegamos correndo na casa dos tios. Outra área de Recife que marcou nossa adolescência foi o Bairro de Cajueiro, lá nossos tios moraram por mais tempo. As ruas eram quase todas sem calçamento e em forma de ladeira que desembocavam numa avenida asfaltada do lado baixo do bairro, lá existia uma parada, ponto final de ônibus. No Bairro do Cajueiro, os amigos dos nossos primos e primas se tornaram nossos novos amigos: Alfredo (Fefedo), Goretti, Isabel e Luzano eram os principais. Em julho de 1967, com toda primarada e mais os amigos vizinhos praticamente lotamos um ônibus no deslocamento até o centro do Recife para assistir um filme bastante aguardado. A atração era “Dr. Jivago”, com Omar Shariff, Julie Christie e Geraldine Chaplin.

Outra grande diversão nossa em Recife era o futebol, além das animadas peladas de rua e partidas mais “sérias” em torneios mais ou menos organizados, tivemos oportunidade de assistir os primeiros

jogos no então novo Estádio do Santa Cruz, o “Mundão do Arruda”. Nos anos 1960 o Náutico tinha um timaço e tivemos a oportunidade de assistir em Recife duas decisões de Taça Brasil de Clubes inesquecíveis. Os destaques do time eram: o goleiro Lula, que posteriormente jogou no Corinthians, o lateral Gena e os irmãos atacantes Nado e Bita. Outro bom jogador era o volante Salomão, que depois jogou no Santos e no Vasco. Numa das finais, o Náutico enfrentou a “academia” do Palmeiras, que tinha Dudu e Ademir da Guia no meio de campo e César “Maluco” no ataque, ao lado de Tupanzinho.

208 (a)
Clayton, Fefedo,
Goreti, Carlos, Julieta,
Fred, Roberto, Leila
e Raquel, em 1968



Em 1969 o Náutico chegou à final da Taça Brasil contra o Cruzeiro de Minas Gerais e participou da Taça Libertadores da América, era a época de ouro de craques como Raul, Dirceu Lopes e Tostão. Estádio da Ilha do Retiro lotado, ficamos na arquibancada bem próximos à trave onde o goleiro Raul iniciava a partida e se destacava dos demais por usar uma camisa amarela, era uma inovação e a torcida o provocava aos berros “Raul, viaaadoo!!!”.

Eu e Carlos normalmente introduzíamos as novidades musicais nacionais e internacionais. Tio Adauziro não gostava muito dessa história de cabeludos, de música barulhenta e sempre dava uns “cortes”

quando estávamos escutando ou falando sobre o tema. Certa vez, ele nos flagrou escutando e cantando uma música e aí foi direto - “Eu não falei pra vocês não ouvirem esse tipo de música!” – os primos ficaram estáticos, mas, mesmo falando baixinho, eu respondi – “mas, tio, preste atenção, trata-se de um cantor que é filho de pastor da Igreja Batista do Rio de Janeiro; é o Gutemberg Guarabira e preste atenção na letra da música: desloquei a agulha da pequena vitrola para a faixa 3 do LP, aumentei um pouco o volume e ele escutou “Deixe a luz do céu entrar” uma versão com toques de religiosidade crítica para *Let the Sunshine In* mega sucesso do filme *Hair*. Ele escutou só alguns segundos, balançou a cabeça – “É, essa pode ser...mas diminua o volume” - Gutemberg Guarabira estava surgindo no cenário musical brasileiro a partir do sucesso no Festival Internacional da Canção.



208 (b)
Cruzeiro de Tostão

A Fazenda Palmeirinha

Eu quero uma casa no campo / Onde eu possa com-
por muitos *rocks* rurais / E tenha somente a certeza /
Dos amigos do peito e nada mais.

(Sá, Rodrix e Guarabira)

Foi a 190 km de Recife, já próximo a Garanhuns, num pequeno povoado chamado Canhotinho que tio Adauziro abandonou a BR, entrou à esquerda e depois de alguns quilômetros em uma estrada de barro estreita, estávamos diante da porteira de sua fazenda. Desci correndo para abri-la, e, enquanto a Kombi BZ 3266 entrava, ali do alto pude contemplar toda a extensão daquelas terras verdes, o gado e os cavalos pastando. Lá embaixo, bem distante, a casa branca e o alpendre nos aguardavam. O blusão que eu usava não dava conta do frio e eu achava bonito “a fumaça” saindo da boca enquanto as pessoas conversavam. Alguns viralatas latindo já corriam em minha direção quando voltei para a Kombi. Ao abrir a porta, a surpresa, o tio já estava no meu lugar e me fez um desafio surpreendente:

– Quero ver se você é macho, agora!

E mandou que eu assumisse o volante. Quando queria ensinar alguma coisa, ele costumava pegar as pessoas de surpresa.

No banco de trás, Fred e os primos Roberto, Carlos Gomes e Clayton, vibraram.

Eu sempre sonhei dirigindo, mas nunca sonhei aprendendo. Mas não teve conversa, ele foi firme me forçando a pegar a direção, enquanto colocava o seu boné do Exército na minha cabeça.

- Está tremendo, rapaz?
- Não, tio. É o frio!
- Parece que não sabe dirigir...
- É o frio, tio!

E lá vai a Kombi pulando enquanto descia aquela ladeira íngreme. Troquei o freio pelo acelerador e nossas cabeças batiam no teto, enquanto eu fazia o possível para desviar das vacas, cavalos e árvores. Os cachorros latiam em disparada. Mais adiante, numa área mais plana, só ouvia os gritos:

- Pare aqui! Pare aqui!
- E a Kombi foi morrendo até parar...
- Aliviado, tio Dá pegou de volta seu boné e a direção.
- Tá bom. Você está “aprovado”, mas a carteira de motorista você vai pegar lá em Natal!
- Foi a minha estreia no volante e mesmo fazendo tudo errado, me senti o próprio Santos Dumont...

Aquele boné fez história. Mesmo sem ter sido militar, o boné do Exército que usava em viagens e o bigode grisalho, lhe conferiam um respeito, que lhe permitia não ser parado na estrada pela Polícia Rodoviária e ainda lhe prestavam continência, para alegria dos sobrininhos. A euforia por estar ali era tanta, que as recomendações para pedir a benção aos tios, dar cinco minutos de atenção a eles, tantas vezes lembradas em casa, eram esquecidas. Com aquela mesma roupa e alguns sacos vazios, já iniciávamos a nossa caminhada mato adentro, em busca de mangaba, araçá, pitanga e pitomba. Voltávamos de nossa trilha ecológica horas depois, com as frutas, muitos arranhões e carrapichos nas pernas. À sombra de uma enorme árvore, alguns cavalos selados já nos esperavam para outra aventura. Mas, cansado de apanhar da Kombi e dos carrapichos, optei pelo que tinha de mais gostoso na fazenda – o caldo de cana. Enquanto o pessoal se afastava

a galope, eu fui até o moedor manual de cana, próximo ao curral. Ali, sem concorrência, eu me fartava.

Nascido e criado em uma capital, eu ficava deslumbrado com a beleza sutil daquela paisagem. O silêncio interrompido pelo som do chocalho das vacas preguiçosas e pelo namoro dos pássaros na copa das árvores num verde e o azul de perder de vista... Coisas tão comuns para quem vivia no campo, mas inesquecíveis para mim. Como podia haver um lugar assim? Não bastava mostrar as fotos, as pessoas tinham que ver com os meus olhos. Isso é que era liberdade! E para perpetuar aquele momento, enchi uma caixa de fósforos com aquela terra e me dei de presente. Um grito distante anunciava que era chegada a hora do almoço. Aos poucos a mesa comprida foi sendo ocupada. Risonha, tia Eva chegou com o peru assado numa travessa, e sentou entre Lêda e Leila. E nos lembrava, que quase todo aquele alimento vinha da hortaliça da própria fazenda, sendo portanto, alimento saudável.

- Amanhã vocês vão conhecer a minha hortaliça!

Do outro lado, Divaldo, ainda tímido, conversava com Lúcia, sob o olhar atento de tio Dá, que da cabeceira da mesa agradecia o alimento com uma oração.

Um passeio à tarde até Canhotinho e Garanhuns era imperdível. As paradas no meio do caminho para curtirmos as paisagens, tomar banho no Rio Jucati, enquanto as primas faziam xixi no mato. A conversa de tio Adauziro com as pessoas simples do campo, suas explicações sensatas para as desigualdades sociais. Na feirinha de artesanato, ele nos reunia todos em torno de uma tenda, para que ouvissemos as explicações do barraqueiro. Empolgado com a plateia, o homem contou um pouco da sua história, de como aprendeu com o pai a esculpir em madeira, exibiu suas mãos calejadas e, orgulhoso, apresentou seu filho menor que deveria dar continuidade ao seu trabalho. Mais adiante, em uma vila estreita, mulheres exibiam orgulhosas os seus produtos. Chapéu e sacola de palha, cesto de cipó, pote, quartinha, panela de barro, colher de pau, caneca, mala de couro,

cuia, alpercatas, espreguiçadeira, penico, foice, pilão, bule, ralo, cabaça d'água, rede de renda, fole para acender o fogo, chifre para guardar pólvora, sela de montaria, lamparina e lampião. E para animar os fregueses, um fole de oito baixos (pé-de-bode), viola nordestina, rabeca e pandeiro.

Mas a nossa curiosidade não se limitava às barracas. Por trás delas, casas de taipa. Da janela de uma delas se via a foto do finado na parede. À porta da casa, o velho contador de causos, sentado no tamborete com chapéu de couro, brigava com o vento que não lhe deixava acender o charuto. O matuto seguia matutando, com a peixeira na cintura e o cesto na cabeça. No meio da rua, crianças criadas na base de rapadura, feijão, paçoca, cuscuz e muita traquinagem, montavam em jumentos com cangalha, brincavam com catavento, baladeira, pião, trator de carretel, cavalinho de talo de carnaúba ou bonequinha de vassoura de palha de carnaúba e cabelo de algodão. Enquanto preguiçosamente, o carro de boi seguia o seu destino. No final da tarde, com o sol já se escondendo entre os eucaliptos à margem da estrada, voltamos para a fazenda rapidamente, para evitar a escuridão no trecho final.

Naquela noite, após o jantar, veio a recomendação de tia Eva:
– Vamos lá meninos, as camas já estão prontas. Vamos dormir cedo para amanhã tirar leite no peito da vaca!

Com a escuridão da noite, caminhar ali só com o auxílio de um lampião e a companhia dos sapos. Da janela via-se apenas as estrelas, muitas estrelas, eu que nunca tinha prestado atenção nelas... A temperatura em baixa estimulava aos poucos o recolhimento das pessoas.

Sobraram Roberto, Clayton, Carlos Gomes, Fred e eu. De algum lugar o rádio tocava baixinho os sucessos da época e, enquanto a noite se arrastava, ria-se muito sobre nada, jogava-se damas, dominó e lia-se jornal sobre a mesa da sala. Sobre as nossas cabeças, a lâmpada acesa atraía os insetos. Quando não dava mais para ler, apagávamos a luz, corriamo para o quarto e fechávamos a porta. Em pouco tempo os insetos nos descobriam e só restava apagar a luz e conversar no escuro

até que ninguém mais me respondesse. Lá fora, somente a conversa dos grilos com os sapos rompia o silêncio da madrugada...

Na casa ou na fazenda dos tios em Pernambuco, vivemos momentos de aprendizado intenso, uma espécie de filial – ou seria a matriz? – de nossa própria casa. Em Recife, se tivesse dinheiro eu ia ao cinema, à praia, ao futebol, se não tivesse eu ia também. Nada nos faltava, mas sobrava carinho, afeto, compreensão, companheirismo e exemplos de união e religiosidade. De volta para casa, muita novidade para contar e a areia guardada na caixinha de fósforos foi repousar no jarro de flores da sala.



209

Carlos, Fred e Roberto
mergulhando no Rio
Jucati, Canhotinho,
Pernambuco, em 1967



210

Adaúziro, Déa, Lúcia,
Divaldo, Lêda, Newton,
Carlos, Clayton, Leila e
familiares, em 1974

Natal Pop

» O primeiro biquíni e as origens do <i>surf</i> nas praias de Natal	363
» A cultura <i>pop</i> dos anos 1960/1970	371
» Os bons tempos da SCBEU	385
» Anos 1960, Natal, Beatles e Rádio Poti	401
» Origens do <i>Rock</i> em Natal	407
» Bandas de <i>Rock</i> que marcaram os anos 1960 e 1970	425
» Reinaldo Azevedo, Banda Anos 60 e Os Grogs	439
» O Colégio Marista e a transição para receber as meninas	445
» Amigos	451
» O crime prescrito	459
» Os embalos no ABC	465
» Lugares e pessoas que marcaram os anos 1960/1970	475
» Causos familiares e outras situações nos anos 1960/1970	483
» Memória fotográfica dos anos 1960/1970	499
» Mar doce mar	503



O primeiro biquíni e as origens do surf nas praias de Natal

Quando essa coisa linda passa
um vento fino toca o mar
parece até cantar
quem vê lhe dá lugar.
(Os Incríveis – Dom e Ravel)

Obiquíni foi inventado pelo estilista francês Louis Réard em 1946 que o batizou em homenagem ao pequeno atol de Bikini, no Pacífico, onde os americanos haviam realizado uma série de testes atômicos. A editora de moda Diana Vreeland (1903-1989) disse que “o biquíni é a invenção mais importante do século XX, depois da bomba atômica”. Anos depois, os brasileiros inverteriam essa ordem. Apesar de toda euforia em torno do novo traje de banho, descrito por um jornal da época como “quatro triângulos de nada”, o biquíni não emplacou logo de cara. Alguns anos se passaram até que vedetes brasileiras como Carmem Verônica e Norma Tamar, passaram a desfilar de biquíni e a juntar multidões nas areias em frente ao Copacabana Palace, no Rio.

Em Natal, quem teve a ousadia de explodir a “bomba atômica” foi Lêda Wanderley que vestiu o primeiro biquíni na então quase deserta Praia da Redinha, no final dos anos 1940. Mesmo com poucos banhistas na Redinha, o alvoroço foi grande e a novidade se propagou pela cidade.

O biquíni dela era muito discreto se comparado com o padrão “Fio Dental” dos anos 1980. Era quase um maiô de duas peças e foi confeccionado por sua mãe, a senhora Casilda Wanderley. Lêda havia visto a novidade no cinema e pediu à mãe para produzir uma peça no mesmo estilo. Nessa época as lojas da cidade não conheciam essa inovação. E ela passou a ser uma espécie de Leila Diniz potiguar.

Lêda Wanderley é de tradicional família natalense – filha do advogado e professor de História Oscar Wanderley, prima do dramaturgo Sandoval Wanderley e sobrinha do saudoso “cacique” Genar Wanderley que comandava os programas de auditório no pique da Era do Rádio dos anos 1950. Ela também é mãe do cantor Gileno (Leno) Wanderley Azevedo, que mais tarde iria introduzir o *Rock* em Natal e explodir na Jovem Guarda. Como pode ser aferido nas encyclopédias musicais do País.



211

Lêda Wanderley e
o primeiro biquíni
natalense, em 1949

Quase uma década depois, na Praia do Meio, os peladeiros – liderados por Ofir Lima – deram um tempo na bola, e os picolés se derreteram, no dia em que surgiram os primeiros biquínis no trecho conhecido como “Ponta do Morcego”. O impacto foi tão grande que as moças foram orientadas pelo delegado e capitão Faustino a se limitarem a tomar banho em frente ao posto salva-vidas sob os olhares mais atentos dos soldados Ildefonso e Galego. Lá da delegacia, que funcionava onde hoje é o Restaurante Chaplin, o delegado acompanhava tudo de binóculo.



212

Arimar Queiróz
(óculos escuros), Lêda
Wanderley, Dione, Zilah e
Wilma, na Redinha, 1949

Filmes como “Maldosamente Ingênuas” (“*Gidget*”, 1959 com James Darren, Sandra Dee, Cliff Robertson) e “Feitiço Havaiano” (“*Blue Hawaii*”, 1961 – Elvis Presley), com temática baseada em “jovens na praia”, repercutiram diretamente na juventude surfista natalense dos anos 1960.



Os garotos que até então deslizavam discretamente nas ondas da Praia do Meio em cavaletes de peito ou tábua (jacaré), passaram a arriscar manobras mais ousadas, posicionando-se em pé sobre as pranchas. Passaram também a construir pranchas maiores e de melhor acabamento, semelhantes às do cinema. Dois grupos se destacaram como pioneiros do *surf* com prancha em Natal. O primeiro era formado por: Luciano Araújo (filho de “seu” João das redes), Carlão, Diógenes e Aderbal. Eles projetaram uma prancha que foi desenvolvida em compensado e isolada com verniz – meio a contragosto – pelo carpinteiro Moisés. A cada onda *surfada*, a enorme e pesada prancha era recolhida e colocada em pé. O menino Waldecir Santiago corria de longe para tirar a rolha e secar a prancha.

O outro grupo era formado por Milton Cruz, Ivanildo, Flávio Alcides, os irmãos Sebastião e Túlio Fernandes, Sandra Elói (primeira surfista natalense) e Ederval do Nascimento e Silva (ex-jogador da

seleção de vôlei do RN e atual professor de tênis de mesa do Colégio das Neves). A madeira utilizada por eles na armação era de pinho, coberta com lona e pincelada com parafina bruta derretida. Sem autonomia, também era dependente de uma rolha para esvaziar. Mais tarde Flávio Alcides importou uma prancha da Austrália que serviu de referência para novos projetos.



213
Elvis Presley em “Feitiço Havaiano”, 1961

A surfista Sandra foi a segunda a possuir um karmanghia por aqui, logo depois de Luzenildo, ambos marrons. Por sinal, Luzenildo, Roberto, Buriti, Amador Lamas, o jovem Rodolfo Pinheiro e outros, chamados *playboys*, foram protagonistas dos famosos “pegas” pelas ruas da cidade.

No final dos anos 1960 todos os umbigos estavam à mostra, sem constrangimentos, nas Praias do Forte e dos Artistas. E o maiô de duas peças se transformou no bisavô das tangas milimétricas.

A partir de então, o tema caiu nas graças do povo. Conta-se que na época, um pai disse a um garotinho que arrastava pela praia a metade superior de um biquíni: “vamos, mostre a papai o lugar *exato* onde você achou isso”.

Tem ainda a história do casal idoso, que ao passar na praia por uma mulher de biquíni rodeada de homens, o marido disse à esposa:

– Eu também não sei o que eles vêm tanto nela... É melhor eu dar uma espiada mais de perto!

O movimento nas praias natalenses nos anos 1960 e 1970

No final dos anos 1960, o trecho da orla natalense entre as Praias do Meio e do Forte tinha características de ocupação interessantes. Pela manhã, a Praia do Forte era frequentada predominantemente pelas famílias e pelos mais bacanas. Local preferido das estudantes da Escola Doméstica. A segurança e calmaria de uma corrente marítima com ondas leves caracterizavam uma enorme piscina de águas mornas. Grupos de pessoas se reuniam para conversar e namorar dentro da super piscina. Muitos estavam atentos à tabela da maré e escolhiam as manhãs onde havia preamar, dessa forma o “tamanho da piscina era maior”. Nadja Nobre, Fátima Galiza, Fátima Germano, Elza Dutra, Juvenal Faria Júnior, Luis Lopes Varela Neto, Carlos Lettieri, Lígia, Maria Antonia, Kátia e Keila Brandão eram frequentadores assíduos da Praia do Forte.

Partindo na direção da Praia do Meio, havia o “Poço do Dentão”, próximo à atual estátua de Iemanjá. Lá, garotos e rapazes vindos de diferentes pontos como Brasília Teimosa, Petrópolis, Tirol e Rocas mergulhavam em eternos desafios e buscando achar o “tesouro dos franceses normandos” que estaria no fundo do Poço. Os normandos foram os primeiros habitantes europeus de Natal.

O engenheiro Yuris Ramalho Cortez era adolescente e freqüentador da Ponta do Morcego na Praia do Meio entre os anos 1960 e 1970. Recorda que lá era o “ponto de encontro de estudantes universitários, pré-vestibulandos e pré-intelectuais”. Essa turma era mais “cabeça”.

Normalmente haviam ido a festas na noite anterior e chegavam já por volta de 11 horas da manhã. “Gostávamos de futebol, mas as peladas ficavam para as tardes de baixa mar na Praia do Forte”. No máximo se arriscava o frescobol, sem maiores entusiasmos. Chico Alves, Joel Adonias, Luis Aquino, Eduardo Furtado “Bonzura”, Caio Dorneles, Aldayr Dantas e Wilson da Matta, faziam parte dessa turma.

Yuris lembra a manhã em que, de repente, o pedaço foi invadido por banhistas vindos da Praia do Forte onde havia o boato sobre um “surto de hepatite”. Faltou espaço para tanta gente e os que chegavam comentavam entre si sobre os cabelos, colares e os biquínis mais ousados das meninas. Era a maior densidade de cabelos *black powers* de Natal. Ele arrisca a afirmar que esse foi o momento exato em que a Praia do Meio passou a ser denominada “Praia dos Artistas”.

Diversas tribos de jovens lá se reuniam. Evanja Barros Pereira era a musa do pedaço. Penha, Rosália, Margarida, Fátima Costa, Fátima Rabello, Hercília, Nadege, Ricardo Curioso, Ricardo Ribeiro, Bira, Fernando Suassuna, Jânio Cardoso, Lindolfo Sales, Wilson Costa, Lindomar, Sérgio Dieb, Alexandre Rocha “Estrela Cega” eram freqüentadores assíduos. Nos anos 1970 um reforço de peso surgiu: Henfil do Pasquim passou a ser o morador mais famoso da Praia.



214

Fred e Carlos com a mãe Déa Rossiter e o irmão caçula Newton na foto clássica em frente ao Hotel dos Reis Magos, 1967

O Hotel dos Reis Magos era ponto obrigatório para fotografia de 11 em cada 10 natalenses

Avião cai na Praia

Na tarde de nove de agosto de 1960, parte da turma estava curtindo *surf* na Praia do Meio, de repente o ronco anormal de um avião B-26 (5151) da FAB com aparente problema técnico. Ele parecia procurar um lugar para aterrissagem emergencial. Rapidamente foi perdendo altura, e, para espanto de todos, se espatifou no mar, a cerca de 300 metros da margem na direção da Praia de Areia Preta.

Rapidamente meu colega Toinho Biquara e diversos outros banhistas caíram n'água e nadaram na direção do avião para tentar salvar os tripulantes. Um jangadeiro que estava pescando na área foi mais rápido e foi o primeiro a chegar. Foi resgatado com vida o sargento da Aeronáutica Otacílio José Santana. Faleceram por afogamento: o Capitão Aviador Adolpho Peixoto de Melo e o 2º Tenente Aviador Carlos Schmidt Filho.

No dia seguinte, o jornaleiro Cambraia (“Olha o Jornatal de Natal!”) que sempre trazia o jornal para papai, chegou especialmente eufórico, anunciando a manchete: “Avião cai no mar e piloto é salvo por jangadeiro”.

– Seu João, o senhor não quer comprar DOIS jornais hoje, não?!

Não era para menos. Lá estava a foto do herói jangadeiro, que era o próprio Cambraia!

A cultura pop dos anos 1960/1970

Quando a lua estiver na 17^a casa / E Júpiter se alinhar com Marte
Então a paz guiará os planetas / E o amor comandará as estrelas
Esse é o amanhecer da era de Aquário.
(Trecho da música “Aquarius”)

Entre os anos 1950 e 1970, o mundo do pós-guerra, capitalista e comunista, era governado por uma gerontocracia em maior medida que nos anos anteriores (De Gaulle, Franco, Churchill, Kruschev, Tito, Mao, entre outros). Em meados dos anos 1960 com a economia em aquecimento, ocorreu um crescimento significativo no número de jovens estudando em Universidades, especialmente nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França. O amadurecimento cultural adquirido por esses jovens em contato com professores – quase sempre de visão mais aberta no sentido da luta por direitos civis e humanos para as minorias – viria a ser a base para a evolução de uma postura mais crítica em relação às atitudes autoritárias conservadoras de pais e de governantes. Essa geração toda nasceu na explosão demográfica após o término da II Guerra, eram os chamados *baby-boomers*.

O novo estilo independente dos jovens e uma série de outros fatores proporcionaram o crescimento da admiração por líderes políticos mais jovens como Fidel Castro, Che Guevara, Martin Luther King,

Alexander Dubcek e Robert Kennedy. O fato de parcela desses jovens universitários já terem acesso a alguma renda própria, tornou-os ainda mais independentes.

As origens do *Rock and Roll* estão ligadas a um estilo de música afroamericana. A voz rouca e as vocalizações de chamado-e-resposta são características de trabalhadores negros no cultivo do algodão e posteriormente nos cânticos dos corais de igrejas protestantes americanas. Esses cânticos foram intelligentemente estimulados pelos pastores que perceberam a grande identificação que havia. Esse estilo denominado Gospel (*God + spell*, ou fala de Deus) sofreria alterações por influência branca do *Country*, da *folk music* e também do *Blues* para chegar aos primeiros passos do *Rock* que conhecemos.

O ritmo quente, dançante e sensual do *Rock*, originalmente apresentado por cantores negros residentes nas periferias, como Little Richard – debochado, homossexual e lavador de pratos de uma estação rodoviária – se enquadrou perfeitamente no cenário existente. E assim surge de forma impactante um novo estilo que rompe com tudo que existia em termos de música popular.

Os filmes com James Dean & Marlon Brando, os primeiros sucessos radiofônicos de Bill Halley, Chuck Berry e Elvis Presley proporcionaram a introdução em nível mundial de um estilo – não só musical- que tinha tudo a ver com os jovens. Os irmãos Cely e Tony Campello juntamente com Sérgio Murilo e Carlos Gonzaga foram os destaques no início do *Rock* no Brasil. “Estúpido Cupido” e “Banho de Lua” são versões ingênuas, juvenis, mas são referências populares marcantes que deram início à mudança do ritmo no cenário musical brasileiro.

Como uma evolução e até oposição ao *rock* juvenil e inocente da década de 1950, começaram a surgir nos Estados Unidos artistas, especialmente universitários, mais preocupados em passar mensagens importantes através da música. Com base na música *folk* e tocando em

bares surgiam artistas como Bob Dylan e Joan Baez, que em muito breve viriam a mudar o rosto do *rock*. O movimento intelectual chamado de *Beatnik* foi de grande importância na formação deste novo estilo

A situação econômica favorável leva ao crescimento da venda de LP's e compactos para jovens. De repente, os jovens brancos passaram a ter grande interesse pela música predominantemente cantada por negros. No início dos anos 1950, o DJ Alan Freed conseguiu reunir uma plateia de 25 mil brancos em Cleveland (EUA) que tentavam entrar num local com capacidade para 10 mil pessoas para assistir um *show* que trazia praticamente só artistas negros de *rock and roll*. Já no final dos anos 1960, o lema “Faça Amor Não Faça a Guerra” deixa de ser apenas uma referência de postura política para ser também um grande argumento de consumo. O coronel Parker que depois seria o empresário de *Elvis Presley* havia dito profeticamente: “O dia em que eu achar um branco que cante como negro ficarei rico”. Protestos dos jovens americanos contra a Guerra do Vietnam se difundem no mundo todo, ao mesmo tempo surgem os *hippies* e a minissaia. Isso tudo coincide com um período de grandes contradições onde a explosão demográfica passa a conviver com a descoberta da pílula anticoncepcional. A luta pela paz convive com a guerra e a opressão.

O enredo do musical *Hair* aborda a cultura hippie, a liberação das drogas com música, paz e amor. Segue a trajetória de um grupo de *hippies* politicamente ativos, em sua luta contra o recrutamento militar no período da Guerra do Vietnam. Isso tudo rola na “Era de Aquário” (que teria começado em fevereiro de 1962). No Brasil as faces dessa Era apareceram em São Paulo, no palco do Teatro Aquarius, mais tarde Teatro Zaccaro, no Bairro do Bixiga. Os militares encravaram com a versão brasileira devido ao fato dos atores aparecerem como vieram ao mundo em algumas partes da peça. Depois de muito negociar, os censuradores concordaram que a nudez seria mostrada apenas uma única vez, em uma cena com apenas um minuto de duração e na qual os atores deveriam permanecer absolutamente imóveis, é aí que

surge a nossa Sônia Braga. A versão cinematográfica de *Hair*, já nos anos 1970, consolidou e popularizou o hino da nova era: a música *Aquarius* com o grupo *5th Dimension*. A letra da música demonstra claramente a meta iluminista de uma utopia ocultista na qual a guerra seria eliminada e a igualdade prevaleceria.

O período de 1964 a 1973 a produção musical *pop* no Brasil e em países como EUA, Inglaterra e Itália, alcançou um nível de criatividade excepcional. Corresponde à consolidação do mercado consumidor jovem. Fase de ouro de Roberto Carlos, dos Beatles, dos Stones, de Hendrix, do Tropicalismo e de Chico Buarque.

No Brasil, os intelectuais ligados à bossa nova e à MPB tradicional reagiram com discriminação ao modernismo dos jovens. Em apenas três anos de existência (1965 a 1968), a Jovem Guarda contagiou a juventude brasileira que cantava as versões musicais antes mesmo de conhecer os originais da “Invasão Britânica”. Os discos de Roberto Carlos e sua turma eram vendidos em quantidades superiores aos LPs dos vozeirões da MPB. A irritação foi maior ainda quando Caetano, Gil, Beat Boys e os Mutantes introduziram de vez o som profano das guitarras no templo maior da MPB “Séria” – o Teatro Record. “Alegria Alegria” se transformou num dos hinos da geração e abriu caminho para o sucesso do Tropicalismo.

A juventude de Natal nos anos 1960/1970

Não seja quadradão / É melhor se mancar /
e do meu cabelão deixe de reparar.

(Cabelos Longos Ideias Curtas, Brazilian Bitles, 1968)

Nos anos 1960, Natal ainda era provinciana, só tinha dois hotéis conhecidos: o Reis Magos e o Grande Hotel, este remanescente da II Guerra Mundial, nenhum deles possuía ar condicionado. Turismo ainda era uma palavra desconhecida na cidade.

Antes dos Beatles, a novidade por aqui já era Elvis Presley e as sessões do Cinema Rio Grande eram concorridíssimas, especialmente as meninas eram fanáticas pelo Rei do Rock. A diretora do Atheneu professora Angélica Moura colocava inspetoras de plantão na bilheteria do Rio Grande para barrar e levar de volta ao Colégio as alunas fardadas que gazeavam aulas.

No dia 25 de abril de 1965 os jovens e adultos natalenses compareceram à Praça Pedro Velho para assistir *show acrobático* da Simca Chambord. Esse era um dos carros dos sonhos dos *playboys* tupiniquins. *Playboys* eram os jovens menores de 18 anos de famílias mais abastardas, que já dirigiam carro e faziam pegas nas ruas da cidade, especialmente na “pista” da Avenida Hermes da Fonseca e no “Barródromo” de Capim Macio.

A maioria dos jovens natalenses sabia alguma coisa sobre a Guerra do Vietnam, mas, devido à censura, não tinham conhecimento do que acontecia no nosso quintal. A influência inicial dos Beatles e da Jovem Guarda se deu na absorção em massa de um novo estilo musical totalmente distinto dos adultos e no surgimento de bandas de *Rock*. Também o visual dos *Fab Four* e da JG passou a ser gradativamente adotado pela juventude. Na sequência o “Pasquim” passou a ser leitura

cotidiana e foram assumidos visuais ainda mais “provocativos” como cabelos ainda mais longos, *black powers*, calças *Lee* ultra desbotadas moldadas no corpo com boca de sino, camisetas baratas coloridas, chinelos, costeletas, anéis, pulseiras e botas.

A reação dos mais conservadores era do tipo: “onde você comprou essa camisa, tinha pra homem?”.



215
Afonso Lima, Luiz
Magnuz Cardoso,
Eustáchio e Roberto:
Vândalos com visual dos
Beatles, em 1969

O filme “A Primeira Noite de um Homem (*The Graduate*) exibido no Cinema Nordeste em 1969, provocou boa repercussão entre os estudantes que se identificavam com a figura de Benjamin Braddock (Dusty Hoffman) e com as músicas *pop* de Simon & Garfunkel que substituíam a tradicional trilha sonora orquestral.

Um grupo formado por Moacy Cirne, Daylor Varela, Nei Leandro, Jarbas Martins, Falves Silva e Anchieta Fernandes introduziu a vanguarda

do poema processo uma novidade lançada nos anos 1960 aqui e no Rio de Janeiro. Conforme Cirne “o poema processo é um poema sem poesia que exclui a informação estética”. Os chamados poetas visuais utilizavam recursos gráficos, montagens de fotografias e recortes, nas exposições que ocorriam principalmente no Ginásio do SESC.

De repente, eu e Carlos nos sentimos também artistas e começamos a fazer em casa montagens psicodélicas com recortes de revistas. Daí, partimos para montagens de protesto.



216

Wilson Carvalho e os autores do livro em foto de 1972



217

Cabelos e calças dos anos “Paz e amor”, Isaú Gerino e Ewerton Gurgel, 1972

218

A indumentária da JG nos jovens natalenses em 1970. Fátima Arruda (esquerda), amigas e a turma dos “Vândalos”



219

Carlos Sizenando,
Sílvio Roberto e Irani
Nunes Carlos. *Hippies*
natalenses?



Os adolescentes de Natal passaram a se reunir nos “Assustados” onde os compactos simples, compactos duplos e LPs rolavam em pequenas vitrolas. Cada um levava alguma bebida, cuba livre era o quente, salgadinhos eram raros. Era um sucesso: tudo muito simples, o *dancing* improvisado era na sala principal ou no terraço da frente da casa de alguém. Nem sempre o espaço era adequado, os dançarinos mais descontrolados batiam no braço da agulha e atrapalhavam a fluidez normal das músicas e o romantismo dos casais. Sempre havia um violão para o final da noite, mas quem se atrevesse a tocar músicas de Altemar

378

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Dutra, Nelson Gonçalves ou Miltinho era logo taxado de “quadrado”. Ler “Manchete” ou “O Cruzeiro” passou a ser coisa de conservador, o quente era ler a “Revista Realidade”, criada em 1966 com reportagens ousadas em forma e conteúdo incluindo abordagens de questões sociais polêmicas. O mito da objetividade não existia na nova revista: cada reportagem era detalhada como se fosse resultado de uma pesquisa.

Em 1967 aproveitando férias em Recife, comprei o compacto duplo dos Beatles com *All you need is Love*, *Penny Lane*, *Strawberry Fields Forever* e *I am the Walrus* e Carlos descobriu a novidade “A Distância” versão do original inglês “Oriental Sadness” (*Hollies*) com os Brasas. Esses discos ainda não eram conhecidos em Natal e a novidade que levamos pras festinhas, nos tornou bastante requisitados “venha e traga aquele disco novo dos Beatles”.

Os melhores Assustados ocorriam na Rua Jaguarari, região com maior densidade de garotas por metro quadrado de Natal. José Martins Fernandes Neto (Zezinho), Juarez Chagas, Edmílson Oscar “Manga Rosa”, Eliane Lima e Nilton Gomes de Souza (Popeye) eram presenças constantes nas movimentadas noitadas.

Liana Melo teve grandes dificuldades para ser liberada a usar minissaia, seus pais só autorizaram a ida dela a uma festa de 15 anos com uma condição: ela não poderia sentar nenhuma vez. Foi difícil segurar três horas em pé, mas valeu a pena.

A música efetivamente fazia parte do cotidiano dos jovens em Natal, os sucessos eram lançados no programa “Jovem Guarda” na Rádio Poti. Na Cabugi tinha “Bar da Noite” com C. Alberto. O futebol vivia seus últimos anos de Estádio Juvenal Lamartine com o baixinho Erivan como goleiro do ABC, Pancinha era o goleador do América. O folclórico José Ari era locutor esportivo da Rádio Poti e João Machado comentava as conversas do Grande Ponto em seu “Curruchiado” na Rádio Cabugi.

Festivais de Música Popular em Natal

O amor brinca de roda de ciranda cirandar.

(Trecho de música de Roberto Lima)

O Palácio dos Esportes lotado era o palco de acirradas disputas nos jogos estudantis, “é roda é roda de pneu, arranja outro time pra jogar com o Atheneu” gritava a torcida enquanto as irmãs Kátia e Keila Brandão da ED arrasavam no basquete. Ferdinando Teixeira era um jovem treinador que surgia e se diferenciava pelos gritos na quadra e resultados obtidos. Alguns atletas que se destacaram nos Jogos Estudantis entre 1967 e 1973: Quincas, Roberto Felinto, Fabrício, Tales Vilar, Sérgio Aguiar, Jurema Tinoco, Virgínia Dantas, Vera (basquete), Leonel Leite (futsal), Maria Antônia Melo (vôlei). Mas o ginásio da Praça seria também o palco de outras grandes atrações.

O Teatro Alberto Maranhão, o SESC e principalmente o Palácio dos Esportes nos anos 1960 sediaram festivais musicais que surgiram a reboque do sucesso dos realizados pela TV Record, igualmente com grande participação da plateia: torcendo, cantando, aplaudindo e vaiando. O compositor e cantor Roberto Lima sempre se destacava e foi vencedor de diversos festivais de MPB em Natal, evoluindo sua participação para eventos regionais e internacionais. Ele era acompanhado musicalmente por seus irmãos e irmãs. Em 1968 o 1º Festival Natalense da Canção Popular organizado pela Prefeitura de Natal, teve as seguintes quatro músicas finalistas: “Rosa Inteira num Pedaço de Noite”, de Nadja Maria, “Festa do Padroeiro”, de Mirabeau Dantas e Jônio de Freitas, “O Botão e a Rosa”, de Arnaud Barros, cantada por Roberto Lima e “Canção das Cantigas da Minha Terra”, de Roberto Lima.

No Festival do Guriatã organizado pelo Diário de Natal, The Funtos ganharam os dois primeiros lugares com *Homo Sapiens*, de

Napoleão Veras e “Missa Biológica”, de Carlos Gurgel e Luiz Neto. Na sequência de classificação: “Aruanda”, de Iaperí Araújo, “Tecê Criança”, de Rubens Góis e “Festa da Apresentação”, de Roberto Lima e Heitor Varela. Mirabeau Dantas, bem ao estilo protesto da época, leu um manifesto e retirou sua música “Tô é Muito da Neurótica”. Adriomaria foi escolhida a melhor intérprete do Festival.



Na edição posterior do Festival, já no Palácio dos Esportes, a grande novidade foi a composição vencedora “Quero Talvez uma Nêga”, de Ivanildo Cortez e Napoleão Sousa Paiva. A presença da banda Impacto Cinco, da cantora Terezinha de Jesus e o *happening* do jovem neo-poeta Carlos Gurgel (desbunde total) e de Carlos Roberto (Piru) proporcionaram grande participação da plateia, especialmente estudantes dos Colégios: Marista e Atheneu. Era o *Woodstock* papagérum. De ciranda em ciranda, Roberto Lima evoluiu com sucesso para eventos nacionais e internacionais. Destaque para a participação nos festivais da TV Jornal do Comércio, de Recife e da TV Excelsior, do Rio. O IV Festival Internacional da Canção consolidou seu nome, superando diversos compositores de renome nacional. Foi disputado

por gravadoras e participou de diversos LPs: “Canção para Natal”, “Reencontro” (patrocinado pelo governo Cortez Pereira e capa com foto da Praia de Areia Preta), “Cancioneiro Potiguar”, “Floração” (capa desenhada por Dorian Gray Caldas), “Bambelô” e “Cantos do Mar”.

Dentre inúmeros sucessos de Roberto Lima, destaque para “Cavaco Chinês”, “Caixa de Fósforos” uma homenagem ao cantor Ciro Monteiro e “A Semana”.

Incansável, enveredou também pela música sacra com incentivo de Ariano Suassuna, da UFPE e da CNBB. Dom Nivaldo Monte gostou do ritmo “Novos Baianos” implementado por Roberto e permitiu que o Impacto Cinco o acompanhasse com guitarras nas missas da antiga Catedral. Os fiéis, especialmente os jovens, aprovaram a ideia, em especial a adaptação musical feita para um poema de Palmira Wanderley. Em tempos de CD, Lima gravou uma música em homenagem ao sanfoneiro Zé Menininho.

Em 1971 foi realizado no TAM *show* benéfico organizado pela Associação Cristã Feminina denominado “PS: Sem Discriminação” Os Vândalos cantaram Beatles e acompanharam Tereza Maciel, Roberto Lima, Ceres Barbalho e Heitor Varella Filho em diferentes estilos da MPB.

220

Bruno, Afonso,
Tereza Maciel,
Ceres Barbalho e
Heitor Varella Filho
no TAM, 1971



A televisão passou a entrar na rotina diária da juventude natalense na segunda metade dos anos 1960. Acompanhamos a briga entre o “Iê Iê Iê” e a “MPB” refletidos na guerra do IBOPE envolvendo “Fino da Bossa” x “Jovem Guarda”, nem mesmo o reforço de Miéle e Ronaldo Bôscoli – convocados às pressas para assumir a direção musical – conseguiu reverter a queda de audiência do “Fino” comandado por Elis Regina.

Em um programa anual de TV denominado “Show do dia 7” reunindo astros e estrelas de todas as tendências, Roberto Carlos cantou com Elizete Cardoso e provocou enorme euforia na plateia. Elis Regina se apresentou a seguir e, irritada após sentir a plateia apática, interrompeu a música enfatizando os versos “quero ver quem vai sair/ quero ver quem vai ficar” e com o dedo em riste mandou uma mensagem ameaçadora aos seus “adversários”. Elis chegou a comandar uma passeata no Rio em protesto contra a entrada da guitarra elétrica na MPB, muitíssimo constrangido Gilberto Gil participou apenas do início da caminhada e Chico Buarque teve a mesma postura.

Na mesma linha da guerra existente no sudeste contra a introdução da guitarra na MPB e contra o *rock* importado, em Natal o jornalista e radialista Rubens Lemos comandava seu programa nacionalista radical de rádio com samba e MPB da velha guarda “auténtica e das raízes, sem influências do imperialismo angloamericano” como dizia. Pixinguinha era o astro principal que envolvia também Noel Rosa, Ciro Monteiro, Chiquinha Gonzaga, Sílvio Caldas, Ataulfo Alves. Figuras como Benito de Paula, eram rechaçadas veementemente, imaginem os cabeludos da Jovem Guarda... nem eram citados.

Certa ocasião, Lemos – distraído – recebeu pedido para divulgação de um novo disco que julgava ser dentro de sua linha musical – anunciou no ar e mandou soltar o som. O cantor era Bobby Di Carlo e a música “O Tijolinho”. Quando a música começou a tocar, ele gritou “pára! pára!” e irado jogou o disco na parede quebrando-o em pedaços.

221

Impacto Cinco
sendo anunciado
como vencedor do
Festival dos Festivais



A terceira importante frente musical radiofônica natalense surgiu na forma de vanguarda entre o final dos anos 1960 e início dos 1970: Programa na Rádio Rural denominado “Música e Diálogo” depois chamado *Sui Gêneris* comandado por Dailor Varela e Rejane Cardoso. Rejane acabara de voltar das barricadas parisienses contra o general De Gaule em 1968 e o Tropicalismo era a linha mestra do programa. Músicas como *Panis et Circences*, e “Tropicália” eram rodadas e comentadas didaticamente. Exposições de poemas processo, lançamentos de livros e reuniões culturais de vanguarda eram divulgadas. Mutantes, Caetano, Gil, Tom Zé e Cia. eram as atrações do pedaço.

222

Imagen do Festival
Universitário no TAM:
Mário Henrique,
Fernando Botelho,
Chico Luiz, Carlos
Castim, João Rabelo e
Reinaldo Azevedo



384

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Os bons tempos da SCBEU

*Hello darkness, my old friend, I've come to talk with you again,
Because a vision softly creeping, Left its seeds while I was sleeping,
And the vision that was planted in my brain, Still remains, within
the sound of silence.*

(Música *Sounds of Silence*, Simon & Garfunkel)

ASociedade Cultural Brasil-Estados Unidos (SCBEU), a primeira escola estruturada de inglês de Natal, foi criada em 1957. A localização da SCBEU era privilegiada e ocupava enorme terreno até então utilizado como área do “Adido Cultural dos EUA”, no Bairro de Petrópolis. A maior parte dos equipamentos e material da Escola foi doada pelo governo americano. Os primeiros diretores eram americanos e tinham mandato de dois anos. Em tempos de Guerra Fria, comentava-se entre os estudantes, que John Ewing, o primeiro diretor da Escola, era vinculado ao Serviço de Informações dos EUA. Foram seus sucessores: Robert Lindquist, William Hauseman e Douglas Rose.

No cenário local do início dos anos 1960, o governador Aluízio Alves tentava obter ajuda internacional para o RN e articulava uma espécie de “ponte de amizade” com o governo Kennedy. Aluízio era um governador muito popular, inovador, proativo e “confiável” para os

americanos dentro dos padrões existentes, onde o referencial oposto eram os esquerdistas Miguel Arraes, em Pernambuco e Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul.

223

Alunos da SCBEU,
em frente ao setor de
aulas à Rua Joaquim

Manoel, 1970



Em 1965 a inauguração da Praça Kennedy, no centro da cidade, e do Instituto Kennedy contaram com a presença do senador Robert (Bobby) Kennedy, irmão de John Kennedy. O governador Aluízio Alves havia convidado o presidente JFK, mas o mesmo foi assassinado em 1963. A chegada de Bobby Kennedy no Aeroporto Augusto Severo em Natal foi apoteótica. Guardando as proporções, o entusiasmo, segundo Luis Porpino, lembrava a chegada dos Beatles nos EUA. A comitiva americana visitou rapidamente a SCBEU. Nesse período havia intensa propaganda americana contra o comunismo e especialmente contra a revolução cubana. Na SCBEU eram distribuídas revistas em quadrinhos sobre o tema. Na cidade, passou a ocorrer distribuição de leite em pó doado pelos americanos através do Programa “Aliança para Progresso”.

A Aliança aplicou recursos em diversas frentes no RN. Entre outros podem ser citados: a construção do conjunto habitacional “Cidade da Esperança”, a vinda do navio Hospital *Hope*, o Serviço Coorporativo de Educação do Rio Grande do Norte e o Convênio SUDENE/USAID para Formação de Professores na área de Matemática.

Todo esse cenário e mais a explosão mundial do *Rock anglonorte* americano serviam para o aumento do interesse pelo aprendizado da língua inglesa na cidade.

Foram professores da SCBEU, entre muitos outros: Lúcio Brandão, José Melquíades, Protásio Melo, Severina, Eládio L'Eraistre Monteiro, Luciano, Floripes, João Batista, Carlos Fernandes, Fiúza, Cristina, Marília, Judy (*Hey Jude – americana*), Petit das Virgens, Ana Lúcia China Barreto e o amigo Juarez Chagas, que chegou a ser diretor da sociedade, já em meados dos anos 1970.

No início dos anos 1970, o almirante Tertius Rebello, ex-vice-prefeito de Natal foi diretor da SCBEU. Sua posse foi muito festiva e contou com a presença do embaixador americano Lincoln Gordon e do governador Cortez Pereira.



224

Embaixador americano Lincoln Gordon, com diretor da SCBEU Tertius Rebello, 1970

A SCBEU foi um referencial nos anos 1960 e 1970 para toda nossa geração em Natal. Tinha características ambientais e organizacionais que davam um ar de Estados Unidos dentro da nossa cidade. O laboratório de línguas da SCBEU, importado dos *States*, era um diferencial na época.

Nem sempre havia disposição dos alunos para dobrar a língua e caprichar na pronúncia exigida pelo mestre em fonética, o excelente professor Protásio Melo. Mas o ambiente era um dos *points* preferidos da moçada.

A SCBEU era o melhor local para se conhecer e curtir um LP novo de uma banda de *Rock* americana ou inglesa.

A exibição do filme especial sobre a chegada dos astronautas americanos M. Collins, Eldwin Aldrin e Neil Armstrong à lua no final dos anos 1960 foi sucesso na SCBEU. O filme rolou antes de uma festa do tipo *Halloween* que era grande novidade para os estudantes natalenses. Essa película foi posteriormente exibida na Praça Pedro Velho e chamou a atenção de uma multidão, conforme ilustra fotografia exibida ao lado.



225 (a)



225 (b)
Alunos da SCBEU
assistindo filme da
Apolo 11, 1969

Eram alunos da SCBEU nos anos 1960/1970: Alexandre Lara Menezes, Agnelo Alves Filho, Ana Valcácia, Adriana Soares Cunha, Arnaud, Carlos Alberto Nicoletti, Carlos José Cavalcanti, Clemente Carvalho, Ceiça Pinheiro Daniel, Djalma Marinho Pereira, César Farias, Clécio Godeiro, Émerson Aguiar, Émerson Daniel, Ezequiel Rebouças Júnior, os irmãos Dore, Fábio Vieira, Francisco Maia, Ismar Paiva, Roberto, Renata e Marcos Klemig, Jaime Mariz, Juarez Bilro de Andrade, João Maria Alencar, João Maria Monte, Joel Adonias Neto, Jorge Lira, José Ariston Neto, Márcio (filho da professora Severina), Mariluce, Milton da Costa Cirne, Soledade Fernandes, Paulo Herônio, Yuris Cortez, Roberto Galvão, Petit das Virgens, Vivaldo Pinheiro, Zivanilson Teixeira e Zwinglio Costa. Todos esses estudaram em livros como: *Life with the Taylors* e *English 900*.

226

Estudante Gutembergue Soares em frente ao módulo superior da SCBEU, 1970
(Foto do acervo de Gutembergue Soares)



Já era final dos anos 1960 quando Ediléa, Vladna e Rosângela Porto, chegaram dos Estados Unidos para morar na nossa rua, filhas do militar da Aeronáutica Paulo Porto e de dona Lourdinha. Com elas um grande acervo de LPs importados e nós nos reuníamos para escutar as novidades. João Benévolo (hoje médico) era um assíduo. Foi com elas que escutamos pela primeira vez o LP original americano de Simon & Garfunkel e especialmente as músicas *Mrs. Robinson*, *El Condor Pasa* e *Sounds of Silence*, ficamos extasiados pelas músicas, simplesmente espetaculares.

Levamos a novidade à SCBEU. Lá o LP fez um sucesso enorme. Eu, Carlos, Juarez Chagas, Milton da Costa Cirne, Jorge Lira, Fátima Arruda, Lúcio Flávio, Vladna, Rosângela, Joana D'Arc (Darquinha) passamos a escutar repetidas vezes as músicas e discutir a tradução, dai todo mundo cantava. Quem passava por perto, parava pra acompanhar a curtição. As dúvidas no inglês eram tiradas com o professor Protásio.

Cada um procurava levar um lançamento musical em inglês para os encontros de fim de tarde, entrando pela noite. O imenso e belo visual do Oceano Atlântico servia como um pano de fundo poético.

Um disco muito debatido foi o da ópera *rock* “Tommy” da banda *The Who*. Nesse caso, a discussão foi bem mais complexa e envolvia toda a sequência das músicas que formavam o enredo da obra. Definitivamente, o *Rock* foi fator motivador no aprendizado da língua inglesa para nossa geração.

Um fato pitoresco aconteceu quando um pintor estava colocando as letras de “Sociedade Cultural Brasil Estados Unidos” na parede branca que ficava do lado da Avenida Getúlio Vargas. O pintor era muito bom, mas tinha dois defeitos: era analfabeto e cachaceiro. Certa tarde ele simplesmente resolveu sair mais cedo para tomar umas biritas e deixou o texto incompleto. Ao chegar à SCBEU o diretor Lúcio Brandão foi examinar o andamento do serviço e ficou desesperado: estava pintado na parede apenas “Sociedade Cu”. Pra complicar ainda mais a situação Juarez ainda alfinetou “... e se Erivanaldo Galvão souber disso vai espalhar a gozação junto com a turma do Yázigi...” Lúcio ficou louco e tratou correndo de conseguir uma lona para cobrir a parede evitando maiores repercuções.

Em sua fase áurea, a SCBEU chegou a contar com 1.900 alunos.



227

Festa Baile na
SCBEU, 1968

228

Adriana Cunha,
Roberto, Juarez,
Abmael, Zwinglio,
Tales e Turma, 1973



229 (a)



229 (b)

Cinema ao ar livre e
bandeira dos
EUA na SCBEU



392

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



230

Logo que voltou do
intercâmbio nos EUA,
Marília Bezerra, na foto
com o irmão Laércio,
passou a dar aulas na
SCBEU, 1970



231

Fernando Suassuna,
Juarez e Carlos, 1970



232

Alunos da Turma
1973, SCBEU

233

Tênis de Mesa
disputado entre
alunos, 1969



234 (a)



234 (b)

Fotos da
SCBEU, em 1973



394

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



235

Protásio Melo, Wilson da Matta, Juarez, Paulo Varela e outros assistem palestra da professora e escritora americana Maria Hauptmann, 1973



236 (a)



236 (b)

Posse do Almirante Tertius Rebello como Diretor da SCBEU

Alunos e professores
da SCBEU em 1974,
Turma do professor
Juarez Chagas



Todas as fotos contidas no texto sobre a SCBEU, a exceção de duas, são do acervo do professor Juarez Chagas.

Pen Friends

Oh, yes, wait a minute, mr. postman.

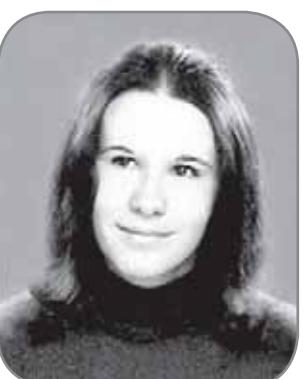
(Lennon e McCartney)

Exatamente como cantavam os Beatles em *Please, Mr. Postman*, uma maneira agradável de praticar a leitura e escrita da língua inglesa no final dos anos 1960 até início dos 1970, era através de troca de correspondências com jovens de outros países. Na SCBEU, especialmente, tínhamos acesso a um banco de nomes e endereços de estudantes de diversos países interessadas em fazer amizade com brasileiros.

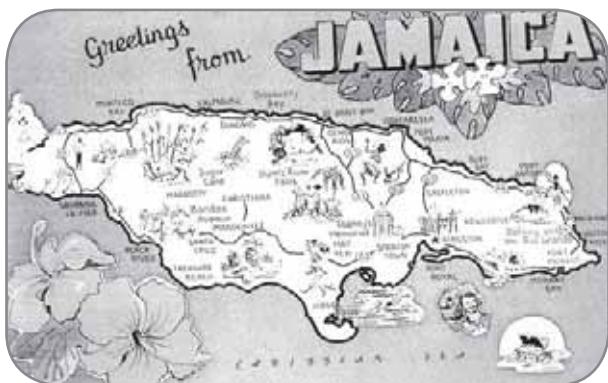
Eu, Carlos, Juarez, Jorge Lira, Fernando Suassuna e outros colegas, mantivemos, durante alguns anos, troca de correspondências com mais de duas dezenas de estudantes da França, EUA, Inglaterra, Jamaica, Alemanha, Holanda, Itália, Bélgica, África do Sul, Suíça e Nova Zelândia. Como ainda não havia Internet, essa era uma forma ingênua e prazerosa de fazer novas amizades, curtir experiência

diferente e conhecer mais sobre outros países. Lembro da intensificação da troca de recortes de revistas e jornais na época da Copa do Mundo de 1970. Meu avô, Carlos Rossiter, gostava de ver os postais e fotos que eu recebia, especialmente os da Inglaterra. Papai retirava todos os selos dos envelopes para dar ao sobrinho Heider Pinheiro Moura, aficionado filatelista.

Boas lembranças de Michelle, Eileen, Simone, Jennifer, Gisela, Eva, Marie, Sandra, Martha, Laura Mason e outras amigas que há muito tempo perdemos contato.







To Fred,
from Michelle xxx
April 1970.

Anos 1960, Natal, Beatles e Rádio Poti

Will you still need me
will you still feed me
when I'm sixty-four?
(Lennon e McCartney)

No início dos anos 1960, minha família passou a residir na Avenida Afonso Pena, exatamente em frente à antiga sede social do ABC F. C. (atual CCAB Norte). Através das peladas de rua, das trocas de figurinhas e gibis, logo o entrosamento foi garantido com os meninos e meninas da vizinhança. Era o tempo das tanajuras espetadas pelo rabo, dos “lacerdinhas” nos pés de ficus que nos atazanavam os olhos, dos mergulhos no “Poço do Dentão”, das séries do Cinema Rex, de Elvis Presley no Rio Grande, do *drops Dulcora*, do Papa-Fila, do radicalismo entre aluizistas e dinartistas.

Hamilton Santiago, o rigoroso diretor social do ABC, vivia às turras com a nossa turma de meninos, que a todo custo conseguia penetrar furtivamente para assistir às sessões de cinema, apesar de nossos pais não serem sócios do Clube. Após os filmes, ainda ocorriam pequenas apresentações artísticas, com destaque para José Bezerra Marinho e Sérgio Macaco fazendo dublagens de Jerry Lewis, *The Platters* e de José Vasconcelos. Confeitos e chocolates eram lançados em grande quantidade e disputados pela meninada. Gerusa, Anísio Barreto e Luiz Varela Neto eram sócios e assíduos frequentadores do ABC.

Ovídio Costa Neto era o nosso “rebelde sem causa” – sempre arranjando confusão – líder e maior articulador das diferentes estratégias de acesso ao cinema no ABC. Nos períodos próximos aos festejos de São João, para ira e desespero de Hamilton, Costa Neto explodia bombas dentro da sala de projeção de filmes do ABC.

As revistas HQ, principalmente as da Editora EBAL, eram adquiridas na Agência Pernambucana de seu Luis Romão, na Ribeira, ou então no Sebo de Cazuza. Cazuza era José Fidelis Coutinho, ex-feirante do Mercado de Agnelo. Ele havia perdido tudo que tinha quando o mercado central pegou fogo e recomeçara como ambulante na Rua Ulisses Caldas, bem perto do cruzamento com a Avenida Rio Branco. Era um sujeito magro, cordial, tímido, meio sarará, com um alto grau de miopia, sempre estava sentado num tamborete e precisava encostar as revistas nos óculos para conseguir ler alguma coisa. Foi no Sebo de Cazuza que comprei o primeiro número da “Revista Saci Pererê”, criação de Ziraldo que representou a transição dos musculosos heróis americanos para os raquíticos heróis tupiniquins.

Nos períodos de chuva, uma imensa lagoa se formava a partir da Rua Seridó, dobrava a Afonso Pena, passando pelo cruzamento com Rua Potengi e chegando à Rua Trairi. Era uma festa! Ficávamos ricoteteando pedras na superfície da lagoa, à noite o chocalhar dos sapos completava o cenário bucólico que marcou nossa infância.

Nas conversas noturnas sobre futebol, nossa maior preocupação era o boato, inventado por sacanagem pelo colega Marconi Barreto, de que o goleiro Erivan e o ponta esquerda Burunga seriam convocados para a seleção brasileira – que iniciava preparativos visando a Copa de 1966 – dessa forma iam desfalcar o ABC na decisão do campeonato contra o bom time do Alecrim de Berilo, Miro cara de jaca e do técnico Pedrinho de Quarenta. Nossa conversa era atrapalhada pelos seresteiros bêbados que frequentavam o bar/mercearia de seu Paulo Bento e Dona Neusa e que varavam a noite cantarolando músicas de Altemar Dutra, Miltinho, Nélson Gonçalves e do Trio Yrakitan.

Definitivamente o ritmo melodramático, excessivamente sentimental que predominava na boemia natalense não fazia a nossa cabeça.

Até o início dos anos 1960 a produção musical apresentava duas linhas básicas: a música feita para adultos e a música feita para crianças. Nós odiávamos Vicente Celestino e não éramos mais crianças para continuar suportando “o bom menino não faz xixi na cama” de Carequinha. Conhecíamos Elvis Presley mais como ator de cinema romântico do que como cantor de *Rock*.

Não existia canal de televisão em Natal, apenas era captado – com deficiência via repetidoras – o sinal da TV Jornal do Comércio de Recife. A comunicação de massa se dava pelas ondas do rádio e a Poti tinha participação marcante com: “O Galo Informa”, “Jerônimo o Herói do Sertão” e a equipe esportiva comandada por Almeida Filho.

Escutei pela primeira vez uma música dos Beatles em 1964 no rádio valvulado “ABC a Voz de Ouro” da minha casa, meu pai estava sentado escutando “ao pé do ouvido”, e já ia mudar o dial para outra emissora, quando eu percebi gritei “peraí... peraí que som é esse?” Meu pai disse “é um tal de Iê Iê Iê, é coisa desses cabeludos transviados, não presta não”. A sintonia era 1.270 KHz, a música era *I want to hold your hand*, foi amor à primeira escuta. Era o ritmo feito para jovens, exatamente o que estava faltando em nossas vidas.

Logo comecei a compartilhar da novidade com os colegas e descobri que não estava sozinho no entusiasmo. Estávamos dando os primeiros passos nas paqueras e o *Rock* era um bom motivo de conversa com as meninas. Aí surgiu o Programa Jovem Guarda, mas não era aquele da TV Record, nosso Jovem Guarda era na Rádio Poti diariamente às 13h, comandado pelo locutor Liênio Trigueiro. As músicas surgiam inicialmente tocando nas rádios e só após duas ou três semanas é que os LPs e compactos chegavam nas únicas lojas de disco existentes na cidade: Musi-som e Helisom.

Natal tinha 250 mil habitantes – do tamanho de Mossoró hoje – e o Programa Jovem Guarda da Rádio Poti rapidamente passou a ser a coqueluche dos adolescentes e pré-adolescentes. Como o rádio portátil não era ainda acessível, os meninos e meninas se reuniam nas casas para curtir juntos as novidades dos Beatles, Mamas and Papas, Rolling Stones, The Who, Renato e seus Blue Caps, Roberto Carlos e toda turma da Jovem Guarda. A trilha sonora do Programa era “O Milionário” música instrumental dos Incríveis.

As meninas do Colégio 7 de Setembro e do Atheneu iam diariamente à Rádio Poti e faziam os pedidos musicais para o Programa com oferecimentos, aí começavam os recados para paqueras, também eram feitas “pegadinhas” que eram oferecimentos musicais fictícios inventados só para gerar situações embaraçosas.

A chamada Invasão Britânica musical fez a cabeça de muitos jovens natalenses, um deles foi Prêntice Bulhões, que abandonou o Trio Iataí para fundar juntamente com Gileno Azevedo, Márcio Tassino e Marcos Farias o primeiro conjunto de Rock de Natal no Colégio Marista denominado “The Shouters”. Gileno se transformou em Leno e juntamente com Lílian estourou com grandes sucessos na Jovem Guarda. Os Shouters se transformaram em Gênios, depois no Impacto Cinco que comandados por Etelvino Caldas marcaram as domingueiras no ABC F. C.

A febre beatlemaníaca em Natal aumentou o interesse dos jovens pelo aprendizado da língua inglesa: professores da SCBEU e do FISK eram obrigados a quebrar a sequência de aulas baseadas em livros como: *Life with the Taylors* e *English 900* para debater a tradução de *Strawberry Fields Forever* e *Penny Lane*. Luis Alberto Marinho – o Beto Beatle, Petit das Virgens e Juarez Chagas – eram dos mais entusiasmados nesse contexto. Surgiram os assustados – Festinhas improvisadas em residências na base de radiola e na reunião dos discos que cada um levava.

Os Victors vieram de Recife e se apresentaram no cinema Rex, logo passaram a residir em Natal, conjuntos (bandas) musicais de Rock, se multiplicaram: The Jetsons, Os Vândalos, The Funtos, Os Terríveis, os Primos, Os Infernais, As Luluzinhas, tinha até o Sempre Alerta de Macau. Festivais eram organizados no Palácio dos Esportes e no SESC com grande participação do público jovem. Os Brazilian Bitles (com i mesmo) se apresentaram no estádio Juvenal Lamartine e na Assen. Diversos outros cantores da JG estiveram por aqui.



238

Ringo, John, Paul e
George, The Beatles



239

Os Vândalos e
o visual dos Beatles

A forma de vestir, o vocabulário e os hábitos dos jovens foram modificados pela influência principal dos Beatles e da Jovem Guarda, mas tudo tinha a ver também com ecos da geração beat de James Dean e Bill Halley, do visual de Barbarella, das motos de Easy Rider. A reboque da revolução musical dos Beatles surgiram em Natal as Boites *Hippie Drive-in*, “Psiu” e do Forte, a lanchonete Ki-Show, o “Barródromo”, o picolé da Big Milk e o Poema Processo. A Ponta do Morcego na Praia do Meio se encheu de artistas e mudou de nome, passou a se chamar Praia dos Artistas.

Paz e amor, bicho!

Fred

(Resumo do texto publicado no Diário de Natal, maio de 2007)

Origens do Rock em Natal

“Funciona assim: pegue qualquer melodia seja ela qual for, Beethoven ou música Havaiana, toque na guitarra, adicione baixo e bateria e as pessoas chamarão de *Rock and Roll*”.
(Frank Zappa)

Prêntice Mulford Bulhões é um dos músicos percussores do Rock e da Beatlemania em Natal. Iniciou a prática musical em 1963, cantando boleros em um grupo vocal denominado Trio Iataí inspirado no estilo do famoso Trio Irakitan, juntamente com Efraim César e Ronaldo Sormani, todos moradores da Cidade Alta.

Os conjuntos vocais eram a coqueluche em Natal, em decorrência, principalmente, dos programas de auditório realizados nos palcos das Rádios Poti e Nordeste, além dos cinemas Rex e Rio Grande. Entre 1954 e início dos anos 1960, surgiram muitos grupos vocais de boa qualidade na cidade, boa parte deles com denominações indígenas: Trio Irapuru, Trio Marayá, Trio Moreno, Trio Puracy, Irmãs Ferreira, Trio Potiguar, Trio Os Rouxinóis, Trio Hawái, Trio Inajá, Trio Ipanema etc.

No final dos anos 1950, as emissoras de rádio de Natal começaram discretamente a rodar músicas de Rock, especialmente sucessos iniciais de Bill Halley, dos irmãos Cely e Tony Campello e de Carlos Gonzaga. Elvis Presley surgia com seu topete, atraía especial atenção

das garotas que assistiam às sessões do cine Rio Grande. O jovem Gileno Azevedo Wanderley foi dos primeiros a comprar discos de Rock em Natal. E costumava mostrar as novidades aos seus colegas do Marista e da SCBEU. Na sequência começou a fazer dublagem de Elvis.

Estudante do Marista, Prêntice mudou radicalmente de estilo quando escutou os primeiros discos dos Beatles, rapidamente se desligou do Trio Tataí e, em 1964, se juntou aos colegas Leno (a quem havia ensinado os primeiros acordes no violão), Carlos Mineirinho (violão) e Marcelo Dias (baterista) para formar um conjunto musical de Rock denominado The Shouters (os gritadores). Essa passa a ser a primeira Banda de Rock da cidade do Natal. Segundo Leno Azevedo, a denominação *shouters* decorre da música *Twist and Shout* dos Beatles.

O conjunto ensaiava na casa de Marcelo Dias na Avenida Rodrigues Alves e também na Subsistência do Exército na Ribeira. Nos ensaios além dos Beatles, rolava muito o som de: Elvis, Cely Campello, Chuck Berry, Bill Halley e Little Richard. Esse bairro realmente tem um “sangue rockeiro” desde as origens e ainda hoje é a área de resistência do som do proletariado. A proximidade do Porto pode até lembrar uma conexão com Liverpool dos Beatles. Exageros à parte, a Ribeira é perto das Rocas e daí a forte presença dos Rockeiros...

O grupo se apresentava em festinhas aniversário, na Quermesse da Lagoa Manoel Felipe, no Ginásio Sílvio Pedroza e no palco do Cinema Rex onde havia um programa aos domingos da Rádio Rural. Nessas apresentações só eram tocadas músicas dos Beatles. Inicialmente só existia uma guitarra do conjunto que era utilizada por Prêntice ou Leno, os demais usavam violões, além de uma velha bateria pertencente aos Irmãos Maristas. O primeiro cachê que receberam foi numa festa do colunista Jota Epifânio, o dinheiro foi suficiente para comprarem dois LPs dos Beatles. Ainda hoje Leno e Prêntice guardam esses LPs como preciosidades.

Ivone Lira era uma das admiradoras que acompanhava os shows da Banda, virou uma espécie de musa do grupo, havia até um código “4 Romanos e 1 Inglês” para denominar IV-ONE.

Eustáchio dos Santos Lima Filho morava na Rua Joaquim Manoel em Petrópolis e estudava na SCBEU, lá conheceu Gileno (Leno) Wanderley, que costumava levar compactos com músicas cantadas na língua inglesa para tocar na radiola nos intervalos das aulas. Ao escutar um som com batida diferente, Eustáchio se surpreendeu “O que é isso bicho?”. Leno respondeu “É Rock cara, *Rock and Roll*”.

No dia seguinte Eustáchio arranjou dinheiro e foi à loja MM Costa, na cidade alta, perguntou se tinha disco de *Rock*. O vendedor nem sabia o que era *Rock* e Eustáchio voltou frustrado pra casa. Novamente procurou Leno e reclamou “Pô cacete esse negócio de *Rock* não existe não”. Com paciência Leno orientou “então procure disco de Elvis Presley”. Ele tinha 15 anos em 1964, se entusiasmou com as músicas de Elvis Presley. Passou a fazer dublagens do Rei do *Rock* em festinhas e logo pediu ao pai pra comprar uma guitarra. Em 1964 fez uma apresentação solo de *Rock* com topete e tudo para os estudantes da SCBEU. Eustáchio, Leno, Etelvino e outros jovens, logo viriam se transformar em dinossauros do *Rock* natalense.



240
Leno Azevedo



241
Prêntice Bulhões

Leno mudou-se para o Rio de Janeiro onde rapidamente explodiu como sucesso nacional na dupla Leno e Lílian. Posteriormente, Marcelo se afastou do grupo em função de dedicação ao Curso de Medicina.

242

Eustáchio introduzindo a novidade do Rock para alunos da SCBEU em 1964. José Bezerra Marinho Júnior, Fernando Cysneiros Jr. (paletó) e Leno Azevedo (óculos e camisa listrada) aparecem curiosos
(Foto de Jaeci, arquivo de Eustáchio Lima)



Os Gênios, o irmão marista que financiou o Rock

Com a saída de Leno e Marcelo, The Shouters se transformaram nos “Gênios”, sendo que Márcio Tassino, Marcos Farias e depois Etelvino Caldas passaram a participar da Banda. Marcos Farias relata que o irmão marista André Parizotto era um grande incentivador do grupo, sensível às deficiências estruturais do conjunto, se ofereceu para financiar a aquisição de novos equipamentos e instrumentos que seriam pagos de acordo com as arrecadações posteriores em apresentações externas ao colégio. Apenas duas lojas em Natal poderiam encomendar esses tipos de instrumentos: a Casa da Música de Gumercindo Saraiva (Avenida Rio Branco) e a Musi-Som (Rua Ulisses Caldas). A segunda se apresentou mais acessível pela atuação do

410

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

vendedor Valdique (hoje empresário do ramo) e os equipamentos foram encomendados.

Levi Bulhões, irmão mais novo de Prêntice, que sempre acompanhava curioso os ensaios musicais realizados na sua casa, foi convidado e assumiu a posição de baterista.

Os equipamentos e instrumentos, ansiosamente aguardados durante dois meses, finalmente, chegaram, mas, para deceção de alguns, só foram recebidos: uma guitarra, um baixo e um amplificador com as caixas de som.

Para completar o instrumental, a ajuda feminina foi primordial: Ivone Freire, hoje proprietária do excelente Restaurante “Talher”, costumava cantar músicas dos Beatles na casa em que morava na Rua Princesa Isabel juntamente com Marcos e outros jovens apreciadores da novidade musical. Ela foi a primeira garota natalense a possuir uma guitarra. Tomando conhecimento do impasse ocorrido, simplesmente emprestou a sua guitarra para utilização pelos Gênios. Era uma guitarra Giannini, modelo Gemini II, com alavanca, a mais moderna existente em Natal. E, mais uma vez, “4 em Romanos e 1 em inglês” se fez presente.

Provavelmente Ivone foi a primeira guitarrista feminina do RN, mas logo surgiu um conjunto só de alunas do Colégio das Neves, As Luluzinhas, que era orientado por Marcos Farias. No Colégio Winston Churchill a atual *cronner* da Banda Anos 1960, Silvinha Benigno se introduziu musicalmente rompendo definitivamente os limites do Clube do Bolinha. Diferentemente de Ivone, hoje empresária de sucesso com o Restaurante Talher, Sílvia, que trabalha na UFRN, se manteve em atuação musical.

Para completar a estrutura a turma arregaçou as mangas e conseguiu reformar a velha bateria do Marista doada pelo irmão Parizotto. Os “Gênios” passaram a se apresentar em festas de 15 anos, depois no

Quintas Clube e daí a consagração de ser o conjunto oficial da Boite *Hippie Drive-in*. A popularidade do conjunto cresceu e daí também surgiram convites para apresentações no interior. Todo dinheiro arrecadado nas festas era rigorosamente reservado para pagar o irmão Parizotto.

Os ensaios na Rua Princesa Isabel precisavam ser feitos com janelas fechadas porque a aglomeração de curiosos já era grande.

Nos Festivais de Canção Potiguar realizados no Palácio dos Esportes, os Gênios acompanharam as apresentações de Mirabô e Roberto Lima. No primeiro desses festivais, o destaque foi a apresentação *cover* da canção “Alegria Alegria”, de Caetano Veloso, uma das primeiras experiências de MPB com guitarras elétricas. A apresentação empolgou a plateia presente, consagrando Os Gênios perante a juventude natalense.

243

Os Gênios:
Marcos Farias, Etel,
Jonas, Prêntice e
Márcio Tassino



Os Gênios tinham uma rivalidade cordial com a banda pernambucana The Victors, que se apresentou com sucesso no palco do Cinema Rex em 1967. Os Victors, liderados por Estevam “Galo”, exploravam mais o *Rock instrumental*, na linha dos Jet Blacks, dos Shadows e dos Ventures. Já os Gênios, eram mais ousados em interpretar uma maior variedade de sucessos nacionais e internacionais, com participação

412

Dos Bondes ao *Hippie Drive-in*

vocal, variando desde Beatles a Renato e seus Blue Caps, passando por Shoking Blue, Rolling Stones, Os Incríveis, Leno e Lilian e muitos outros. Eles fizeram a abertura da primeira apresentação do Rei Roberto Carlos em Natal (Palácio dos Esportes), 1968. Prêntice, Nonato e Marcos Farias aparecem na foto seguinte onde um locutor local (camisa branca) larga o vozeirão na abertura do *show*.



244 (a)



244 (b)

Os Gênios imitando os Beatles em foto tirada na Rua Felipe Camarão, 1968. E na abertura do *show* com RC no Palácio dos Esportes

As Luluzinhas, o Conjunto Butterfly e a primeira guitarrista de Natal

Se o irmão André Parizotto foi o fator motivante e financiador da primeira Banda de *Rock* de Natal, o então pastor e professor Nivaldo (da Igreja Batista) não ficou pra trás, sendo, em 1969, o maior incentivador, no Colégio Winston Churchill, para que a garota de 14 anos Sílvia Benigno (cantora e guitarrista-base) se juntasse a Graco Dorneles, Luis Carlos e Plínio na formação do conjunto “Os Mitos”, a primeira Banda de *Rock* com participação mista em Natal. As apresentações dos Mitos eram principalmente em colégios com predominância para as músicas dos Beatles. A mãe de Silvinha é quem reclamava, por ter de acompanhar a filha em apresentações cada vez mais frequentes.

Silvinha Benigno posteriormente criou o conjunto feminino “Butterfly” juntamente com Graça Câmara e Fátima Medeiros (ex-Luluzinhas), era o tempo da música “Vendi os Bois”, dos Incríveis e da explosão de criatividade dos Mutantes.

245
Sílvia Benigno
cantando Mutantes
com Banda
Butterfly, 1969
(Foto do
arquivo de Sílvia)





246

"As Peraltas" grupo de Rock feminino do Colégio Maria Auxiliadora, com apoio dos Vândalos, em 1967.
Foto do arquivo de Eustáchio Lima Filho

The Dadas – O Rock chega ao Alecrim

No embalo dos primeiros sucessos dos Beatles, de repente, muitos jovens de Natal se interessaram em migrar do violão para a guitarra elétrica. Ewerton Gurgel Pinto, Ivanildo, Isaú Gerino, Levi Bulhões e João Carlos Costa, começaram a tocar juntos em festas de aniversário e assustados no Bairro do Alecrim, onde moravam. Assim surgiu uma banda cuja denominação inicial veio na base da gozação: "The Dadas". Posteriormente foi ajustada para The Dads. Em vista do surgimento de Renato e seus Blue Caps, algumas meninas chamavam o conjunto de "Ewerton e seus Blue Caps". Muitas festinhas de aniversário e "Assustados" ganharam um novo ritmo no Alecrim. Posteriormente, Reinaldo Azevedo e Marcos Leite também participaram.



247

Ewerton e seus Blue Caps, Alecrim 1968
(Foto do arquivo Ewerton Gurgel Pinto)

Etelvino Caldas e o Impacto Cinco

Sentado no Arco Íris / Tão perto e tão distante /
Milhões de anos luz / lá no fundo mim mesmo.

(Trecho de música do Impacto Cinco,
composição de Leno e Raulzito)

O Impacto Cinco foi, definitivamente, o conjunto que embalou a geração anos 1970 em Natal, especialmente aqueles na fase universitária. É difícil encontrar hoje um(a) profissional de nível superior formado(a) em Natal entre 1971 e 1979, que não tenha frequentado e curtido as matinês dos domingos no ABC. A excelente harmonia, a seleção criteriosa das músicas e o pique do conjunto, tudo isso fazia do Impacto Cinco um conjunto insubstituível e o ABC era o principal ponto de encontro dos estudantes da UFRN.

248

Apresentação do Impacto Cinco no Festival dos Festivais no Palácio dos Esportes lotado. Etel, Expedito, Jucá, Márcio Tassino e Idalmir



Etelvino Francisco Menezes Caldas é descendente do poeta açuense Renato Caldas, viveu a infância na Cidade Alta, tendo morado nas ruas: Princesa Isabel, São Tomé e Felipe Camarão. Juntamente com

416

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

seus irmãos – Áureo e João Batista – estudou o primário no pequeno Instituto Brasil. Graças aos rigores da professora Dona Pina, conseguiu ser aprovado no exame de admissão para o Salesiano quando acabara de cursar a 3^a Série.

Na nova Escola, foi contemporâneo de um atual deputado, que era o craque de bola e o líder das confusões ginasianas. Etelvino lembra que o garoto e sua turma, de tanto que aprontaram, foram polidamente “convidados” pela diretoria a deixarem o Colégio.

No Salesiano conheceu Roberto Lima que já tocava violão e tinha toda família envolvida com música. Etelvino passou a frequentar a casa deles perto do Palácio Potengi (então Palácio da Esperança) e observar com interesse os arranjos musicais feitos por Roberto e seus irmãos Alberto (exímio violinista) e Regina (excelente na flauta).

Roberto Lima planejava ser padre, em consequência Etelvino também passou a ter a mesma intenção. Era comum, nessa época, famílias católicas terem um filho padre.

Etelvino ingressou no Seminário São Pedro em 1965, lá aprendeu a tocar no órgão da Igreja com o seminarista Francisco Jácome.

Os primeiros passos na evolução religiosa de Etelvino estavam sendo dados quando o amigo Márcio Tassino, morador da Rua Princesa Isabel, mostrou a ele um *long-play* de um conjunto chamado Beatles. O impacto causado pela batida do Rock romântico de *Please Mr. Postman* e *I Want to Hold your Hand* foi fulminante. Percebendo o interesse e o potencial musical de Etelvino, Márcio o convidou para ingressar no Conjunto os “Gênios” que já contava com Prêncipe Bulhões e Marcos Farias. A primeira apresentação ocorreu no Ginásio do SESC. Na sequência passaram a tocar em festinhas, especialmente nos colégios. Etel passou a ser o tecladista da Banda e desistiu de ser padre, comunicando o fato ao Cônego Lucillo.

A Banda procurou aumentar a quantidade de ensaios e atuar de uma forma mais organizada. Antônio Lopes, locutor da Rádio Poti, passou a ser o empresário e mudou a denominação do conjunto para “Impacto Cinco”.

Marcos Farias logo desistiu de continuar no grupo para dedicar-se ao Curso de Engenharia Civil. A banda passou a contar com Jucá na bateria, Expedito na guitarra solo e Idalmir no baixo.

Etelvino, com 17 anos de idade, foi aprovado no Vestibular de Sociologia da Fundação José Augusto. Não se interessou muito pelo curso e fez novo vestibular para área tecnológica (1971), foi aprovado juntamente com os também músicos Idalmir e João Galvão. Era tempo do “Indiferenciado” na UFRN, quatro turmas – cerca de 240 alunos – concorrendo ferozmente com notas para a escolha posterior do curso de cada um. O objetivo era fazer Engenharia. As provas eram realizadas nos sábados pela manhã. Nesse ano, o Impacto Cinco passou a ter apresentações nas sextas-feiras à noite na Boate do ABC. Nessa época já era pai e as dificuldades para estudar e fazer as provas com sono aos sábados eram enormes. Etelvino acabou não se classificando para Engenharia e não aceitou continuar no Curso de Física, para o qual fora selecionado.

A amizade na parceria musical com Roberto Lima continuou e o Impacto Cinco acompanhou o vitorioso cantor-compositor-filósofo em diversos Festivais.

Em abril de 1969 ocorreu o II Festival dos Festivais no Palácio dos Esportes e a Banda obteve o primeiro lugar com o ginásio lotado e grande participação da plateia. A sistemática desse evento constava de uma sequência de eliminatórias com três músicas por Banda por vez, sendo uma inédita, uma solada e outra cantada.

Nas etapas em que se apresentou, o Impacto Cinco utilizou dentre outras as músicas: “O Barqueiro”, (dos Brazilian Bitles), “Menina”

(inédita de Expedito), “2001”, (dos Mutantes), “Dança Ritual do Fogo” e um arranjo especial do Concerto n. 1 de Tchaikovsky. O conjunto “The Jetsons” era o mais antigo e mais conhecido na cidade, contava com maior torcida no Palácio dos Esportes, estavam certos de ganhar fácil o Festival. Esnobaram na apresentação do “Tema de Lara” com firulas (as guitarras eram tocadas pelas costas). Com a divulgação do resultado final, o radialista e empresário Carlos Alberto de Souza – irritadíssimo – perdeu o controle emocional e incentivou sua banda a fazer um protesto (na apresentação final) contra a Comissão Julgadora cuja presidente era a diretora da Escola de Música Maria Luíza Dantas. A letra da música era cortada por deboches direcionados. O guitarrista Élcio cantava de forma provocativa “você deixa Dona Luíza?”. Posteriormente ele iria se desculpar pelo episódio.

O vocal e os arranjos do Impacto Cinco eram, realmente, os melhores da cidade. A comemoração da torcida pró Impacto Cinco foi grande, mas uma “Jetsista” chegou a agredir Etelvino com uma sapatada no rosto na saída do ginásio. Bem antes de George W. Bush.

O Sr. João Batista Caldas, pai de Etelvino, trabalhava na Receita Federal, tinha forte tino comercial e decidiu ser o empresário da Banda. Arregaçou as mangas e conseguiu transformar o Impacto Cinco num grupo realmente profissional. Ensaios rigorosos, equipamentos de melhor qualidade, seleção musical cuidadosa e sempre super atualizada, contratos para apresentações semanais e busca da gravação de um disco. Seu João observou que não havia programação para os domingos e idealizou a Matinê do ABC F. C., que durou seis anos (inesquecíveis!).

Raíssa Rossiter hoje é diretora nacional do SEBRAE e mora em Brasília, ela recorda que vinha passar férias em Natal e o Impacto Cinco foi a primeira banda de *Rock* que conheceu de perto, ficou entusiasmada com a novidade. Costumava assistir os ensaios do conjunto no ABC com o irmão Roberto e primos, daí surgiu sua paixão pelo *Rock*. Roberto Alfredo chegou a participar de bandas de *Rock* em Recife.

Em 1973 o conjunto gravou na CBS o primeiro LP denominado “Impacto Cinco” pela CBS, mesmo com sete na formação: Prêntice, Joca, Idalmir, Etel, Neguinho, Ivan e Paulo. Passaram a fazer apresentações por todo Nordeste e venderam 45.000 cópias. Três músicas eram inéditas e as demais versões. Entre outros sucessos desse LP: “Só para mim” (versão de *Tie a Yellow Ribbon Round the Old Oak Tree*), “Te Amo” (de Genilson), “Hoje Amanhã e Depois” (versão de *Forever and Ever*, do *Aphrodite's Child* – Demis Roussos) e “Não Precisa nem Pedir” (versão de *Clap your Hands and Stamp your Feet*).

249

Impacto Cinco em foto para capa do primeiro LP gravado na CBS



Em 1975 foi gravado o disco “Lágrimas Azuis” também pela CBS. A formação era: Clauton, Poti, Etel, Joca e Lulinha. Esse disco é considerado um dos 10 mais cobiçados do Rock brasileiro, é mencionado em sites especializados e em leilões internacionais. Corresponde à fase psicodélica da Banda, com influência do estilo Led Zeppelin. Cinco músicas do LP eram de autoria dos rapazes do grupo. Leno assinou três canções, entre elas “Sentado no Arco Íris” em parceria com Raul Seixas.

420

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Em 1980, a gravadora RCA procurava uma banda que interpretasse músicas originais para concorrer com o conjunto “A Cor do Som” que fazia enorme sucesso com “Abri a Porta”. O produtor Nélio de Carlo conversou no Rio de Janeiro com o cantor Leno, que indicou o Impacto Cinco. Leno ficou incumbido de produzir o disco que deveria ter característica urbana – nordestina. Ele conseguiu músicas de Zé Ramalho, Dominguinhos e Sá & Guarabira que foram adicionadas a: “Para Marley” e “Saudade”, composições de Babal.

O sonho de Etelvino era emplacar nacionalmente um novo estilo musical genuinamente potiguar e todo esforço do grupo foi feito na produção das novas músicas, com dedicação exclusiva na maratona de ensaios. Etel e Leno combinaram mudar o nome da banda para “Flor de Cactus”, estaria mais compatível com o novo projeto. Assim o grupo deixou de ser uma banda de baile.

O disco foi gravado no Rio e a formação era: Chagas, Chico Guedes, Etel, Neguinho, Mingo e Fernando Luna (voz). O produtor Nélio de Carlo quando escutou as músicas ficou decepcionado, não achou nada parecido com “Abri a Porta”, reclamou e ficou certo do fiasco nas vendas. Etelvino ponderou que nada mais poderia ser feito, o disco já estava gravado.

Para surpresa do produtor, o disco explodiu nas rádios FMs cariocas, especialmente a música “Ribeirão”, de autoria da dupla Sá & Guarabira. Nélio de Carlo escreveu depois uma carta a Etelvino, se desculpando pela posição inicial, e fazendo rasgados elogios devido o sucesso alcançado.

O grupo se mudou para o Rio de Janeiro, onde passou a ter programação diversificada de *shows*. Participou também do Festival MPB Shell com a música “Mistura” e ainda ganhou o Festival de Muriaé, em Minas Gerais

Em 1981, foi gravado o LP: “Pepitas de Fogo” pela RCA, com participação de: Chagas, Chico Guedes, Etel, Neguinho, Mingo e Babal.

Após receber ligação telefônica do seu irmão João Batista informando agravamento da saúde do pai, Etelvino deixou o grupo no Rio e retornou a Natal.

Em 1982 a Banda volta a ser Impacto Cinco, remontada por Etelvino e Graco Dorneles, voltando a atuar como banda baile. Em 1982 a Banda participou do “Primeiro Festival de Música e poesia da UFRN” e ganhou as três primeiras posições no evento. Em decorrência foi inserido no Projeto Memória da UFRN. Fernando Luna, Ribamar, Estevão, Luis, Jair, Wigder e Nonato Negão foram outros músicos importantes na história do Grupo.

O Impacto Cinco continuou na estrada, com *shows* e participação nas campanhas políticas do PMDB até o ano de 2003, sendo sua última formação: Leny, Ricardo, Jaelson, André, Antonio Carlos, Paulinho, Itinho e Lavi.

Em setembro de 2003, o Impacto Cinco saiu da cena musical. Atualmente é empresário na área de sonorização de eventos.

250

Idalmir, Estevão,
Préntice e Etel com
candidatas finalistas a
Miss RN, em 1972





251

Impacto Cinco e o cantor Paulo Sérgio no Palácio dos Esportes



252

Impacto Cinco sendo anunciado como vencedor do Festival dos Festivais pelo locutor Jota Belmont, no Palácio dos Esportes



253

Roberto, Clauton, Etelvino, Joca e Estevão, Impacto Cinco no Baile do Aviador

Bandas de Rock que marcaram os anos 1960 e 1970

Mas as pessoas da sala de jantar são ocupadas em nascer e morrer.

(*Panis et Circenses*, Gil, Caetano e Mutantes)

Não há um registro seguro para afirmar, mas, muito provavelmente, a primeira guitarra elétrica utilizada em Natal foi a de Cícero Bezerra no Conjunto/Orquestra *Black-Tie*. Quase ao mesmo tempo, a orquestra de Waldemar Ernesto, que embalava as festas do América no final dos anos 1950, também adotava um guitarrista. Paralelamente surgia também o saudoso guitarrista João de Orestes no cenário musical do RN.

A seguir são resumidas informações e curiosidades sobre as principais Bandas de Rock que deram sequência ao pioneirismo dos *Shouters* e consolidaram esse estilo musical em Natal nos anos 1960 e 1970.

The Jetsons

Os Jetsons tiveram uma de suas primeiras apresentações públicas no concurso Miss Rio Grande do Norte realizado no Palácio dos Esportes em meados dos anos 1960. A guitarra elétrica era uma novidade estranha para a população adulta acostumada com os vozeirões

apaixonados e melosos de Altemar Dutra, Nelson Gonçalves e Orlando Silva. Naquela ocasião, aplausos discretos para a interpretação de “Noites de Moscou” sucesso instrumental dos Jordans.

Mas, o público que iria motivar e sacudir os conjuntos e o *Rock* em Natal não estava assistindo o concurso Miss Rio Grande do Norte, eles preferiam paquerar na Praia dos Artistas, na lanchonete Ki-Show, no “Barródromo” e assistir “Barbarella” no Cinema Rio Grande. Os jovens adolescentes assumiam de vez a opção pelo som da beatlemania e da jovem guarda.

O conjunto “The Jetsons” era composto por: Élcio (que era o sósia tupiniquim de John Lennon e usava o “nome artístico” “Sandro”), Zé Maria (guitarra solo), Galêgo Edilson de Vasconcelos (bateria) e Jair. O conjunto enfocava especialmente músicas instrumentais ao estilo “The Jordans”, “The Jet Blacks”, “Os Incríveis” e “The Ventures”. Sérgio Maurício (Serjão) logo depois assumiu a bateria. Emanuel Lustosa também participou dos Jetsons atuando na guitarra base.

No período de 1965 a 1969, os Jetsons se constituíam na Banda mais popular da cidade, que sempre estava disputando as finais dos Festivais de *Rock* do Palácio dos Esportes, arrastando grande quantidade de fãs entusiasmados.

O empresário dos Jetsons era o então *disk-jockey* e depois senador, Carlos Alberto de Souza, que conduzia o programa “Bar da Noite” diariamente entre 20 e 23 horas na Rádio Cabugi.

The Funtos

The Funtos foi um conjunto de *Rock* formado em 1967 por alunos do Colégio Salesiano. Inicialmente os componentes eram: Luiz Lopes Varella Neto (baixo), João Batista Caldas Filho (bateria), Adroaldo

Nóbrega Fonseca (guitarra solo), Renato Hunca (guitarra base) e Ivanildo Cortez (vocal, gaita e escaleta).

Ivanildo foi o grande mentor da Banda, inclusive idealizou o nome da mesma. A primeira apresentação do conjunto foi no aniversário da irmã de Renato, na Rua Potengi. Luiz Varella recorda que a criação da Banda foi motivada no sonho adolescente entusiasta inspirado principalmente na explosão de sucesso dos Beatles.

Uma apresentação marcante do THE FUNTOS foi no ginásio Silvio Pedroza, que recebeu grande número de pessoas principalmente de alunos do Atheneu. Depois de ouvirem a execução da música *A Day in the Life*, (Lennon e McCartney) os estudantes partiram para a tie-tagem, com garotas, agarrando e beijando os componentes do grupo. No I Festival de Conjuntos em 1967, a participação da juventude nas arquibancadas lembrava as grandes finais dos jogos estudantis. The Jetsons já era um grupo consolidado e era o favorito para ganhar, e obteve aplausos com a boa interpretação do instrumental “Tema de Lara”. Mas, surpreendentemente, The Funtos sacudiram freneticamente os estudantes com “Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones” e o júri acompanhou o pensamento da maioria, dando o primeiro lugar para a turma do Salesiano. Em 1968, os Funtos participaram Festival de Música do SESC do qual também estavam presentes nomes que surgiam com destaque no cenário local como: Mirabô, Odaires e Adrimaria. As músicas interpretadas pela Banda eram compostas por Ivanildo, Napoleão Veras e Carlos Gurgel. As músicas que fizeram mais sucesso foram: “O Abalroamento de uma Vagonete com uma Senhora Moça”, “Ribeira do Desamor”, “Pindorama” e “Atlântida”.

The Funtos: Ivanildo,
Adroaldo, João Batista,
Luiz Neto, Maurício
Borja e Etelvino.
(Foto do acervo de Luiz
Varella Neto)



O grupo se transferiu para o Colégio Marista, onde Maurício Borja substituiu Renato. O estudante carioca Viterbo Passos, filho do então comandante do Grupo de Fuzileiros Navais, passou a ser o tecladista da Banda.

Glaucus Brelaz, Marcos “Peninha” Meira Pires e Etelvino Caldas também chegaram a participar da Banda. Glaucus era o *enfant terrible* da eletrônica que bolava novidades no instrumental.

The Funtos conseguiram os dois primeiros lugares no Festival do Guriatã promovido pelo Diário de Natal: *Homo Sapiens*, de Napoleão Veras e “Missa Biológica Transe Comunhão Sacrossanto”, de Carlos Gurgel e Luiz Neto (que era a favorita). Ivanildo Cortez posteriormente compôs com Napoleão Souza a música “Quero talvez uma nêga” que foi vencedora de festival da Canção em Natal e em Salvador. Os Funtos fizeram grande sucesso, mas, após a aprovação dos componentes em diferentes cursos no vestibular da UFRN, não prosseguiram na estrada.

Os Infernais

Banda formada em 1968 por Emanuel Lustosa (guitarra base e voz), Everaldo (baixo), Ribamar (guitarra solo), Edílson Vasconcelos (bateria). Também participaram da Banda: Ferré (baixo), Neném depois Célio e depois Expedito (teclados). Múcio Trindade era o empresário do conjunto. Tocavam no Aero, América, Quintas e Alecrim Clube .

Os Infernais apresentavam principalmente músicas da Jovem Guarda e Emanuel chegou a tocar com Reginaldo Rossi na banda pernambucana “The Silver Jets”.



255

Os Infernais com
Emanuel ao centro
(foto do arquivo de
Emanuel Lustosa)

Os Vândalos e o primeiro baterista virtual da história do RN

A denominação “Vândalos”, originalmente corresponde a uma tribo germânica oriental que ocupou um reino no norte da África na cidade de Cartago. No século V os Vândalos invadiram o Império Romano. No clima da beatlemania, “Os Vândalos” foram uma Banda de Rock originada no Colégio 7 de Setembro em 1965, formada inicialmente pelos irmãos Eustáchio Santos Lima Filho (voz e guitarra) e Afonso Lima (Fon) (guitarra solo e voz) e mais outros amigos residentes no Bairro de Petrópolis: Bruno Pereira (voz e baixo) e Marcelo Barreto (bateria). Todas as fotos dos Vândalos a seguir apresentadas são do arquivo de Eustáchio Lima Filho.

256

Beach Boys? Não:
Bruno Pereira, Afonso,
Marcelo Barreto
(baterista virtual) e
Eustáchio Lima Filho
correspondem à
primeira formação de
“Os Vândalos”, 1966



A primeira apresentação dos Vândalos ocorreu na Escola Doméstica, a diretora Noilde Ramalho decidiu modernizar e convidou os garotos de Petrópolis para um *show* que ocorreu no horário das últimas aulas da manhã. As meninas após o intervalo iriam ter uma “aula prática” do que ela chamou “música moderna com violões elétricos”.

Apesar do *Rock* ter a fama de pertencer à “juventude transviada”, os componentes dos Vândalos eram de famílias tradicionais e conhecidas na cidade e não haveria problema de má influência para as moças.

O detalhe curioso é que, na estreia da Banda o baterista Marcelo Barreto, exatamente na hora do *show*, ficou super encabulado de se exibir perante as amigas e paqueras da ED e “amarelou”, desistindo de se apresentar. Não adiantou nada os apelos dos demais componentes do conjunto. Eustáchio só faltou se ajoelhar implorando e não conseguiu convencer. Todo o grupo já havia passado, inclusive, por uma bateria de fotografias promocionais com Rodrigues do Foto *Blow-Up* (ver foto anterior). Dessa forma, Marcelo Barreto apareceu na foto oficial, mas nunca tocou efetivamente como baterista. E a estreia dos Vândalos foi sem batida. Como as meninas não conheciam bem o *Rock*, não ocorreu nenhum questionamento, tudo ficou por conta da “música moderna”. Eustáchio convidou o primo Nélson Freire, também estudante do “7 de Setembro”, para assumir a bateria. Daí seguiram diversas apresentações em Colégios femininos de Natal: Auxiliadora, Das Neves, N. Sra. de Fátima, Imaculada Conceição. O Fisk e o SCBEU também foram pontos de sucesso dos Vândalos.

Eu e Carlos já tínhamos amizade com Afonso (Fon), Eustáchio e Nélson desde a infância na “Escola Dominical” da Igreja Presbiteriana. Além disso, estudávamos no mesmo colégio e morávamos no mesmo bairro. Eu ia sempre com Carlos bater bola com eles no meio da rua perto da SCBEU. Também fazíamos troca de gibis. Logo cedo, ficou evidente a pouca habilidade dos irmãos Lima em relação à bola, em compensação havia enorme potencial na guitarra. Gradualmente foram abandonando a bola e assumindo o *Rock*, com ensaios cada vez mais frequentes imitando Elvis Presley, até a criação da Banda. Posteriormente Roberto Alves substituiu Nélson Freire. O conjunto fez grande sucesso, com apresentações no Palácio dos Esportes, Boate *Hippie Drive-in* e América. Eram conhecidos por interpretar maior número de músicas em inglês, especialmente *hits* dos Beatles, fato que era considerado muito ousado na época em Natal.

257

Prêntice, Eustáchio,
Afonso, Bruno e
Roberto Alves,
Vândalos em 1968



Prêntice Bulhões, um dos precursores do *Rock* em Natal, Luis Galdino, o Lola (irmão caçula dos fundadores) Jorginho Pereira (irmão de Bruno), Levi (irmão de Prêntice) e Carlos Magno também participaram da banda entre o final dos anos 1960 e início dos 1970.

258

Os Vândalos: Bruno,
Afonso, Nélson Freire
e Eustáchio. Botas e
calças dos anos 1960



432

Dos Bondes ao *Hippie Drive-in*

Os irmãos Eustáchio e Fon Lima tinham (ainda tem) um grande acervo de discos, livros e revistas de Rock especialmente de bandas inglesas e americanas . A garagem onde eles ensaiavam era cheia de fotos dos Beatles e de cantores da JG. O grupo procurava montar o repertório atualizado com as novidades quentes dos Beatles, dos Rolling Stones, Jimmy Hendrix, Crosby, Still & Nash e Creedence Clearwater Revival, entre outros. Muitos jovens natalenses tiveram o primeiro contato com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* e *Magical Mystery Tour* a partir das apresentações dos Vândalos.



259

Roberto, Jorge,
Eustáchio, Lola e Bruno:
os Vândalos com
Fon nos EUA

Nas minhas férias de 1967, eu comprei em Recife um compacto simples do conjunto “Os Brasas” com a música “A Distância” versão de *Oriental Sadness* dos Hollies. Essa música não era ainda conhecida em Natal e eu levei o disco pra escutar com Afonso e Eustáchio na casa deles. Eles ficaram entusiasmados e me pediram emprestado o disco para que o conjunto pudesse montar a música. Foi um sucesso, principalmente as meninas adoraram a novidade, pois a banda predominantemente cantava músicas em inglês. O problema foi Eustáchio me devolver o disco...

O grupo tinha bom trânsito na *high society*, frequentemente eram citados nas colunas de Jota Epifânio e Paulo Macedo. No dia 15 de março de 1970, Paulo Macedo registrou: “O Xique Xique vai contratar um conjunto de música moderno para os sábados, domingos e quando houver banquetes ou jantares importantes. Os Vândalos foram convidados e estão para responder. Garanto ao Humberto que será uma grande aquisição”. Noutra ocasião Jota Epifânio citou: “Bruninho Pereira andando a pé depois da batida em seu Fusca”.

No início dos anos 1970, Os Vândalos participaram de um evento marcante na cidade que foi o “Festival do Sol” no Estádio Juvenal Lamartine, foi o nosso “Mini Woodstock” tupiniquim. A Banda fez a abertura do evento que foi fechado pelos “Novos Baianos”, que estavam no pique do sucesso com “Preta Pretinha” e “Acabou Chorar”. Nessa ocasião, a Banda potiguar surpreendeu com a interpretação de músicas do Crosby, Stills & Nash. Até os Novos Baianos gostaram da ousadia.

Lola, que iniciou participação na Banda com apenas 14 anos de idade, substituindo o irmão Afonso que viajara aos EUA, é atualmente músico profissional de sucesso na Itália. Periodicamente volta a Natal e faz apresentações no TAM e Parque das Dunas.

260 (a)





260 (b)

Abertura do Festival do Sol: Lola, Fon e Eustáchio, com equipamentos dos Novos Baianos no Estádio Juvenal Lamartine, 1971

Os Zíngaros

Banda formada em São Paulo do Potengi por Tiãozinho (Sax e Trompete), Reinaldo Azevedo (guitarra solo), Aurino (guitarra solo), Fabião (guitarra base), Manolo (Baixo), Gilson (bateria), Raimundo (teclado) e Takakinha (crooner).

Também atuaram na Banda: Josimar (guitarra solo), Dáciri (vocal), Josimar (teclado e vocal). Airton Galvão era o empresário do conjunto que tocava principalmente Jovem Guarda e MPB.

Os Zíngaros surgiram em 1969 e atuaram principalmente no Centro Lítero Recreativo de São Paulo do Potengi e em Natal nas Boites Saravá, Araruna, Piri-Piri, Ele & Ela, além dos clubes: Palmeiras e Racing das Rocas.

Tiãozinho era líder da Banda e se preocupava com as “traquinices” do adolescente Reinaldo Azevedo que, em pleno solo de guitarra, dava grandes pulos para baixo do palco. Na inauguração da energia

elétrica de Paulo Afonso em São Pedro do Potengi, a força policial teve que atuar com rigor para conter as fãs que queriam atacar os ídolos neo-jovem-guardistas.

261

Os Zíngaros em pose clássica em frente ao Hotel dos Reis Magos, 1970



A “especialidade” dos Zíngaros era inaugurar energia elétrica de Paulo Afonso em cidades do interior. Em Ielmo Marinho, para desespero dos políticos presentes, ocorreu queima de equipamentos e falta de energia na hora do evento. A pressão era grande do público e, após grande tumulto, a Banda teve que tocar apenas com o uso do som (boca de ferro) da “Amplificadora” local.

Os Brasas

Banda liderada por Ademar “Minha Mãe” (guitarra base e vocal) e composta por Dikê (sax e vocal), Gera (bateria e vocal), Marcondes (baixo), Josimar (teclado) e Reinaldo Azevedo (guitarra solo e vocal). O conjunto surgiu em 1973 e atuou até 1975, tendo também a participação de Neném e Tarcísio “Cara Véia”. Os Brasas foram os sucedâneos da Banda “Vênus” cujo empresário também era Aílton Galvão.



262

Josimar, Reinaldo,
Gera, Ademar e
Tarcísio, componentes
dos Brasas, 1974

Os Canaviais

Banda formada em Ceará-Mirim (1969) com: Tita (João Batista da Silva) (guitarra solo), Damião (baixo), Adamar (base), Trajano ou Washington (bateria), Fernando (pistão). Fizeram sucesso em Natal, a partir de 1971, trazidos pelo locutor e empresário musical Jota Belmond. Tocaram na Boite Mustang, Saravá, Ele & Ela, Assen, Alecrim Clube, Piri-Piri etc. Os Canaviais atuaram até 1977.



Os Nobres

Banda comandada pelos irmãos Jairo e Jair, além das músicas da Jovem Guarda, eles foram os primeiros a cantar em Natal “Marie Jolie”, grande sucesso do Aphodite’s Child.

Sui Gêneris

Originalmente denominada “Sempre Alerta” e depois “Alerta Cinco”. Surgiu em Macau surpreendeu o público natalense nos Festivais do Palácio dos Esportes apesar do nome ridículo.

Era uma das Bandas preferidas para Bailes de Formatura nos anos 1970.



263

Na foto ao lado:
Ronaldo, Paulo Lima,
Beto, Romário e
Rogério, em 1974

Reinaldo Azevedo, Banda Anos 60 e Os Grogs

O sonho não acabou

Sim, o sonho não acabou. Em Natal do século XXI, “*with a little help from my friends*”, grupos como Banda Anos 60 além dos Grogs e Mad Dogs mantêm acesa a chama do *Rock and Roll*. Como numa corrida de revezamento na qual o bastão repassado são pérolas musicais que fluem por gerações unindo jovens cinquenta e velhos *teens*.

Reinaldo Azevedo foi um dos introdutores do *Rock* no Bairro do Alecrim, em meados dos anos 1960. Sua paixão pelo *Rock* começou quando tinha nove anos de idade e viu uma fotografia de Tony Campello com uma guitarra na capa de uma revista. Entusiasmado com os primeiros sucessos do *Rock* pré-jovem-guarda, procurou construir sua própria primeira guitarra. Quebrou o violão do pai Chico Luiz e começou a montar uma geringonça que surpreendentemente parecia mesmo com o instrumento que aclamou Eric Clapton. O problema é que Seu Chico Luiz ficou bravo quando descobriu o que tinha sido feito do velho violão e queimou ruim: “Você acabou com meu violão pra fazer um instrumento que é coisa de veado, de fresco!”. Reinaldo, com muita paciência, tentou convencer mostrando serviço: “pai, aprendi uma música espetacular”, seu Chico perguntou “qual é

essa música? Alguma novidade desse menino Nelson Gonçalves?”, “não pai, é *rock and roll*, a nova onda do momento, um tipo de música que está fazendo sucesso nos Estados Unidos e está chegando no Brasil”.

Chico Luiz quis testar mais o filho e perguntou qual era o tom para iniciar a música, Reinaldo respondeu “Mi”, na sequência do diálogo: “maior ou menor?”, “menor, pai”, “é, começou bem, já sabe o que é Mi menor... então comece aí a tocar pra eu conhecer esse negócio!”. Reinaldo pegou a guitarra e o pai viu uma pulseira enorme no braço dele. “Esse negócio não é pra homem sério! E ainda pode arranhar o violão! Tire logo esse troço! Sei que você não é fresco”. “Pai, não é violão, é guitarra”, rebateu Reinaldo que tirou a pulseira e tentou começar a tocar a música “Lobo Mau”, dos Jet Blacks: “Ei, menina do chapéu vermelho / não ligue pra nenhum conselho/ dizem por aí que eu sou o lobo mau”, mas antes tinha uma introdução que era um uivo de um lobo e Reinaldo largou o “auuuuuuuuuuu!!!”. Seu Chico Luiz não suportou essa modernidade de introdução, mandou Reinaldo se calar e o proibiu de tocar qualquer coisa com violão ou guitarra.

Reinaldo Azevedo não baixou a cabeça e juntamente com os vizinhos: Ivanildo, Marcos Leite, Ewerton Gurgel, João Carlos e Isaú Gerino, começaram a fazer apresentações musicais em aniversários e casamentos. Seu Chico Luiz, percebendo a qualidade musical adquirida, passou a ser o maior incentivador das Bandas de *Rock* em que Reinaldo participou nos anos 1970. Os Brasas e Os Zíngaros sempre contaram com a presença cativante de Chico Luiz como espectador privilegiado dos *shows* e bailes, quase sempre ele dava “cangas” que animavam todos os presentes.



No começo dos anos 1970, Reinaldo se consolidou como exímio desenhista e participou ativamente do GRUPEHQ. Fortemente influenciado pelos heróis das histórias em quadrinhos de “Jerônimo o Herói do Sertão” e pelos filmes no estilo “Django”, criou o herói nordestino “O Coveiro” que fez sucesso nas tiras que eram publicadas no Diário de Natal.

A ideia de criação da Banda Anos 1960 surgiu num encontro etílico dos velhos amigos Mário Henrique Gondim e Reinaldo Azevedo já em 1986. Logo foram convocados outros amigos, todos profissionais liberais, para iniciar os ensaios e dar partida na sequência de *shows* e bailes inesquecíveis: Jorge Lira, Marcos Leite, Ivanildo Carvalho, Edmar e Levi Bulhões. A intenção era abrir o velho baú musical e ressuscitar em Natal o autêntico *Rock and Roll* curtido nos anos 1960 e 1970.

Desde a primeira apresentação, no antigo “Badaladeira” de Ponta Negra, a Banda conseguiu tirar de casa trintões, quarentões e cinqüentões natalenses da geração Paz e Amor. A antiga turma do *Hippie Drive-in* recuperou os velhos casacos jeans e passou a frequentar os bailes e *shows* promovidos pela Banda.

Mais de 20 anos já passados e a Banda Anos 1960, com algumas modificações em relação à configuração inicial, continua na estrada, mantendo acesa a chama da Jovem Guarda e do *Rock and Roll*. Silvinha Benigno (ex Luluzinhas), Bituca, Serginho e Élcio (ex-Jetsons) se incorporaram ao conjunto. Talvez inspirados na Banda Anos 1960, novos grupos musicais surgiram na cidade explorando a linha *rock revival*. Os Bonnies (adolescentes inspirados em Elvis Presley e na música “My bonnie” de Tony Sheridam), Os Groggs (*Blues + Rock*) e Revólver são bons exemplos.

Os Groggs surgiram em abril de 1999 tendo como principais influências o *rock*, o *blues* e o *country* das décadas de 1950, 1960 e 1970. O grupo é formado por Giancarlo Vieira (vocal), Moisés de Lima (vocal e baixo), Felipe Rebouças (guitarra), Thiago Andrade (guitarra) e Tony MacCarthy (bateria e *backing vocal*). Uma das especialidades da Banda é a interpretação das músicas dos Beatles.



Os Groggs recentemente ganharam o Festival MPBeco com a música “Natal Canibal”, de autoria de Moisés de Lima e Luiz Gadelha. A letra dessa música faz um paralelo entre a colonização portuguesa e a recente invasão de estrangeiros em Natal.

Reinaldo Azevedo, um dos dinossauros do *rock* natalense, é o verdadeiro Keith Richards papa-gerimum, continua inquieto, está sempre com uma novidade em mente, um novo projeto cultural, continua fanático por guitarras (tem mais de vinte), dorme com a mulher e com uma guitarra junto. Evoluiu sua técnica, hoje é um exímio guitarrista, bastante conhecido e querido nas noites natalenses.

Outra Banda de *Rock* importante na cidade é a premiadíssima Mad Dogs que representou o Brasil em 2003 e 2004 na 20^a e 21^a *Beatle Week*, no Cavern Pub, em Liverpool. Os “cachorros loucos potiguares” que com bom humor e irreverência reinventam *blues* e *rock* são: Carlinhos Suassuna (guitarra), Neemias Lopes (saxofone), Marco França (teclado), Paulo Sarkis (baixo), Fernando Suassuna (bateria) e Hostelo Osman (voz). A Banda, com passagem pela Argentina, é detentora de diversos prêmios Hangar de Música e o COSERN Musical pela montagem de espetáculo.

O Colégio Marista e a transição para receber as meninas

Em 1969, percebendo que a qualidade do ensino no Colégio 7 de Setembro já não era a mesma, e já vislumbrando o Vestibular, nos transferimos (eu e Carlos) para o Marista. Fui estudar o 2º Científico e lá encontrei alguns velhos conhecidos do Bairro de Petrópolis: Carlos José (Zezé), Sérvulo Godeiro, Tácito Suassuna, Fernando “Bico Doce” e Gilson Pereira. Reencontrei até um colega do Jardim de Infância Modelo: Waldemir Germano.

Apesar da minha timidez inicial, as conversas nos intervalos facilitaram o entrosamento com: Clécio Godeiro, Robinson Azevedo, Leonardo Flamarion, Danny Moura, Osvaldo “Carneirinho”, Jorge “Carneirão”, Luiz Gonzaga Cocentino “Baratinha”, Luis Gonzaga Pontes, Paulo Waldemiro “Amarelinho”, Luiz Gonzaga de Melo, João Maria Monte, João Carlos, Marcelo, Francisco Peregrino “Netinho”, Adalberto Farache, e muitos outros. Os diretores principais eram: Irmão Chagas e Irmão Arthur (também professor de Biologia).

Participei de competições de futebol, basquete, futebol de salão e handebol, isso serviu para ampliar bastante a quantidade de novos amigos.

Professor Teixeira de Inglês e alunos do Marista em 1968, entre outros: Gílson Pereira, João Batista Caldas Filho, Carlos José Cavalcante, Gereba, Aúreo, Anselmo, José Fernandes Campos Sobrinho (Dedé), João Maria Monte, Ademar e Edmundo Gentille



Na turma do 2º ano o aluno Aldo era o mais agitado, fazia muitas perguntas e sempre se levantava para argumentar com cada professor. A turma pegava pelo pé dele e gritava “Senta Aldo!”. O cara ficava irado e tentava dar cutucadas nos provocadores. Como não podia fazer muita coisa na sala de aula, dizia “vou pegar lá fora...”

Essa provocação chegou ao conhecimento dos alunos do Atheneu, maior rival do Marista nos Jogos Colegiais. Em pleno Palácio dos Esportes lotado, a torcida ecoava “Sentaaa Aldoooo! A torcida do Marista respondia: ‘É canja, é canja, é canja de galinha, arranja outro time pra jogar com nossa linha’.

Meus colegas logo me informaram que o Marista passava por mudanças no sentido da modernização. Os irmãos não usavam mais batinas, o rigor excessivo (diziam que era o “Nazi-Fascismo”) era substituído por mais diálogo com os alunos. Foi o ano de inauguração do Ginásio Maristão e era anunciada para o ano seguinte a presença feminina no alunado.



265

Ao lado, a capa do LP
que é a cara do
Marista, 1969

O primeiro sinal dessa modernização eu percebi logo de uma forma diferente e agradável: em vez da batida de um sino, a hora do recreio passou a ser anunciada pelo som de uma música de *Rock*. Na primeira vez que a escutei, fui direto à Secretaria para conferir e descobri que a música era: *Down on the Corner* do LP *Willy and the Poor Boys* da banda americana *Creedence Clearwater Revival*. Aprovado!



266

Em pé: Fred, Fernando,
Garibaldi, Napoleão,
Pontes, Jerônimo,
Ely e Edson Fidelis.
Agachados: Assis (era
jogador do América),
Gereba, Rogério,
Leonel, Aldo e Luis
Lopes Varela. Local:
Campo da Matinha,
em 1969

A professora de Português era Crizan Siminéia. Na primeira semana de aula ela passou um trabalho sobre Literatura. Fiquei impressionado com a representação teatral feita em sala de aula pelo grupo de Ivanildo Cortez e Napoleão Paiva. Certa ocasião, a professora Crizan irritada com a turma ameaçou: “Se vocês não pararem a algazarra, eu vou fazer uma prova de surpresa amanhã!”.

Outros professores do Marista: Adrião e Marcondes Mundim (Matemática), Diógenes (Desenho), Joacy (Física), Armandinho e Wilson Cleto (Química) e Severino (Biologia).

O irmão Chagas nos incentivava a assistir alguns filmes específicos e promovia debates sobre os mesmos, como no caso de “O Teorema” de Pasolini. Começava aí a nossa adaptação para aprender a assistir também as sessões de arte do Cine Clube Tirol. Só não consegui gostar dos filmes de Glauber Rocha, chatíssimos.

Luiz Gonzaga Pontes Pessoa era meu colega de turma, aluno super aplicado e desembaraçado. Com o surgimento da Matemática Moderna, ele e Robinson Azevedo se destacavam pelo conhecimento profundo da Teoria dos Conjuntos.

Ainda estudante do 2º Científico do Marista, Pontes foi surpreendentemente contratado para atuar como comentarista esportivo da Rádio Poti. Provavelmente foi o comentarista esportivo mais jovem da história do Rádio potiguar. Em sua estreia, ele acompanhou um jogo do ABC contra o pequeno Ferroviário no Juvenal Lamartine. O ABC era favorito, mas não estava em dia inspirado, o meio de campo alvinegro não se encontrava. A retranca montada pelo astuto Pedrinho de Quarenta, técnico do Ferrim, funcionava bem para desespero dos abecedistas e o jogo insistia em permanecer no 0x0. No intervalo, o locutor Almeida Filho anunciou o novo comentarista e jogou a pergunta no ar “O que há com o ABC?”

Pontes, inspirado na Teoria dos Conjuntos, então iniciou seu comentário com uma frase que virou pérola no folclore futebolístico papa-gerimum: “A interseção entre a defesa e o ataque do ABC é um conjunto vazio”. Almeida Filho e os ouvintes tradicionais da Poti não entenderam nada, mas os colegas do Marista sacaram tudo.

Em 1970 as meninas chegaram discretamente no Marista, na minha turma (Tecnológica) do Pré existia apenas uma: Fátima Coelho que depois fez Arquitetura em Recife. Nesse ano havia um acordo com o Colégio Imaculada Conceição e cerca de dez alunas de lá assistiam aulas de Biologia no Marista, me lembro de Cândida Melo e Ilza Leão. Carlos Roberto Bezerra (Piru) quebrava preconceitos e participava com 30 meninas do Grupo de balé do Colégio.



267

Professores Adrião, Crizan, irmão Chagas e a “Turma de Engenharia” do Marista, 1969

Aldo, Edílson King, Ademar, Fred, Luiz Varela, Osvaldo Carneirinho, Fernando Gordo, Irineu, Carlos Ivan, Clécio, Cucus, Luis Baratinha Cocentino, Leonel, Luciano Pincel, Pontes, Osvaldo Japi, Waldemir e Tácito

Ginásio São Luiz

Dirigido pelo conheidíssimo Padre Eimar L'Eraistre Monteiro (a voz analizada da “Hora do Ângelus”), o Ginásio São Luiz era outro dos poucos colégios mistos da cidade. A arquitetura do prédio da Rua José de Alencar lembrava uma casa de pombos. Entre os estudantes corria a frase que marcava o Colégio: “Ginásio São Luiz, entra burro e sai Juiz”. Nos início dos anos 1960, estudavam lá em diferentes turmas: João Maria Monte, Fátima Moura, Maria do Carmo Moura, Ana Cecília Monteiro, Ana Augusta, Rosália, Alice, Goretti Lins Monteiro, Erildo Júnior, Adauto Assunção e Vicente Serejo.

268

Turma do 4º Ano em
1965. Padre Eimar,
Aníbal Barbalho, Edna
Rita, Marilda, Saulo
Romualdo, Zélio,
Maurício, Mário, Artur
Vilar, Edilson, Roberto,
João Alves e outros
(Foto do acervo de
Aníbal Mesquita
Barbalho)



Amigos

Faça uma lista de grandes amigos / Quem você mais via há dez anos atrás /

Quantos você ainda vê todo dia / Quantos você já não encontra mais...

Faça uma lista dos sonhos que tinha / Quantos você desistiu de sonhar.

(Oswaldo Montenegro)

Eles vinham dos mais diversos lugares, mas tinham algo em comum, eram amigos dos seus filhos, portanto seus filhos também. Era assim que nossos pais recebiam todos os nossos amigos em nossa casa. Sentados no batente da calçada, no muro, na sala ou na cozinha, sentiam-se todos em sua própria casa. Ali, tudo se conversava. Era “seu” Dico pra aqui, Dona Déa pra ali, e papai arrancava de cada um o que eles tinham de melhor. No meio daquela descontração, ele era um de nós e apesar da patente que o tempo lhe conferia, ele sabia ouvir a todos antes de contar suas próprias aventuras. E elas eram tantas, contadas com seu vocabulário próprio e a segurança de quem acabou de vivê-las. As colocações típicas de sua época e os jargões ultrapassados davam um sabor à parte, impossível de serem traduzidos. Mas, ouvir era a sua especialidade. Para ele, ouvir não era apenas falar. Por menos engraçada ou mais conhecida que fosse a piada que lhe contavam, seus olhos brilhavam de surpresa e encantamento demonstrando seu estimulante interesse. Éramos todos da mesma idade como ele mesmo sentia:

– Não olho para o espelho para não me assustar. E só sei que sou velho quando um moço educado me dá o seu lugar no lotação. Aí eu começo a ficar preocupado!...

Rindo das “presepadas” do seu velho, mamãe passava mais uma vez servindo lanche, enquanto pesquisava quem eram os pais de um e de outro na sala.

No terraço, papai comentava a moda feminina:

– Só quero ver o momento em que, com a subida das saias e a queda do decote, ambos acabarão por se encontrar. Aí é só jogar fora o cinto!

E assim, aos poucos, a residência de número 403 passou a ser uma das referências para um bom papo na Afonso Pena. Como naquela noite memorável, do dia oito de março de 1971, em que Cassius Clay (antes de tornar-se Mohammed Ali) e Joe Frazier se enfrentaram pelo título mundial dos pesos pesados. Talvez a primeira luta internacional de boxe transmitida ao vivo pela televisão brasileira. Na sala, fazendo suas apostas, estava o meu grupo de estudo para o vestibular daquele ano: Sinfrônio Sabino da Costa Filho, Gutemberg Vilar de Queiroz, Carlos Roberto Bezerra de Araújo, Aroldo Martins e Heriberto dos Santos Tinoco, colegas do Marista. No meio deles, papai que detestava violência, questionava o nosso mau gosto.

– Quanto a televisão brasileira está pagando para retransmitir essa “briga”? E se fosse uma ópera, vocês estariam assistindo?

Era o seu jeito de sugerir que retomássemos os estudos, deixando as futilidades de lado.

– Aproveitem o tempo de colégio, é a única folga que o rapaz tem entre a mãe e a esposa.

Sua diplomacia bem humorada lhe permitia um trânsito livre em qualquer ambiente. Era sempre procurado quando queriam lhe contar as “últimas”. Assim, ele ficava sabendo de todas as nossas patifarias, como aquela da injeção diária de gasolina, com uma seringa de 50cc, em uma planta epífita no Colégio Marista. Esta planta trepadeira subia até a janela do diretor no segundo andar. Todas as manhãs, orgulhoso, ele abria a janela e os pulmões para sentir o perfume de suas flores. Para executarmos esta operação, saímos no fusca branco de Gut para abastecê-lo no Posto Tamarineira, em frente ao colégio. Retirávamos parte da gasolina e injetávamos na base da planta durante várias semanas. Tudo isso num sistema de rodízio, onde um fazia e os outros davam cobertura. Era o dinheiro do nosso lanche jogado fora. Demorou, mas a operação “*1868 rides again*” (dezento meia oito ataca outra vez) numa alusão à placa do fusca, foi um sucesso...

Outra, de extremo mau gosto, aconteceu quando saímos todos no Aero Willys placa AA 0333, lotado, do velho Sinfra, dirigido pelo Sinfra filho. O sentido do trânsito na Rua Jundiaí era o oposto de hoje, e, nas imediações da Catedral Nova, Sinfrônio parou no sinal. Alguém soltou um “torpedo” que embaçou os vidros e o ambiente ficou insuportável. Abrimos as quatro portas e abandonamos o carro no momento em que o sinal abria. Um caos: trânsito interrompido, buzinaço, gritos, reclamações, uma chiadeira geral.

Apontado como responsável, Aroldo Caninha se defendeu:

– Como posso negar um “pum” aos meus amigos?

Mais do que na minha casa, o principal ponto de encontro da turma do Marista era no cruzamento da Prudente de Moraes com a Mipibu. Ali, na casa dos pais de Sinfrônio “moramos” por um ano. Tempo de brincadeiras, *happy hour*, das conversas sobre a Discoteca do Chacrinha, da Jovem Guarda, das peladas na Praia do Forte. Das notas que dávamos de zero a oito para as namoradas dos outros

(ninguém é perfeito). Tempo dos desfiles de moda de Piru e Caninha nas passarelas da Escola Doméstica, das explicações de Heriberto sobre a Fórmula 1 e Fitipaldi ou qualquer dúvida que tivéssemos sobre automobilismo. Tempo em que o “nego” Piru de malha negra dançava *ballet* sozinho no meio das meninas para um Ginásio Champanhat completamente lotado, abrindo as Olimpíadas internas. Tempo em que Gut, de madrugada, acordava os irmãos de Sinfrônio só para cuspir. Tempo do campeonato de “pum” em que eu desbanquei o invencível Sinfra, me tornando o legítimo campeão. Tempo das nossas divergências sobre a interpretação de “Construção”, de Chico Buarque, que poderia cair no vestibular. Música que marcou a transição de Chico à fase de protesto, eram 41 versos, todos terminados em paroxítonas. Na verdade, mais que isso, tijolo por tijolo, construímos uma sólida e profunda amizade. E quando sobrava tempo a gente ainda estudava. Tempo em que Sinfrônio pai, com todo conhecimento do Banco do Brasil, pacientemente nos dava aula sobre Economia, mesmo sabendo que quase todos nós pretendíamos a área biomédica...

E quando pensávamos que não tínhamos mais crédito algum com a família Costa, eis que surge a adorável mamãe Dolores nos convidando a todos para o aniversário-surpresa de Aroldo. Inclusive os pais...

269 (a)





269 (b)

Gut, Sinfrônio, Piru, Heriberto, Carlos e Aroldo Caninha. No jipe, a mesma turma com Mauridré (na direção) 1971. Fotos publicadas no Jornal Tribuna do Norte

Papai que ouvia todos os nossos relatos, só valorizava aquelas situações em que no final aprendíamos alguma lição. Como no dia em que, cansado de esperar a definição da turma quanto ao fardamento do cursinho noturno, que funcionava no próprio Colégio Marista, o irmão Chagas decidiu que seria uma camisa vermelha com a calça jeans da farda matutina. Intencionalmente, para chocar, ele escolheu o que tinha de pior. Todos os confluientes ficaram revoltados, mas não houve acordo. Tomando as dores dos colegas, o nosso grupo autodenominado Butico, decidiu fazer um manifesto. A ideia era que todos fossem ao colégio usando um macacão da Shell – usado em postos de gasolina – gritando palavras de ordem. Como a ideia foi rejeitada pela maioria da classe, o nosso grupo decidiu ir à luta assim mesmo. Para isso, contamos com o apoio de mais dois colegas: Eduardo Alexandre Garcia (o Dunga) e Mauridré Elias de Farias (o Bueiro).

Time de futebol do 1º Ano Científico do Marista, em 1969. Em pé: Ivan, Aécio, Elmar, Manfredo, Evandro e Giovani Sérgio. Agachados: Arnóbio Pacheco, Edson, Chico, Assis e Carlos Sizenando



Dias depois, os seis componentes do Butico, reforçado por mais dois do grupo dos Doidos, colocamos em prática uma ideia diferente. Retiramos a capota do velho jipe branco de Mauridré e rodamos por toda a cidade, impecavelmente vestidos com paletó e gravata. Circulamos no colégio e depois fomos recebidos pelo irmão Chagas em seu gabinete. Após ouvir a nossa reivindicação para conceder-nos um tempo maior para a escolha de uma farda mais *fashion*, ele foi derrubando um por um todos os nossos argumentos pois já tinha esgotado o tempo de negociação. Naquela sala estavam alguns dos meus amigos mais geniais e o irmão Chagas, pacientemente, sem levantar a voz, colocou-nos todos no “bolso”, arranhando o meu orgulho. Principalmente quando elogiou o nosso terno e sugeriu que daria uma boa farda.

Em casa, percebendo a minha indignação, papai ponderou que o padre tinha razão. E enquanto ele desfazia o nó da minha gravata, me deu uma aula de hierarquia e respeito ao próximo.

– Por que, então, o senhor me emprestou o terno e a gravata?

Perguntei.

– Você precisava ir para aprender.

De fato, algum tempo depois, consciente da mudança de mentalidade dos seus alunos, o intelectual, frio, inteligente, sério e moralizador irmão Chagas, discípulo de Teilhard de Chardin, sempre com o seu terno impecável, nos convocou para uma nova reunião. Após um breve discurso de alto nível, conseguimos traduzir que a nossa reivindicação seria atendida e terminamos o ano com uma camisa azul mais discreta.

Daquela turma do Marista, faziam parte ainda figuras marcantes como Arnóbio da Penha Pacheco, Paulo Jéferson Rodrigues, Apolinário Teixeira, Elmar dos Santos Leite, José Aécio, Francisco Lira, Francisco de Assis, José Venâncio Júnior, Aline Madruga, Margarida, Eleonora, Darlan (Cego Brasa), Fernando Antônio Brandão Suassuna, Absalão Pinheiro, Alexandre Lopes, Francisco José do Nascimento Castro, José Lira de Holanda, Ricardo Cabral Fagundes, Edson Viana, Giovanni Sérgio Rego, Teotônio Tertuliano da Costa Neto, Ivan, Valério, Odilon Garcia, Tereza Germano e Evandro Nobre.



271

Piru, Gut, Carlos,
Sinfrônio Filho,
Heriberto na casa de
Dona Dolores, 1970

Preocupada com o horário do vestibular que iniciava no dia seguinte, Dona Dolores nos intimou para dormirmos todos na sua casa. Seu Sinfrônio, que nos levara para casa o ano inteiro, desta vez nos levaria para a ETFERN, local das provas. Com direito a lanche à noite e café da manhã reforçados, corremos todos para lá. Antes,

porém, assistimos à noite no Cine Rio Grande, o filme sobre o Festival de Woodstock. Pressionados por Dona Dolores, pela primeira vez dormimos antes de uma da manhã. A casa parecia um campo de refugiados: além dos filhos biológicos (Sinfrônio Filho, Alice Ester, Fernando, Taíta, Auxiliadora e Fátima), havia mais os cinco filhos adotivos do nosso grupo de estudos.

Alice lembra que quando Dona Dolores foi acordar a turma, no meio de tanto ronco, Sinfrônio era o único a dormir balançando o pé, sinal de que passara a noite ansiosamente sonhando com o vestibular. Após as provas, reunidos mais uma vez no terraço de Sinfrônio, o filósofo Carlos Roberto Piru para mudar de assunto e aliviar a tensão, decretou:

- Quem quiser saber como vai ficar sua namorada no futuro, olhe para a mãe dela hoje.

Naquela semana dois colegas terminaram seus namoros...

Carlos

O crime prescrito

A Rainha da Inglaterra nunca confirmou,
mas entre nós, Aroldo “Caninha” será sempre
lembrado como o nobre Sir Arold Martins.

Somos jovens apenas uma vez.
Mais do que isso a sociedade não aguenta.

1971. Meu último ano do curso científico no Colégio Santo Antônio – Marista. O vestibular se aproximava. Não havia a opção da faculdade particular, nem os concursos quase diários de hoje em dia para o Tribunal de Justiça, INSS, Banco do Brasil e outros. Era passar na universidade federal ou esperar mais um ano estudando. Intensificamos os estudos e as brincadeiras também. Não dava para sobreviver sem elas.

Naquela noite de setembro, saímos do nosso QG de estudos no terraço panorâmico da casa de Sinfrônio para um breve lanche. Ali conversamos sobre as atitudes antiéticas do nosso diretor, irmão Aníbal, que entre outras coisas, em vez de comunicar aos pais a inadimplência de seus filhos junto à secretaria, optou por visitar sala por sala com a lista dos alunos em débito para pressioná-los na frente de todos. Fazia isso com frequência. Decidimos dar um basta com aquela humilhação. Dentre várias alternativas que discutimos, alguém sugeriu:

- Vamos matar o padre!
- Do outro lado da mesa veio a complementação.

– E tem que ser esta noite!

Não me lembro se pagamos a conta, mas já era tarde quando saímos todos na kombi de Aroldo (Caninha) e paramos em frente ao Restaurante Gramil, já fechado, no cruzamento da Avenida Hermes da Fonseca com a Rua Potengi. Ali, na esquina, o próprio Aroldo ligou de um orelhão para a redação da Tribuna do Norte. Com a voz triste, pausada e melosa, identificou-se como padre do Colégio Marista que precisava com urgência notificar a morte do querido irmão Aníbal, incluindo na edição do dia seguinte uma nota de falecimento.

– Pois não, pois não. Respondeu do outro lado uma voz solícita.

– Já estamos fechando a edição do jornal, mas podemos abrir espaço em primeira página para esta notícia.

– Meu caro irmão, a comunidade Marista lhe agradece. Peço-lhe o maior destaque possível pois amanhã não teremos aula. Manden a conta, meu filho.

– Sim senhor, seu padre.

Ao redor do orelhão, entre risos e frio na barriga, estávamos perplexos com a performance do nosso amigo. E cada um catava nos bolsos, fichas telefônicas para não deixar cair tão importante ligação.

– Sir Arolld, você merece o Oscar!

Disse-lhe orgulhoso Carlos Roberto (Piru), entre abraços de todos.

– Missão cumprida. Vibrou Gut.

– Ainda não. Respondeu Caninha.

- Falta encomendar o caixão na funerária!
- Homem, você está doido?! Espantou-se Heriberto.

E numa cara de pau impressionante, ele “fechou negócio” também com a funerária por telefone...

Naquela noite não estudamos mais. O diretor não sabia que tinha morrido, nem os professores sabiam que nossas provas já estavam adiadas! Cerca de 1.500 alunos dos três turnos estariam livres de aula no dia seguinte... Estaríamos prestando um grande serviço à comunidade estudantil.

O dia seguinte

O dia amanheceu e, ansioso, pela primeira vez acordei antes do meu pai para ser o primeiro a ler o jornal.

- O jornal veio bom hoje, amigo?

Perguntei ao menino jornaleiro como se ele pudesse antecipar a única notícia que me interessava. E lá estava a matéria no jornal. O frio que era só na barriga, tomou conta do corpo todo. Li e reli. De novo, novamente e mais uma vez. Aquilo era a nossa cara, parecia que no final tinha a impressão digital ou assinatura de cada um. Isso não vai terminar bem, pensei.

Liguei para Sinfrônio e combinamos que todos deveríamos estar no colégio normalmente.

Às 6h30 de uma manhã ensolarada, o movimento já era grande na frente do Marista. Alunos com e sem farda e familiares chegavam de todos os cantos. Algumas pessoas choravam, outras levavam flores,

outras não entendiam o que se passava. Grupos se formavam em busca de informações e no pátio do colégio senhoras cantavam Ave Maria. O caixão fúnebre teria sido recebido pelo próprio diretor. Comentou-se.

- Mas como ele pode ter morrido? Estava tão bem ontem.
- É verdade, mas saiu no jornal!
- Ouvi dizer que era boato.
- Como boato? Saíu no jornal.

No meio desse clima, surge alguém gritando.

- O padre está vivo. Ele está vivo, está lá em cima. Lá em cima!
- Onde? No céu?
- Não gente, o nosso diretor está no segundo andar. Acabei de abraçá-lo!

Era tanta gente se acotovelando no pátio que a verdade passou a ser apenas mais um boato. Até que, em carne e osso, o próprio diretor apareceu na sacada do prédio, acenou para todos, convidando-nos para uma reunião no auditório.

Aos poucos, o velho auditório foi totalmente ocupado. Nas cadeiras, no chão do corredor central e nas laterais, o público se espremia em silêncio. Eu sabia que os meus colegas estavam ali, em algum lugar, mas não conseguia localizá-los. Um simples olhar, um sinal de *ok* de um deles, me devolveria a tranquilidade. Em vez disso, de repente, todos ficaram de pé e aplaudiram demoradamente o irmão Aníbal – mais vivo do que nunca – que acabara de subir no palco, acompanhado por alguns professores.

- Esse cara já sabe de tudo e vai nos enterrar vivos naquele caixão... Pensei e suei.
- E quando o silêncio se fez, o padre solenemente falou:
- Minha querida comunidade Marista. É com muita satisfação que hoje, mais do que nunca, me dirijo a vocês. Provavelmente eu devo ser o único homem morto a ter a oportunidade de avaliar em

vida, o quanto sou querido, a julgar pelas lágrimas, pelas flores, inúmeros telefonemas e por este auditório lotado.

Por diversas vezes seu discurso foi interrompido com aplausos. As fervorosas mães dos alunos deliravam. O radiante morto-vivo estava inspiradíssimo. O bem teria vencido o mal.

No dia seguinte, à tardinha, a campainha toca insistente em nossa casa. Era Dona Sebastiana, uma dedicada senhora bibliotecária do Marista que morava em nosso bairro. Nervosa, ela queria ler a repercussão desse caso no jornal e chegou contando o que meu pai já sabia ANTES de acontecer.

- Inventaram que o nosso diretor tinha morrido. Pior, encomendaram um caixão e mandaram para o colégio. Dona Déa e Sr. Sizenando, esse mundo está de cabeça para baixo. Como alguém pode fazer uma coisa dessas? Aquele homem é um santo!
- Corre Chiquinha, uma aguinha gelada aqui para Dona Seba... perdão, Dona Sebastiana.
Pediu papai à moça que trabalhava lá em casa.
- Mas não vai ficar assim não. O colégio vai expulsar quem fez isso.
Isso é caso de polícia.

Disse a indignada bibliotecária, enquanto lá do escritório eu ouvia tudo calado.

De fato, ficamos sabendo que a caça às bruxas havia começado. E depois de vários dias de investigação a carapuça caiu sobre a cabeça de um aluno reincidente, do segundo ano, que foi afastado do colégio por 15 dias. A lição que ficou só pôde ser avaliada no ano seguinte quando, já na universidade, conversamos com os novos pré-vestibulandos maristas e constatamos uma súbita mudança no comportamento do diretor. A discriminação elitista, a conversa fechada com “patotinhas”

na direção e o tratamento hostil com os inadimplentes, foram substituídos por um diálogo sereno, ameno, humano e transparente. Algum tempo depois ele foi transferido.

Por outro lado, não dá para esquecer a confiança e a cumplicidade que aquele grupo de amigos tinha com papai. Ele, sempre disponível, era uma espécie de consultor eventual, mas também assimilava nossas gírias e ideias. Algumas vezes, empolgado, era traído pela memória e usava nossas expressões na hora errada. Como quando chamou a seríssima Dona Sebastiana de Dona Seba.

No fundo, confiava nos “meninos”:

- Cuidado com o que fazem. Observem os limites.
Na prática, via tudo como uma brincadeira sadia de jovens irreverentes para o qual o céu era o limite.
- Deixe os meninos se divertirem. Não dá para fazer isso depois de velho.
Dizia ele para mamãe.

Três anos depois, em uma conversa casual com o então estudante do Curso de Farmácia, César dos Santos Farias, fiz uma descoberta inusitada: foi exatamente o mossoroense César quem atendeu a ligação de Caninha, naquela noite de setembro de 1971 e introduziu a notícia da morte do padre no jornal. Como nós, ele também fazia o pré-vestibular e, à noite, trabalhava como revisor plantonista na Tribuna do Norte. Contou-me que ficou profundamente sensibilizado, chegando a chorar ao telefone e, de imediato, atendeu ao pedido que lhe custou o emprego. Por ironia do destino, César passou a lecionar inglês justamente no Colégio Marista onde permanece até hoje.

Os embalos no ABC

O que foi felicidade / Me mata agora de saudade
Velhos tempos, belos dias...
(Roberto e Erasmo Carlos)

Asede social do ABC F. C. que ficava situada na esquina das ruas Potengi e Afonso Pena, no Bairro de Petrópolis foi inaugurada em 1958, na administração do presidente Ernani da Silveira, o qual posteriormente seria eleito vice-prefeito de Natal e residia bem próximo, na Rua Potengi. A primeira sede funcionou em um quarto da residência do Sr. Avelino Alves Freire, cujo filho, Emílio, fora o primeiro presidente eleito do Clube. Passou também por diversos pontos alugados no antigo Bairro da Ribeira, onde os prédios então utilizados eram bastante restritos e humildes.

A sede da Afonso Pena representou um enorme avanço para o clube e para a própria cidade do Natal. Com uma arquitetura moderna arrojada, visual agradável e diferente de tudo que existia na cidade. Tinha um charme todo especial que fez com que as classes média e alta da sociedade passassem a frequentá-lo assiduamente. No ABC havia uma pequena piscina infantil, salão de jogos, dois salões de festas (um no térreo e outro no primeiro andar), sala de troféus, lanchonete, sala de reuniões e até uma sala especial onde pessoas como Romildo Gurgel, Djalma Marinho e Heider Pinheiro Moura diariamente curtiam o “carteado”. Posteriormente foi construída uma quadra onde a equipe de futsal do ABC treinava e os garotos e adolescentes residentes na vizinhança

tinham suas peladas. Cantores como Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves e a Banda The Clevers (Os Incríveis) se apresentaram no ABC.

Um dos programas inesquecíveis na primeira metade dos anos 1970 era a Matinê, aos domingos que ia das 19 horas até meia noite. Clube sempre lotado, sucesso garantido, vitrine com repercussão durante toda semana nas conversas em colégios, na universidade e nas praias. Lá fora, carrões e carrinhos disputavam vagas, embora a maioria chegassem mesmo a pé. Lá dentro, gatões e gatinhas num jogo de esconde-esconde, num procura-acha-e-perde constante, embalados pelos alucinantes solos de guitarra de Joca ou Expedito e teclados de Etelvino do Impacto Cinco. Isso tudo fazia os jovens viajarem, sem drogas, por um mundo de sonhos, docemente descompromissados com a responsabilidade. A seleção musical era impecável, com os excelentes *crooners* Roberto Teixeira de Lima (importado de Mossoró) e Genilson garantindo momentos de raro prazer. A bateria de Jucá completava o clima quente de *Rock no dancing*. Sempre que ocorriam feriados, eram organizadas festas “extras” no ABC, uma delas foi a “Festa do Cabeção” aproveitando o sucesso da música dos Golden Boys.

Como ficar indiferente ao apelo hippie do “*make love not war*” cujo símbolo, meu pai me gozava dizendo ser o mesmo da Volkswagen? Não era para menos. No auge dos legendários Led Zeppelin, Santana, Creedence Clearwater, Beatles, The Who, Bread, Mutantes, Secos & Molhados, anônimos olhares desfilavam. Por que palavras? O som não permitia, nem tínhamos o que dizer. Olhares sem dono, olhares oferecidos, olhares arrogantes, olhares distraídos, olhares traídos, olhares sentidos, olhares distantes, olhares brilhantes, olhares perdidos, olhares vazios, olhares de *help – I need somebody*, olhares esquecidos, olhares no infinito, olhares não correspondidos, olhares de não-metoque. Dez olhares de não para cada olhar de talvez. Talvez é quase. “Mas quase também é mais um detalhe” diria a canção depois. A magia da luz negra refletida no branco das roupas, dentes e olhos. O perfume, a fumaça de gelo seco e o clima *dark* nos invadiam por todos os poros no *dancing*.



272

Impacto Cinco (Idalmir, Jucá, Etelvino, Expedito e Carlinhos) com Jota Epifânio no ABC



273

Leila, Lúcia e Jeruza Helena Araújo, e Newton Pinheiro, em frente ao ABC



274

Denys, Gílson, Luis
Sérgio, Vicente
Mesquita, Afonso e
Lauro no ABC

Os embalos no ABC

467

275

Outro grupo de frequentadores do ABC:

João Augusto Melo,

Leão, Cristina, Cândida,

Luis GB, Marco Rey,

Lauro, Vicente, Nélson

Freire, Alexandre e

outros. Foto do acervo

de João Augusto Melo



Seu João Batista Caldas, empresário do Impacto Cinco (e pai do componente Etelvino), administrava pessoalmente cada Matinê. Desejava manter um bom nível no ambiente e impunha algumas regras, até exageradamente rígidas. A entrada só era permitida para maiores de 15 anos com carteira de estudante. Mas só entravam os alunos universitários, os de escolas privadas e do Atheneu. Alunos ou alunas do Colégio Municipal (especialmente) e outras escolas públicas eram barrados na porta. Quando ocorriam brigas, os seguranças levavam os brigões para a sala de troféus do clube. De lá seu João ligava para os pais virem apanhá-los. Era proibida entrada de jovens usando sandália japonesa para não “baixar o nível”.

A matinê era dividida em três segmentos: inicialmente a música era variada e havia uma iluminação regular no salão. Por volta de 21 horas havia um intervalo, no retorno a música era bem lenta e a iluminação ficava só com a luz negra. Na última meia hora, era só embalo pesado e todos dançavam soltos. Edmílson “Estrela Cega” comandava um grupo que ficava “se preparando” ao lado da mercearia de Dona Neuza e só entrava no Clube nessa fase final. Aí a franga estava solta: *happenings* frenéticos à *Woodstock* aconteciam ao ritmo de *Venus*, “O Vira”, “Amor” (Secos & Molhados) *Twist and Shout*, *Evil Ways*, *Batuka*,

Go Home, Oye, como Va, Yellow River, American Woman, No Time, 24 or 6 to 4 (Chicago) e “Glorioso Santo Antonio” (de Antonio Carlos e Jocafi).

Certa ocasião o Impacto Cinco foi substituído por outra banda e isso provocou grande revolta no pessoal, que se retirou em massa do ABC em sinal de protesto.



276

Emerenciano, Gilson Pereira, Nélson, Humberto, José Leônidas (Zeca) e amigos

Havia um certo estereótipo de comportamento. Os rapazes costumavam chegar em grupos. Pareciam fortes para esconder a insegurança. Alguns vinham de bares e já chegavam “no ponto”. As meninas, quase – mas, nem sempre – mais reservadas, aguardavam nas mesas o ataque dos feras. Restavam-lhes cruzar os dedos e torcer para serem encontradas pelo cara certo ou balançar a cabeça.

Era fácil se sentir em casa, pois o nosso grupo era grande, misto, diferenciado, uma família do bairro: Vladna, Rosângela, Costa Neto, Margarida, Fátima, Amália, Lola, Mário, Wilson Carvalho, Zé Humberto, Fernando Suassuna, Tácito, Sérgio Murilo, Marília, João Maria Cordeiro, Jackson Sá, Martinho, Sílvio Roberto, Jurandir, Carlos José (Zezé), Robinson, Nilton Gomes, Tereza Barreto, Magnólia,

Júnior Pintado, Ricardo Curioso, Rosália, Walmar, Walmarí, Ricardo, Walter, Ana Tereza, Fred Galvão, Lúcia Helena, Jânio Cardoso, Fátima, José Ariston Neto, Fred e eu.

Elas chegavam de mini ou de microssaia, as cores eram fortes: roxo, laranja, verde – pistache, amarelo-limão, algumas poucas ainda insistiam em usar laquê típico dos anos 1950, deixando o cabelo com as pontas arrebitadas. As mais moderninhas vinham com calças bufantes enfiadas em botas no estilo das garotas da banda Sérgio Mendes & Brasil 1966. As intelectuais usavam óculos de aro fino.

Eles usavam calça boca-de-sino, principalmente *jeans*. US Top era a novidade, mas nossa exigência era que o *jeans* fosse ultra desbotado. Não havia problema de a calça ser velha, remendos em forma de corações davam um toque especial. Cinto com fivela grande, camisetas coloridas ao estilo *hippie*, ou com a enorme língua símbolo dos Rolling Stones era uma boa referência para colagem nas camisetas. Alguns vanguardistas cabeludos usavam horríveis costeletas e chinelos de pneu (quase sempre barrados por seu João Batista) em forte contraste com a elegância conservadora de Marco Antônio Sendim e outros cadetes da Aeronáutica com suas cabeças raspadas que chegavam no Papa-Fila. A Esquerda e a Direita se suportavam na batida do *Rock and Roll*.

Ponto de encontro de uma geração inteira de jovens, impossível não omitir nomes: Sinfrônio Filho, Heriberto, Gilberto Tinoco, Carlos Rocha, Clemente Carvalho, Sérgio Dieb, Wilson Cardoso, Mororó, Afonso Queiróz, Luis Alberto Marinho, Nelson Solano, Carlos Crescêncio, Bob Furtado, Absalão, Alba, Neto, Domício Arruda, Cristina, Elisabeth Jácome, Wilson Falcão, Fan, Graça, Marlene, João Maria Monte, Fernando Lisboa, Marcelo, João Batista Caldas Filho, Gutembergue Soares, Enilce, Sandra Rosado, Laíre, Aníbal, Luis Cocentino, Fátima Maleta, Fátima Rabello, Nadege, Hercília. E mais: Maria Bernadete, Luis Seixas, José Ivonildo, Edmundo Gentille, Luis

Varella Neto, Eustáchio Lima, Caveirinha, Ronaldo Iglesias, Edmilson Oscar, Cícero Onofre, Marcelão Brito, Ivan Onassis, Nélson Fernandes, Glícia, Fátima Fernandes, Ana Luíza, Laércio Martins, Carlos Faria, Jaime Mariz, Teófilo Mattozo, Reinaldo Cabeçote, Marcus Frederico, Enílson, Carlos Ivan, Pedro e Antônio Melo. E ainda: Rogério Santos, Fernando “Vem Vem”, Fabíola Barroca, Patricia Collins (estudante americana), Elza Dutra, Silvinha, Cristina Lima, Leila, Marco Rey, Gílson Pereira, Piru, Danny e Denys Moura, Osvaldo “Carneirinho” Medeiros, Isabel, Gorete, Petit das Virgens, Catarina Melo, Fátima Neguinha, Paulo Roberto Luz, Lúcia Macedo, Luci Faria, Áurea Ramalho, Lindolfo Neto Sales, Darquinha, Rejane, Liana Melo, Rossine Cabral, Eugênia, Regina e Helena Costa, Carminha Melo, Telmo Barreto, Luis Sérgio, Ivanildo, Omar Romero, Fátima Gaspar, Marcínio, Marcílio e Marcino Dias, João Benévolo, Marcos Farias e Marcos Leite. Só Fátima Moura não ia, porque Seu Ezequiel não deixava.



277

Fred Sizenando (agachado ao centro) e Turma de Engenharia, assíduos do ABC em 1974. Aparecem na foto o ex-prefeito de Parnamirim, Neves, o atual reitor da UFRN Ivonildo Rêgo e o saudoso funcionário da Escola de Engenharia Pancho

O nosso grupo não era fechado. Os nomes se alternavam, raramente ficávamos em mesas. Havia uma pequena reunião preliminar em frente ao bar interno onde, em pé, tomávamos umas doses e atualizávamos as novidades. Ali, em plena sede do ABC, dava tempo

para chiar com os americanos eternos fregueses do alvinegro, saber as novidades dos LPs que chegavam em “Helisom” e principalmente observar o cenário, ou seja, as meninas conhecidas ou desconhecidas que chegavam ao Clube. Na medida em que íamos ficando mais corajosos, começavam os deslocamentos para convidar as meninas para dançar. Quando alguém cantava goga antes e levava um fora, a turma pegava peso no retorno. Mas também se não tivesse coragem de arriscar, a gozação era ainda pior. Havia até um “placar” com a estatística de sucesso e insucesso de cada um. Mas não contava quando dançávamos com as amigas vizinhas que eram do nosso grupo, isso era considerado “Risco Zero”.

Um dos assíduos frequentadores do ABC, embora fosse até tímido, ao ouvir os primeiros acordes da banda, interrompia sua primeira dose de “cuba libre” e partia para o ataque. Ele se dirigia às mesas e tirava as meninas pra dançar. O ritmo podia ser lento e coladinho como em *Alone Again* ou mais solto como em *Shoking you*. Às vezes tinha a ingênua cara de pau de chamar uma garota para dançar e quando levava um “fora”, tranquilamente convidava a outra, na mesma mesa. Não adiantava a menina ser “cu doce” (metida à besta) ou dançar “botando macaco” (guardando distância), com jeito, ele era um demolidor de retrancas. De longe, ficávamos só observando sua performance, com o copo na mão... No final da noitada, computadas as danças de cada um, o placar estava sempre a favor dele, 15 x 4 sobre o segundo colocado... Seu nome: Fred Sizenando.

Nésio Moreira, Alberto Freire, Mário Emerenciano, Marlon, Margarida, Márcio e muitos outros costumavam dar uma passada prévia na esquina da Afonso Pena com a Trairi, no caldo de cana de Seu Zequinha. Menos pelo caldo e mais pela cana, digo, batida de limão, e já chegavam “triscando fogo”. Nésio sempre estava relembrando as noviças que ele havia deixado em Areia/PB, mas se soltava no *dancing* com as meninas quando o Impacto Cinco sacudia sucessos como: “Samba pa te” (Santana), “Fumacê” (Golden Boys) e “Jogo de

Calçada” (Mutantes). E valia tudo para encher os olhos das meninas, como desfilar pelo salão com uma taça de gim com soda ou campari na mão: o efeito da luz negra sobre a bebida vermelha despertaria sensações afrodisíacas sobre elas, dizia um “filósofo”...

As músicas eram lançadas em Natal na matinê do ABC. O discotecário Macrino Gomes quando recebia discos novos na Rádio Poti imediatamente repassava para o Impacto Cinco. Música tocada no ABC era venda de discos garantida em Natal. Pintavam também por lá jogadores famosos que vinham enfrentar o ABC durante o Campeonato Nacional no início dos anos 1970, como Jairzinho e Paulo César Caju (Botafogo) levados por Marinho Chagas, o discreto Ademir da Guia (Palmeiras) e Mickey (Fluminense). No intervalo da festa tínhamos um grande trunfo, em vez de enfrentarmos a interminável fila para o WC, simplesmente, atravessávamos a rua, fazíamos pipi em casa e já estávamos de volta. Às vezes dava até tempo para ver os gols da rodada no Programa “Ataque e Defesa” de Rui Porto na TV Tupi.

Os garçons Perneta e Bem-te-vi tinham um trabalho enorme com o pessoal que “esquecia” de pagar a conta.

A festa era longa demais para a velha guarda daquele bairro residencial. Eles reclamavam dos carros estacionados sobre suas calçadas, de alguns acertos de contas pós-festa e, principalmente, do barulho que “aquele conjunto de cabeludos fazia”. Lá dentro, o embalo era curto demais para aqueles jovens malucos sem tímpanos. Final de festa, Fusquinha envenenado e rebaixado, Simca Chambord com tocafitas *roadstar* nas alturas, Jipão com farol de milha, Aero-Willys com tala-largas, Gordini e DKW cheio de adesivos dos cursos da UFRN no vidro traseiro. Aceleradas, cantadas de pneus, cavalos-de-pau e os primeiros flanelinhos correndo atrás dos seus carros. E os “pegas” seguiam na “pista” até o Barródromo, na estrada de Ponta Negra, para ver quem dava a capotada mais bonita...

Lugares e pessoas que marcaram os anos 1960 e 1970 em Natal

All these places had their moments /

With lovers and friends And I can still recall.

(Trecho da música *In my Life*, Lennon e McCartney)

Agência Pernambucana – Nos tempos da II Guerra Mundial funcionava com central de rádio-difusão espalhando alto-falantes que transmitiam músicas e as notícias das rádios BBC (Londres) e Clube (Recife). Nos anos 1960 era o ponto central de distribuição de revistas e jornais oriundos do sul do País. Localizada na Rua Tavares de Lira 48, Ribeira, pertencia a Luis Romão. Era o local fonte para compra de revistas em geral e especialmente em quadrinhos, um paraíso inesquecível de infância.

Anastomose – Bailes marcantes organizados pelos alunos do Curso de Medicina da UFRN entre 1971 e 1976, eram realizados no América e reuniam a nata da juventude universitária de Natal. O som que rolava era principalmente Rock, Novos Baianos e Bossa Nova.

A Curva da Pista – Até o início dos anos 1960 praticamente as únicas ruas asfaltadas de Natal eram a Avenida Hermes da Fonseca – Salgado

Filho (obra deixada pelos americanos da II Guerra) e a Rua Potengi. A chamada “Curva da Pista” era no cruzamento dessas duas ruas. A curva tinha certo aclive e na parte posterior dela (direção da atual Praça das Flores) havia uma brusca e perigosa queda de nível em trecho já sem calçamento. O local atraía especialmente os *playboys* natalenses em tempos de “Juventude Transviada”, que se arriscavam em pegas espetaculares que chegaram a causar diversas capotadas. O Sr. Orlando Barros e Dona Ione Campos moravam com os filhos Orlando Filho, Alberto, Wellington e Murilo exatamente no início da Rua Potengi perto da curva. Tiveram que colocar barras de ferro de proteção para o muro após o mesmo ser derrubado diversas vezes. Marcos Medeiros também morava nas imediações, quando garoto, e ainda tem gravado na memória o barulho das derrapadas e batidas que lá ocorreram.

Barródromo – Área de Capim Macio na atual Avenida Roberto Freire, que era utilizada, sem autorização, para pegas e manobras radicais dos *playboys* transviados entre 1969 e 1972. Hoje utilizada na prática de aeromodelismo.

Bar Pitombeira – Anexo ao Posto Pitombeira na Rua Apodi em frente ao Colégio Marista.

Cachorro Quente do Souza – Ambulante localizado na Praça Kennedy, onde era preparado o sanduíche mais gostoso de Natal, denominado “Vai com Deus”. O preferido dos estudantes nos retornos das farras e festas.

Capital Espacial Brasileira – Ufanismo natalense, especialmente dos locutores, decorrente da implantação do Campo de Lançamento da Barreira do Inferno.

Casa de Recursos – O mesmo que cabaré, em geral menos sofisticada.

Centro Cearense – Localizado na esquina da Avenida Deodoro com a João Pessoa, funcionava bar e restaurante, sempre com boa frequência, independente das cabeças serem chatas.

Circo na Praça Tamandaré – Ponto de atração especialmente dos garotos e garotas. O “Orlando Offey” e o “Thiany” (que os garotos chamavam “Tia Aninha”) proporcionaram alguns dos espetáculos que marcaram aquele local. Era comum meninos perguntarem: “Vai ao Circo de Tia Aninha?”.

Circular – Linha de ônibus que, nos anos 1960 e 1970, atendia Bairros de: Tirol, Petrópolis Cirolândia e Cidade Alta. Tinha dois trajetos invertidos: o “Circular via Praça Pedro Velho” e “Circular via Rua Maxaranguape” ambos passavam pelas mesmas ruas, mas em sentidos contrários.

“Coice da Burra” – Nome popular atribuído pelos jovens de classe média ao “Alecrim Clube”. Corresponde a uma espécie de classificação feita, onde o outro extremo elitista era o América F. C.

Corrente – Ponto de Fiscalização considerado popularmente como o limite da cidade do Natal. Durante a II Guerra Mundial a “corrente” era próximo ao cruzamento das Avenidas Hermes da Fonseca e Alexandrino de Alencar já nos anos 1960 ela foi deslocada para as proximidades do atual estádio Machadão. As pessoas usavam como referência: “Um tal de conjunto Potilândia será construído depois da corrente! Será que alguém vai querer morar tão longe?”.

“Curruchiado” de João Machado – Programa radiofônico diário da Rádio Cabugi onde o folclórico desportista João Cláudio de Vasconcelos Machado resumia em linguagem pitoresca e comentava informalmente as notícias e fofocas obtidas nas conversas do Grande Ponto.



Embaixatriz Severina – Mulher com problemas mentais que se julgava embaixatriz do RN. Andava com uma enorme faixa cruzando seu vestido e vivia circulando pelo Palácio Potengi dando ordens em todo mundo, até o governador Dinarte Mariz já levou esporro dela. Os funcionários davam corda e ela engolia...

Excelência – Denominação atribuída na linguagem estudantil dos anos 1960 àquelas pessoas que, embora fossem ridículas na postura, “se achavam” o máximo.

Formosa Síria – Loja de tecidos e roupas predominantemente para o público feminino localizada na Avenida Rio Branco, sucesso entre os anos 1950 e 1960.

Goma Arábica – Mistura de água com farinha de trigo, formando um grude que servia de cola, utilizada principalmente em álbuns de figurinhas.

Guaraná Dore – Refrigerante produzido em Natal e João Pessoa através da fábrica existente na Avenida Alexandrino de Alencar. O empreendedor Walter B. Dore deu sobrenome à marca que sempre

teve/tem seu nicho de mercado na cidade. O refrigerante Grapette era outro produto interessante da Dore.

Helisom – Pequena, mas excelente, loja de discos localizada no térreo do Edifício Canaçu na Rua João Pessoa. O proprietário era Hélio Segundo, o gerente era Marcão, seu filho. O local se caracterizava por uma excelente acústica e era o *Point* para se conhecer os melhores lançamentos em LPs, compactos e conversar sobre as novidades musicais.

Hippie Drive-in – Boate com luz negra estroboscópica girante localizada na então distante estrada de Ponta Negra, que inovou as noitadas natalenses. Sempre uma boa Banda de *Rock*, como Os Gênios ou Os Vândalos, garantia o ritmo frenético e sensual do ambiente.

Instituto Brasil – Pequena, mas conhecidíssima escola de nível básico que funcionava na Rua José Pinto, Cidade Alta, comandada pela professora Carmem Fernandes Pedroza mãe de Marcos Pedroza. A farda da escola era de cor marrom. Diversas figuras conhecidas estudaram lá, como: Etelvino Caldas, Theodomiro Romeiro dos Santos, Garibaldi Alves Filho, Robinson Faria e Carlos Eduardo Alves.

Kasarão – Bar e restaurante localizado na Avenida Campos Sales à sombra de grandes mangueiras, onde os deputados e vereadores se reuniam após as sessões legislativas. Era frequentado também por estudantes universitários nos anos 1970, seu petisco mais exótico era “filé de rã”.

Ki-Show – Primeira Lanchonete incrementada estilo norteamericano que modificou os padrões até então existentes em Natal. Era localizada na Rua João Pessoa na Cidade Alta, ao lado do Foto Jaeci. O proprietário era Seu Maia, pai de Márcio e Marcos. O local era frequentado

principalmente pelos jovens de classe média-alta. Gílson Pereira, filho do livreiro Walter Pereira era um assíduo da Ki-Show.

Loja Quatro e Quatrocentos – Denominação da Lobrás, um dos estabelecimentos comerciais mais populares da cidade, tinha acesso pela Avenida Rio Branco e pela Princesa Isabel, atualmente funciona a Loja Marisa.

Nike Apache – Denominação dos primeiros foguetes lançados na Barreira do Inferno nos anos 1960. Posteriormente, foi denominação também de um bloco de elite carnavalesco.

Palhoça – Ao lado do Cinema Rio Grande na Avenida Deodoro, bar com cobertura de palha que era o ponto de conversa e boa cerveja pós-sessões noturnas de filmes.

Picolé da Big Milk – Surgiu em Natal a partir de 1969, eram os primeiros a utilizar o leite pasteurizado e fizeram a diferença para a geração da Praia dos Artistas. O sabor “creme holandês” era o preferido da nossa turma.

Pinica ou Piniqueira – Denominação para empregadas domésticas, como em “as pinicas da Lagoa Manoel Felipe”.

Psiu – Outra Boite inspirada no *Hippie Drive-in*, também localizada na estrada de Ponta Negra. As Bandas “Os Infernais”, de Natal e “Os Canaviais”, de Ceará-Mirim ditavam o ritmo da noite. Posteriormente surgiu a Boate “Piri-Piri”.

Rampa – Local do histórico encontro entre Vargas e Roosevelt na II Guerra, nos anos 1960. Lá chegou a funcionar um cinema no estilo *drive-in* onde os casais assistiam filmes ao ar livre de dentro dos carros. Diferentemente do padrão americano, na Rampa, o som saía mesmo de alto-falantes e não de receptores de rádio dos carros.

SAMDU – Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência funcionava vizinho à Assen na Avenida Prudente de Moraes, a ambulância era um Simca Chambord adaptado.

São Pedro na Balança – Na mesma linha da “Anastomose”, mas organizada pelos alunos do Curso de Direito no período junino.

SAPS – Era a sigla de **Serviço de Alimentação e Previdência Social**, funcionava na Avenida Rio Branco. Um dos fatores que levaram o governo Vargas a criar o SAPS, em cinco de agosto de 1940, foi o risco de desabastecimento oriundo da II Grande Guerra.

Saravá – Bar e Restaurante localizado em área do antigo Pâmpano Esporte Clube, na Praia do Meio. Ponto de encontro musical onde o Alerta Cinco costumava abrir as noitadas com a música *Kung Fu Fighting*. A Banda de João de Orestes também tocou lá com sucesso.

Tenda do Cigano – Localizada na Praia do Meio, por trás do Hotel dos Reis Magos, cuja especialidade era a grande variedade de caldos quentes (“levanta defunto”). Lugar muito procurado por jovens nas “saideiras” das festas. Waldemar de Aro, hoje engenheiro civil, era o proprietário.

Transamazônica – Trecho asfaltado e mal iluminado entre o Círculo Militar, o Rio Potengi e o Forte dos Reis Magos, onde os casais de namorados curtiam o luar e algo mais, tudo ecologicamente correto. O problema era o maruim picando a bunda...

Zé Menininho – Sanfoneiro conhecidíssimo na cidade, com sua camisa quadriculada e calça amarrrotada era todo animação e disputadíssimo nas festas Juninas. Menininho chegou a compor uma música denominada “caixão de gás”.

Papa-Fila – Estrutura longa de transporte pertencente à Base Aérea de Natal e utilizada principalmente na condução dos estudantes filhos de militares no trajeto entre Parnamirim e os diversos colégios de Natal. Uma imagem marcante para toda uma geração estudantil nos anos 1960 em nossa capital.

278

Os mecânicos da BANT
Luiz e Arthur Gomes da
Silva Gomes e mais o
soldado Marcelo Gomes
em foto raríssima em
frente ao “Papa-Filas.”
Foto do acervo de
Gutembergue Soares



Causos familiares e outras situações dos anos 1960/1970

A vida é um moinho / É um sonho o caminho

É do Sancho, o Quixote / Chupando chiclete.

(Rita Lee e Arnaldo Baptista)

Pensa que sou surdo?

Já aos 98 anos de idade, papai tinha a saúde debilitada e algumas vezes tivemos que levá-lo ao Pronto Socorro para um atendimento emergencial. Na penúltima vez que isso ocorreu, ele estava sonolento, bastante grogue, quando abria os olhos reclamava de algumas dores nas costas.

O deslocamento de casa para o Hospital São Lucas foi na ambulância da SAMU.

O médico de plantão que o atendeu procurou logo, em voz muito alta, lhe fazer uma série de perguntas para testar os seus reflexos e verificar algum comprometimento neurológico.

- Seu João!!! Tá me ouvindo???

Na falta de uma resposta imediata, repetia a pergunta ainda mais alto.

De repente, papai abriu os olhos com dificuldades, num lampejo de consciência e chateado respondeu em voz baixa:

– Eu não sou mouco não! O problema é nas costas! Fale mais baixo...

E o médico baixou o volume:

– Levante o braço direito. Agora o esquerdo. Vire a cabeça pra lá. Pra cá...

Zezé, meu Amor!!!

Juvenal Justiniano de Faria Júnior, estudou no Marista nos anos 1960 e concluiu Curso de Engenharia Civil na UFRN, era muito querido e entrosado com as meninas da área Centro-Petrópolis-Tirol. Foi dos primeiros da turma a dirigir um carro.

Ao final dos anos 1960, Carlos José Cavalcanti de Lima (Zezé) começou a namorar com Dália Maia, hoje sua esposa, que morava na Rua General Osório, proximidades da Princesa Isabel. Havia um grupo, do qual eu fazia parte, que se reunia toda noite em frente à casa de Dália, para paqueras, conversa solta e cantar ao som do violão de Ítalo José da Costa. Além de Zezé, Dália e Ítalo, também participavam do grupo: Franklin Marinho Sales, Margareth Maurício, Teófilo Matozzo, as irmãs: Maria Goretti, Ana Cecília, Rosália, Ana Augusta, Eraldo L'Eraistre Monteiro Júnior, Mariluce, Tinha, Olga, Carlos Sizenando, João David, Carlos Augusto e Albino Borges, entre outros. Juvenal costumava à noite encher seu carro de meninas (Diana Fagundes, Glorinha, Elzinha e outras), passava pela Rua General Osório, parava o carro em frente à casa de Dália, ele se escondia abaixado e as meninas então gritavam “Zezé, meu amor!!!!” “Zezé Lindo!!!”, quando Dália, irada, se levantava para ver quem gritava, Juvenal arrancava em velocidade o carro na maior algazarra. E deixava o pepino pra Zezé explicar...

Sinal vermelho em Ceará-Mirim

Em 1972 foi instalado e inaugurado o primeiro semáforo da cidade de Ceará-Mirim, com direito a discurso de prefeito e banda de música – ainda que o trânsito não justificasse sua necessidade. Aí se observou um espetáculo inusitado – as pessoas se sentavam na calçada, próximo ao cruzamento e, quando o sinal fechava, davam uma estrondosa vaia nos carros que paravam...

Um improvisado guarda municipal de trânsito passou a fiscalizar cumprimento da sinalização pelos motoristas, sempre que alguém cruzava o sinal vermelho era imediatamente multado. De repente aparece um carrão dirigido pelo prefeito Roberto Varela, o sinal está vermelho e Roberto pára o carro, nessa ocasião, o guarda não resistiu à tentação subalterna, se dirigiu ao prefeito e disse “o senhor pode passar...”.

A doidinha

Numa época em que precisava dar corda pro relógio funcionar, o estudante de Engenharia Edílson Sousa Dantas passou um período meio desligado do tempo, altamente preocupado em estudar e conseguir aprovação na disciplina “Geometria Descritiva”, do rigoroso professor Malef Victorio de Carvalho.

Ele vinha sentado no velho lotação linha Rocas-Cidade da Esperança, ao seu lado uma doidinha. Alguém lhe pergunta as horas e ele responde meio desinteressado:

– São dez e meia, mas não tenho certeza, eu botei na doida.

A doidinha ao lado, indignada, chia:

– Vôtis, em mim não!

Pastor maleducado

Winston Morelli Rossiter, hoje brilhante advogado trabalhista e escritor residente em Recife, era apenas um garoto de cinco anos quando foi à Igreja Presbiteriana no centro de Recife, com os pais, assistir a um culto. No caminho, seus pais, cientes do Pimentinha que tinham, e para não passarem vexame, trataram de lembrá-lo dos bons modos, que ali era lugar de respeito e que ao chegar lá ele não podia falar alto que isso era coisa de gente mal-educada.

Iniciado o sermão, o pastor empolgado, começou a falar cada vez mais alto para a igreja lotada. Lá de trás, o pequeno Winston não se conteve e gritou:

– Cala a boca seu maleducado!

Bailes de formatura no América

Nos anos 1970, as festas de formatura no América eram muito corridas. Mais do que hoje, os bailes eram valorizados pela sociedade e os convites distribuídos não atendiam à demanda jovem. Não estar presente significava ter o prestígio diminuído junto aos colegas nas conversas do dia seguinte. Isso aumentava o desejo e a criatividade dos excluídos para fazer parte daquele universo.

Dentro da ética dos penetras, não valia pular o muro – nem era possível. Tinha que ser pela entrada principal, driblando o porteiro, o fiscal do clube e os “leões-de-chácara”. O esperto Franklin Marinho Sales resolveu o problema de uma categoria especial de penetras: aqueles que tinham convite, mas não tinham paletó. Reuniu um grupo de colegas no banheiro do clube, vestiu três paletós dos amigos por cima do seu e saiu do clube gordo como nunca foi. Lá fora distribuiu os paletós com os amigos que entraram facilmente, já que tinham o convite. E assim entraram muitos e muitos outros. Só tinha um

problema, não se podia circular sem paletó no América antes da valsa que acontecia à meia noite.

O banheiro ficava então superlotado dos “sem paletó” até que encerrada a valsa, os formandos tirassem o seu traje de gala e todos se misturassem. Isso funcionava tão bem que haviam os especialistas, que mesmo tendo o convite e terno, passava-os adiante, pelo prazer da aventura.

O batismo da turma do muro do Atheneu

Eduardo Gaag, Maurício e Eduardo Cariello, Babau, Miro, Sérgio, Tainso e Cláudio moravam nas imediações do Colégio Atheneu. Em tempos de poucas opções requintadas de lazer, quando só existia um canal de televisão e com captação bastante sofrível, a rotina dessa turma era praticar esportes, principalmente vôlei e basquete nas quadras descobertas do Colégio e bater papo. O ponto de encontro era o muro do Atheneu. Lá, diariamente a turma se reunia para contar piadas, comentar sobre jogos de futebol, discutir política, falar da vida alheia e planejar alguma pegadinha.

O detalhe interessante é que sempre que surgia um novo integrante para o grupo, ele precisava ser “batizado”, e o batizado era muito especial: primeiro havia um “sarrafão através do corredor polonês”, depois o calouro era conduzido até o ponto mais alto da Rua Joaquim Manoel, colocado dentro de um tonel o qual era rolado ladeira abaixo...

Chiquinha e o hemograma

Chiquinha, por muitos anos foi a empregada doméstica da casa de nossos pais. Um dia, ela chegou com o resultado de um hemograma e pediu para mamãe ler.

- Hemácias 4,5 milhões, Hemoglobina 14,7 g/dl, Hematócrito 43,8%, Basófilos 0%, Eosinófilos 5% ...

Sem entender nada, ela interrompeu:

- Vôtis, e sangue mesmo, nada?!

Exame de admissão

Corria o ano de 1964, enquanto o movimento revolucionário sacudia o Brasil, em nosso colégio éramos sacudidos por uma notícia preocupante. Após um período letivo cansativo, todos os alunos concluintes da 4^a série se submeteriam a um novo desafio, batizado de exame de admissão, que daria direito aos aprovados “pularem” a 5^a série (ou 5º ano primário) e entrarem diretamente na 1^a série do ginásial.

Era o terror da época. Recordo a preocupação e a ansiedade das mães e a procura de professoras particulares para aulas de reforço dos filhos (mesmo que não admitissem a necessidade...) nas semanas que antecederam o evento. O programa a ser estudado era vasto e as férias já estavam comprometidas. A meninada cuja idade variava entre 11 e 13 anos, não compreendia todo aquele “alvoroço” dos pais, e por mais que alguns explicassem que a aprovação no exame significaria 12 mensalidades a menos no colégio, alguns meninos só eram conscientizados na “peia”...

E chegou o grande dia. O fato das mães acompanharem cada filho até a sala da prova, recomendando calma e relembrando os últimos

assuntos estudados, revelava uma responsabilidade que até então não tínhamos, e alguns meninos com diarréia corriam para aliviar a tensão na “casinha”. O colégio ainda era chamado de Ginásio 7 de Setembro, localizado à Rua Seridó, em Petrópolis, onde hoje funciona a Universidade Potiguar. E quando finalmente a porta da sala foi fechada, dando início ao exame, ali mesmo as mães começaram suas orações, rezas e promessas.

Duas horas mais tarde, os alunos pouco a pouco, começam a sair e são cercados por todas as mães que querem saber de cada um o que responderam, como se saíram, se a prova estava fácil ou difícil e, principalmente, o que caiu. Aos poucos formou-se o consenso entre elas de que ninguém tinha acertado em uma das questões o sinônimo da palavra retroceder.

Nesse momento, terminada a prova, eu abro a porta ainda “zonzo” e mamãe corre em minha direção, perguntando:

- Meu filho, você acertou o sinônimo de retroceder?

E antes que eu tivesse tempo de dizer que não, percebendo a aproximação das outras mães, ela completou bem alto para todo mundo ouvir:

- Exatamente, meu filho, retroceder é voltar! Parabéns!!

Me deu um grande abraço e saiu orgulhosa com o seu filho genial...

Um X com giz

Em 1966 Carlos recebeu um desafio típico de meninos que não tem absolutamente nada o que fazer. O colega dele – Chico, que morava na Rua Potengi próximo à Avenida Hermes da Fonseca – apostava que acordava sempre mais cedo que Carlos. Marcaram então um total de 15 dias seguidos para ver quem acordava mais vezes mais cedo. Ficou

acertado que diariamente aquele que acordasse primeiro iria à casa do outro e marcaria um X com giz na calçada.

Carlos era muito ligado em futebol, era o ano da Copa do Mundo na Inglaterra e o primeiro aparelho de TV havia sido recentemente adquirido em nossa casa. Diariamente havia o programa esportivo “Três no Tri” onde eram exibidos gols dos amistosos da seleção brasileira que tinha um batalhão de 44 jogadores convocados. Embora com muito chuvisco e preto/branco, a TV era uma novidade fascinante. Era impossível Carlos dormir antes de assistir seriados como: “Combate”, “Big Valley”, “O Agente da UNCLE” e “Missão Impossível”. Mas, impossível mesmo era a missão de acordar cedo.

Chico era natural de Santa Cruz, tinha hábitos interioranos, não gostava de TV nem sabia o que era Copa do Mundo e dormia todo dia muito cedo.

Carlos ainda apelou para papai acordá-lo. Em vão: após a primeira semana o placar era 7x0 para Chico.

Cansado de apanhar e ser gozado e sem querer deixar de assistir os seriados, Carlos decidiu apelar. Assim, toda noite, após assistir os seriados, ia até a casa de Chico, que já dormia, e com o giz deixava antecipadamente a marca na calçada dele e voltava pra dormir.

Chico não acreditou! A reação do oponente foi espetacular e quando o placar da aposta já estava em 7 a 7, ele propôs que os dois que acordavam tão cedo, poderiam aproveitar pra dar uma carreirinha todo dia até à Praia do Meio. Foi então que Carlos achou melhor deixar o jogo empatado!

Seu Talão Vale 1 Milhão

O advogado Walter Nunes, morador da casa n. 395 da Avenida Afonso Pena, foi sorteado e ganhou um gordini zero km no sorteio do “Seu Talão Vale 1 Milhão” de 1968. Era o assunto dominante nas conversas dos que moravam na redondeza. Inspirados no prêmio do pai, os garotos irmãos Walmar e Walmarí Nunes brincavam na calçada.

– Quando eu ganhar o meu carro, eu vou passear pelo Brasil todinho.

Walmarí animou-se todo e disse:

– Walmar, deixe eu ir com você.

– Suba! Respondeu Walmar.

– Mas você ainda nem ganhou o carro...

– Então desça!

Disse Walmar e saiu em disparada com uma tampa de panela, dirigindo o seu carro imaginário...

Caso perdido

Na Avenida Afonso Pena dos anos 1960, um certo senhor estava muito preocupado com a evolução do jeitão afeminado do seu filho de 17 anos que adorava colocar a radiola nas alturas e cantar rebolando *There's a kind of Hushsssshh*. Tratou, então, de conversar com Xisto Balcão (nome fictício) – conhecido machão do bairro – para tentar reverter o quadro. A ideia era que ele levasse o rapaz para “dar umas voltinhas”, mostrar “os caminhos da vida” em Maria Boa, ou mesmo nas boates da Ribeira. Para isso, lhe deu as chaves do fusquinha e uma grana para se divertirem.

Xisto bem que tentou. Saíram algumas vezes, mas quando viu que se tratava de um caso perdido, apelou:

– Olha, cara, tu fica aí com teus colegas na praça, que eu vou gastar o dinheiro do teu pai com as neguinhas.

E assim, voltavam sempre os dois satisfeitos, e conseguiam agradar o pai preocupado.

Na semana seguinte:

– E aí? Como vai o meu rapaz?

– Vai bem demais. Tá pegando tudo, só o senhor vendo!

Parnamirim não tem disso não!

José Saraiva era estudante secundário nos anos 1960 em Parnamirim, sua família sempre foi muito religiosa, o pai dele – Seu Saraiva – era extremamente conservador, fã nº 1 do Presidente Médici, tinha fotos dos generais presidentes na sala de visita. “Não tolero essa estória de Iê Iê Iê / Juventude Transviada” e reprimia duramente qualquer movimentação nessa linha.

Em função da Beatlemania e da Jovem Guarda, os jovens da cidade trampolim também aderiram aos cabelos longos, calças *Lee* e camisas coloridas extravagantes.

José inicialmente não aderiu ao novo *design* masculino, mas começou a perceber o maior sucesso que os amigos cabeludos faziam com as meninas. Certa ocasião, uma garota o chamou de “quadrado”, porque ele já estava destoando da turma, com camisa super engomada, cabelo bem cortado, calça de linho e sapato “vulcabras”. Só restavam dois estudantes não cabeludos na Escola: José Saraiva e Adelmo Caldas.

Foi a gota d`água. José decidiu mudar radicalmente: deixou o cabelo e barba crescerem e ainda aloprou nas costeletas, comprou uma calça *Lee* usada e desbotada com dois coraçõezinhos na traseira, uma camiseta psicodélica toda florida e ainda uma sandália feita de pneu vendida por um *hippie* na Praia dos Artistas. Pensou em botar um brinquinho de *Hippie*, mas olhou-se num pequeno espelho e desistiu.

Seu Saraiva quando percebeu o novo *look* do filho, ficou possesso.

– Onde você comprou essa camisinha florida, tinha pra homem?

Imediatamente procurou o delegado Salatiel e o cabo Firmino que eram seus amigos e solicitou que os mesmos prendessem o jovem “rebelde”.

– Mas... qual é mesmo a acusação seu Saraiva? (Perguntou o delegado).

– Atentado ao pudor! (Respondeu Saraiva)

– Atentado a quem? (Perguntou o ingênuo cabo Firmino)

– Ao pudor! P, u, pu, dôr, (Soletrou Saraiva irritado e acrescentou):

– E tem mais: é um caso de saúde pública... com aquele cabelo imitando Caetano Veloso ele vai atrair é piolhos...

O delegado e o cabo ficaram constrangidos.

– Mas... seu Saraiva, ele é um menino... é seu filho ... e o “crime” não é grave.

Saraiva levantou a voz:

– Eu não admito ter um *hippie* em minha casa! Daqui a pouco ele vira veado! Podem prendê-lo!

– A dupla então localizou José e o conduziu à delegacia, onde cortaram o cabelo, rasparam a costela do mesmo e a seguir o mandaram pra casa.

Pavio curto 1

Anísio Gomes de Araújo era meu tio-avô, passava a maior parte da vida no interior de Pernambuco tomando conta de fazendas. Não tinha papas na língua, era mulherengo, rude, pavio curto e tinha dificuldades para se estabelecer em cidade grande. A esposa dele, Cândida, morava em Recife juntamente com um dos filhos.

Adauzíro Araújo, proprietário de uma pequena loja de tecidos, filho de Anísio, preocupado com a idade já avançada do pai, e querendo reaproximá-lo da esposa, trouxe-o para Recife com a ideia de utilizá-lo na loja. Não era a primeira tentativa.

Anísio passou então a atuar no atendimento das “Casas Araújo”, localizada no Bairro São José, próximo à antiga Rodoviária do Recife. Certo dia uma freguesa lhe pediu para ver uma peça, ele foi buscar e depois outra e mais outra. Cansado de tanto subir e descer as prateleiras com o auxílio de uma escada, dessa vez ele desceu irritadíssimo, bateu com a mão no balcão e gritou para a mulher assustada:

– Eu sei que você não vai comprar nada mesmo, é melhor ir embora que eu não posso ficar perdendo tempo aqui!..

Pavio curto 2

Outro dia, Anísio percebeu quando uma mulher, aproveitando o descuido dos funcionários da loja, escondeu uma peça com 40 metros de popeline. E ficou observando suas intenções à distância. Quando a mulher botou o pé na calçada, ele apareceu de repente e deu um tapa no rosto dela.

Lá dentro, sem entender nada, os netos dele, Carlos e Clayton, preocupados comentavam:

- Antes ele atendia mal, agora deu pra bater nos fregueses. Assim vamos fechar a loja logo.

E a polícia levou a mulher sob os aplausos dos comerciantes vizinhos e transeuntes.

- Valeu, “seu” Anísio!!!

O fato é que ela saiu no lucro, pois no movimentado comércio da estreita Rua de Santa Rita, que liga o antigo Terminal Rodoviário ao Mercado São José, no Recife, quando se ouvia o grito “pega ladrão”, os comerciários saíam com o metro de madeira na mão, para dar as “boas vindas” ao intruso.

Adauziro e o escambo no século XX

O comércio de Adauziro Araújo no ramo de tecidos e confecções se desenvolvia bem em Recife. No entanto, ao final de cada mês alguns fregueses interioranos apertados e sem dinheiro vivo, procuravam saldar seus débitos de forma nada convencional. Certa ocasião um freguês morador de Ouricuri, alto sertão pernambucano, trouxe pra quitar as dívidas uma sanfona e uma antiga e pesada máquina datilográfica Remington.

Sem alternativa e para não perder o freguês, Adauziro aceitou o escambo e ao chegar em casa no Bairro do Cajueiro já foi determinando aos filhos:

- Ô Carlos, a partir de hoje você vai aprender a tocar sanfona!
- Mas logo sanfona, pai? Não pode ser um violão?!
- E você Clayton, trate de aprender datilografia. Você vai precisar disso no futuro.

Empreendedor precoce

Marconi Antônio Praxedes Barreto, estudava no Ginásio 7 de Setembro entre os anos de 1964 e 1968, morador da vizinha cidade de Ceará-Mirim, ele diariamente vinha cedinho no ônibus intermunicipal que tinha como parada final o Cinema São Luís, no Alecrim. O pai de Marconi (seu Manoel Barreto) lhe dava dinheiro para que, do Alecrim, ele pegasse outro ônibus que o deixaria mais próximo do Colégio 7 de Setembro, situado à Rua Seridó. A grana também era suficiente para o lanche.

Mas ele não resistia à tentação dos gibis mais baratos, que eram vendidos em um sebo ao lado da Parada do Alecrim, e gastava o dinheiro da segunda passagem com as aventuras em HQ. Sem o dinheiro da segunda passagem, se deslocava a pé diariamente do Alecrim até o Colégio, chegava ofegante, suado, atrasado para a primeira aula e sistematicamente irritava o sisudo professor Coutinho de Geografia...

Barreto lia as revistas no intervalo de aula e as vendia aos colegas pelo dobro do preço. Marconi é hoje um empresário de sucesso e mora em Las Vegas, EUA.

Calcedônia

Papai sempre dizia que a costureira de mamãe – Calcedônia – tinha nome de remédio. E nunca acertava dizer o nome dela. Quando, certo dia, mamãe foi procurada em casa por uma colega, papai lhe disse o seguinte:

- Olha, ela foi na farmácia, a senhora quer esperar?
- Será que ela demora?
- O tempo de provar um vestido...

A mulher arregalou os olhos pensativa e disse que voltava depois.

Memória fotográfica dos anos 1960/1970



279

Etelvino, Prêntice,
Ribamar, Edvaldo
Laércio e Miguel:
Bandinha do
Impacto Cinco, no
carnaval de 1971



280

Gilson Pereira e turma
do Atheneu, 1970

281

Bloco Carnavalesco

Apaches: Jamilson

Martins, Vieira,

Chiquinho PP, Diana,

Tainso, Erivanaldo

Galvão e outros.

Natal, 1971



282

Wilson Alves, pessoa
não identificada,

Fernando, Afonso,

Gílson Pereira,

Flávio Márcio e

Humberto Lucena



283

Anselmo, Eugênio,

Marconi Praxedes e

Áureo Borges,

no Marista, 1968



500

Dos Bondes ao Hippie Drive-in



284

João David e Carlos
Sizenando no
Machadão (na época
Castelão) ainda em
construção, 1970



285

Professor Juarez e
Turma da SCBEU, 1973



286

Time de futebol do 2º
Científico, Marista 1969.
Em pé: Leonel,
Fred, Pontes, Gordo,
Robinson e Alfredo.
Agachados: Waldemir,
Iglesias, Cuscz, Luiz Coentino e Aldo

287

Absalão Pinheiro, Carlos

Sizenando e Fernando

Suassuna: Boinas

Verdes, em 1972



288

Pré-vestibulandos
do Atheneu, 1970

Foto do acervo de
Gílson Q. Pereira



289

Tales, Joaz, Márcio, Mosca,

Orlando, Ava Goretti,

Juarez Bilro (deitado),

Zwinglio e Adaildo. Escola

de Engenharia, UFRN, 1973

Foto do acervo de

Zwinglio Costa



502

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Mar doce mar

Se não podes mudar a direção do vento, corrige tuas velas.

(Hugh Brown)

Waldecir Santiago Costa será sempre um naturalista da Marinha, um estudioso dos mares, das praias e dos peixes. Este exímio mergulhador já nasceu biólogo marinho e, com a mesma empolgação, dedicação e prazer com que passava uma semana, um mês, em um pequeno ou grande barco rumo à Fernando de Noronha ou Atol das Rocas, navegava nos mares do sul ou no Oceano Índico, lhe sobrava sensibilidade para segurar a mão de uma criança e ajudá-la a puxar a linha que pescava um simples bagre, na Praia de Búzios. Ou capturar tatuís quando a onda mansamente retornava ao mar, expondo suas antenas na areia lisa da praia.

A singela alegria desses momentos foi muitas vezes compartilhada com papai, sempre ávido por aventuras. Apesar do pouco tempo de convivência entre eles, o desejo – frustrado – de ver um filho militar e a sua paixão por navios e mar, transformaram o nosso amigo Waldecir no filho que papai nunca teve.

Esse Amir Klink potiguar, avesso à televisão e computador – a menos que fosse para aprender mais sobre os oceanos – produzia seus próprios artefatos pesqueiros e, nas horas vagas, dava uma canja

para as matérias submarinas exibidas no Fantástico sobre o litoral nordestino. Era com essa enclopédia viva que papai ouvia sobre a temporada de pesca oceânica, o tipo de barco usado, o perfil dos pescadores, a influência da lua, a temperatura do ar, do mar, a pressão, o tempo, o céu, o vento, peixe ativo ou peixe inativo, as aves marinhas, os segredos da pesca noturna, a armação, as estrelas, as ondas, os cardumes, os naufrágios portugueses, o tipo de pesca e de isca.

290

Na foto, Nina e Rafael
(em pé) e Aíça se
deliciam com as
histórias de Waldecir
Santiago, 1992



E por falar em isca, Waldecir terminou fsgado por Aíça, sua esposa. Teria o nome dela influenciado na escolha? Dia de pesca era dia de descanso para ela, uma vez que ele costumava fazer o serviço completo do mar à cozinha. O intelectual Sandro e a doce Raíssa (Nina), completam o aquário desse mar doce mar.

Imagine-se agora num papo descontraído, sentado sobre vértebras de baleia, degustando uma dindinrosca – bebida criada e produzida por ele – com petiscos do mar. Ao fundo, um aquário com espécimes raros e exóticos, dividindo as duas salas. Coleções, trabalhos científicos, material resgatado de naufrágios e um baú que esconde medalhas e troféus, completam a paisagem.

504

Dos Bondes ao Hippie Drive-in

Estamos na casa do casal. Em pauta, a conclusão de um estudo desenvolvido pelo DOL/UFRN, sobre a importância da Albacorinha (*Thunnus atlanticus*) na costa do município de Baía Formosa durante três anos, que revelou dados inéditos que servirão de balizamento para estabelecer uma exploração sustentável da espécie, sem risco de ocorrer sobrepesca.

Mais tarde a conversa flui sobre o ritmo que a vida moderna imprime às pessoas e suas implicações na qualidade de vida. Seu tema em uma palestra conscientizadora, “para que condomínios como o Alfaville não virem uma Alfavela”.

De volta ao mar, diz-se que um momento fácil de capturar o Peixe-Voador (*Exocoetus volitans*) macho, é quando ele, em estado torpe permanece extasiado arrastando uma asa, enquanto descarrega o seu sêmen diante de uma fêmea em desova.

– Quando o Voador está “bebo” a gente pega até com a mão, mas se “gananciar” pode afundar a embarcação! Dizem os pescadores.

Após cada pescaria, Waldecir em “estado torpe”, tal como o Voador, deixava escapar:

– Ganhei um dia de vida.

E na madrugada do dia seguinte já anunciava:

– Vamos pro mar, gente. Os deuses não abatem de nossas vidas as horas dedicadas à pesca.

Certamente, para valorizar tudo isso, papai acrescentaria:

– E eu, não tenho que pagar nada por isso não?

Palavras finais

Como diz a canção, “tudo era apenas uma brincadeira e foi crescendo, crescendo, me absorvendo e de repente eu me vi assim...” resgatando experiências de vida. Ao relembrar essas vivências, refletimos sobre como dois meninos de ontem viveram suas realidades na família, na escola, nas ruas e conviveram com as transformações sociais. Ora como personagens, ora como meros espectadores. E enquanto a cidade crescia, mudavam-se hábitos, comportamentos, estilos musicais, formas de lazer; o belo de ontem é o feio de hoje e o belo de amanhã. Amigos, encontros e reencontros. Aflorando sentimentos, aprendizagem e respeito às diferenças. Aproveitando a vida enquanto a vida se oferecia.

Escrever sobre experiências passadas é voar às origens em supersônico e pousar num Zeppelin. É conversar consigo mesmo. É exigir da memória mais do que ela guarda. É deixar que velhas fotografias em preto e branco falem em silêncio. É dar cores aos movimentos. É rever amigos e lugares. É voltar para dentro do útero. É romper limites. É reunir na calçada, sob céu estrelado, diversas gerações. É abraçar gente que nunca vimos. É aguçar os sentidos. É, sobretudo, ouvir. É ter certeza que por mais tênue que sejam os obstáculos entre o observador e o observado, esta será sempre uma obra inacabada. Um espaço entre reviver e sonhar.

Carlos e Fred

Referências

A SELEÇÃO fantasma do Nordeste. **Jornal O Potiguar**, ano VII, jun./jul. 2004.

AMÉLIA, uma revolucionária. **Jornal Tribuna do Norte**, 27 nov. 2005.

AMORIM, Francisco. **Açu da minha meninice**. Natal: Editora Clima, 1982. (Coleção Mossoroense).

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque Anos 1970**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BERGAN, Ronald. **Guia ilustrado Zahar**: cinema. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

BEZERRA, Luiz G. M. **Depoimento. O Poti**, ed. 17 set. 2006.

BOUCHEY, Philipe. **O guia do rock**. Tradução de Ana Isabel Couto. Lisboa, Portugal: Editora Pergaminho, 1991.

CALDAS, Celso. **Natal do meu passado**: poesias. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1969.

CÂMARA, Leide. **Dicionário da música do Rio Grande do Norte**. Natal: [s.n.]: [ca. 2005].

CARDOSO, Everaldo Lopes. **Da bola de pito ao apito final**. Natal: Edição do Autor, 2006.

CARDOSO, Rejane (Org.). **400 nomes de Natal**. Natal: Editora Prefeitura Municipal de Natal, 2000.

CARVALHO, Lenilson. **Uma viagem no eclético**. Natal: Fundação José Augusto, 2005.

CHACON, Paulo. **O que é Rock**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CORRÊA, Tupã Gomes. **Rock, nos passos da moda-mídia, consumo e mercado cultural**. Campinas: Editora Papirus, 1989.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. Perseguidos pelos revoltosos de 1935. **Jornal de Hoje**, p. 2, 29 ago. 2006.

COSTA, Fernando Hippólyto da. **História da base aérea de Natal**. Natal: Ed. Universitária, 1980.

COSTA, Homero. **A Insurreição Comunista de 1935-Natal**: o primeiro ato da tragédia. Natal: editora Cooperativa Cultural UFRN, 1995. Tese (Doutorado) na UNICAMP.

CRÔNICAS natalenses: antologia. Natal: EDUFRN e Federação do Comércio do RN; Editora O Diário, 2001.

DESPORTISTAS do século no RN. **Jornal A Verdade**, out. 2001.

FERNANDES, Ancheta. **Écran Natalense**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 1992.

FERREIRA, Ângela Lúcia et al. **Uma cidade sã e bela:** trajetória do saneamento de Natal. **O Poti**, 3 ago. 2008. Resumo publicado.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

GALVÃO, Cláudio (Org.). **Djalma Maranhão, Esquina da Tavares de Lira com Dr. Barata:** centro convergente e irradiador da vida natalense. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2004.

GALVÃO, Cláudio. **100 anos de arte e cultura**. Natal: Theatro Carlos Gomes/Theatro Alberto Maranhão/Fundação José Augusto – Governo do Estado, 2006.

GALVÃO, Mailde Pinto. **Aconteceu em abril**. Natal: EDUFRN, 1997.

GARCIA, Eduardo Alexandre de Amorim. **Cantões e cocadas. Grande Ponto Djalma Maranhão**. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

GÓES, Moacyr de. **Natal anos 1960, de pé no chão também se aprende a ler**. *Diário de Natal*, 15 maio 2005. Fascículo de Encarte.

GUIMARÃES, João de Amorim. **Natal do meu tempo**. Natal: SCB/FHG, 1999.

Há 35 anos morria Djalma Maranhão. *Jornal O Poti*, ed. 30 jul. 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Editora Companhia da Letras, 2001.

IMPRENSA OFICIAL DO RN. **Movimento Comunista de 1935**: excertos da publicação. Arquivos da Delegacia Especial de Segurança Política e Social, v. III, Polícia Civil do Distrito Federal Rio, 1938.

JORNAL A VERDADE, Natal: Fundação Padre João Maria, ano IX, n. 102, jan. 1999.

JORNAL DIÁRIO DE NATAL, 28 jun. 1998. Caderno Cidades.

JORNAL GAZETA DA TARDE, Natal, 4 jul. 1913.

JORNAL NATAL DESPORTIVO, 17 dez. 1921.

JORNAL O BLOCO, Natal, 18 mar. 1916.

_____, Natal, 27 maio 1916.

JORNAL O PARAFUSO, Natal: jan. a dez., 1916.

JORNAL O POTI, Natal, p. 4-5, 6 ago. 2006. Caderno de Esportes.

_____, 13 jan. 2007. Página de esportes.

JORNAL SCBEU NEWS, n. 1-15, 1976 e 1978. Bimensal de circulação interna.

JORNAL TRIBUNA DO NORTE, 4 abr. 2004. Página de esportes.

LAMARTINE, Hypéides (Pery). **O aeroplano**: estórias vividas. Natal: Editora Clima, 1983.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Biografia de uma cidade**. Rio de Janeiro: Editora Lidor, 1999.

LIMA, Pedro de. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2003.

_____. **Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal**. Natal: EDUFRN, 2006.

LOPES, Everaldo. Velhas revistas sumiram com o tempo. **Jornal Tribuna do Norte**, ed. 30 jul. 2006.

MARANHÃO, Marcos. **Evocação de Natal, D. Maranhão**. Natal: Sebo Vermelho, 1999.

MEDEIROS, Tarcísio. **História e desporto**. Natal: Tipografia S. Cruz, 2008. (Lançado *post mortem*).

MELO, João Wilson Mendes. **O Trampolim da Vitória**. Natal: editora EDUFRN, 1993.

MELO, Protásio Pinheiro de. **Contribuição norte-americana à vida natalense**. Brasília: [s.n.], 1993.

MELO, Veríssimo de. **Sátiras e epigramas de Zé Areia**. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 1986.

MEU BLOCO na rua: [reportagem com o escritor Gutemberg Costa]. **Jornal Tribuna do Norte**, 13 jan. 2007. Caderno Viver.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Editora Cooperativa Cultural Universitária, 2003.

_____. **Pão, terra e liberdade x Deus, pátria e família**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 2004. (Coleção Mossoroense).

MORAIS, Marcus César C. **Retrato narrado da cidade do Natal.** Natal: IHGRN, 2001.

MOURA JÚNIOR, Manoel Procópio de. **Tributo aos conjuntos vocais do Rio Grande do Norte.** 2. ed. rev. Natal: Fundação José Augusto/Grafpar Editora, 1998.

NESI, Jeanne Fonseca Leite. **Caminhos de Natal.** Natal: Gráfica Diplomata, 2002.

NOSSA cidade Natal: crônicas. Natal: edição da Prefeitura de Natal, 1984.

NOSSO século 1930-1945. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1991.

NOSSO século 1945-1960. São Paulo: Editora Abril Cultural, 2001.

ONOFRE JÚNIOR, Manoel. **Breviário da cidade do Natal.** 2. ed. Natal: Editora Clima, 1984.

PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana.** Natal: EDUFRN, 2005.

PINTO, Lauro. **Natal que eu vi.** Natal: Imprensa Universitária, 1971.

PINTO, Octavio. **Reminiscências.** Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1979.

QUEIROGA, Bernadete. **A Praça André de Albuquerque na visão dos seus frequentadores.** 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. Orientação: professor José Queiroz Pinheiro.

REVISTA AVENTURAS NA HISTÓRIA, São Paulo: Editora Abril, ed. 58, maio 2008. Edição comemorativa “1968 o ano que moldou o mundo”.

REVISTA BROUHAHA, Natal: Fundação Cultural Capitania das Artes, n. 3, jan./mar. 2006.

REVISTA CONTINENTE, Recife: Companhia Editora de Pernambuco, ano IV, n. 48, 2006.

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC, jun. 2001.

REVISTA O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 10 maio 1952.

RUA Felipe Camarão. **Jornal O Potiguar**, ano VII, jun./jul. 2004.

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. **História e propaganda: análise de corpos femininos em imagens publicitárias da década de 20**. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **1958, o ano que não devia acabar**. São Paulo: Editora Record, 1997.

SANTOS, Paulo Pereira dos. **O RN na História do desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2005.

SCULATTI, Gene. **Os 100 álbuns mais vendidos dos anos 1960**. Lisboa: Editora Estampa, 2005.

SEREJO, Vicente. Quando a gente nem tinha vivido. **Caderno Cultural da Multipesquisa**, ed. 1, jan. 2007.

SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares**. 2. ed. Natal: EDFURN, 2007.

SMITH JR., Clyde. **Trampolim da Vitória**. Natal: Editora Universitária (UFRN), 1993.

VARELA, Leda Marinho. **Natal no compasso do meu tempo: crônicas**. Natal: Departamento estadual de Imprensa, 2007.

VINIL, Kid. **Almanaque do rock**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2007.

WANDERLEY, Jaime do G. **É tempo de recordar**. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

WANDERLEY, Walter. **Um passeio sentimental à minha terra: sobre Macau no início do século XX**. [s.l.]: [s.n.], 1977.

Blogs/sites consultados

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 24 jul. 2009.

GARCIA, Eduardo Alexandre de Amorim (Org.). **Alma do beco**: blog. Disponível em: <<http://www.almadobeco2.blogspot.com/>>. Acesso em: 24 jul. 2009.

Depoimentos e entrevistas aos autores

ARAÚJO, Carlos Gomes de. [Engenheiro Agrônomo]: depoimento [jul. 2005].

ARAÚJO, Clayton Gomes de. [Engenheiro Civil]: depoimento [jul. 2005].

AZEVEDO, Gileno Wanderley (Leno). [Fundador da primeira banda de Rock em Natal e cantor de sucesso nacional na Jovem Guarda]: depoimentos [mar./nov. 2007].

AZEVEDO, Reinaldo. [Dentista, músico, desenhista e artista multidisciplinar, guitarrista de diversas Bandas de Rock em Natal]: entrevistado [out. 2005].

BARBALHO, Aníbal. [Engenheiro, estudante do Atheneu nos anos 1960]: depoimento [dez. 2008].

BARRETO, Tereza. [Bióloga e professora da UFRN, moradora do Bairro de Petrópolis nos anos 1960/1970]: depoimento [jul. 2006].

BENIGNO, Silvia. [Funcionária da UFRN, participou da 1ª Banda feminina de Natal, atualmente é cronista da Banda Anos 1960]: entrevista [abr. 2006].

BULHÕES, Prentice Milfort. [Professor de música da UFRN, um dos fundadores da 1ª Banda de Rock de Natal]: entrevista [mar. 2005].

CALDAS, Etelvino Francisco Menezes. [Músico líder da Banda Impacto Cinco]: depoimento [set. 2008].

CÂMARA, Núbia. [Bióloga, funcionária da UFRN, professora da FACEX]: depoimento [jun. 2007].

CHAGAS, Juarez. [Biólogo, psicólogo, tanatologista, chargista, autor de HQ, escritor, estudioso/praticante de artes marciais, professor da UFRN, ex-aluno, professor e diretor da SCBEU nos anos 1960 e 1970]: entrevista [jun./jul. 2006].

CORTEZ, Luiz Gonzaga. [Jornalista e pesquisador, morador da Rua Felipe Camarão nos anos 1960]: depoimento [jul. 2008].

COSTA NETO, Ovídio. [Bancário, trabalhou no BANCIPE (Banco Comércio e Indústria de Pernambuco). Foi estudante do Colégio 7 de Setembro e do Atheneu, além de morador da Avenida Afonso Pena nos anos 1960 e 1970]: depoimento [jul. 2006].

COSTA, Waldecir Santiago. [Militar da Marinha, pesquisador, colecionador, mergulhador, pescador, navegante dos mares, gastronomista marinho, amigo e cúmplice da natureza]: entrevista [abr. 2007]. Infelizmente não esperou a publicação desse livro e nos deixou precocemente.

FARIAS, César dos Santos. [Farmacêutico, professor do Colégio Marista]: depoimento [fev. e mar. 2006].

FARIAS, Marcos. [Engenheiro civil, músico das origens do Rock em Natal]: depoimento [ago. 2007].

GARCIA, Eduardo Alexandre de Amorim (Dunga). [Jornalista, poeta, artista plástico, boêmio, produtor cultural, ex-presidente da SAMBA (Sociedade dos Amigos do Beco da Lama e Adjacências), criador da Galeria do Povo, coordenador do Centro de Documentação Cultural do RN, escritor, líder atuante

nos movimentos de preservação cultural em Natal. Estudante dos colégios 7 de Setembro e Marista nos anos 1960]: Conversa [maio 2008].

LIMA FILHO, Eustáchio dos Santos. **[Advogado e um dos “dinossauros” do Rock natalense no começo dos anos 1960]: depoimento [out. 2008].**

LIMA, Roberto. **[Filósofo, compositor e cantor vitorioso em diversos Festivais de MPB realizados em Natal, Fortaleza, Recife e Rio de Janeiro (Festival Internacional da Canção) nos anos 1960 e 1970]: depoimento [ago. 2008]. Concedido ao Programa “Memória Viva” da TVU.**

LOPES, Myrthô de Andrade Barros. **[Dona de casa, testemunhou ainda garota e adolescente os períodos da Revolução Comunista e II Guerra Mundial em Natal, frequentadora assídua de cinemas entre os anos 1940 e 1970]: depoimento [mar. 2008].**

LUZ, Paulo Roberto. **[Engenheiro e empresário, estudante do Educandário Natal e do Atheneu nos anos 1960]: depoimento [jul. 2008].**

MEDEIROS, Delando Nasário de. **[Biólogo, professor da UFRN, contador de causos]: entrevista [jun. 2007].**

MEDEIROS, Marcos Antônio de Andrade. **[Biólogo, autor de livros didáticos e paradidáticos, poeta da Academia de Trovas e da Associação Estadual dos Poetas Populares do Rio Grande do Norte]: depoimento [out./nov. 2008].**

MELO SOBRINHO, Manoel Benício de. **[Advogado, exerceu atividades profissionais em inúmeros cargos públicos no governo do estado do RN, nas gestões de Aluízio Alves e Walfrido**

Gurgel. Foi Procurador, Conselheiro do Tribunal de Contas e Professor no Curso de Direito da UFRN. Vivenciou a Intentona Comunista e o período da II Guerra em Natal]: depoimento [maio 2008].

MELO, Lêda Batista Gurgel de. **[Graduada em Letras, era adolescente e residia na Cidade Alta nos tempos de II Guerra]: depoimento [set. 2008].** Concedido ao Programa “Memória Viva” da TVU.

NASCIMENTO, Sérgio Murilo. **[Jornalista e morador do Bairro de Petrópolis nos anos 1960 e 1970]: entrevistado [fev. 2004].**

PAIVA, Ismar. **[Biólogo, professor da UFRN e FACEX]: depoimento [jun. 2007].**

PINHEIRO FILHO, João Sizenando. (1900-1998). **[Estudante do velho Colégio Santo Antônio na Praça da Matriz, remador do Centro Náutico Potengi nos anos 1920 e 1930, funcionário público estadual de carreira, com atuação próxima aos governadores do RN entre os anos 1930 e 1970, que viveu maior parte de sua vida em Natal]: depoimentos [entre 1979 e 1992].**

PINHEIRO, Déa Rossiter. **[Ex-funcionária da Base Aérea de Natal nos anos 1940 e 1950].** Entrevistada entre janeiro e setembro de 2004.

ROSSITER, Léa. **[Ex-telefonista da Radional em Natal nos anos 1950]: entrevistada [dez. 2005].**

ROSSITER, Walter. **[Oficial do exército, atuou como Office Boy na Empresa Radional, nos anos 1950 em Natal]: entrevistado [jan. 2007].**

SALES, Franklin Marinho. [Administrador de Empresas, funcionário aposentado da UFRN, estudou no Jardim de Infância Modelo e no Colégio 7 de Setembro]: depoimento [mar. 2008].

SILVA, Ederval do Nascimento e. [Professor do Colégio N. S. das Neves, ex-atleta da seleção de vôlei do RN. Um dos primeiros surfistas de Natal]: entrevista [maio 2007].

SILVA, Gutembergue Soares da. [Engenheiro, morador de Parnamirim e aluno do Atheneu nos anos 1960]: depoimento [maio 2007].

SOUZA, João Maria Gomes Alencar de. [Geneticista, professor da UFRN, cinéfilo precoce]: depoimento [jun. 2007].

VARELLA NETO, Luiz Lopes. [Engenheiro e fundador da Banda “The Funtos” nos anos 1960]: depoimento [dez. 2008].

O registro de fatos e acontecimentos que marcaram para sempre a vida de pessoas e a evolução da cidade do Natal, envolve mais que memória, pesquisa e documentação fotográfica. Um desafio o de sensibilidade e inspiração para dois irmãos.

Dos Bondes ao *Hippie Drive-in* passeia, de forma lúdica, desde o início do século XX quando os bondes puxados a burros começavam a ser substituídos por bondes elétricos, mostra o provincianismo da cidade nas páginas de um pasquim de 1916, a chegada dos pioneiros voos transatlânticos, o impacto diante da exibição dos primeiros filmes e o ambiente nos cinemas Polytheama e Royal. Os antigos carnavaços. A Intentona Comunista de 1935 na visão de cidadãos comuns que vivenciaram os fatos, as figuras populares que marcaram época, a vida em Natal durante a II Grande Guerra e a migração de famílias atraídas pelo seu crescimento. A inauguração do primeiro semáforo de trânsito e do Estádio Juvenal Lamartine.

E segue a viagem com as primeiras obras de saneamento da cidade, o surgimento e evolução da telefonia em Natal, o primeiro biquíni e as origens do *surf* natalense. Os programas de rádio, as aventuras que marcaram a infância e adolescência dos autores na Cidade Alta: o Cinema Rex, a censura, os gibis e as peladas de rua. Os tempos dourados do futsal potiguar no Ginásio Sylvio Pedroza e Palácio dos Esportes. A Revolução de 1964, a reação dos estudantes do Atheneu. Os colégios, os jogos estudantis, a SCBEU, os bailes no ABC e América, o agito das praias e os principais *points* de curtição. O surgimento e evolução do *Rock* em Natal a reboque dos Beatles. E chega até os anos 1970 com o efervescente *Hippie Drive-in*. Um bairro chamado Petrópolis, os amigos de ontem, hoje e sempre. E muito mais.

Senhoras e senhores, bem-vindos a bordo. Esse é o último bonde e o motorneiro vai dar partida para uma gostosa viagem ao passado papa-jerimum.



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias